

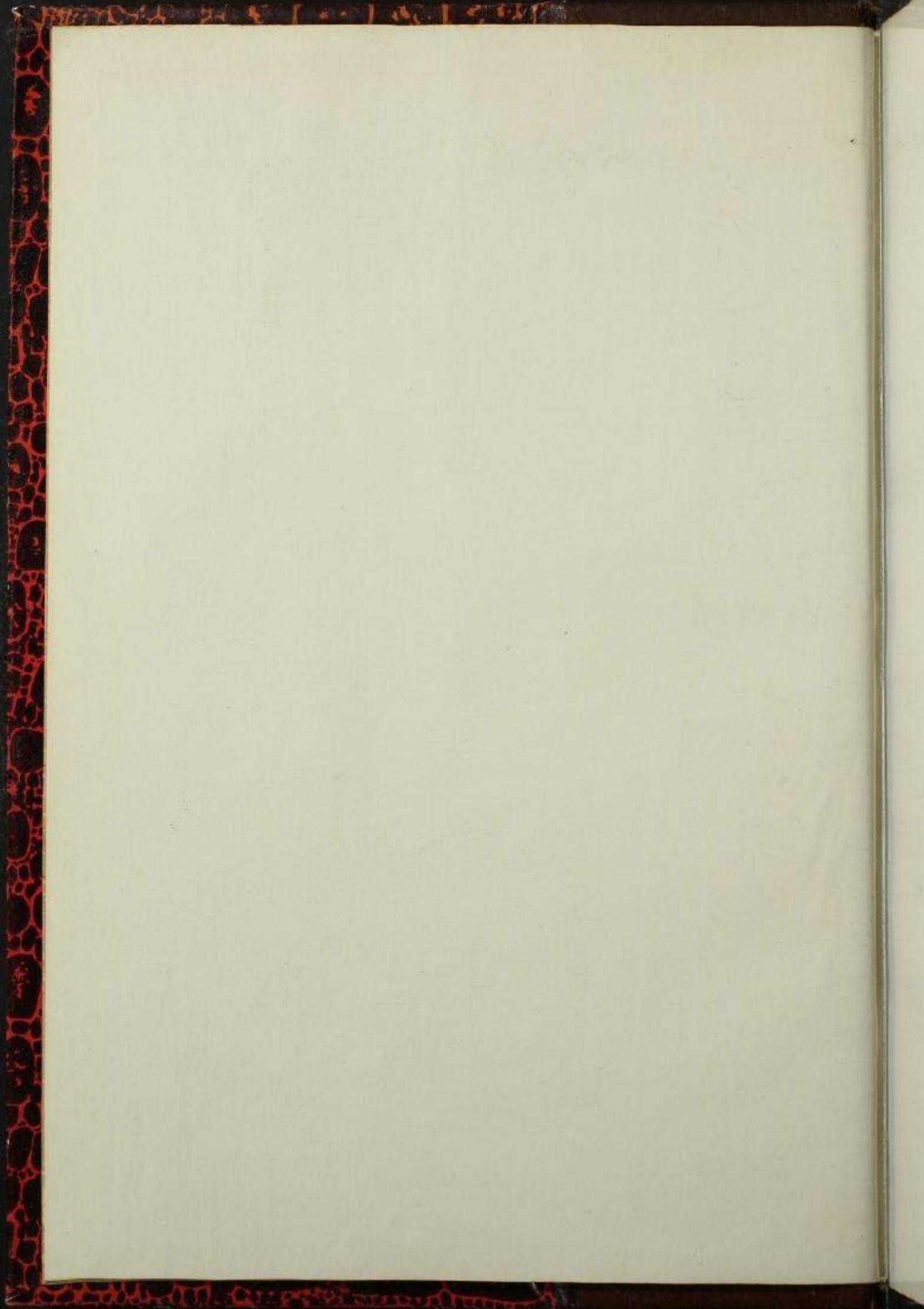


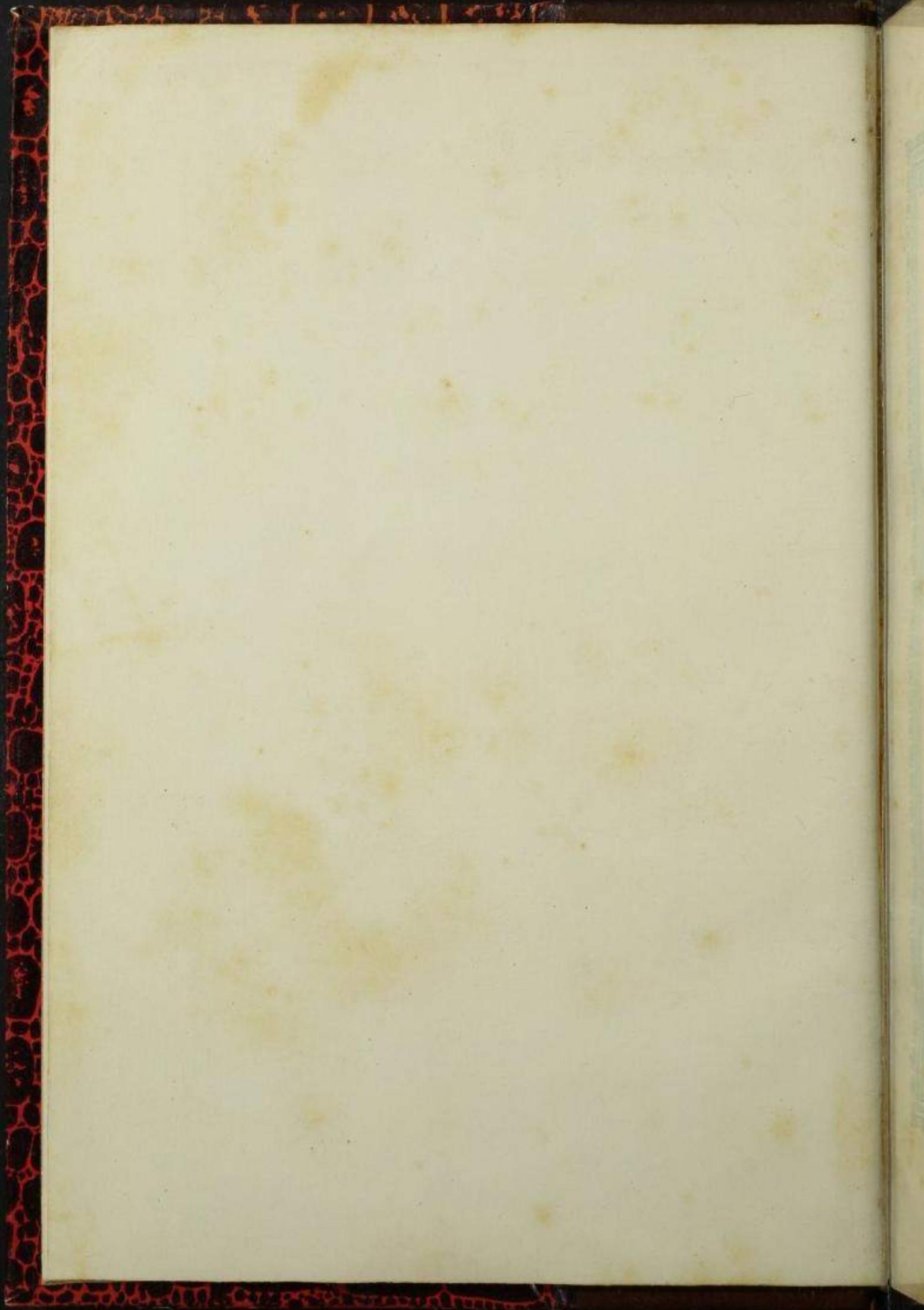
Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin







CONTOS SELECTOS
DAS
MIL E UMA NOITES

EXTRAHIDOS E REDIGIDOS
PARA A MOCIDADE BRASILEIRA, SEGUNDO O PLANO
DE FRANZ HOFFMANN

POR
CARLOS JANSEN.



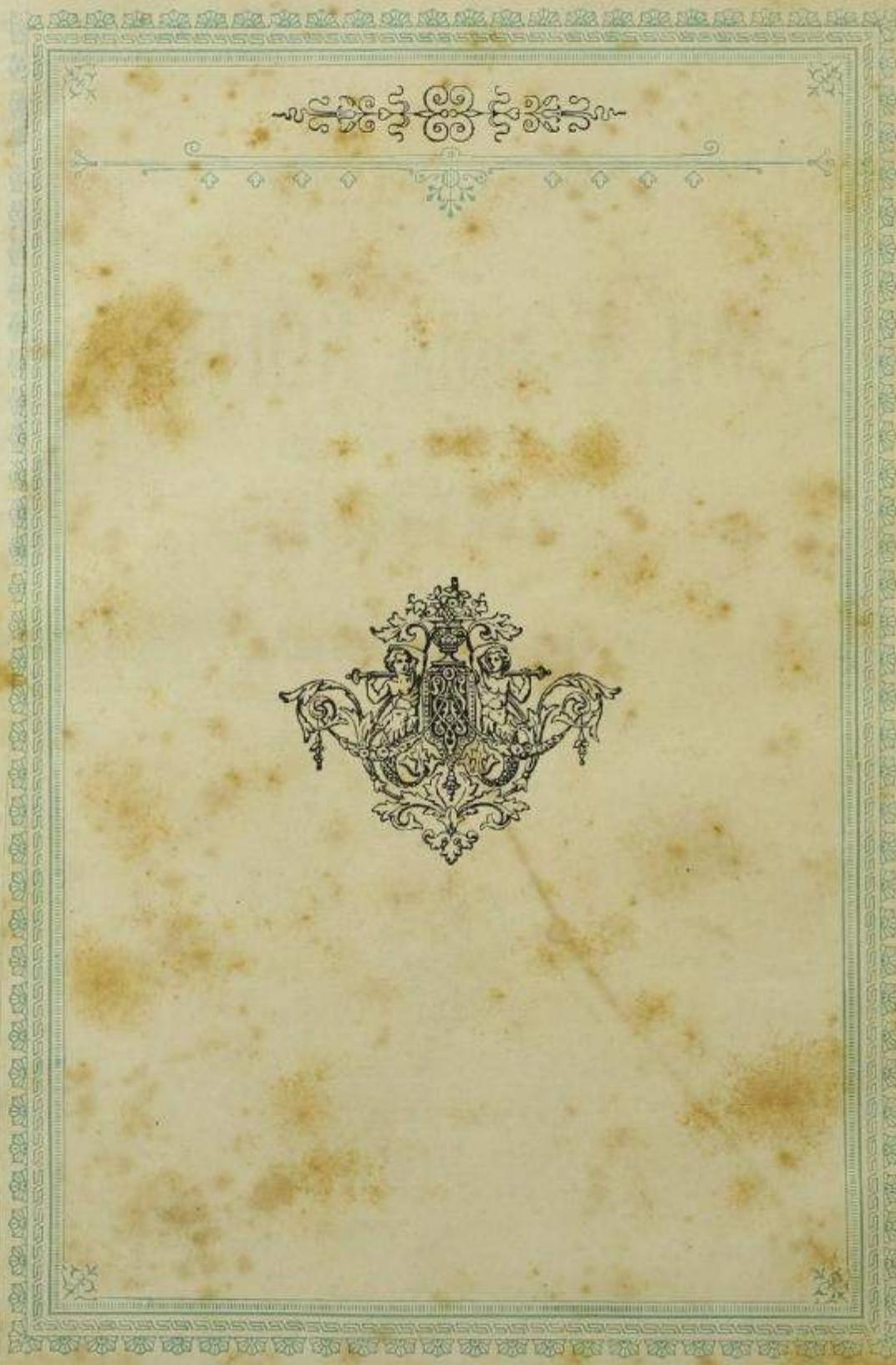
SEGUNDA EDIÇÃO.

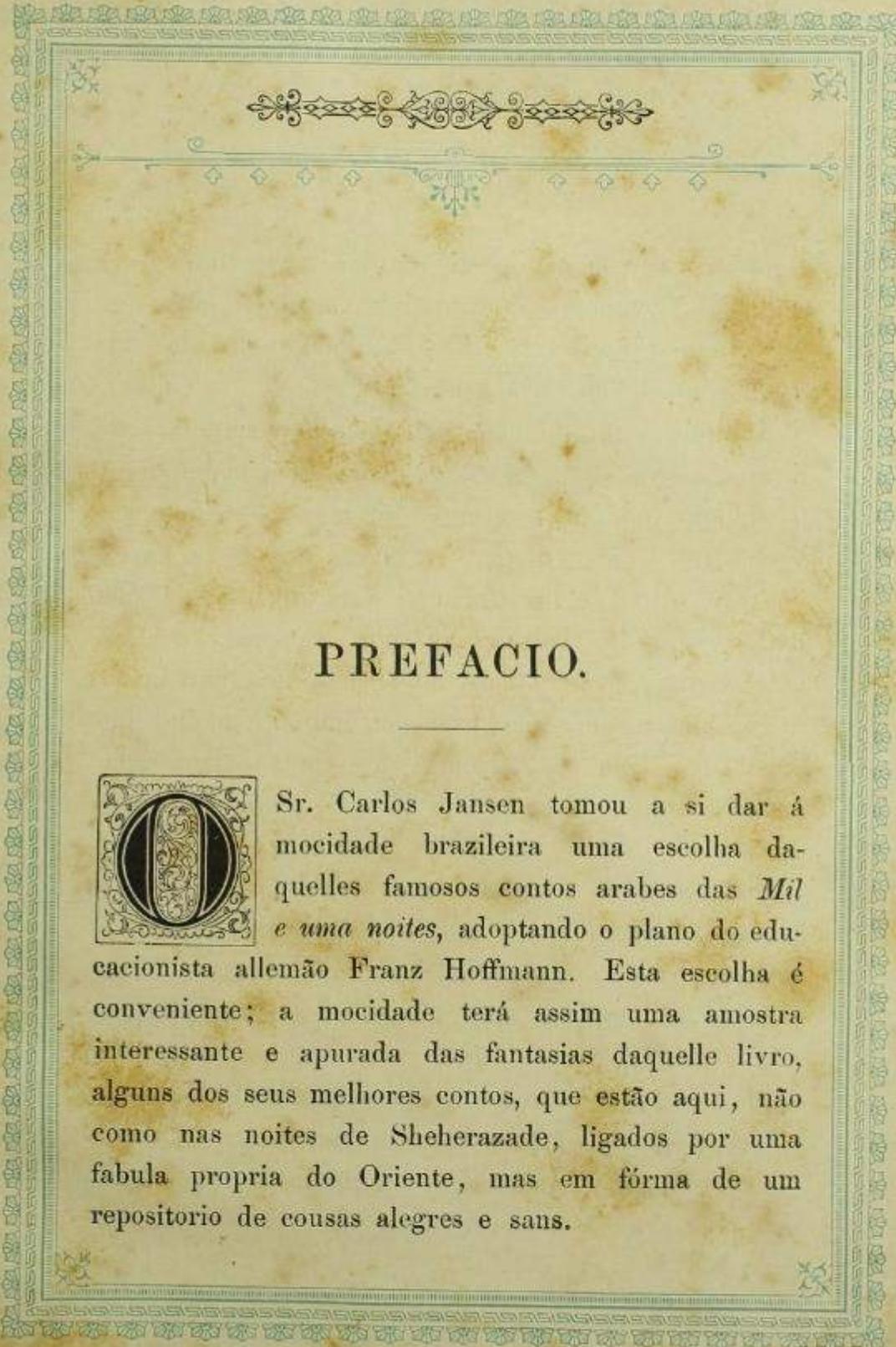
Préface de Monteiro de Albuquerque



LAEMMERT & C.
LIVREIROS-EDITORES
RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO.

1908.





PREFACIO.

 Sr. Carlos Jansen tomou a si dar á mocidade brazileira uma escolha daquelles famosos contos arabes das *Mil e uma noites*, adoptando o plano do educacionista allemão Franz Hoffmann. Esta escolha é conveniente; a mocidade terá assim uma amostra interessante e apurada das fantasias daquelle livro, alguns dos seus melhores contos, que estão aqui, não como nas noites de Sheherazade, ligados por uma fabula propria do Oriente, mas em fôrma de um repositorio de cousas alegres e sans.

PREFACIO.

Para os nossos jovens patricios creio que é isto novidade completa. Outr'ora conhecia-se, entre nós, esse maravilhoso livro, tão peculiar e variado, tão scintillante de pedrarias, de olhos bellos, tão opulento de sequins, tão povoado de vizires e sultanas, de idéas moraes e lições graciosas. Era popular; e, comquanto não se lesse então muito, lião-se e relião-se as *Mil e uma noites*. A outra geração tinha, é verdade, a bôa fé precisa, uma certa ingenuidade, não para crêr tudo, porque a mesma princeza narradora avisava a gente das suas invenções, mas para achar nestas um recreio, um gozo, um embevecimento, que ia de par com as lagrimas, que então arrancavão algumas obras ranciscas, hoje insipidas. E nisto se mostra o valor das *Mil e uma noites*: porque os annos passarão, o gosto mudou, poderá voltar e perder-se outra vez, como é proprio das correntes publicas, mas o merito do livro é o mesmo. Essa galeria de contos, que Macaulay citava algumas vezes, com prazer, é ainda interessante e bella, ao passo que outras historias do Occidente, que encantárão a geração passada, com ella desaparecerão.

Os melhores daquelles, ou alguns dos melhores, estão encerrados neste livro do Sr. Carlos Jansen.

PREFACIO.

As figuras de Sindbad, Ali-Babá, Harun al Raschid, o Aladdin da lampada mysteriosa, passam aqui, ao fundo azul do Oriente, a que a linha curva do camello e a fachada arabe dos palacios dão o tom pitoresco e magico daquelles outros contos de fadas da nossa infancia. Algumas dessas figuras andão até vulgarizadas em peças magicas de theatro, pois aconteceu ás *Mil e uma noites* o que se deu com muitas outras invencões: forão exploradas e saqueadas para a scena. Era inevitavel, como por outro lado era inevitavel que os compositores pegassem das creações mais pessoas e sublimes dos poetas para amolda-las á sua inspiração, que é por certo fecunda, elevada e grande, mas não deixa de ser parasita. Nem Shakespeare escapou, o divino Shakespeare, como se *Macbeth* precisasse do commentario de nenhuma outra arte, ou fosse empreza facil traduzir musicalmente a alma de Hamlet. Não obstante a vulgarização pela magica de algumas daquelles figuras arabes, ellas ahi estão com o cunho primitivo, esse que dá o silencio do livro, ajudado da imaginação do leitor.

Este, se ao cabo de poucas paginas vier a espantar-se de que o Sr. Carlos Jansen, brasileiro de

PREFACIO

adopção, seja allemão de nascimento, e escreva de um modo tão correntio a nossa lingua, não provará outra cousa mais do que negligencia da sua parte. A imprensa tem recebido muitas confidencias litterarias do Sr. Carlos Jansen; a *Revista Brasileira* (para citar sómente esta minha saudade) tem nas suas paginas um romance do nosso autor. E conhecer e escrever uma lingua, como a nossa, não é tarefa de pouca monta, ainda para um homem de talento e applicação. O Sr. Carlos Jansen maneja-a com muita precisão e facilidade, e dispõe de um vocabulario numeroso. Este livro é uma prova disso, embora a critica lhe possa notar uma ou outra locução substituível, uma ou outra phrase melhoravel. São minucias que não diminuem o valor do todo.

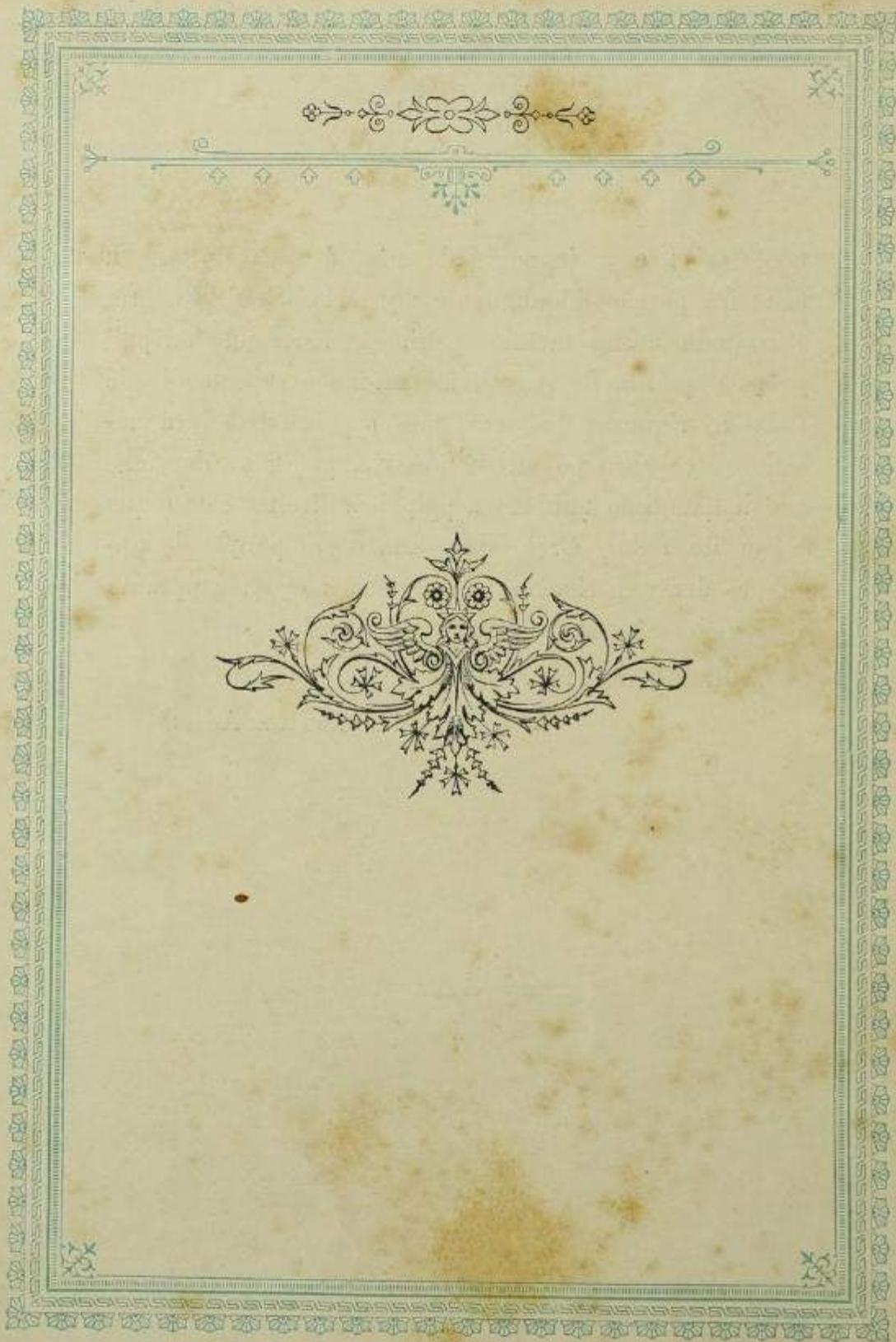
Esquecia-me que o livro é para adolescentes, e que estes pedem-lhe, antes de tudo, interesse e novidade. Digo-lhes que os acharão aqui. Um descendente de teutões conta-lhes pela lingua de Alencar e Garrett umas historias mouriscas: com aquelle operario, esse instrumento e esta materia, dá-lhes o S. Laemmert, velho editor incançavel, um brinquedo graciosissimo, com que podem entreter algumas horas dos seus annos em flôr. Sobra-lhes para isso a ingenuidade

PREFACIO.

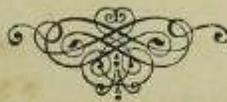
necessaria; e a ingenuidade não é mais do que a primeira porção do unguento mysterioso, cuja historia é contada nestas mesmas paginas. Esfregado na palpebra esquerda de Abdallah, deu-lhe o espectaculo de todas as riquezas da terra; mas o pobre diabo era ambicioso, e, para possuir o que via, pediu ao derviche que lhe ungesse tambem a palpebra direita, com o que cegou de todo. Creio que esta outra porção do unguento é a experiencia. Depressa, moços, enquanto o derviche não unge a outra palpebra!

Outubro de 1882.

MACHADO DE ASSIS.

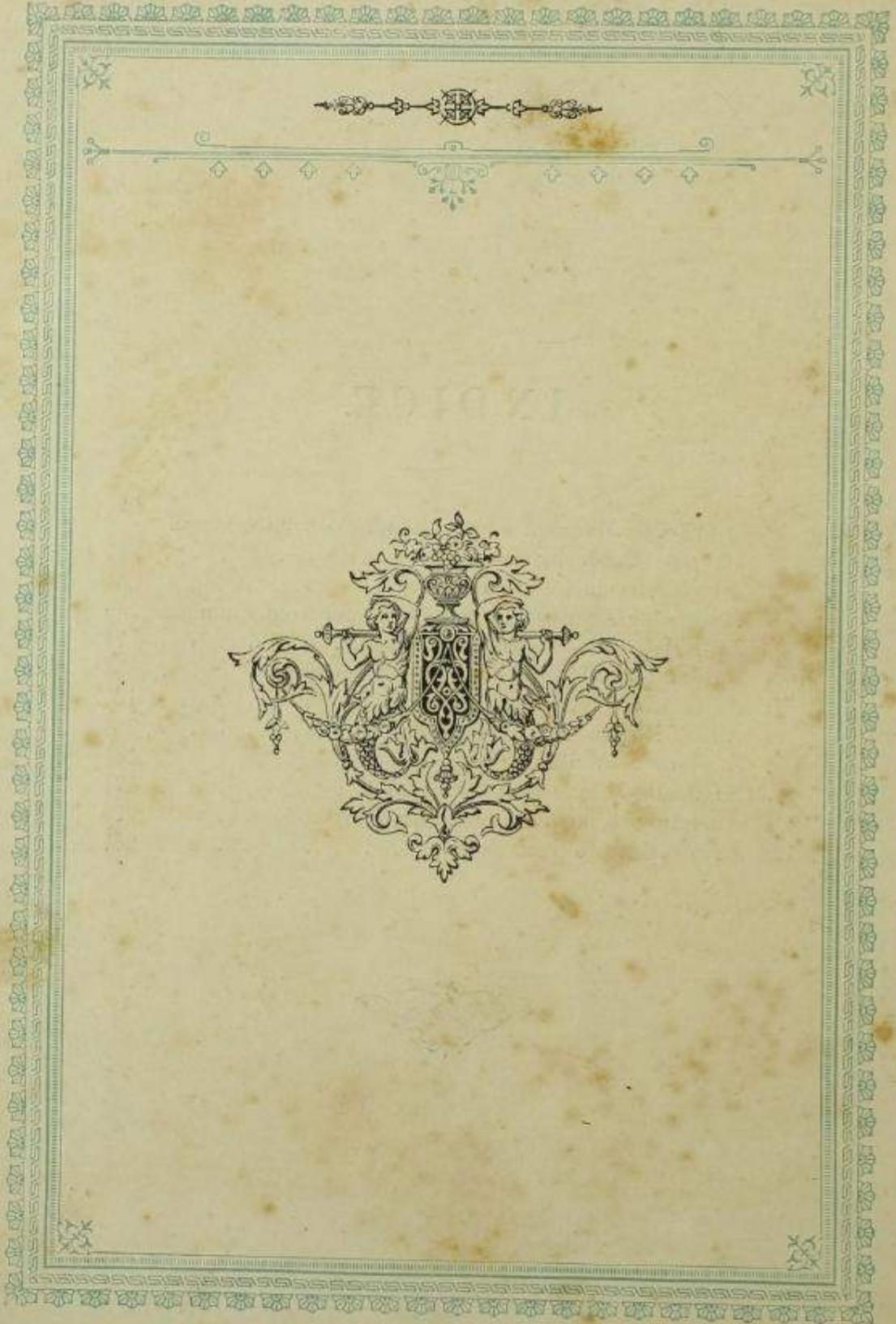






INDICE.

	pag.
1. O príncipe Mahmud e suas aventuras (com estampa)	1
2. Hassan-o-Cordoeiro (com estampa)	17
3. As viagens do Corcunda morto	35
4. O príncipe Achmet e a fada Paribanu (com estampa)	45
5. Ali-Babá e os quarenta salteadores	71
6. Harun al-Raschid e Abdallah (com estampa).	95
7. As tres irmãs	105
8. Abú e Niutyn	133
9. A pesca maravilhosa	145
10. Sindbad-o-Marujo (com estampa)	171
11. Aladdin e a lampada maravilhosa	223
12. Agib o Curioso (com estampa)	267





O PRINCIPE DE MAHMUD E SUAS AVENTURAS.



IVIA ha muitos seculos nas Arabias um rei magnifico, que governava os paizes do Sind, e tinha um filho chamado Mahmud.

Era este principe um jóven assás traquinas e ousado, grande amigo dos exercicios das armas e das aventuras, e singularmente amestrado nos misteres da cavallaria, apezar dos seus verdes annos.

Embora ás vezes deixasse arrastar-se por seu genio a commetter travessuras menos dignas, fazia perdoar-se facilmente pela bondade que lhe predominava no coração, e nunca necessitado

MIL E UMA NOITES.

algun se havia approximado delle sem obter auxilio ou consolação.

Um dia contárão a Mahmud a historia maravilhosa da princeza Fatime, filha do Sultão Emir-Ben-Naoman, que tinha sua residencia em região longinqua.

Esta princeza era tão formosa que de todos os pontos do mundo sua belleza havia attrahido numerosos principes e cavalleiros pretendentes á sua mão.

Para obter, porém, este thesouro, era mister resolver tres problemas tão difficeis que ainda ninguem havia podido acertar, e os infelizes aspirantes tiverão de pagar a sua ousadia com a vida, segundo a lei inexoravel do cruel Sultão, pai da bella Fatime.

Esta historia tal impressão fez no animo do principe Mahmud, que este já não vivia senão sonhando com Fatime, e, não podendo mais resistir, foi ter com o rei seu pai, communicando-lhe a resolução que havia tomado de partir em busca das terras de Emir-Ben-Naoman, e apresentar-se candidato á mão da formosa princeza.

Grande commoção apoderou-se do velho soberano ao ouvir este projecto ominoso de Mahmud; empregou todos os meios possiveis para despersuadir o filho, pondo em relevo os grandes perigos que apresentava a empreza; mas, vendo por fim que tudo era inutil, resignou-se, e deu o seu consentimento.

Mahmud lançou-se aos braços de seu pai, e lhe disse :
— Nada receies; bem sabes que não me falta valor; com o auxilio do céo hei de conseguir a mão de

O PRINCIPE MAHMUD E SUAS AVENTURAS.

Fatime, e, em lugar de *um* filho, has de ter *dous* para amar-te e suavisar-te os velhos dias.

E correu a ensilhar o seu melhor ginete, e a armar-se convenientemente, e sem demora partio em busca da côrte do Sultão Emir-Ben-Naoman, seguido apenas por um fiel escudeiro.

Depois de ter caminhado tres dias, dormindo ao relento, fazento travesseiro do sellim, os dous viajantes alcançárão a margem de um vasto deserto, no qual a perder de vista não se descobria nem arvore, nem sombra de arbusto. E como o sol já estivesse prestes a entrar, Mahmud resolveu passar ali a noite, sob a ultima palmeira que demarcava a entrada do deserto.

Desensilhárão os cavallo, e como a fome ainda era maior que o cansaço, puxárão da maleta bem recheiad a e puzerão-se a comer com assignalado appetite.

Mal, porém, havião mastigado os primeiros bocados, quando virão adejar por cima do deserto densa nuvem, que se approximava velozmente com grande susurro. E a nuvem vinha chegando como rajada de vento, e por fim desceu aos pés dos viajantes, e Mahmud conheceu então que era um bando enorme de passaros de todas as especies. E os pobres bichinhos parecião tão cansados e esfaimados, e olhavão o principe com olhares tão supplicantes, que Mahmud pedio ao fiel escudeiro todo o pão que havia na maleta, e o esmigalhou para os pedintes. Estes comêrão alegremente, e, depois de restaurados, gorgearão os seus agradeci-

MIL E UMA NOITES.

mentos em todos os tons. Um estorninho deu então tres saltos á frente, voou sobre a mão de Mahmud, limpou o bico, e disse:

— Quem dá aos necessitados empresta a Deus. Hoje nos prestaste um grande serviço; talvez que algum dia possamos pagar-te. Toma esta penna da minha aza, e conserva-a bem. Se te vires em aperto, esfrega-a entre os dedos, e verás se sabemos ser gratos.

E todos voárão e desapparecêrão como uma visão, e Mahmud, depois de guardar a penna na sua carteira, dormio perfeitamente, como sóe dormir o justo e piedoso.

No dia seguinte, Mahmud e seu fiel escudeiro continuárão o seu caminho, entranhando-se no deserto, e andárão, andárão tres dias até alcançar a margem de frondosa floresta.

Muito se alegrárão quando penetrárão sob os zimborios formados pelas arvores seculares levemente agitadas pela brisa da tarde e cheios dos aromas de mil e mil especies preciosas.

Resolveu Mahmud pernoitar naquelle sitio ameno, e, depois de haverem soltado os cavallo para que pudessem pastar a herba odorifera, puxárão da maleta, e tratárão de restaurar as suas proprias forças.

Eis senão quando de todos os lados ouvem fortissimo tropel, e de repente vêm surgir animaes de todas as especies, leões e tigres, leopardos e elephantes, raposas e lebres, emfim, uma multidão tão variada e numerosa, que as vastas planicies não a podião conter. E todos estes

O PRINCIPE MAHMUD E SUAS AVENTURAS.

quadrupedes olhavam com olhos tão cubiçosos a maleta dos viajantes, que Mahmud bem percebeu que morrião de fome, e atirou-lhes das suas provisões, que, milagrosamente nunca diminuião, apesar da distribuição. Saciados assim os famintos, um leão magestoso deu tres passos á frente, estendeu a mão a Mahmud, e lhe disse:

— Aos que têm fome dêste de comer; uma boa acção, porém, nunca é esteril. Talvez chegue o momento em que possamos mostrar-nos gratos. Toma estes tres cabellos da minha juba. Se te vires algum dia em aperto, esfrega-os na palma da mão, e verás para que prestamos.

E, dito isto, o leão apertou a mão do principe, deu volta, e desapareceu com os companheiros como uma visão. Mahmud, porém, guardou os cabellos do leão junto á penna do estorninho, e deitou-se com a satisfação que causa uma boa acção.

No dia seguinte, ao continuar a sua viagem, Mahmud e seu fiel escudeiro encontráram um ancião de aspecto veneravel, que muito lhes aconselhou voltassem, e não se precipitassem nos perigos que existião no imperio de Emir-Ben-Naoman. Vendo, porém, a firmeza de Mahmud, e sendo interrogado ácerca do caminho a seguir, apontou uma montanha alta e ingreme que ao longe se erguia envolta em vapores azulados, e, despedindo-se, disse:

— Que o céo os proteja, desventurados!

Mas Mahmud já galopava, sempre seguido do fiel

MIL E UMA NOITES.

escudeiro, em direcção ao pé da montanha, que alcançou ao cahir da noite.

Bem queria o escudeiro persuadir o principe de que seria vantajoso acampar ali, afim de dar descanso aos animaes e restaurar-lhes as forças para a ascensão do serro escarpado. Mas o principe lhe disse:

— O que podes fazer hoje não deixes para amanhã.

E, dando de acicates ao seu ginete, principiou a subida.

À meia encosta, e já com noite cerrada, ouvirão canções melodosas de vozes estranhas, e, seguindo a direcção, descobrirão de longe uma grande caverna, em cujas paredes e abobadas se movião milhares de luzes. Approximando-se mais, virão um exercito de anãosinhos, que, com martello e picareta, ao luzir das suas lampadas, arrancavão mineraes preciosos do seio da roca, acompanhando o seu trabalho assiduo de formosos cantares.

Mahmud parou um momento para contemplar este provinho estranho e activo, admirando a rapidez dos seus movimentos e do seu labor.

Depois chegou-se á entrada da caverna, e pediu agasalho ao rei dos anãosinhos, que veio a seu encontro de corôa na cabeça e de sceptro na mão, e além disto revestido de purpura régia.

— Sejas bem vindo, nobre estrangeiro, disse o reizinho. Não nos falta logar para te albergar. Mas não poderemos offertar-te comida, porque nós mesmos

O PRINCIPE MAHMUD E SUAS AVENTURAS.

estamos mortos de fome por ter-se-nos acabado as provisões.

— Saberá V. M., respondeu o principe, que uma mão lava a outra. V. M. dá-me agasalho em seu reino maravilhoso, e eu darei de comer a V. M. e a todo o seu povo.

Quando os anãosinhos ouvirão taes palavras auspiciosas, largarão a sua ferramenta, e acudirão pressurosos, porque o seu rei havia dito a verdade, o que prova que era um soberano que conhecia as necessidades do seu povo.

Mahmud chamou o seu fiel escudeiro com a maleta inesgotavel, e offereceu aos anãosinhos um banquete tão opiparo e esplendido, que aquelle povinho de diminuta estatura toda a noite encheu a caverna de «saudes» estrondosas, erguidas ao seu nobre e generoso amphytrião.

Bebêrão e comêrão com o mesmo ardor que haviam revelado no trabalho, e cada bocado, cada trago que enguliam, estreitavão mais os laços de amizade que já os unia ao joven principe.

Quando este de madrugada ia pôr-se a caminho, el-reizinho deu tres passos á frente, endireitou a corôa cahida sobre uma das orelhas, e disse com grande ternura:

— Meu nobre e joven amigo, a ti devemos a melhor noite que passámos em nossa longa vida. Derramaste a alegria em nossos corações; fica certo

MIL E UMA NOITES.

que nunca o havemos de esquecer. Toma este anel. Se algum dia te vires em aperto, colloca-o no dedo indice da mão esquerda, e verás se sabemos ser gratos.

Mahmud abraçou cordialmente o reizinho, alçando-o do chão; S. M. estava tão commovido que derramou uma lagrima, e seguiu Mahmud muito tempo com a vista, fazendo-lhe com o sceptro acenos amistosos.

Do cume da montanha Mahmud descobriu a capital do Sultão Emir-Ben-Naoman, e, soltando a redea ao seu ginete, que alegremente relinchava, e deitava a crina ás auros matutinas, não tardou em chegar com seu fiel escudeiro ás portas do magnifico palacio do Sultão.

Emir-Ben-Naoman, rodeiado dos seus cortezãos, no meio dos quaes se destacava a figura ominosa do carrasco, já esperava Mahmud no pateo de honra.

Todos olhavão com uma certa commiseração o joven principe tão gentil e formoso, porque o julgavão perdido, e o carrasco já parecia sentir comichões nas mãos.

— Nobre e grande Sultão, disse Mahmud depois de apeiar-se, — penetrou a fama da formosura de tua filha até ao pé do throno do rei meu pai, e eis-me aqui para sujeitar-me ás provas que te dignares impôr-me. Vencer ou morrer: eis a minha divisa.

Os cortezãos ião applaudir, quando um olhar feroz do seu senhor lhes gelou o verbo na garganta.

— As tuas palavras, — disse o terrivel Emir-Ben-

O PRINCIPE MAHMUD E SUAS AVENTURAS.

Naoman, — estão em harmonia com a tua gentil figura. Falta vêr se a tua firmeza e força não se desmentem. Vejo que estás prevenido, e homem prevenido vale por dous. Se sahires victorioso das provas, a mão de Fatime é tua, e te garanto que meio universo te invejará. Se, porém, fôres vencido, pertences a este senhor, o carrasco, que é a minha mão direita na administração do meu paiz. Saiba agora qual é a primeira prova que te imponho. Vês aquelle montão de cereaes? Ali ha trigo e centeio, ervilhas e lentilhas, cevada e arroz, tudo bem misturado. Antes do romper do dia deverás ter catado e separado em montões especiaes estes cereaes . . . senão . . . carrasco!

E, dito isto, o terrivel Sultão recolheu-se ao palacio com todos os seus cortezãos, e no umbral o carrasco ainda se voltou uma vez, e deitou um olhar a Mahmud, como dizendo:

— Amanhã, meu rapagão, travarás conhecimento com o meu alfange!

Mahmud, porém, medio com os olhos o montão enorme de cereaes, e soltou um suspiro. A idéa da possibilidade de ir parar ás mãos do carrasco, em logar de cahir nos braços da formosa Fatime, era realmente pouco animadora. Mahmud, porém, poz mãos á obra, e ao cabo de algumas horas apenas havia catado a millionesima parte do montão. Abandonou a tarefa, e sentou-se a meditar. O resultado das suas

MIL E UMA NOITES.

meditações foi considerar-se perdido. Quiz então escrever algumas linhas de despedida a seu pai, e uns versos a Fatime, satisfazendo assim um dever sagrado e mitigando uma paixão vehemente.

Puxou da carteira . . . e a primeira coisa que lhe cahio ás mãos foi a penna do estorninho.

— Quem sabe, — disse consigo, — se dahi não me virá a salvação. Vamos sempre experimentar.

E esfregou a penna entre os dedos.

Eis senão quando grande susurro corta os ares, com a violenta rapidez do vento, e milhões de passaros descem ao pateo, capitaneados pelo estorninho.

— Chamaste-me, joven e nobre amigo; qual o aperto em que te achas?

Mahmud contou ao estorninho as suas magoas.

O passaro bateu tres vezes com o bico, o que equivale a uma risada, e disse:

— É só isto? Já verás como havemos de zombar do terrivel Sultão.

E, dando suas ordens, todos os passaros se puzerão a catar os grãos, e, muito antes do romper do dia, trigo e cevada, ervilhas e lentilhas, arroz e centeio, cada qual estava em seu montão, separado, limpo e symetricamente arrumado.

— Estás satisfeito, meu nobre amigo? — perguntou o estorninho.

— Muitissimo, — respondeu Mahmud.

— Pois bem, aprendeste qual o valor dos ver-

O PRINCIPE MAHMUD E SUAS AVENTURAS.

dadeiros amigos em um momento de precisão. Adeus, e queira-nos sempre bem.

E voarão e desaparecerão como uma visão, e Mahmud deitou-se contente ao relento, e dormio deliciosamente até que de manhã foi despertado pelo ruído que fazia o Sultão ao reaparecer com seus cortezãos.

Emir-Ben-Naoman, ao vêr a bonita solução do primeiro problema, esboçou um sorriso, e proferio o monosyllabo: — Bem! — que electrizou todos os cortezãos, a ponto de soltarem altos brados de applauso, menos o carrasco, que via diminuida uma das probabilidades a seu favor.

O Sultão levou o principe ao palacio, que era uma verdadeira maravilha de architectura, luxo e riqueza, e, ao som das harpas e dos cymbalos, principiou um banquete esplendido para festejar o primeiro triumpho de Mahmud, festa que durou até ao cahir da tarde. Então o Sultão conduzio Mahmud a um formoso e extenso jardim, mostrou-lhe um tanque vastissimo, e lhe disse:

— Eis aqui em que consiste a segunda prova: até ao romper do dia tens de apresentar este lago desecado de modo que haja desaparecido a ultima gotta de agua. Se não o conseguires, cahirás victima do carrasco.

Mahmud sorriu-se meigamente, e disse:

— Espero satisfazer os desejos de Vossa Magestade com valor e firmeza.

MIL E UMA NOITES.

E mal o Sultão se havia recolhido aos seus aposentos, Mahmud tomou os cabellos do leão, e esfregou-os na palma da mão.

De todos os lados do jardim ouviu-se grande tropel, e um exercito de leões e tigres, elephantes e gyrafas, camellos e gazellas, e muitos outros, fez irrupção no jardim, capitaneado pelo leão, e este veio parar em frente de Mahmud, e disse:

— Alegrou-nos o teu chamado, porque sabemos que vamos ter o gosto de prestar-te um serviço. Diz e depressa em que consiste, para acabar com a nossa impaciencia.

Contou-lhe Mahmud o que d'elle exigião, e mal o leão ouvira esta narração, rugio uma gargalhada formidavel, e disse:

— Em bôa opportunidade vem o assumpto; estamos hoje tão sequiosos como estavamos esfaimados no dia em que nos déste de comer, e já verás o que faremos deste lago.

E, ao seu mando, todos os animaes rodeiárão o lago, mergulhárão o focinho na agua, e bebêrão, bebêrão, bebêrão, que antes do romper do dia a ultima gotta de agua havia desaparecido.

Então o leão chegou-se outra vez perto de Mahmud, e, apertando-lhe a mão, disse:

— Leio em teus olhos o contentamento, o que muita alegria nos dá. Agradeço teres-te lembrado dos teus amigos, que sempre hão de querer-te bem.

O PRINCIPE MAHMUD E SUAS AVENTURAS.

E, dito isto, todos desapparecêrão como uma visão, e Mahmud, encantado do segundo triumpho, adormeceu junto de um platano frondoso, e só acordou ao som da poderosa interjeição lançada pelo Sultão e repetida pelos cortezãos na quinta potencia de sua força, quando estes virão com que nitidez o principe havia vencido a segunda prova.

— Não sei, — disse o Sultão com um sorriso de satisfacção, — de que meios te valeste para triumphar assim. Mas sem duvida és de bôa extirpe e tempera. Vamos almoçar!

E houve outro banquete mais esplendido ainda que o da vespera, e todos entregarão-se á grande alegria, menos o carrasco, que principiava a inquietar-se devéras.

Quando nascerão as primeiras estrellas, o Sultão condazio o principe a um terreno baldio defronte do palacio, onde se via grandes depositos de madeiras e materiaes, e, com voz um tanto preocupada, Emir-Ben-Naoman disse a Mahmud:

— A terceira e ultima prova é a mais terrivel. De todas estas madeiras e materiaes debes construir até ao romper do dia um palacio mais vasto e mais formoso do que o meu. Se o conseguires, Fatime é tua, e com ella todas as alegrias do paraizo deleitarão a tua vida. Se succumbires, porém, o carrasco te espera, e entre nós t'ó digo, muito o sentiria, porque aprendi a querer-te.

— Descansa o espirito, poderoso Sultão, — disse

MIL E UMA NOITES.

Mahmud, — tenho fé em que o carrasco ficará logrado.

E mal o Sultão se havia recolhido ao interior do seu palacio, collocou o principe o anel do anãosinho no indice da mão esquerda, e vio adejar pelos ares nocturnos milhões de luzinhas que a principio parecião pyrilampos, mas bem depressa conheceu que erão as lampadas dos seus amiguinhos, cujo rei, por fim, desceu diante de Mahmud, e lhe disse:

— Estremeceu o nosso coração de jubilo quando ouvimos o teu brado. Eis-nos aqui anhelantes de satisfazer os teus desejos.

— Ah! disse Mahmud, se Vossa Magestade soubesse o que querem que eu faça! É cousa summamente difficil, e quem sabe se possivel.

— Dize sempre.

— Vês aquellas madeiras, aquelles materiaes? . . ., querem que construa até ao romper do dia, com elles, um palacio mais sumptuoso que o do Sultão.

— E isto te preocupa? — perguntou o reizinho com uma risada de satisfação. — Já verás como havemos de eclypsar aquella bicoca!

E, dando as suas ordens aos anãosinhos, estes de tal modo se houverão com seus martellos, seus serrotes e seus machados, que antes do romper do dia estava prompto um palacio deslumbrante de gosto artistico, luxo e riqueza.

O PRINCIPE MAHMUD E SUAS AVENTURAS.

O reizinho veio então despedir-se do principe, dizendo-lhe:

— Bem vêz, querido principe, o valor que têm os verdadeiros amigos em um momento de aperto quando sabem acudir a tempo. A princeza fará a tua felicidade e tu a deste povo, porque vamos levar connosco o carrasco.

E, dito isto, todos desapparecêrão como uma visão, e Mahmud foi dormir em um dos aposentos esplendidos do magnifico palacio construido pelos seus amigos, e sonhar sonhos deliciosos.

Quando de manhã o Sultão chegou á janella, e vio a maravilha que se erguia no terreno baldio na vespera, soltou tamanha exclamação, de admiração, pue todos os cortezãos acudirão correndo, cahindo aos empurrões, uns mal vestidos, outros em trajos menores. E todos seguirão a correr o Sultão, que passára ao palacio novo para felicitar o principe e abraça-lo como seu filho.

No mesmo dia tiverão logar as bodas de Mahmud e Fatime; o joven principe quasi morreu de alegria quando vio a belleza da princeza, e conheceu que era tão meiga, quão formosa.

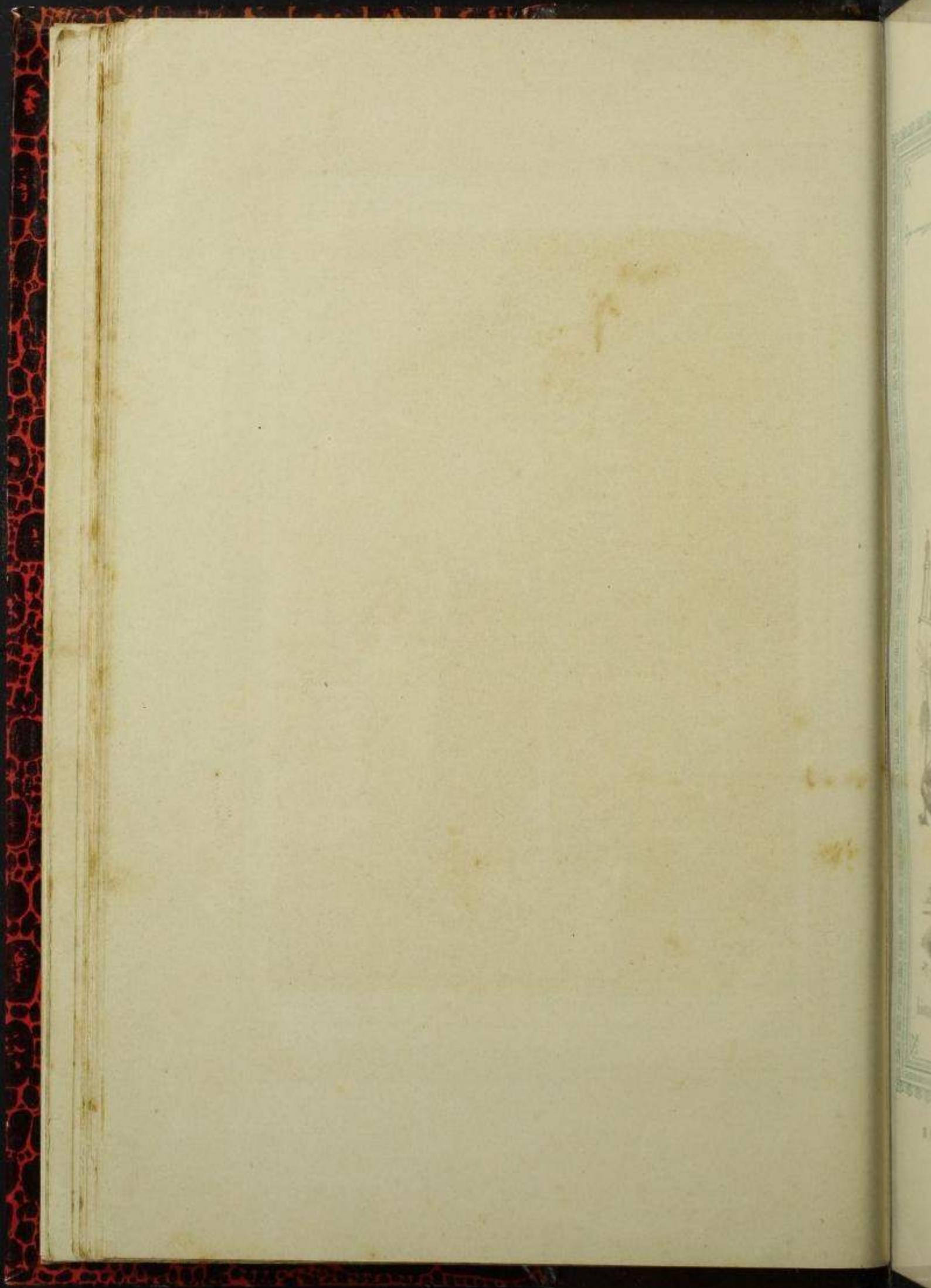
Durárão as festas oito dias, e com tal esplendor que os annaes do imperio nunca puderão contar todos os pormenores. O povo ainda mais se alegrou quando soube que o carrasco, que havia desapparecido mysteriosamente, não seria mais substituido.

MIL E UMA NOITES.

Ao cabo de oito dias, os jovens esposos, acompanhados do fiel escudeiro, partirão para o reino de Mahmud, onde fôrão recebidos com grande satisfação pelo velho rei, que ainda por muitos annos teve a ventura de presenciar a felicidade de seus filhos.







HASSAN O CORDOEIRO.



O glorioso reinado do Califa Harun, vivia em Bagdad um pobre cordoeiro, que tinha mulher e cinco filhos, e nem sempre ganhava para satisfazer ás mais imperiosas necessidades da vida, apesar de erguer-se com o sol e de trabalhar até ao surgir das estrellas.

Comtudo não se revoltava Hassan contra a sorte, nem tão pouco perdia o genio alegre que a natureza lhe havia concedido, e muitas vezes, depois da parca refeição, sentava-se no meio de seus filhos, e lhes contava historias divertidas e contos maravilhosos.

MIL E UMA NOITES.

Nessa época existião na mesma cidade dous homens ligados pelos mais estreitos laços de amizade, Saadi e Ali, dos quaes o primeiro era immensamente rico, emquanto que o segundo apenas era abastado. Querião-se muito, o que não impedia que frequentemente discutissem sobre o merito das riquezas, avançando Saadi que não se podia ser verdadeiramente feliz senão dispondo de valiosos thesouros, ao que Ali respondia que todo o ouro do mundo não valia mais do que um sopro quando não vinha acompanhado de uma bôa consciencia.

Empenhados um dia nestas controversias, pouco a pouco abandonárão o thema principal, e entrárão a indagar dos meios pelos quaes um homem muito pobre poderia alcançar grande fortuna. Affirmava Saadi que os pobres erão pobres porque havião nascido pobres, ou porque havião esbanjado as riquezas que possuião.

— Olha aquelle cordoeiro, — disse elle a Ali; — sempre que aqui passo vejo-o trabalhar com afinco, e comtudo parece bem miseravel. Opino eu que bem depressa adquiriria fortuna, se possuisse o dinheiro necessario para contratar officiaes e aprendizes, e comprar as provisões precisas para alargar o seu negocio.

Sorrio-se Ali, e disse:

— Tu, que és rico, porque não experimentas a cousa, dando-lhe este dinheiro?

Saadi aceitou a proposta de Ali sem hesitação. Approximou-se de Hassan, sempre mettido em sua tarefa pesada, e, pondo-lhe a mão no hombro, lhe disse:

HASSAN O CORDOEIRO.

— Descansa um momento amigo, e conta-me a tua vida.

Hassan, apesar de um pouco intimidado pelos ricos trajés dos dous amigos, descreveo-lhes sinceramente as suas circumstancias precarias.

— E julgas, — perguntou Saadi, depois de uma pequena pausa, — que poderias melhorar a tua sorte, se alguém te dêsse duzentos sequins?

— Com esta somma, — retorquiu Hassan, — conseguiria ser mais rico do que o mais opulento cordoeiro da cidade.

Saadi puxou de uma bolsa bem recheiada, e offereceu-a a Hassan, dizendo-lhe:

— Confio em ti, e dou-te estes duzentos sequins. Emprega-os bem; se fôres feliz, não me hei de arrepender do mimo. Dentro em pouco voltaremos, para vêr como vão os teus negocios.

Ao pobre Hassan parecia tudo isto um sonho maravilhoso.

Depois da partida dos dous amigos, apalpou repetidas vezes a bolsa cheia de ouro, e, convencido, emfim, da realidade, fechou a officina, e encaminhou-se para a miseravel choça, onde abrigava a familia. Pelo caminho meditou sobre o emprego de sua nova fortuna.

— Aparto, — dizia elle, — dez sequins para comprar canhamo, e os restantes cento e noventa escondo no meu turbante, para não perdê-los.

E, feito isto, voltou para a cidade, comprou grandes

MIL E UMA NOITES.

provisões de canhamo, com as quaes carregou quatro mariolas que as levárão á officina.

Em seguida Hassan adquirio um bello pedaço de carne para mimosear a sua mulher e os seus filhos, e dirigio-se ao seu casebre.

De repente desceu dos ares um abutre, e agarrou o pedaço de carne que Hassan levava na mão. O pobre cordoeiro, para salvar o banquete dos seus, lutou valentemente com o abutre; no calor da contenda cahio-lhe o turbante no chão, e a ave de rapina, abandonando a carne, atirou-se ao turbante, e com elle ergueu-se aos ares . . . levando a fortuna de Hassan.

Grande vozeria levantou o cordoeiro, auxiliado pelos transeuntes, no intuito de assustar a ave de rapina, para vêr se deixava cahir o turbante; mas foi em vão, e poucos momentos depois o abutre havia desaparecido aos olhos de todos.

Hassan maldisse da sorte, e contou aos circumstantes que o passaro, no turbante, lhe havia levado grande somma de dinheiro; poucos acreditarão a historia, e outros d'elle zombárão, porque tão mal havia sabido guardar o seu dinheiro. Cabisbaixo, afastou-se o cordoeiro, comprou um turbante novo com o resto do dinheiro, e só ficou sendo possuidor do canhamo, do pedaço de carne e do turbante novo, em troca dos duzentos sequins, correndo ainda o risco de ser tido por mentiroso e velhaco, quando contasse a Saadi o que havia acontecido.

HASSAN O CORDOEIRO.

Em casa ainda augmentou-se-lhe a magoa, quando vio a mulher desatar em choro amargo ao ouvir a triste narração; mas tudo neste mundo acaba, a alegria como a tristeza, e assim Hassan, ao cabo de algum tempo, recuperou seu bom humor, e continuou, como d'antes, os seus trabalhos na officina.

Passarão-se assim algumas semanas, até que por acaso Saadi e Ali estendêrão seu passeio até perto da officina de Hassan. Resolvêrão visitar o cordoeiro, e encontrá-lo no mais ou menos nas mesmas circumstancias da primeira vez: apenas o turbante parecia um pouco mais asseiado.

— Bem vês, — sorrio Ali, — de nada servio o teu dinheiro, Saadi.

Este, porém, zangou-se devéras, e perguntou a Hassan o que havia feito dos duzentos sequins.

O pobre do cordoeiro no primeiro momento se havia assustado com a presença dos dous amigos; mas como, por fim, tinha limpa a consciencia, contou sem hesitar a sua triste aventura.

Saadi duvidou naturalmente da veracidade da narração de Hassan:

— Confessa a tua verdade, — disse elle; — dissipaste o dinheiro em festanças, e pretendes agora enganar-nos com historias que não têm senso commum!

Hassan, porém, protestou calorosamente, e, havendo Ali contado algumas outras historias de abutres, ficou abalado um tanto o animo de Saadi, que disse por fim:

MIL E UMA NOITES.

— Pois seja como fôr, quero fazer segunda experiência. Toma esta outra bolsa, que também contém duzentos sequins, mas tem cuidado. Se não a empregares bem, nada mais esperes de mim, porque toda a generosidade tem os seus limites.

Hassan agradeceu profundamente aos dous amigos, e estes retiraram-se, deixando o cordoeiro entregue a profundas meditações sobre o modo de cuidar do seu thesouro. Durante estas meditações estereis, porém, desceu á noite, e o cordoeiro recolheu-se á casa. Ao entrar no seu quartinho, deu fé de um velho, boião que ha muito tempo permanecia em um canto, cheio de farelo, sem que lhe tivesse chamado a attenção. Neste boião, pensou, podes esconder teu dinheiro; ninguem se ha de lembrar de bulir nelle. Dito e feito, lá foi parar o dinheiro debaixo do farelo, menos dez sequins, que Hassan havia apartado como da primeira vez. Nada disse á mulher, com medo de que ella dêsse com a lingua nos dentes, e deitou-se a dormir.

No dia seguinte, levantou-se bem cedo, foi á cidade e comprou tantas provisões de canhamo e linho, que mal chegarão os dez sequins que havia levado para pagar tudo.

Entretanto, a mulher, que ficára arrumando a casa, ouviu gritar na rua: «Sabão! sabão!», e lembrou-se que se lhe havia acabado este artigo tão necessario. Como não tinha dinheiro, cogitou o que poderia trocar por alguns pedaços de sabão, e, deparando com o boião

HASSAN O CORDOEIRO.

velho, tomou-o, e foi offerece-lo ao mercador em cambio de um pão de sabão. Effectuou-se o negocio, e a mulher, que acabava de dar cento e noventa sequins por tão vil mercadoria, julgou ter feito um optimo arranjo.

Quando Hassan voltou para arrumar as provisões compradas, foi ter logo ao quarto para alegrar a vista com o aspecto do precioso boião, e quasi cahio morto de susto quando vio que o seu thesouro havia desaparecido. Chamou em altos brados a mulher, perguntou-lhe o que era feito do boião, e quando esta lhe referio com gestos de grande contentamento o optimo negocio que fizera, Hassan cahio em desespero, e revelou á pobre da mulher a nova desventura que viera persegui-los. Penalizou esta perda cruel muito a mulher, mas ella não deixou de deitar a culpa ao marido, que, por falta de confiança nella, havia preparado o prejuizo, e desatou-se uma bôa briga entre os dous; por fim, porém, virão que o melhor era fazerem as pazes: os sequins estavam perdidos, e toda a choradeira e todas as allegações não servião para readquiri-los.

Hassan continuou os seus mesquinhos trabalhos, lembrando-se com grande susto de Saadi e de Ali, que não tardarião em visita-lo.

Com effeito, um bello dia apparecêrão, e Hassan bem vontade teve de fugir; mas já era tarde; os amigos o havião visto, e Saadi mostrou-se summamente incommodado quando achou o cordoeiro no mesmo estado miseravel. Ao ouvir a triste aventura, disse:

MIL E UMA NOITES.

— Não hei de sacrificar outra bolsa de ouro para quem tão mal sabe guardar o seu dinheiro.

— Meu bom senhor, — disse Hassan, — não ha em minha casa arca, nem armario, e nem necessidade havia destes trastes, porque de ordinario nada tenho para guardar. O boião estava ha muito tempo esquecido no seu canto; mal escondi nelle os sequins, e o demonio fez com que a minha mulher se lemprasse delle. Bem vê, senhor, que nasci para ser pobre, e não ha remedio.

Emquanto Hassan deu estas explicações, Ali vio no chão um pedaço de chumbo. Alçou-o deu-o a Hassan, e disse:

— Agora toca-me a vez de ajudar-te. Toma este pedaço de chumbo calcado ao pó; talvez que com elle faças mais facilmente fortuna do que com o ouro do meu amigo Saadi.

Rio-se Hassan, mas guardou o chumbo no bolso, emquanto que Saadi disse indignado a Ali:

— Como podes ser tão nescio de tirar esperança de um pedaço de metal tão vil, quando os meus sequins para nada servirão?

Ali encolheu os hombros, e esboçou um sorriso como quem dizia: — Quem sabe? — e os dous amigos se afastarão com promessa de voltar.

De noite, depois da refeição frugal, Hassan contou a seus filhos algumas historias maravilhosas, e por fim todos se deitárão resignados com a sua sorte.

Nesta mesma noite um vizinho do cordoeiro, que

HASSAN O CORDOEIRO.

era pescador, ao preparar as suas redes para ir pescar pela madrugada, viu que em uma dellas faltava um peso de chumbo. Como os armazens estivessem fechados, o pescador não teve remedio senão incomodar os vizinhos, para vêr se algum delles o tirava do apuro; ninguem, porém, tinha chumbo, de modo que por fim a mulher do pescador se resolveu a bater tambem na porta de Hassan, que a principio havia desprezado por conhecer-lhe a extrema pobreza. A mulher do cordoeiro já a queria despachar com as mãos vazias, quando Hassan se lembrou do pedaço de chumbo que Ali lhe havia dado, saltou da cama, e deu-o á vizinha, satisfeito por poder prestar-lhe um pequeno serviço. A mulher do pescador ficou tambem contente, e prometeu que traria de presente todos os peixes que seu marido pescasse no primeiro lance, e o pescador, ao receber o chumbo, disse que ella havia procedido bem, e que cumpriria com a promessa.

O primeiro lance deu só *um* peixe, mas de bom tamanho e bem eriado; o pescador, fiel á sua promessa, apartou-o para Hassan, e continuando a pescaria, esta foi tão abundante que encheu o batel até á borda, e o pescador voltou para casa cheio de alegria, mandando levar immediatamente o peixe á mulher de Hassan.

Esta, ao vêr o presente formoso, suspirou de contentamento, e, pondo-se a cortar o peixe, disse:

— Que bella ceia terá hoje o meu pobre Hassan!

MIL E UMA NOITES.

Ao abrir o estomago do peixe, a mulher encontrou um corpo duro, mui brilhante; ella pensou que era um pedaço de vidro, quando realmente tinha entre as mãos um formosissimo carbunculo. Não conhecendo o seu valor, atirou-o ás crianças, que com elle brincarão, até que de noite o pai voltou, e se accendeu a lampada. Então os pequenos virão que a pedra, cada vez que se collocava á sombra, despedia raios luminosos; todos querião fazer a experiencia; puzerão-se a brigar, e fizerão tal algazarra, que Hassan indagou do motivo desta desordem, e quando soube a particularidade da pedra, tomou-a, e, escondendo-a na mão, vio que esta se alumiára como se rodeiasse uma vela. Ainda por algum tempo o pai brincou com os filhos; depois deu ordem a estes que se deitassem, e guardou a pedra no banco da chaminè.

Ao deitarem-se, a mulher contou a Hassan como tinha havido a pedra; admirou-se o cordoeiro, sem dar, todavia, grande importancia á joia, porque nada sabia de pedras preciosas. Quando por fim apagarão a vela, a pedra poz-se a reluzir com tanto fulgor que toda a casa ficou illuminada.

As crianças, ao verem esta luz maravilhosa, saltarão da cama e dansarão, e soltarão tamanhos gritos de alegria, gue só a grande custo o pai as pôde atirar á cama, ordenando-lhes que estivessem quietas, para não incommodar toda a vizinhança. Vendo o pai tão serio, os pequenos pegarão no somno, e Hassan disse á mulher:

HASSAN O CORDOEIRO.

— Tres proveitos já me deu o pedaço de chumbo de Ali: o prazer de obsequiar um vizinho, um bom peixe e a economia de azeite, porque, enquanto tivermos a pedra, não precisamos de lamparina.

Ao lado da casa de Hassan morava um judeu muito rico, que negociava em joias. O quarto de dormir do joalheiro apenas era separado por um tabique da alcova de Hassan, de modo que o judeu percebeu todo o alvoroço feito pelas erianças do cordoeiro.

— Será bom indagar amanhã de manhã, — disse á mulher, — o que se passou em casa do vizinho.

E esta, mais curiosa ainda do que o marido, aguardou no dia seguinte a sahida de Hassan, para ir tagarellar com a mulher do cordoeiro. Depois de algumas perguntas insignificantes, indagou por fim da causa do barulho nocturno.

A mulher de Hassan contou-lhe então toda a historia maravilhosa da pedra, e mostrou esta á judia, que vio no primeiro momento que era um carbunculo valiosissimo. Disfarçou, porém, a sua emoção, e perguntou sorrindo á mulher do cordoeiro se não lhe queria vender a pedra.

— Nada vale, — accrescentou, — mas como tenho outra igual, servia-me para um par de brincos.

E offereceu-lhe uma bagatela.

A mulher de Hassan já estava disposta a ceder o carbunculo; mas as erianças puzerão-se a chorar

MIL E UMA NOITES.

com tanta insistencia, que ella disse baixinho á judia que voltasse mais tarde.

A joalheira bem via que nesse momento nada podia obter; recommendou á cordoeira que não mostrasse a pedra a outras pessoas, e correu a informar de tudo a seu marido.

Este exclamou:

— Mulher, esta pedra deve ser nossa; porque, se é como dizes, não ha outra igual no mundo, e nem todo o ouro do universo chega para paga-la pelo seu valor. Volta, pois, logo á casa de Hassan; offerece pouco para principiar; aquella gente é pobre, e talvez venda o carbunculo por uma ninharia. Se não quiserem, vai offerecendo mais, até obte-lo por qualquer preço.

De tarde a judia voltou á casa de Hassan, e disse á cordoeira:

— Querida vizinha, o meu marido deseja obter a pedra; quer vende-la?

A mulher, porém, teve medo de concluir o negocio sem o consentimento de Hassan, e, quando a judia ouviu isto, assustou-se, e offereceu vinte sequins. Então a cordoeira, que não era tola, desconfiou, e declarou que nada faria sem estar presente o seu marido. A judia offereceu então cincoenta, sessenta, setenta, oitenta, cem sequins.

A isto chegou Hassan, e, informado do que se

HASSAN O CORDOEIRO.

tratava, comprehendeu que a pedra era preciosa, e disse que só por muito ouro a venderia.

A joalheira elevou successivamente as suas offeras até cincoenta mil sequins.

Hassan, porém, disse:

— Bem vejo que fazeis empenho em possuir a pedra; vender-lh'a-hei, se me der cem mil sequins e nada menos. Se assim quizer, muito que bem; se não, a venderei a outro joalheiro, que me dará mais ainda.

A judia julgou não poder decidir do caso sem o consentimento do marido. Correu á casa, e chamou o joalheiro, que offereceu oitenta mil sequins; mas, vendo que o cordoeiro se zangava, annuo, por fim, ao seu pedido, e fechou-se o trato.

— Querido vizinho, — disse elle, — tanto dinheiro não tenho em casa; por hoje deveis contentar-vos com dous mil sequins; amanhã receberéis o resto. E como Hassan consentisse, o judeu correu a buscar dous saccos cheios de ouro, e no dia seguinte trouxe ainda noventa e oito saccos. Assim a pedra passou ás mãos do judeu, e Hassan ficou tão rico que até o fim dos seus dias poderia viver splendidamente sem trabalhar.

Mas não dava para isto o genio activo do cordoeiro. Organizou convenios com todos os seus collegas da cidade, que se obrigárão a vender-lhe de ora em diante todos os seus productos, de modo que Hassan ficou com o monopolio do artigo, mandando construir grandes armazens em todos os bairros da capital, e o

MIL E UMA NOITES.

seu negocio tornou-se o mais florescente de todos. Não esqueceu-se Hassan da familia; em um ponto muito ameno mandou edificar um bello palacio, e dahi em diante já não era simplesmente Hassan, o cordoeiro, mas, o *senhor* Hassan, acatado e respeitado de todos.

Um bello dia os dous amigos Saadi e Ali, passeiando pelo sitio onde existira dantes a misera officina do cordoeiro, encontrárão um bem sortido armazem, e, tomando informações, souberão a historia de Hassan, que lhes pareceu incrivel. Correrão á residencia do antigo protegido, e ficarão attonitos, quando virão o bello palacio, onde Hassan, o Sr. Hassan, o opulento industrial, descansava das suas tarefas diarias. Tendo batido, um escravo ricamente trajado abriu-lhes a grade, e conduzio-os a uma sala de espera pomposa, onde os convidou a aguardar a seu senhor. Ao cabo de alguns momentos, appareceu Hassan, e, mal havia reconhecido os dous amigos, correu a abraça-los, louco de alegria por vê-los em sua casa.

Vio-se assaltado por um diluvio de perguntas, e a todas satisfez, dando aos amigos todos os pormenores do que lhe havia acontecido, instando por fim com elles para que passassem alguns dias em sua companhia, ao que os amigos gostosos, annuirão. Hassan mostrou-lhes todas as particularidades do seu palacio, e banque-tearão-se depois alegre e esplendidamente. No dia seguinte, Hassan convidou os seus hospedes a acompanhá-lo a uma formosa casa de campo que possuia a

HASSAN O CORDOEIRO.

duas leguas da cidade, á margem do rio, pois que desejava apresentar-lhes a mulher e filhos que ali residião.

Fez-se a viagem rapida e agradavelmente em bem alcatifada barca, e, quando os amigos penetrarão no jardim, virão que era uma verdadeira maravilha, que encerrava as flôres mais raras e odoríferas, as frutas mais succulentas e exquisites. Formosa floresta limitava o jardim pelos lados, e no fundo erguia-se a elegante casa de campo. Já de longe os pequenos havião avistado seu pai, e correndo vierão abraça-lo e rodea-lo. Comprehendêrão então os dous amigos que Hassan era tão bom pai, quão negociante perito. Chegou tambem a mulher do cordoeiro, que, apresentada a Saadi e a Ali, os acolheu cordialmente, e bem depressa todos formárão um grupo de amigos intimos e carinhosos.

Alguns dias depois, estando sentados Hassan com seus amigos em um formoso terraço, a gozarem da fresca da tarde, Saadi disse com um sorriso:

— Has de confessar agora, meu amigo, que não deves a tua fortuna ao pedaço de chumbo de Ali, mas sim aos quatrocentos sequins que eu te dei. Não te zangues, mas custa-me erêr a historia como a contaste.

Esta incredulidade de Saadi affligio Hassan profundamente; mas só podia affirmar de novo o que já havia narrado, sendo commentado favoravelmente por Ali, sem que contudo convencesse Saadi. Aparecêrão então no terraço os dous filhos mais velhos de Hassan

MIL E UMA NOITES.

com o seu preceptor, e um delles trazia na mão um ninho de construcção singular.

— Vê este ninho, meu pai? — disserão; — tirámo-lo de uma arvore da floresta, attrahidos pela circumstancia de ser construido dentro de um turbante velho.

Hassan agárrou o ninho, contemplou-o um momento e exclamou:

— Misericordia do céo! É o turbante dos sequins, e os cento e noventa devem ainda achar-se nelle. O ninho está construido tão artisticamente que não póde confundir-se com obra de mão de homem. A fazenda do turbante, desbotada, bem mostra o tempo que esteve exposta á intemperie, e assim tenho uma prova irrecusavel da veracidade da minha narraçáo.

Os amigos, e principalmente Saadi, ficarão attonitos. Por fim, desmancharão com alguma difficuldade o trançado complicado do ninho, e encontrarão os cento e noventa sequins. Saadi disse comtudo:

— Devo render-me á evidencia; está explicado um dos enigmas, apezar de que ainda não possa comprehender que um abutre largue um pedaço de carne para roubar um turbante. Creio, entretanto, que o outro enigma ficará sem soluçáo, pois que estou convencido de que a tua fortuna emanou dos duzentos sequins que te dei na minha segunda visita.

Encommodou-se Ali com esta pertinacia, e quiz ir-se embora, mas Hassan o deteve, e disse:

— Assim como Allah forneceu uma prova, póde

HASSAN O CORDOEIRO.

enviar a outra; esperemos, e vivamos entretranto em paz.

Por mais divertida que fôsse a existencia na casa de campo de Hassan, tiverão os dous amigos Saadi e Ali de lembrar-se dos afazeres que tinham na cidade. Marcado o momento da partida, Hassan mandou ensilhar quatro formosos cavallo persas, e elle e seus hospedes seguirão para Bagdad, acompanhados por um criado. Pelo caminho apeiarão-se em uma hospedaria para refrescar, porque o dia estava bastante pesado.

O criado pedio cevada para os animaes, mas o estalajadeiro se achava desprevenido e situado longe de qualquer outra habitação; para sahir do apuro lembrou-se de um boião velho cheio de farelo que tinha guardado; deu-o ao criado, e quando este derramou o farelo na manjadoura, vio cahir um objecto avultado; agarrou-o, e conheceu que era uma bolsa com dinheiro.

Alegrou-se o criado pelo amo, porque conhecia a historia dos sequins perdidos com uma porção de farelo; correu ao interior da hospedaria, a apresentou a Hassan a bolsa, dizendo:

— Vê o que encontrei em um boião de farelo que o estalajadeiro deu-me para os cavallo.

Hassan pedio o boião, contemplou-o um momento, e reconheceu-o como tendo sido sua propriedade.

— Deus seja louvado! — disse a Saadi; — eis aqui a segunda prova para convencer-te de que fallei a verdade.

MIL E UMA NOITES.

E mandou chamar o estalajadeiro, que, sendo perguntado pela origem do boião, declarou have-lo comprado alguns annos atrás a um mercador de sabão; que ninguem dera apreço ao objecto, que ainda por muito tempo poderia ter permanecido no seu canto, se o criado dos illustres viajantes não tivesse pedido forragem para os cavalloos.

Então Ali disse com ar de triumpho a Saadi:

— Viste agora, meu amigo, que o acaso e a sorte, ás vezes, muito mais depressa conduzem á fortuna, do que grandes sommas de dinheiro.

Saadi abraçou Hassan, e pedio-lhe perdão por haver duvidado de sua palavra; o antigo cordoeiro, porém, disse:

— Só agora, que já não ha como duvidar de mim, gozarei em paz da minha fortuna e da tua amizade; o nosso amigo Ali comprehendeu-me mais depressa, porque sabia que, além do ouro, existem ainda muitos outros thesouros neste mundo.

E por longos annos estes tres homens viverão na mais estreita amizade.



AS VIAGENS DO CORCUNDA MORTO.



EPOIS de uma noite de insomnia, achava-se de muito máo humor o Sultão Mahmud de Kashgar.

Despachou Iussuf, seu laçao, em busca do jogral de sua côrte, esperando distrahir-se com os seus esgares e ditos picantes que sempre trazia promptos.

Voltou, porém, Iussuf com a noticia que Hakim, o corcunda, não havia apparecido de noite em palacio.

Com esta participação o monarcha ficou ainda mais incommodado, e deu ordem que todos se puzessem a ca-

MIL E UMA NOITES.

minho, para procurar o coreunda e trazê-lo immediatamente á sua presença, sob pena de castigos exemplares.

Corrêrão os lacaios e funcionarios em todas as direcções, dizendo entre si, que não querião repartir a sova que o jogral havia de apanhar quando o encontrassem.

E, comtudo, encontrarão-no, e não apanhou sova alguma, porque... o coreundinha estava morto.

Eis aqui como derão com o jogral.

Em sua corrida chegarão á praça onde tinham logar as execuções das sentenças de morte.

No cadafalso os ajudantes do carrasco seguravão por baixo dos braços o cadaver do jogral para que fôsse visto pelo povo reunido, emquanto que o chefe de policia, collocado ao lado de quatro cidadãos algemados, dizia:

— A historia do coreundinha e destes quatro cidadãos me parece tão extraordinaria, que não me posso resolver a mandar enforcar os accusados. Vou consultar primeiro o Sultão, nosso senhor.

E, descendo do cadafalso, encaminhou-se para o palacio, seguido do carrasco e dos seus ajudantes, que conduzião o cadaver de Hakim e os quatro algemados.

Em presença de Mahmud prostrou-se o chefe de policia, beijou tres vezes o chão e disse:

— Senhor poderoso, perdôa ao teu servo humilde, se tão cedo vem importunar-te. Mas o caso é tão

AS VIAGENS DO CORCUNDA MORTO.

singular, que só tu, commendador dos crentes, podes sentenciar.

Mandou o Sultão que se erguesse o chefe de sua policia e referisse o caso alludido.

— Senhor, disse o funcionario, esta madrugada um dos meus empregados conduzio á minha presença um mercador christão, dizendo que o apanhára em acto de homicidio, aggregando que o cadaver do assassinado se achava no saguão da minha casa. Procedi á vistoria no defunto, e reconheci nelle Hakim, o jogral de Vossa Magestade. Interrogando depois o mercador, este confessou immediatamente o seu crime. Mandei alçar o cadafalso, e fui ter ao logar da execução com o preso e o cadaver de Hakim, enquanto que os prégociros publicavão a sentença pelas ruas.

No momento em que o carrasco ia enforcar o mercador, apparece todo esbaforido um individuo, fornecedor de Vossa Magestade, gritando já de longe que suspendessem a execução, pois que o assassino era elle.

E tal historia me contou, que não me era permitido duvidar; ordenei que o enforcassem em logar do mercador christão.

Quando lhe deitárão a corda ao pescoço, apparece outro, completamente fóra de si, exclamando que o matador de Hakim era elle.

Depois de ouvir as explicações deste, — um medico judeu — comprehendi que effectivamente

MIL E UMA NOITES.

merecia ser enforcado, em lugar do outro, e neste sentido dei minhas ordens.

Mal, porém, o carrasco se preparava, quando apparece desta vez um alfaiate, declarando que sua consciencia não lhe permittia deixar executar um innocente, e vinha, pois, confessar que o verdadeiro culpado era elle.

Após todos estes episodios estranhos, não me animei a sentenciar, e apresento á Vossa Magestade o mercador, o fornecedor, o medico e o alfaiate, para que o meu soberano decida de sua sorte.

— Antes de sentenciar, disse o Sultão, preciso conhecer a fundo o caso. Chega-te, alfaiate, e conta fielmente o que sabes.

Deu um passo á frente o interpellado, e depois de muitas reverencias disse:

— Sabe já Vossa Magestade que sou alfaiate. Hontem á noite, sentado em minha tenda, cozia com afinco n'um caftan que ficára de entregar hoje. Veio pela minha rua abaixo aquelle corcundinha, tocando em um tambor, e parou-me na porta, cantando muitas coplas acompanhando-se sempre com os seus rufos. Gostei muito da festa, e convidei-o para ceiar em minha casa, pensando que minha mulher tambem se alegraria com as artes do corcundinha. Aceitou este, fechei a tenda e fomos á minha casa, onde effectivamente continuarão os divertimentos, enquanto comiamos bem e bebiamos melhor. Servio-nos a mulher um magnifico

AS VIAGENS DO CORCUNDA MORTO.

prato de peixe, que mereceu grandes louvores do meu hospede. De repente, porém, este empallidece e cahe ao chão. Havia-se engasgado com uma espinha, e morreu de repente. Figure-se Vossa Magestade o susto que levei. Antevi policia, carrasco e cadafalso, e quasi enlouqueci de dôr.

— O que ha de ser de mim, exclamava eu, arrancando os cabellos; Allah, Allah, tem pena de mim e salva-me deste apuro!

E dava com a cabeça na parede.

Minha mulher, que ao principio tambem se assustára muito, recuperou o sangue frio.

— Deixa-te de lamentações, disse ella; o que precisamos é livrar-nos deste corcunda. Perto daqui mora um medico judeu. Vamos arrastar o cadaver para a casa d'elle e deita-lo na escada.

Reanimarão-me um pouco as palavras de minha mulher.

— Dizes bem, exclamei, e tens mais juizo do que eu. Mãos á obra!

Envolvemos o cadaver em um panno e o arrastámos até á casa do medico. A porta, porém, já estava fechada, porque era alta noite.

Tocou minha mulher a campainha; e uma criada veio abrir-nos.

— Aqui trazemos um homem bem doente, disse minha mulher, que precisa dos serviços do seu amo. Vá preveni-lo, e para que elle não pense que somos

MIL E UMA NOITES.

alguns pobretões, incapazes de pagar, leve-lhe desde já este sequim.

A criada tomou o dinheiro e foi-se. Immediatamente transportei o corcundinha ao ultimo degráo, no alto da escada, e colloquei-o de modo que o menor movimento o devia precipitar ao saguão.

Em seguida fugimos, minha mulher e eu, bem alegres de havermos escapado assim á policia, ao carasco e ao cadafalso.

Hoje, porém, ouvi com profundo terror que ião enforcar o medico.

Não me soffreu a consciencia calar-me. Fui, pois, accusar-me, como acabo de fazê-lo á Vossa Magestade, e juro que disse toda a verdade.

Chamou Mahmud o medico judeu e lhe disse:

— Conta tu agora, mas vê bem que não me mintas, se não te mando enforcar pelos pés.

Prostro u-se todo tremulo o judeu e exclamou:

— Purissimo sol de magnanimidade e misericordia commendador dos crentes, que me seque a lingua, e que eu seja enforcado pelos pés, se faltar á verdade.

Hontem á noite estava estudando no meu gabinete, quando entrou minha criada, deu-me um sequim, e me disse que estava em baixo um doente que precisava dos meus serviços. Pareceu-me de bom agouro o sequim, e accudi depressa ao chamado, sem dar tempo á creada de alumiar a escada. De repente tropeço em

AS VIAGENS DO CORCUNDA MORTO.

um vulto, e por um triz não despenho do alto da escada. Enquanto me seguro no corrimão, ouço rolar pelos degrãos um corpo pesado.

— Deus meu, exclamei, o que será isto! Venha luz depressa.

E quando veio a luz, vi o doente que devia curar... e que estava morto, bem morto.

— Ai! de mim, me lamentei; o que ha de ser de mim? Vem amanhã S. Ex. o Sr. chefe de policia e me tranca na cadêa. Se não me accodem Moysés e os prophetas, sou um homem morto!

Minha criada, porém, magnifico senhor, mulher astuta e decidida, põe-se a rir e me diz:

— Deixe-se de lamentos. Pegue no defunto, suba ao telhado do nosso vizinho, e fornecedor imperial, e deite o corcundinha pela chaminé á baixo.

Achei esplendido o conselho da criada, e com o auxilio d'ella consegui conduzir o cadaver ao ponto designado e encaixa-lo na chaminé.

Em seguida procurei a minha cama, dando graças aos prophetas e á minha criada, que me haviam livrado do aperto. Quando, porém, hoje de manhã soube que ião enforcar o fornecedor, corri a accusar-me para evitar uma iniquidade. Eis toda a verdade, poderoso senhor.

Acenou o Sultão ao fornecedor que se chegasse e fallasse.

Este disse:

MIL E UMA NOITES.

— Soberano dos fieis, ao lado de minha casa tenho um grande armazem, onde guardo as minhas provisões de comestiveis.

Percebi ha muito que os ratos me causavão grandes prejuizos, mas não havia remedio senão atura-los. Hontem á noite, ao recolher-me ao meu quarto de dormir, contiguo ao dito armazem, vejo ao clarão da lua, na chaminé, um objecto escuro, e reconheço duas pernas humanas. Sou forte e robusto; por conseguinte não me assustou a descoberta. Alegrei-me muito, dizendo commigo:

— Olá, amiguinho, és tu que me roubas, enquanto accusava os pobres dos ratos! Agora verás como te pago.

E pego em um porrete, agarro o ladrão pelas pernas, tiro-o de um puchão da chaminé; elle cabe de todo o seu comprimento ao chão, e sem perder tempo com palavras inuteis, dou-lhe uma sova mestra.

Depois de muitas porretadas, digo-lhe:

— Safa-te agora, se não queres segunda amostra!

O corcunda, porém, não se move. Dou-lhe um pontapé; nada! Lembra-me então a possibilidade de have-lo morto. Acendo uma lampada, e verifico estar em presença de um cadaver já hirto e frio. Confesso que levei um bom susto, mas não perdi a calma. Agarrando o corcundinha e levando-o nas costas, transportei-o para defronte de uma tenda da vinzinhança, onde encostei-o na porta, e voltei para casa, pensando;

AS VIAGENS DO CORCUNDA MORTO.

— Allah Kerim! Deus é misericordioso. Por mim póde ficar encostado até o fim do mundo.

E peguei no somno. Esta manhã, porém, soube que ião enforçar um mercador acusado de haver assassinado um coreundinha.

Lembrei-me da minha aventura nocturna, e, não, querendo vêr castigar um innocente por um crime por mim commettido, fui accusar-me. Eis toda a historia, poderoso soberano!

Chamou então Mahmud, o mercador, e, ordenou-lhe que contasse por sua vez o caso, e obedecendo este, fallou assim:

— Senhor magnifico, passei hontem de noite algumas horas em alegre reunião de correligionarios meus, onde não poupámos o vinho de Schiras, de modo que, ao recolher-me, descrevia zig-zags soffriveis pelas ruas da cidade. Por muito tempo não atinei com o caminho da minha casa, porque as ruas e as praças e todos os edificios corrião á roda de mim com grande velocidade. Por fim conheci que estava perto de um estabelecimento balneario, e lembrei-me que um banho me faria bem. Dei alguns passos precipitados, tropecei, cahi contra uma tenda e resvalei no chão. No mesmo momento um corpo pesado cahio em cima de mim, atravessando-se-me no pescoço. Julguei que era assaltado por algum bandido. Defendi-me valorosamente, atirei com o corpo do assaltante para um lado, e dei-lhe um murro formidavel na cabeça. Inerte jazia o

MIL E UMA NOITES.

corpo, e continuei a dar-lhe murros. Neste momento fui surpreendido por um agente policial, ao qual expliquei que o malvado ladrão havia tentado matar-me. O policial, porém, examinando o corpo do indigitado ladrão, vio que estava morto, e prendeu-me. O resto da historia ja foi referida á V. M. pelo chefe de policia.

Quando o mercador se calou, mandou o Sultão que trouxessem o cadaver, e reconheceu nelle o seu jogral Hakim, o corcunda.

Em seguida ordenou aos medicos que vissem se realmente havia uma espinha na garganta de Hakim, e quando com effeito a espinha foi encontrada, disse o Sultão:

— Bem vejo que todos os quatro accusados são innocentes. Podem retirar-se em paz.

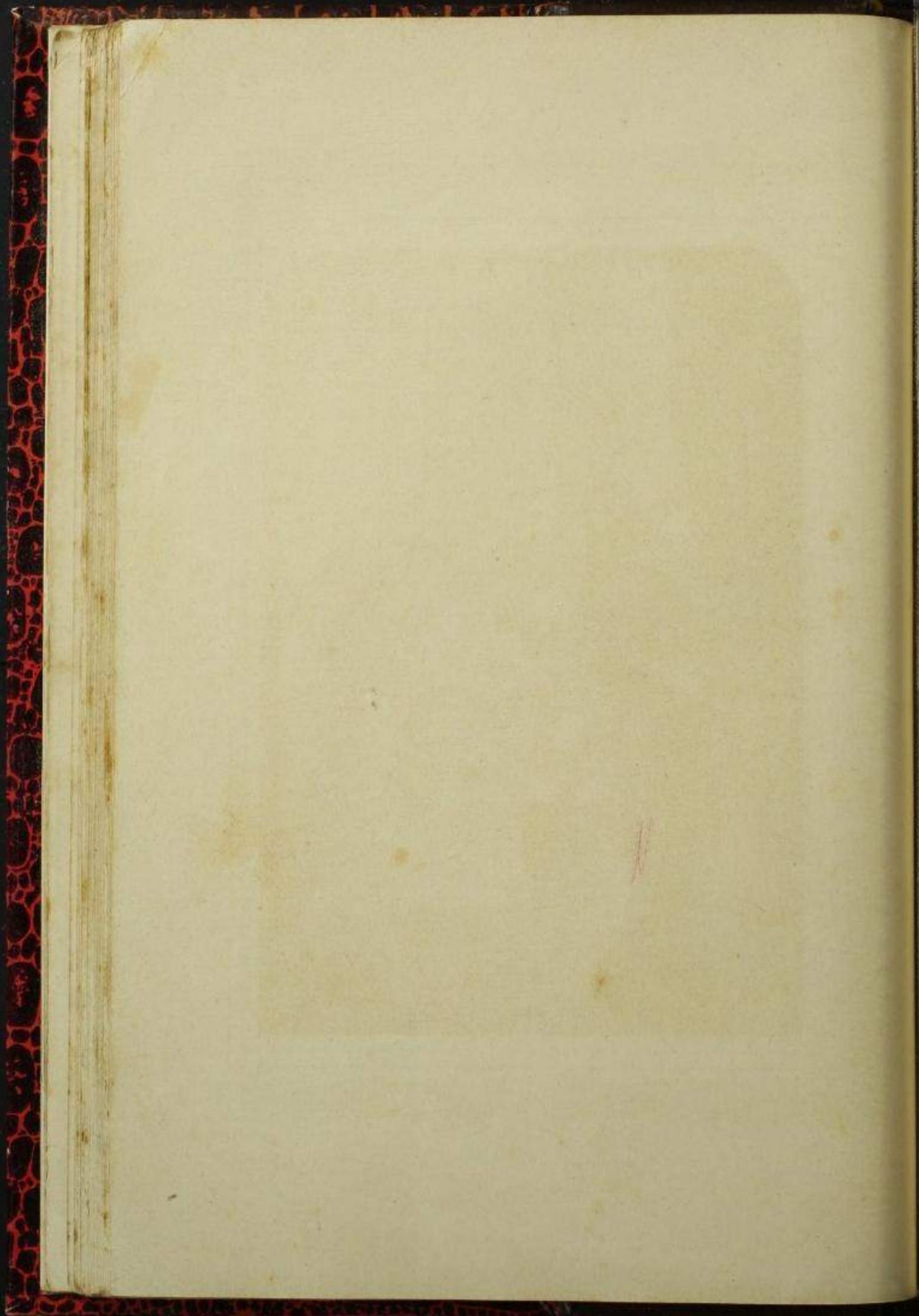
Não esperarão elles outro convite e escaparão-se mais que depressa.

Mahmud, porém, ordenou que enterrassem o corpo do jogral, e disse:

— Farças bastantes inventou durante a vida, e ainda depois de morto continuou o seu officio. Que o enterrem depressa, antes que reviva, apezar de ter sido morto tres vezes depois de fallecer.

E com estas occurrencias se havia dissipado o máo humor do Sultão, para maior tranquillidade dos seus cortezaõs e credito posthumo do seu jogral.





O PRINCIPE ACHMET E A FADA PARIBANU.



RA uma vez um Sultão, que tinha uma filha formosíssima, e tres príncipes que erão seus sobrinhos.

Emquanto pequenas, as crianças brincavão juntas e muito se querião; em uma certa idade, porém, cessou esta bôa liberdade; a princeza *Amina* passou a viver com a sua ama em uma torre isolada, onde os tres príncipes, *Hussein*, *Ali* e *Achmet*, não a podião visitar; brincavão, pois, sem ella, exercitavão-se em todas as prendas de bons cavalleiros, e crescião fortes e robustos, vivendo em bôa amizade e harmonia. Erão todos os tres de bello aspecto;

MIL E UMA NOITES.

Achmet, porém, o mais moço, era o mais formoso e o mais amavel, sem ter, todavia, consciencia disto.

Assim chegarão, Hussein aos seus vinte, annos, Ali aos dezenove e Achmet aos dezeseite, quando o Sultão lembrou-se de manda-los chamar para fazer-lhes uma bôa surpresa.

— Vão buscar-me os *tres*, — disse elle, e a criada-gem já sabia que assim fallava dos tres principes, que outra designação não lhes dava nunca.

Comparecêrão os tres moços mui agitados das corridas e dos exercicios de armas, e perguntarão:

— Que nos quer, querido tio?

— Escutem bem, rapazes, — disse o Sultão; — não ignorão que algum dia terei de morrer, como qualquer outro mortal, e, embora esteja agora bom e são, quero ter certeza quem de vós será o meu successor no throno. Mas só pôde succeder-me quem fôr marido da princeza, minha filhinha. Quem de vocês quer casar com ella?

— Eu! — gritarão os tres a um tempo.

Achou tanta graça o Sultão nesta resposta unisona, que soltou formidavel gargalhada:

— Alegro-me com esta bôa resposta, — disse por fim; — mas em tres maridos para Amina sobejão dous. Concordão nisto?

— Concordamos, — disserão os irmãos.

— Vamos a vêr então como arranjam os negocio. Creio que o melhor séra que tu, Hussein, tomes á esquerda, tu, Ali, á direita, e tu, Achmet, o caminho da frente, para correrem mundo, e trazerem-me, daqui a

O PRINCIPE ACHMET E A FADA PARIBANU.

um anno, o objecto mais raro e curioso que houverem encontrado. Quem me entregar o melhor presente obterá a mão de Amina. Aceitão a proposta?

— Aceitamos, — exclamarão os irmãos.

E cada um já se via em sonhos possuidor do melhor presente, e por conseguinte habilitado a ser marido da formosa Amina, e voltárão alegremente para os seus divertimentos.

O Sultão, porém, mandou chamar o seu estribeiro-mór e lhe disse:

— Manda preparar-me tres dos meus melhores cavallos, e envia-me o meu alfaiate imperial.

Veio o alfaiata, e o Sultão ordenou-lhe que tomasse medida aos tres principes e promptificasse, dentro de oito dias, trajos deslumbrantes, sob pena de perder a cabeça, e que lhe mandasse o seu thesoureiro.

Foi-se pressurosamente o alfaiate, e veio o thesoureiro.

— Traze-me do meu thesouro, — disse o Sultão, — tres bolsas iguaes, contendo cada uma quatro mil sequins, e despacha-te.

Correu o thesoureiro a perder o folego, e trouxe as tres bolsas pedidas, que o Sultão deitou provisoriamente em seu cofre, cuja chave guardou no bolso para evitar que o dinheiro se escapasse por distracção.

Oito dias depois o alfaiate trouxe tres trajos deslumbrantes, bordados de ouro e pedras finas, e o soberano ficou tão contente do trabalho, que deu um annel de preço ao alfaiate, e disse:

MIL E UMA NOITES.

— Corre e manda-me os *tres*; hão de estar no pateo a fazer asneiras.

Voou o alfaiate, e vierão os tres correndo e gritando:

— Que quer de nós, querido tio?

— Amiguinhos, — disse o Sultão, — é tempo de partir.

Dou a cada um de vocês um bello cavallo das minhas estrebarias, um trajo magnifico e uma bolsa com quatro mil sequins para a viagem. Apromptem-se, e a caminho.

Não esperarão segundo convite os principes. Cada um agarrou o seu trajo, e correu ao seu aposento a vistir-se e enfaitar-se; cingirão a sua melhor espada, e quando voltárão a apresentar-se ao Sultão, folgou este em vê-los tão guapos. Abraçou-os um por um, não poupando os bons conselhos; em seguida entregou-lhes as bolsas de dinheiro, e os tres descêrão as escadas do palacio fazendo soar garbosamente a sua armadura; montárão seus fogosos ginetes e partirão. O Sultão, da janella, seguio-os com a vista, e quando desapparecêrão, deitou-se o soberano, chorou bastante, porque muito queria aos tres, e depois foi visitar a sua filha Amina, á qual contou toda a aventura.

Os tres, entretanto, seguirão bem dispostos o seu caminho; cada um dizia que descobriria a melhor cousa, e ao cabo de tres dias chegarão a uma encruzilhada, onde parárão.

— Aqui, queridos irmãos, vamos separar-nos, — disse Hussein. — Quanto a mim, sigo pela frente.

— E eu tomo pela direita, — disse Ali.

O PRINCIPE ACHMET E A FADA PARIBANU.

— Neste caso, — observou Achmet, — seguirei pela esquerda.

— Daqui a um anno havemos de reunir-nos novamente n'este ponto, se não tivermos perecido.

Apertarão-se a mão cordialmente, e um seguio pela frente, o outro pela direita e o terceiro pela esquerda.

Havia o principe Hussein ouvido fallar muitas vezes das grandes riquezas da cidade de Bisnagar, situada no centro da Africa, e tomou resolutamente a direcção necessaria para alcançar aquella praça das maravilhas. Passou assim de cidade á cidade, de aldêa á aldêa, indagando de tudo, encontrando ás vezes cousas bem bonitas, mas esperando sempre encontrar mais adiante cousa melhor. Já havião decorrido cinco mezes dos doze concedidos, quando vio apparecer os zimbórios de Bisnagar, que reluzião e brilhavão aos raios do sol.

— Não ha tempo a perder, — disse comsigo Hussein; — se não volto de pressa, chegarei tarde na encruzilhada e meus irmãos esperarão de balde por mim.

Deu de acicates ao seu ginete, e não tardou em chegar ás ruas esplendidas de Bisnagar, onde dos dous lados se erguião palacios maravilhosamente formosos.

Parou defronte de um hotel, apeiou-se, entregou o cavallo a um criado, e foi asseiar-se e enfeitar-se para percorrer a pé a magnifica cidade. No bazar vio objectos de arte, de ouro, prata e pedras preciosas, expostas em grandes montões; mas, apesar da riqueza destes objectos, nenhum lhe parecia reunir as qualidades

MIL E UMA NOITES.

exigidas pelo tio, e já começava a impacientar-se, quando topou com um homem chão, que trazia na mão um tapete velho e rapado, e gritava:

— Quem me compra este tapete por tres mil sequins?

Todos os circumstantes soltavão gargalhadas e zombavão do mercador, dizendo que ninguem seria tão tolo de dar uma fortuna por um trapo velho.

Hussein, porém, teve um palpite de que este tapete devia ter qualidades occultas, e que talvez lhe servisse; chamou o mercador e lhe disse:

— Em que consiste a virtude deste tapete, para ser tão caro?

— Magnanimo principe, — respondeu o mascate, basta estender este tapete no chão, sentar-se nelle, e desejar ser transportado a um logar qualquer, e em um momento se effectua a transferencia.

— Bem, — disse Hussein, — compro-te o tapete; mas primeiro vamos experimenta-lo, porque não adquireo nabos em sacco.

— Pois não, — disse o mercador.

Estendeu o tapete, collocou-se nelle com o principe, e este desejou ser transportado ao seu hotel, e no mesmo momento achou-se no seu quarto. Cheio de jubilo, entregou os tres mil sequins ao mercador, que se afastou com o dinheiro.

Hussein, porém, pulou e cantou de contente, exclamando:

O PRINCIPE ACHMET E A FADA PARIBANU.

— Agora Amina será minha mulher, e eu serei Sultão.

E quasi enlouqueceu de alegria. Já queria sentar-se no tapete, e voltar para casa; mas lembrou-se que ainda lhe sobravão sete mezes, e resolveu emprega-los em percorrer o mundo. Entregou o que era seu ao dono do hotel, sentou-se no tapete, e gritou:

— A Peckin!

Apenas havia proferido a palavra, e já se achava em Peckin, cujas particularidades admirou, percorrendo depois toda a China, e muitos outros paizes, até que o tempo marcado chegou ao seu termo. Então voltou a Bisnagar, recebeu do hoteleiro seus trens, e partio para a encruzilhada, onde teve de esperar pelos seus irmãos, que ainda não tinham chegado.

O principe Ali, entretanto, havia seguido o seu caminho, escogitando o que poderia comprar para ganhar a victoria; mas de nada pôde lembrar-se que o satisfizesse. Resolveu então entregar-se á bôa estrella, e tomou o caminho de Schiras, na Persia. Dahi a pouco alcançou uma grande caravana, com a qual seguiu viagem, por montes e valles, rios e regatos, e extenso deserto por fim. Pouco lhe agradou esta viagem, porque de dia queimava o sol, tanto que já se achava tostado como um mouro, e de noite erão assaltados por leões e tigres, de modo que mais de uma vez teve de valer-se de sua bôa espada, para trucidar algum leão formidavel, ou decapitar algum tigre traiçoeiro.

Embora estas façanhas lhe grangeassem grande

MIL E UMA NOITES.

respeito entre os negociantes da caravana, aborrecia-se Ali, e foi, pois, com grande prazer que vio finalmente apparecer a cidade de Schiras. Um dos negociantes offereceu-lhe a casa, o que o principe aceitou agradecido. No mesmo dia da chegada percorreu as ruas e o bazar de Schiras em busca de um objecto bem raro, e andou muitos dias seguidos, sem achar cousa que o contentasse. Quando ia já maldizendo de sua sorte, o seu hospede apresentou-lhe um homem, que trazia na mão um pequeno cylindro de marfim.

— Trago-lhe um objecto bem curioso, — disse o seu hospede; — previno-o, porém, de que é um tanto salgado.

O principe tomou o canudo, contemplou-o por todos os laços, sem descobrir-lhe particularidade alguma extraordinaria, e disse:

— Quanto pedes por isto?

— Tres mil sequins, nem um ceitil menos, — disse o estrangeiro.

— Está doudo, homem! — exclamou Ali; — tres mil sequins por esta cousinha? Pensa que sou algum tolo? Ponha-se já no andar da rua, se não dou-lhe uma bôa tunda!

— De vagar, principe, — disse o homem; — conheça primeiro as virtudes do objecto, e depois veremos se não muda de parecer. Não me faltão aliás compradores, e não preciso nem do seu dinheiro, nem da sua tunda. Olhe por este lado do tubo; deseje vêr algum

O PRINCIPE ACHMET E A FADA PARIBANU.

individuo ou algum objecto, e em um momento o verá, como se estivesse perto d'elle.

O principe tomou o tubo, olhou para dentro e vio em cada extremidade um disco de vidro.

— Bôa cousa ha de ser, — murmurou incredulamente.

Mas desejou sempre vêr o seu tio.

No mesmo momento appareceu-lhe o Sultão no meio do seu conselho, e vio que estava de bôa saude. Quasi deixou cahir o oculo de espanto. Depois procurou Amina, e encontrou-a rodeada de suas famulas, brincando e chacoteando. Virando-se então para o homem, disse:

— Meu bom amigo, fico com o oculo e dou-lhe já os tres mil sequins, porque este objecto tem para mim mais valor do que pôde pensar. Despedio o homem satisfeito, e abraçou o seu hospede, exclamando jubiloso:

— Descobri a melhor cousa do mundo; Amina será minha mulher e eu serei Sultão!

E tanto fez que o negociante julgou que o pobre Ali havia perdido o juizo. Este pouco a pouco serenou o animo, ficou ainda alguns mezes em Schiras, e partio depois para a encruzilhada sabida, onde encontrou o seu irmão Hussein, ao qual bradou ainda de longe:

— Ganhei! ganhei! Causa como trago não ha outra no mundo!

Hussein sorrio-se e pensou:

— Espera um pouco, meu parvo, e verás como te enganas!

MIL E UMA NOITES.

O principe Achmet não havia precisado de tanto tempo como os irmãos para encontrar o que procurava.

Triste e magoado seguira o seu caminho, olhando muitas vezes para trás, enquanto via os pennachos dos turbantes dos outros dous principes, e quando havião desaparecido de todo, Achmet apeou-se, soltou o cavallo, sentou-se no chão e chorou amargamente a separação dos seus irmãos. Chegou então um velhinho, que parou diante do principe, e lhe disse:

— Querido principe, cessa de chorar; daqui a um anno tornarás a vêr os teus irmãos bons e sãos. Vem agora commigo, que te tratarei muito bem, e te darei uma cousa bem bonita e extraordinaria.

E tão carinhoso se mostrou, que Achmet enxugou as lagrimas, chamou seu cavallo, e disse:

— Mas quem és tu, meu bom velhinho?

— Já o verás, vindo commigo.

Achmet tomou o cavallo pela redea e encaminhou-se com o velhinho para um desfiladeiro que demorava apenas um quarto de legua dali. Entrarão e passarão por entre rochedos altissimos, até que chegarão a um valle muito formoso, parecido com um grande taboleiro de flôres exquisitas, onde reinava uma primavera eterna.

— Paremos aqui, — disse o velhinho; — toma a tua espada e bate contra o rochedo.

Obedeceu Achmet, tirou faiscas dos rochedos, e immediatamente abriu-se o paredão, e o principe descobriu uma caverna maravilhosa.

O PRINCIPE ACHMET E A FADA PARIBANU.

— Moraremos aqui, até que tenhas de voltar á encruzilhada; fica, pois, a teu commodo.

Assim disse o velhinho, e o principe annuo logo, pensando que se iria embora quando a cousa o aborrecesse.

Havia na gruta duas riquissimas camas com cortinados de purpura borbados de ouro, e quando chegou a noite Achmet deitou-se em uma e o velhinho em outra, e dormirão até pela manhã.

No dia seguinte o velhinho disse a Achmet:

— Agora, meu principe, tenho de pedir-te um favor. Sou o rei dos anãos, *Mata-mosquito*, e gastei muito tempo e trabalho para construir esta gruta. Quando estava concluida e queria morar nella, veio ter comigo uma grande serpente, ameaçou-me, e disse: «Se pensas, meu Mata-mosquito, que has de habitar sósinho esta gruta, muito te enganas. Sou o rei *Traga-sapos*, e tomarei conta da gruta todas as vezes que eu quizer; raspa-te, pois, senão te trago com couro e cabello. Ao cabo de seis mezes podes voltar, porque emprenderei uma viagem, e durante a minha ausencia cuidarás da habitação, trazendo tudo bem limpo e asseiado. Ouviste?» Que havia de eu fazer? Tive de entregar a minha linda morada ao immundo *Traga-sapos*, porque me faltavão forças para enxota-lo. Antes de hontem acabárão-se os seis mezes, e a serpente empreendeu a viagem, de modo que temporariamente posso habitar aqui. Agora te peço que cortes a cabeça á serpente logo que ella voltar. Morta ella, terei descanso, e em

MIL E UMA NOITES.

recompensa te darei um lindo presente para habilitar-te a comparecer dignamente perante o teu tio. Queres satisfazer o meu pedido?

— Sim, disse o principe, hei de matar o feio Traga-sapos.

Então alegrou-se muito o rei dos anãos, e divertio o principe com muitos passa-tempos agradaveis, até que se approximou o dia em que os tres irmãos devião juntar-se na encruzilhada; mas a serpente não chegou, e Achmet, não podendo mais tardar, apanhou o seu cavallo, ensilhou-o e entrou na caverna para despedirse de Mata-mosquito.

— Espera um momento, — disse o rei dos anãos, — toma esta bella maçã, quero recompensar-te de tua bôa vontade. A serpente não volta, e, se voltar, eu mesmo a matarei; quiz apenas experimentar-te, para vêr se eras capaz de prestar-me o teu auxilio. Sahiste bem da prova, e serás feliz no mundo, se fechares sempre o coração á maldade e aos máos pensamentos. Esta maçã tem grandes qualidades, e muito custou-me confecciona-la. Pondo-a debaixo das narinas de um moribundo, o aroma da maçã cura immediata e radicalmente o doente. Guarda-a, pois, com muito cuidado. E agora dá-me um abraço e até á vista, que ainda havemos de encontrar-nos.

Achmet alçou o reizinho, abraçou-o, agradeceu-lhe muito a maçã maravilhosa, e partio para a encruzilhada, onde já encontrou os seus irmãos Hussein e Ali, que o receberão com grande contentamento, e

O PRINCIPE ACHMET E A FADA PARIBANU.

todos se alegrarão por terem-se tornado a vêr com bôa saude.

Cada um fallou então com grande satisfacção do presente que trazia; cada um affirmava que o seu era a melhor cousa que se podia imaginar, e cada um proclamou-se vencedor de antemão, sem comtudo dizer em que consistia o mimo. Zombarão um do outro, até que Hussein puxou por fim do tapete e disse:

— Este traste sem vista é a cousa mais maravilhosa do universo; em um instante pôde transportar-me ao fim do mundo.

— Bôa cousa, — disse Ali, puxando do oculo: — não preciso de tantas ceremonias. Se eu quizer vêr o que se passa no fim do mundo, basta olhar por este tubo e vejo tudo como se estivesse perto de mim.

— Não creio, — disse Hussein.

— Pois então, olha, — replicou Ali dando-lhe o oculo. Hussein servio-se delle, dizendo: — Quero vêr Amina! e no mesmo momento soltou uma exclamação de dôr e desespero.

— Deus meu, a pobre está estendida no seu leito, prestes a morrer. Rodeião-a as suas criadas em altos gritos e lamentações. Tudo está perdido!

— Devagar, disse Achmet; tenho eu aqui nesta maçã o remedio infallivel para salva-la. Montemos a cavallo, e a toda a brida.

— Nunca chegaríamos antes que Amina expirasse, — lamentou-se Hussein.

MIL E UMA NOITES.

— Pois então, — disse Ali, — lancemos mão de teu tapete; se não nos enganaste, estaremos no palacio em um momento.

Ergueu-se Hussein cheio de alegria, estendeu o tapete; os tres, depois de soltarem os cavallos, sentárão-se nelle, e disserão:

— Ao quarto de Amina!

Apenas havião soltado a palavra, já se achavão no meio das famulas de Amina; esta estava prestes a exhalar o ultimo suspiro. Achmet pegou da maçã, collocou-a sob as narinas da princeza, e esta, depois de aspirar o aroma da fruta, reanimou-se e disse:

— Louvado seja Deus, eis-me, curada!

Grade foi a alegria; os tres irmãos gritárão: Hemos salvado Amina! e corrêrão a ter com o Sultão e contarão-lhe o feliz acontecimento, o que muito regosijou o pobre do monarcha velho, que já havia considerado a sua filhinha perdida. Passado o primeiro momento de jubilo, perguntou o Sultão:

— Então, principes, o que vocês me trouxerão de bom? Mostrem os seus presentes, e aquelle que tiver o melhor casará com Amina e mais tarde será Sultão.

Então Hussein exhibio o seu tapete, Ali o seu oculo e Achmet a sua maçã, e cada um gritou:

— Aqui, querido tio, está o melhor, pois que salvou a princeza Amina.

O Sultão contemplou os tres objectos, ouviu as explicações das suas qualidades, e disse sacudindo a cabeça:

O PRINCIPE ACHMET E A FADA PARIBANU.

— Eis aqui um assumpto singular, mas que só conduz ao resultado, que ninguem ganhou a victoria. Sem o oculo de Ali, não terião sabido da doença de Amina; sem o tapete de Hussein nunca terião chegado a tempo; e sem a maçã de Achmet não terião debellado a enfermidade. Iguaes direitos para todos os tres. Não haverá remedio senão imaginar outra cousa, porque não posso commetter uma injustiça para com dous de vocês, para tornar feliz o terceiro á custa dos outros.

— É certo, — disserão os tres, — mas o que quer então que façamos?

— Vamos amanhã ao campo, — disse o Sultão; cada um dos tres levará um arco e uma flecha; e aquelle que lançar mais longe o projectil, será o marido de Amina. Concordão n'isto?

— Concordamos, — responderão os tres a um tempo.

E fôrão encordoar de novo os seus arcos, e cada um pensou dar o melhor tiro; mas todos os tres erão de força igual nos jogos de armas.

No dia seguinte, ao amanhecer, o Sultão com os tres principes, e acompanhado de toda a sua côrte, fôrão á uma planicie, onde devia ter logar o certamen.

A Hussein competia o primeiro tiro: firmou convenientemente o pé, armou o arco com mão possante, e soltou a flecha, que foi parar á grande distancia.

— Bem atirado! disse o Sultão, veremos quem dá outro tiro melhor.

Chegou a vez de Ali, e instigado pelo exito do

MIL E UMA NOITES.

irmão, esforçou-se e atirou a sua flecha mais longe ainda.

— Bem, — muito bem, exclamou o Sultão; — perdeu Hussein. Agora tu, Achmet.

Chegou-se Achmet á raia e sem hesitação lançou o seu projectil.

Com rapidez vertiginosa passou os pontos nos quaes haviam cahido as flechas dos seus irmãos, voando até perder de vista. Attonitos olhárão todos, e o Sultão disse:

— Quer me parecer que o mais moço ganhou; e tocou o seu cavallo para procurar a flecha de Achmet ajudado por toda a côrte, mas foi impossivel achar o projectil.

— Mão, — disse o Sultão, — sem esta prova, pertence a victoria a Ali.

E assim ficou decidido e toda a côrte voltou para a cidade com Ali na frente, que nesse mesmo dia ficou casado com Amina.

Hussein e Achmet, que muito querião a formosa princeza, não tiverão animo de assistir ao casamento: o primeiro sahio da cidade, retirou-se para uma montanha proxima onde habitavam dervis, e entrou na sua communitade; o segundo, porém, tornou a montar a cavallo, voltou á planicie onde tivera logar o certamen, porque queria ainda procurar a sua flecha, cujo desaparecimento não se podia explicar. Tres horas seguio na direcção conhecida, até que por fim chegou a um paredão muito empinado e liso, que o projectil devia ter en-

O PRINCIPE ACHMET E A FADA PARIBANU.

contrado. Com effeito achou na arêa a flecha com a ponta torcida.

— Devéras, — disse Achmet, — á tal distancia ainda nenhum mortal lançou a sua flecha. Aqui ha cousa

Collocou a flecha no careaz, e pôz-se a olhar attentamente o paredão; chegou então a descobrir uma porta, que encontrou apenas encostada. Abrindo-a, vio um longo corredor, no qual entrou resolutamente, dando com uma segunda porta, que abriu igualmente. Deslumbrado parou diante do aspecto esplendido que lhe offereceu ás vistas uma sala tão formosa como nunca dantes vira em sua vida. Erão de ouro as paredes, os trastes e o soalho; tanto reluzião que Achmet teve de abrigar os olhos com a mão. Morto por achar a chave deste enigma, o principe penetrou na sala, quando se abriu outra porta, apparecendo uma dama formosa com um sequito brilhante de pagens e donzellas, todos trajando magnificamente. A dama trazia na mão um lyrio, e na cabeça uma corôa de brilhantes. Approximou-se de Achmet e lhe disse:

— Vejo, querido principe, que estás impressionado por tudo quanto te rodeia, e que não suppuzeste encontrar no seio destas rochas tamanha pompa. Não te admires, porém: sou a fada *Paribanu*, e este é o meu palacio. Has de permanecer aqui mais tempo, e verás ainda outras maravilhas, porque quero que sejas meu esposo e rei deste dominio. Aceitas?

MIL E UMA NOITES.

Não sabia Achmet se estava acordado ou sonhando; teve de recolher-se um momento, antes de poder responder, e assim mesmo ainda balbuciando de emoção disse:

— Certo que quizera ser teu esposo, querida fada Paribanu; mas desejo que me expliques como pude penetrar aqui, e donde me conheces, pois que eu nunca te vi anteriormente.

Sorrio-se Paribanu, levou Achmet a um divan e lhe disse:

— Conheço-te a ti e a teus irmãos desde a sua infancia, porque tua mãe era a minha melhor amiga. Quando ella morreu, recommendou-me que cuidasse de vocês, o que prometti e cumpri. Dos tres, tu, Achmet, sempre me despertaste a maior sympathia, e, vendo-te crescer com toda a pureza d'alma, escolhi-te para dar-te a maior ventura que um mortal póde ter, destinando-te a minha mão. Fui eu quem lhes deu o oculo, o tapete e a maçã; fui eu ainda quem te fez guiar pelo anão á gruta, onde em descanso e sem perigo podias aguardar e época marcada para a reunião com os teus irmãos. Fui eu finalmente quem impellio a tua flecha até que veio dar no rochedo, porque bem sabia que virias em busca della. Assim dirigi os teus passos até este palacio, onde has de viver em opulencia e alegria, enquanto assim o quizeres.

Achmet respondeu:

— Sendo assim, aceito alegremente tudo, e te prometto nunca mais deixar-te.

O PRINCIPE ACHMET E A FADA PARIBANU.

E no mesmo dia teve logar o casamento, e o principe Achmet julgou-se o homem mais feliz do mundo. A fada mostrou-lhe todo o seu reino subterraneo, e divertia-se vendo a admiração ingenua que tudo lhe causava. Todo o reino parecia-se com um magnifico jardim, cheio das mais formosas flôres, das arvores as mais extraordinarias. Erguião-se ali grande numero de palacios, um de ouro, e outros de prata, de aço, de crystal, um quinto de rubins, e cada qual mais formoso que os outros. Um anno inteiro Achmet passou ao lado de Paribanu sem sentir o menor tedio. Mas de repente lembrou-se do velho tio, teve saudades delle, e pedio á sua mulher que lhe dêsse licença de fazer uma visita ao Sultão. Annuio a fada, com a condição, porém, de que não lhe dissesse onde habitava, nem que havia casado com ella, isto para evitar alguma desgraça. Prometteu Achmet que faria o que a fada exigia; esta conduzio-o então á entrada da gruta, onde já estavam á sua espera muitos criados montados em magnificos cavallos, e um pagem segurava pela redea um esplendido ginete branco, destinado para montaria do principe. Despedio-se Achmet de sua mulher, e em rapido galope, seguido dos criados, dirigio-se á capital; parou diante do palacio do Sultão, subio os degrãos da escada aos pares, e lançou-se nos braços de seu tio, que, estreitando-o ternamente ao peito, exclamava a fio:

— Onde andaste? donde vens? já te havia chorado

MIL E UMA NOITES.

como morto! Como estás guapo e bonito! Conta-me tuas aventuras!!

Achmet, porém, lembrando-se de sua promessa, disse:

— Só posso, querido tio, dizer-te que sou feliz, o homem mais feliz do mundo. Se bem me queres, nada mais perguntarás, porque não me é dado responder-te.

Contentou-se o velho, e gozou durante tres dias da companhia de Achmet, que, antes de partir para o reino de sua mulher, prometeu voltar frequentemente à côrte do Sultão.

E effectivamente cada mez renovava a visita por pedido de sua propria mulher, e tão bem soube guardar o seu segredo, que ninguem desconfiou donde vinha. Como o raio chegava, como o raio desaparecia.

O velho Sultão nunca se teria preocupado deste mysterio, se não tivesse tido dous ministros empenhados em prevenir o tio contra o sobrinho.

Todos os dias um delles dizia:

— Quem sabe o que está machinando o principe! Porque não quer confessar onde reside? Cuidado, Sr. Sultão, que um bello dia lhe surrupia o reino e o throno.

— Sim, sim, — apoiava o outro, — não póde morar muito longe daqui, porque quando se apeia nem um argueiro se vê em sua roupa, e os cavallos estão tão frescos e descansados como se sahisses da estrebaria. Sem duvida alguma o principe está fazendo

O PRINCIPE ACHMET E A FADA PARIBANU.

propaganda entre o povo, e cedo demais teremos sedição e revolução.

— Deixem-me em paz! — exclamava o Sultão, — Achmet é um excellente moço, incapaz de causar-me desgosto.

Os ministros, porém, não se derão por vencidos; tanto fallarão, tanto martellarão, que por fim abalarão um pouco a confiança do Sultão, que mandou vir uma mulher muito versada em bruxaria, e lhe ordenou que nos seus livros cabalísticos procurasse as informações que Achmet tão bem sabia guardar em seu seio.

Tres dias depois voltou a bruxa, e contou ao Sultão tudo quanto tinha encontrado em seus livros, o que era exactamente a historia de Achmet.

Mandou vir o Sultão á sua presença os dous ministros, e lhes disse encolerizado:

— Corja de calumniadores, tiverão o atrevimento de querer denegrir os sentimentos do meu sobrinho? Não sei porque não os mando enforçar já, o que seria o melhor meio de pôr-lhes um freio á lingua viperina! Está casado o meu querido Achmet com o fada Paribanu, e nunca se lembrou de revolucionar o meu povo: outra occupação mais agradavel tem elle. Ouvirão? seus patifes!

Envergonhados e tremulos, ouvirão os ministros esta apostrophe do seu soberano; mas só um momento durou esta impressão.

MIL E UMA NOITES.

Um delles recuperou o seu sangue frio, e disse com maldade:

— Extraordinarias novas são estas. Mas sabe V. M. se não serão falsas tambem? Nunca ouvi, pelo menos, que um mortal houvesse casado com uma fada, e não creio nem uma syllaba desta historia, emquanto o principe não nos fornecer uma prova irrefutavel. Se realmente fôr o esposo de uma fada, não lhe ha de ser custoso produzir esta justificação. Eis o meu humilde parecer.

Calou-se o vizir, e o Sultão disse:

— Pois bem, exigirei esta prova de Achmet; mas, se elle se sahir victorioso, mando enforcar-te pelos pés, ouviste? Escolhe lá agora tres cousas cuja producção seja bem difficil, para que mais tarde não possas dizer que fui parcial.

— Valeu, — disse o vizir; — exige, pois, do principe Achmet, em primeiro lugar, que traga uma baraca tão pequena que caiba na mão, e ao mesmo tempo tão grande que possa abrigar todo o exercito. Em segundo lugar, pedi-lhe uma amphora cheia de agua da vida; e por ultimo que apresente um anão de dous pés de altura com uma barba de cincoenta covados, pelo menos. Se satisfizer estas tres exigencias, mereceremos o nome de calumniadores e que nos cortem a cabeça; se, porém, não puder faze-lo, então morrerá elle nas mãos do carrasco. Até lá, saude, senhor.

E os dous ministros se fôrão um tanto enfunados;

O PRINCIPE ACHMET E A FADA PARIBANU.

e o Sultão, roxo de colera, os seguio com os olhos e murmurou:

— Ai! se o rapaz fizer isto, saberá mais do que comer uvas.

E foi deitar-se a dormir.

Dahi a dias veio Achmet visitar o tio, sem pensar em mal. O Sultão, ao vêr o principe tão guapo e bonito, sentio calafrios, quando se lembrou em que talas ia mette-lo, e não se atreveu a fallar. Percebeu Achmet, porém, o máo-estar do tio, pedio-lhe que se expandisse, e então o Sultão, tomando uma resolução heroica, contou-lhe tudo: as accusações dos ministros, a contenda, a exigencia da producção da barraca, da agua da vida e do anão barbado.

— Faze-me o favor, — acrescentou o velho monarcha, — de crêr que eu de ti nunca desconfie; mas, para confundir e castigar os calumniadores, rogo-te que satisfaças os tres pedidos com o auxilio da poderosa fada Paribanu, tua mulher.

Achmet, que attonito havia escudato esta narração, sorrio ao Sultão e disse:

— Vou já para casa consultar com a minha esposa. Ella tanto me quer que não ha de recusar-me os meios de satisfazer as tres exigencias. Se não te contei como consegui a minha ventura, foi porque Paribanu m'o havia prohibido; agora que o sabes, espera-me áte amanhã, que havemos certamente de confundir os dous mentirosos.

MIL E UMA NOITES.

Chegado em casa, contou tudo á sua mulher, e perguntou-lhe:

— Pódes facilitar-me estas tres cousas?

— Sem duvida alguma, — disse Paribanu; por um feliz acaso chegou hoje o meu irmão, que só mede dous pés de altura e tem uma barba de sessenta covados. Esta era a mais difficil; as outras cousas são bagatelas: uma barraca como a pedida acha-se na arrecadação, e da agua da vida temos um poço cheio. Quanto ao meu irmão, devo prevenir-te de que é mister trata-lo com melindre, porque não gosta e nem perdoa que se zombe de sua estatura, e castiga logo com sua massa de ferro, que leva sempre em lugar de bengala e pesa quinhentas libras.

E quando apresentou o anão a Achmet, este reconheceu seu antigo amigo Mata-mosquito, e muito se alegrou de tornar a vê-lo.

No dia sequinte, os dous partirão com os criados para a capital, onde souberão que o Sultão se achava na sala do conselho.

— Melhor, — disse Achmet, — apanharemos todos juntos.

O Sultão, vendo-os entrar, desceu do throno, abraçou Achmet e perguntou:

— Trazes as cousas promettidas?

— Pois não havia de trazê-las! Eis em primeiro logar a barraca. Vê, cabe na palma da minha mão,

O PRINCIPE ACHMET E A FADA PARIBANU.

e comtudo póde cobrir dous exercitos. Faremos uma primeira experiencia nesta sala.

Collocou a barraca no chão, e esta começou a desdobrar-se até que cobrio toda a sala, todos os ministros e conselheiros, toda a guarda de honra do Sultão.

O monarcha alegrou-se como uma criança; mas os dous ministros empallidecêrão e tornarão-se tremulos.

— Que dizem a isto? — gritou-lhes o Sultão, deitando-lhes olhares chammejantes.

— A agua da vida, a agua da vida, exclamarão os dous.

— Ei-la, disse Achmet, — uma amphora cheia até transbordar.

E, agarrando Mata-mosquito pela mão, acrescentou:

— E eis aqui o anão, que não só mede dous pés, e tem uma barba de sessenta covados, como, além disto, e meu proprio cunhado! Assim, meu querido tio, forneci as tres provas, e agora os ministros devem morrer.

— Sem duvida alguma, — disse o Sultão; — vou mandar buscar já o carrasco.

— Não se dê V. M. a este trabalho, — disse Mata-mosquito; — estes dous patifes lhe derão incommodo bastante, vou expedi-los já.

E levantou a sua massa, e achatou os ministros por modo tal que os seus corpos parecião uma folha de papelão.

MIL E UMA NOITES.

— Destes estamos livres, — disse Mata-mosquito; — vamos almoçar agora, porque sinto bôa disposição.

Dous dias depois houve grande festa em palacio, à qual assistirão Achmet e sua mulher, Ali e a princeza Amina, e Hussein o Dervis, que por um dia sahio do seu convento, e os tres irmãos, felizes por tornarem a reunir-se, abraçarão-se ternamente.

Hussein disse:

Reina a paz e o contentamento em meu coração, desde que abdiquei dos cuidados deste mundo. Sou feliz.

Ali disse:

— Sou governador da provincia de Erau, e eu e Amina nos amamos ternamente. Sou feliz.

Achmet tomou a formosa Paribanu pela mão e disse:

— Sou o mais feliz de todos, porque a mais poderosa e formosa fada do mundo é minha esposa, ama-me e satisfaz todos os meus desejos. Quem pôde ser mais feliz do que eu?

O velho Sultão, porém, disse com um sorriso de satisfação:

— Vejo que cada um de vocês esta contente com a sua sorte, e isto é o melhor. Vamos divertir-nos.

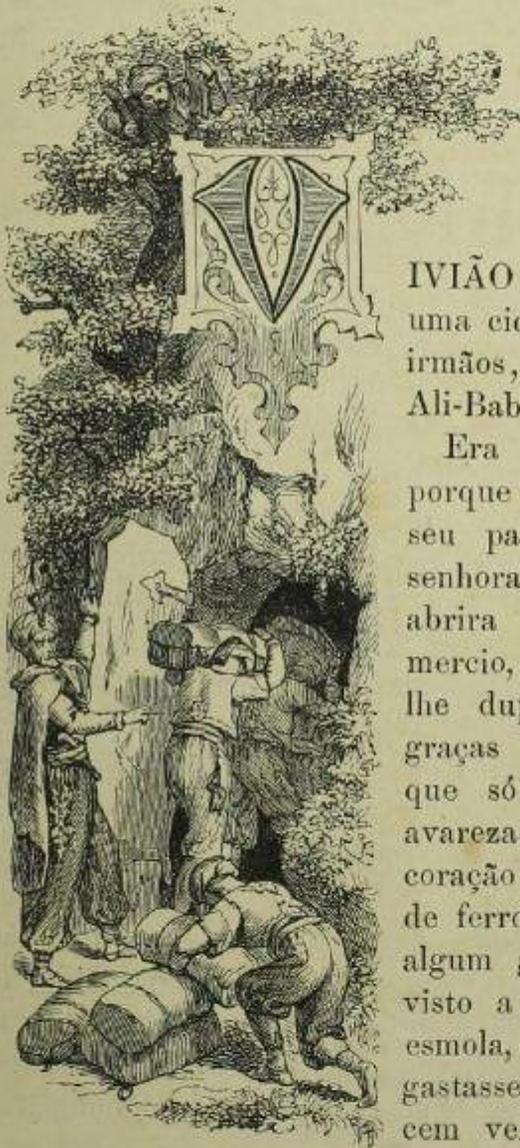
E banquetearão-se muitos dias e nadarão em alegria.

E quando voltarão para as suas casas, cada um disse comsigo:

— O mais feliz sou eu! o que é a melhor conclusão desta historia.



ALI-BABA E OS QUARENTA SALTEADORES.



VIÃO ha muitos annos em uma cidade da Persia dous irmãos, chamados Kasim e Ali-Babá.

Era riquíssimo Kasim, porque depois da morte de seu pai casára com uma senhora muito abastada e abrira uma casa de commercio, que em pouco tempo lhe duplicára os haveres, graças á sua actividade, que só era igualada pela avareza que lhe prendia o coração como em uma rêde de ferro. Não podia pobre algum gabar-se de ter-lhe visto a sombra de alguma esmola, e antes que Kasim gastasse um ceutil, revolvia-o cem vezes entre os dedos.

MIL E UMA NOITES.

Ali-Babá, pelo contrario, era um pobre diabo, que ainda em cima havia commettido a asneira de casar-se com uma senhora que possuia tanto como elle. Muito lhe custava, pois, ganhar os meios de existencia, com tres burrinhos, com os quaes diariamente ia da cidade a uma grande floresta, onde juntava umas magras cargas de lenha, que depois vendia no mercado.

Dava justamente este commercio ao casal o necessario para deitar-se mal saciado; mas não se rebellavão contra a sorte, e tratavão de viver contentes.

Um dia Ali-Babá havia juntado a lenha sufficiente para a carga dos tres burrinhos, quando de longe ouviu tropel e vio surgir uma nuvem de pó. Prestando attenção, descobrio um grupo de cavalleiros que rapidamente se dirigia para o seu lado. Sem perder tempo, tocou os burros para as brenhas, e trepou em uma arvore frondosa, que havia nascido ao pé de empinado paredão. Dali podia seguro e perfeitamente observar os recém-chegados sem ser visto por elles. Erão estes todos de alta estatura, bem trajados e ricamente armados; mas trazião as feições tão sinistras, que Ali-Babá comprehendeu logo que tinha diante de si um bando de salteadores.

E, com effeito, salteadores erão, mas bandidos tão espertos, que só ao longe exercião o seu officio, e apenas de quando em quando vinhão recolher as suas rapinagens em uma caverna aberta no paredão, no qual Ali-Babá se achava encostado naquelle momento;

ALI-BABÁ E OS QUARENTA SALTEADORES.

escondião ali os roubos, e rapidamente se retiravão para não serem descobertos.

Parárão os salteadores ao pé da arvore, apeiárão-se, derão as rações aos ginetes, e levárão as maletas bem recheiadas para perto do rochedo.

O capitão do bando inspeccionava e dirigia tudo, dando suas ordens com voz breve e imperiosa. Por fim chegou-se ao paredão e bradou:

— Sesamo, Sesamo, abre-te!

E de repente abriu-se uma porta, que Ali-Babá nunca havia notado.

Passárão por esta porta os bandidos um por um, por ultimo o capitão, e a porta se fechou sem deixar vestigio no rochedo. Se não visse os cavallo, Ali-Babá teria pensado ter tido uma hallucinação. Até que voltassem os salteadores, Ali-Babá teve tempo de contar os animaes: erão quarenta, um para o chefe e trinta e nove para os bandidos, mas todos bem arreitados e de bella estampa. Sentio tentações de descer de sua arvore, saltar em um dos cavallo, levar outro á dextra, e fugir para a cidade. Mas, pensando bem, achou suas espinhas no negocio e permaneceu quieto, empoleirado no seu escondrijo.

Ao cabo de algum tempo, abriu-se o rochedo: sahirão os bandidos, o chefe por ultimo, e este bradou:

— Fecha-te, Sesamo!

Obedeceu a porta maravilhosa, e o rochedo tomou o aspecto de todos os rochedos.

MIL E UMA NOITES.

Os salteadores enfreiarão os seus cavallos, montarão, e com o chefe na frente retirarão-se em bôa ordem e marcha accelerada, para immensa satisfacção de Ali-Babá.

Este depois de algum tempo deixou escorregar-se da sua arvore, pôz-se diante do rochedo, e pensou:

— Vamos experimentar a sorte.

E bradou com todas as suas forças:

— Sesamo, Sesamo, abre-te!

E o rochedo abriu-se como ao mando do chefe dos bandidos, e a caverna ostentou-se aos olhos de Ali-Babá. Onde julgava encontrar negro antro, vio um salão espaçoso, aberto na rocha e alumiado por largos raios de luz que da abobada se infiltravão pelas frestas habilmente distribuidas.

Grande cópia de thesouros de todas as especies se achavão amontoados neste armazem subterraneo: ao lado de telas de ouro, de seda e brocado, vião-se vasos e jarras de metal precioso e de acabado trabalho, e, o que mais agradou ao nosso Ali-Babá, innumerous saccoes cheios de moedas de ouro e prata.

Pela abundancia dos objectos comprehendia-se que esta gruta já ha annos servia aos salteadores de deposito de suas rapinagens. Não hesitou Ali-Babá um só instante ácerca do que tinha a fazer: agarrou dous saccoes cheios de sequins; mas, quando quiz retirar-se, vio com surpresa que a porta se havia fechado.

ALI-BABÁ E OS QUARENTA SALTEADORES.

Prompto, porém, passou-lhe o susto; lembrando-se da formula, gritou:

— Sesamo, Sesamo, abre-te!

E no mesmo momento a porta abriu-se, dando passagem a Ali-Babá, que juntou os seus burros, tocou-os para o interior da gruta e carregou-os de ouro até que sob o peso gemêrão. Retirou-se então, ordenou á porta que se fechasse, e, cobrindo as cargas dos animaes com ramos seccos, para disfarçar os saccos de sequins, entrou com os seus burrinhos na cidade, percorreu com elles as ruas, e tocou-os para o interior da sua pobre habitação, onde com grande alegria mostrou os seus thesouros á sua mulher. Assustou-se esta, exclamando:

— Ai! desgraçado, deixaste hallucinar-te e roubaste todo este ouro?

— Cala-te, mulher, — disse Ali-Babá, — quem rouba a ladrão, tem cem annos de perdão! E contou-lhe toda a aventura, exigindo a mais completa discreção.

Serenou-se o melindre da mulher, mas despertou-se o desejo de conhecer a fundo a valor das suas posses.

— Vamos contar o nosso dinheiro, — disse ella, extasiada perante o montão dos sequins.

— Para que dar-nos a este trabalho? respondeu Ali-Babá; vou mette-lo em saccos grandes, e enterra-lo no quintal.

— Nada, nada! — persistio a mulher; — quero

MIL E UMA NOITES.

saber quanto possuímos, e, para abreviar a tarefa, vou medi-lo com um alqueire.

E, como erão tão pobres que não tivessem a medida, a mulher foi á casa de Kasim e pedio á cunhada um alqueire emprestado.

Emquanto esta procurava o traste, pôz-se a escogitar:

— Para que demonio quer esta pobretona um alqueire, quando nada possui para medir? Ahi ha cousa, e quero saber o que é.

Untou o fundo do alqueire com mel, e entregou a vasilha assim á mulher de Ali-Babá, que immediatamente correu á casa, medio os sequins, e achou mais de vinte alqueires.

Satisfeita, levou a medida á casa do cunhado e restituiu-a com muitos agradecimentos, enquanto que Ali-Babá guardou o ouro em grandes saccoes, que enterrou no quintal.

A mulher de Kasim, porém, passou revista ao alqueire e vio pegado no fundo um sequim.

— Como é isto! — exclamou ella; — Ali-Babá, que não tinha onde cahir morto, mede agora o ouro com alqueire?

Cheia de impaciencia, aguardou a volta de Kasim, e, apenas este havia chegado do seu armazem, contou-lhe tudo quanto havia acontecido, mostrando-lhe o sequim mexeriqueiro.

Kasim, em logar de regosijar-se com a bôa sorte

ALI-BABÁ E OS QUARENTA SALTEADORES.

do irmão, sentio-se devorado por voraz inveja. Apenas raiou o dia, correu á habitação de Ali-Babá, e lhe disse sem preambulos:

— Homem, donde tiraste tanto ouro que o medes com alqueire?

Assustou-se Ali-Babá; quiz negar o facto, mas não teve remedio, por fim, senão contar toda a sua aventura.

Preso da mais sordida cobiça, Kasim disse ao irmão que lhe dêsse a metade dos thesouros da gruta, senão denuncia-lo-hia á policia, que lhe recompensaria a delação.

— Não te alteres, — respondeu Ali-Babá; — ha tantos thesouros ali, que muito chega e sobeja para nós dous, e com muito prazer cedo-te a metade.

Kasim, o avarento, que nunca auxiliára o irmão nem sequer com um ceutil, aceitou o offerecimento, e retirou-se para sua casa. Pelo caminho, porém, resolveu espoliar totalmente o irmão, e na madrugada seguinte, antes do romper do dia, arreiou dez mulas com caixões e saccos, tocou-as para o matto, e, chegado defronte do rochedo, que Ali-Babá lhe havia tão bem descripto que não podia errar, exclamou:

— Sesamo! Sesamo! abre-te!

Obedeceu a porta ao mando, e, cégo de cobiça, Kasim arrojou-se á caverna, sem notar que a entrada se tornára a fechar por detrás d'elle. Só tinha olhos

MIL E UMA NOITES.

para os thesouros que o rodeiavão, e sentio-se deslumbrado pelo brilho que despedião. Por fim, procedeu á escolha; com grande hesitação e profundo pezar de não poder levar tudo de uma vez, apartou uma bôa carga para as suas mulas, e quiz ir buscar os animaes. Mas deu com a porta fechada, e tamanho susto levou, que se lhe varreu da memoria a fórmula magica; emquanto que o terror lhe fazia brotar da testa grossas bagas de suor, pôz-se a gritar os nomes os mais extravagantes; mas a porta permaneceu fechada. Cada vez mais se lhe embaralhavão as idéas; bradou, berrou, cobrio de injurias a perra porta, e deu de ponta-pés aos thesouros que o rodeiavão. Investio contra o rochedo com as unhas, até correr o sangue, mas tudo foi em vão, e por fim cahio ao chão, fulminado pelo desespero.

Emquanto que isto se passava na caverna, os salteadores vinhão de volta de uma das suas excursões lucrativas. Já de longe avistárão as dez mulas que pastavão pacificamente no matto, e, postos de sobreaviso, derão de acicates aos ginetes, e, em um instante, alcançárão o rochedo. Apeiou-se o capitão do bando e gritou:

— Sesamo! Sesamo! abre-te!

Mal a porta havia obedecido ao mando, quando Kasim despertado pelo tropel da chegada dos bandidos, se atirou ao capitão, derribou-o, e tratou de fugir.

Mas, apenas havia dado alguns saltos, já cahia

ALI-BABÁ E OS QUARENTA SALTEADORES.

morto, com a cabeça aberta pelo alfange de um dos salteadores. O bandido arrastou o cadaver para a entrada da gruta e arrojou-o aos pés do capitão.

Este perdeu-se em conjecturas sobre os meios empregados por Kasim para penetrar na caverna. Que viera para roubar, não havia duvida; os saccos e os thesouros apartados o demonstravão irrefutavelmente. Não podendo dar, porém, com a chave do enigma, quiz vingar-se e amedrontar qualquer novo visitante; mandou esquartejar o corpo de Kasim, e pendurou dous quartos de cada lado da entrada no interior da gruta. Em seguida resolveu deixar por algum tempo esta região, e partio a bom correr com os companheiros.

Durante este tempo a mulher de Kasim aguardava, cheia de cuidados, a volta de seu marido. Mas quando, ao cahir da noite, o homem não appareceu, ella correu á casa do cunhado; soluçando e derramando muitas lagrimas, confessou que Kasim havia partido para a caverna, e que devia ter cahido victima de alguma desgraça, visto que não voltára ainda.

Tratou Ali-Babá de tranquilliza-la:

— Até meia noite não ha motivos para susto. Kasim, com medo de trahir o segredo, terá esperado a escuridão para encetar a volta. Deita-te e espera.

A mulher achou razoavel esta observação, e foi-se mais socegada. Mas quando chegou a meia-noite sem trazer-lhe o marido, voltou á casa de Ali-Babá, e tanto chorou, tanto fez, que este se pôz a caminho com os

MIL E UMA NOITES.

seus tres burrinhos em busca do irmão. Pela estrada nenhum indicio encontrou, nem de Kasim, nem das dez mulas; mas, diante da entrada da gruta vio manchas de sangue, e principiou a suspeitar da sorte do irmão. Atou seus tres burras a um páo, e exclamou:

— Sesamo! Sesamo! abre-te!

E quando a porta cedeu ao mando, Ali-Babá vio logo os quartos do cadaver.

— Desgraçado! — exclamou commovido; — assim a tua cobiça te custou a vida!

E grossas lagrimas lhe corrêrão pelas faces.

Dominando, porém, a sua agitação, dependurou os quartos do cadaver, e deitou-os nas cêstas de um dos burros; aos dous outros deu bôa carga de ouro, cobrio tudo com ramos seccos e gritou:

— Sesamo, Sesamo, fecha-te! e em seguida escondeu-se com os seus animaes nas brenhas, até que a escuridão lhe permittio voltar á cidade sem despertar curiosidade. Tocou os dous burros com os sequins para o seu pateo, ordenando á mulher que os descarregasse, e depois conduzio o cadaver de Kasim á porta da viuva, onde lhe deu entrada Morgana, escrava de espirito vivo e perspicaz, na qual Ali-Babá depositava toda a confiança.

— Eis ahi neste burro, — disse elle a Morgana, — o cadaver de teu senhor; e taes são as circumstancias, que é mister seja enterrado sem que se possa suspeitar que Kasim morreu de morte violenta. Depende

ALI-BABÁ E OS QUARENTA SALTEADORES.

disto a tranquillidade de tua senhora, e a minha propria. Por emquanto só te peço a mais completa discrição.

Fechou Morgana a porta do pateo, e levou Ali-Babá á presença de sua senhora, onde conheceu a escrava esperta todos os pormenores da aventura. Desatou a viuva em grandes soluços e profundas lamentações, quando soube do triste fim que havia levado seu marido, e muito trabalho teve Morgana para aplacar a dôr de sua senhora. Em seguida desenvolveu um plano tão bem urdido, que sua execução não podia deixar o menor vestigio para os salteadores, cuja vingança Ali-Babá temia, nem despertar a minima suspeita no animo dos vizinhos, de modo que logo obteve a sanção da viuva e de Ali-Babá.

Correu Morgana, em primeiro logar, á casa de um boticario, onde, com grande espalhafato e soluços copiosos, pediu remedios que só se dão a doentes prestes a expirar, dizendo ao boticario que o seu senhor adoecêra repentinamente, e que muito se temia que não passaria a noite.

No dia seguinte repetio este ardil mais de dez vezes, mostrando-se sempre mais afflicta e pedindo cada vez remedios mais energicos. Preparado assim animo do boticario, não se admirou este quando na manhã subsequente soube que Kasim, o ricasso, havia morrido, e nem os vizinhos repararão, porque estes bem havião notado os desolados vai-e-vens de Morgana

e de Ali-Babá. Assim todos pensarão que Kasim havia exhalado a alma em sua cama.

Para coroar, porém, a obra, Morgana havia inventado ainda outra cousa. Foi ao alpendre de um remendão, situado á bôa distancia da casa de Kasim. Conhecia Babá Mustaphá, o remendão, como bôa alma, trabalhador, honesto e jovial, e a elle quiz confiar a operação final, indispensavel para garantir o bom exito do seu plano.

Saudou-o com um sorriso, deu-lhe as pontas dos dedos a apertar, e deixou cahir-lhe na mão um sequim.

— Pela barba do Propheta, — disse Mustaphá, — eis aqui uma bella-introduccão. Que quer de mim, formosa rapariga? Diga já, que estou prompto para tudo.

— Babá Mustaphá, levanta-te e vem commigo, trazendo as tuas ferramentas. No que de ti quero não ha maldade, comtudo, has de permittir que te ate os olhos, e jurar que nada revelarás do que em breve verás e has de fazer.

Estranhou Mustaphá estas palavras; mas, como vinhão acompanhadas de outro sequim, perguntou:

— Não póde lesar-me a consciencia o que de mim exiges?

— De modo algum, — respondeu Morgana.

— Está bem, — disse o remendão; — ata-me a venda e guia-me.

Morgana puxou de um lenço, tapou os olhos de

ALI-BABÁ E OS QUARENTA SALTEADORES.

Mustaphá, e guiou-o, e com tanta felicidade que nem viva alma encontrarão pelas ruas. Era, porém, Mustaphá tão ardiloso como Morgana, e cogitára no meio de reconhecer mais tarde a casa para a qual o guiavão. Notou em primeiro lugar a direcção que Morgana tomára do seu alpendre; contou em seguida todos os passos e até as voltas para a direita e esquerda, gravando as observações na memoria, que a tinha excellente. Quando chegou á porta de Kasim, podia prestar um juramento que ainda ao cabo de dez annos seria capaz de reconhecer a habitação.

Morgana, que nem por sonhos suspeitava da astucia de Mustaphá, conduzio-o ao aposento onde achava-se o cadaver de Kasim, cuja cara estava coberta com um sudario, e tirou a venda dos olhos do remendão, dizendo-lhe:

— Cose-me sem demora estes quatro pedaços, de modo que formem um só corpo. Eis a tua tarefa, que te será bem remunerada.

Mustaphá, passado o primeiro momento de surpresa, pôz-se a coser com tanta pericia que em breve deu conta da incumbencia.

Então Morgana tornou a vender-lhe os olhos, reconduzio-o ao seu alpendre, e deu-lhe mais dez sequins, recommendando-lhe novamente silencio e discrição.

Prometteu Mustaphá ser discreto, e Morgana voltou contente á casa, arrumou o corpo de Kasim no caixão, e tão, bem disfarçou as costuras com as

MIL E UMA NOITES.

vestiduras, que ninguem podia suspeitar que o sobre do homem fôra sepultado em estado de triste remendo.

Pouco depois morreu a viuva de Kasim, e Ali-Babá, herdando todos os haveres de sua defunta irmã, passou-se com a sua mulher para a casa herdada, e julgou-se ao abrigo da vingança dos salteadores, porque Morgana, unica sabedora do segredo, vivia em sua companhia, tratada com carinho, segundo merecia como bôa e fiel servidora.

Entretanto havia-se passado o tempo, pelo qual os salteadores se tinham interdito a frequentação da caverna, e chegarão um bello dia diante do rochedo, que, como de costume, ao mando do capitão se abriu.

Grande susto tiverão quando notárão o dessapparecimento dos quartos do cadaver de Kasim, e de grande parte dos seus thesouros.

— Camaradas, — disse por fim o capitão, — é evidente que fômos roubados. Não me posso explicar o facto, mas é mister que descubramos o ladrão malvado. Talvez more na cidade; vamos tirar a sorte, para decidir a quem toca primeiro ir ás informações.

Sahio das fileiras um dos bandidos e disse:

— Quero ser eu quem principie as indagações.

— Bem, — disse o capitão; — aceito, porque és valente e astuto. Mas lembra-te que irremissivelmente morrerás se não lebares a incumbencia a um fim satisfactorio.

ALI-BABÁ E OS QUARENTA SALTEADORES.

— Valeu! — disse o salteador.

Montou a cavallo e foi ter á cidade; a primeira pessoa com quem se encontrou no mercado foi Mustaphá, o remendão, sentado debaixo do seu alpendre a trabalhar, enquanto que os outros habitantes da cidade ainda dormião.

— Olá, velho, — disse o salteador, — já tão cedo a trabalhar? Aposto que estes velhos luzeiros mal podem distinguir no lusco-fusco da madrugada os pontos que dás!

— Está arranjado, — replicou Mustaphá. — Quem como eu já cozeu um cadaver á luz de uma lampada, brincando remenda estes sapatos velhos.

Estacou o salteador, pensando:

— Que pechincha, dei com o meu homem.

Para certificar-se, porém, accrescentou em voz alta:

— Provavelmente queres fallar do sudario, porque nunca ouvi que se cozesses cadaveres.

— Que sudario! sei o que digo; mas não perguntes mais, porque nada mais direi.

Bastou isto para firmar o salteador em sua supposição. Offereceu a Mustaphá um sequim em troca do seu segredo; muito deu a moeda de ouro nos olhos do remendão, mas lembrou-se este do seu juramento, e calou-se, enquanto que o salteador foi offerecendo dous, tres, dez, até vinte sequins.

— Sou um pobre diabo, — disse então Mustaphá, — que em annos não póde ganhar tanto ouro com o

MIL E UMA NOITES.

seu trabalho; contudo não te direi o que jurei calar. Se, porém, me dás os sequins para eu mostrar-te a casa onde remendei o defunto, irei contigo.

Cheio de alegria, o salteador deu os vinte sequins, e guiou pelo braço a Mustaphá, depois de haver-lhe vendado os olhos. Passo a passo, o velho procurou o seu caminho, e com tanto acerto que parou defronte da porta de Ali-Babá, e disse:

— Tira-me o lenço, que estamos chegados

E indagou o salteador quem morava na casa; mas, como Mustaphá não o soube dizer, despêdio o remendão, puxou de um pedaço de giz e marcou a porta de Ali-Babá com uma cruz. Em seguida sahio da cidade, montou no cavallo, que havia escondido nas brenhas, e correu à caverna a contar ao capitão o bom exito que tivera.

Grande alegria houve na gruta, porque os salteadores julgárão ganha a partida. Mas outro foi o resultado.

Meia hora depois da retirada do salteador, Morgana havia sahido com uma cestinha no braço para ir fazer compras. Na volta notára a cruz que o salteador havia feito na porta; achou estranha a cousa, e, pelo sim, pelo não, pegando em um pedaço de giz, fez cruces iguaes em sete ou oito portas da vizinhança.

Quando na noite seguinte chegarão os bandidos dispostos a tirar vingança dos habitantes da casa marcada, encontrarão uma porção de casas assignaladas, e tiverão de retirar-se com cara de tolos. Enfu-

ALI-BABÁ E OS QUARENTA SALTEADORES.

receu-se o capitão, e, sem admittir explicações do emissario, cortou-lhe a cabeça.

E, reunidos em conselho, os salteadores deliberarão o que havia a fazer, porque para elles era importante descobrir e castigar o intruso. Um do bando offereceu-se a partir, em nome de Allah, ainda que lhe custasse a vida.

Correu-lhe tudo como ao primeiro: mas, em lugar de servir-se de giz, marcou a porta com tinta encarnada e voltou á caverna a referir o resultado de sua commissão.

Morgana, porém, ao voltar do mercado, notou logo a marca, e desconfiou devéras.

— Ai, ai! — disse ella, — parece que estão tramando alguma cousa contra o meu bom senhor Ali-Babá. Cuidado, pois, muito cuidado!

E, munindo-se de tinta encarnada, marcou, como da primeira vez, sete ou oito portas da vizinhança. Entretanto não communicou a sua desconfiança a ninguem, para não inquietar Ali-Babá, promettendo-se exercer fiel vigilancia.

Ficarão novamente logrados os salteadores quando, na noite seguinte, chegarão e acharão marcadas tantas casas, e grande foi o pezar quando rolou ao chão a cabeça do segundo emissario; mas ninguem atreveu-se a reclamar, porque sabião respeitar a lei que os governava. O capitão, porém, disse:

— Neste andar, em breve perderemos a metade

MIL E UMA NOITES.

dos nossos camaradas. Vocês são todos valentes; mas, quanto á astucia, não ha motivo para gaba-los. Desta vez irei eu, e, se me falhar, tambem cahirá a minha cabeça debaixo do alfange.

Protestarão os salteadores, mas foi em vão; o capitão, partito, encontrou Mustaphá, e, guiado por elle, deu com a casa de Ali-Babá. Em logar, porém, de fazer-lhe um signal, contou as janellas que davão para a rua, estudou detidamente toda a architectura, e retirou-se, certo de reconhecer a casa. Chegado á gruta, encarregou os salteadores de adquirir dezenove machos bem robustos, promettendo-lhes o melhor exito do seu plano.

Passados alguns dias, ao cahir da tarde, um negociante de azeite entrou na cidade com dezenove machos, cada um carregado de dous odres de azeite, e dirigio-se directamente á casa de Ali-Babá.

Achava-se este na porta tomando fresco, quando vio-se interpellado pelo mercador:

— Senhor, — disse este, — venho de longe com a minha carga de azeite, que pretendo vender nesta cidade. Não conheço ninguem aqui, e estou muito cansado. Assim, peço me conceda hospitalidade para mim e meus animaes; qualquer logarzinho me serve.

Bondoso como era, Ali-Babá, respondeu logo:

— Seja bem vindo, e entre sem mais preambulos.

E deu ordem á Morgana de abrir o portão, e de preparar no pateo um descanso para os machos; e

ALI-BABÁ E OS QUARENTA SALTEADORES.

quando estes se acháram arrumados, Ali-Babá levou o hospede ao seu aposento, e servio-lhe de comer com grande amabilidade. Quiz o mercador, depois da refeição, retirar-se á quadra para pernoitar perto dos seus animaes; mas Ali-Babá não o permittio, mandando-o levar por Morgana a um quarto onde se achava preparada uma bôa cama. Teve de ceder o hospede, para não despertar suspeitas; mas o fez maldizendo a hospitalidade de Ali-Babá, porque o mercador não era outro senão o capitão dos salteadores, e dos trinta e oito odres só um continha azeite; nos outros estavam escondidos os trinta e sete bandidos, tão bem, que ninguem podia suspeitar a sua presença.

Consistia o plano do capitão em que alta noite os salteadores sahisses dos odres, penetrassem na casa, e matassem todos os habitantes da mesma. Bem urdida estava a cousa, e de certo teria dado o resultado calculado, se um feliz acaso não tivesse feito Morgana sabedora do segredo.

Quando a escrava quiz conduzir o hospede ao quarto que lhe era destinado, disse este que queria antes de dormir visitar os seus animaes, e desceu ao pateo.

Durante a sua ausencia, Ali-Babá disse á Morgana:

— Quero tomar um banho amanhã de manhã; prepara, pois, a roupa e um bom caldo para o meu almoço.

E foi-se a dormir, sem ter o menor presentimento da tormenta que se lhe amontoava sobre a cabeça.

MIL E UMA NOITES.

O capitão, entretanto, havia descido ao pateo, e, correndo de odre a odre, disse aos bandidos:

— Tenho de dormir na casa. Quando tudo estiver descansado atirarei umas pedrinhas da minha janella. Cortem então o odre com a faca, e saião; eu logo apparecerei. Até breve.

Embora estivessem em posição bem incommoda, os salteadores estavam tão sedentos de vingança, que promettêrão aturar até o momento marcado, e o capitão retirou-se ao seu quarto, e em breve reinou silencio profundo na casa, apagando-se todas as luzes, mesmo a do capitão de salteadores. Este, porém, não pôde dormir, aguardando com impaciencia a meia noite, como o tigre aguarda a hora da carniça.

Morgana, antes de deitar-se, lembrou-se das ordens de Ali-Babá.

Preparou a roupa de banho, e poz a panella ao fogo para fazer o caldo. Chamou o pagem de seu senhor e lhe disse:

— Eis ahi a roupa do banho para o senhor, que pódes levar. Conversemos, porém, ainda um pouco, enquanto preparo o caldo.

Quando estava atijando o fogo e escumando a panella, apagou-se de repente a lampada por falta de azeite.

— E esta! — disse Morgana, — no escuro não posso escumar o caldo, e não ha mais azeite em casa.

— Por que não vais ao pateo, — respondeu

ALI-BABÁ E OS QUARENTA SALTEADORES.

Abdallah, tirar azeite de um dos odres? A bagatela do que precisas não ha de empobrecer o mercador.

— Tens razão, — disse Morgana.

Tomou uma caneca e sahio ao pateo. Quando estava ao pe do primeiro odre e quiz fura-lo, ouviu perguntar o salteador:

— Já são horas?

O primeiro impeto de Morgana, ao ouvir a voz de um homem sahir do odre em que julgava encontrar azeite, foi de gritar por socorro.

Rapidamente, porém, recobrou animo, e disse baixinho:

— Ainda não. Espera mais um pouco.

E correu todos os odres, dando a todas as vozes a mesma resposta, até que no ultimo encontrou azeite; encheu a caneca, e voltou para a cozinha, onde immediatamente acendeu a lampada.

Notou Abdallah a grande perturbação de Morgana, e disse:

— Que tens, Morgana, que estás pallida como uma defunta?

Então Morgana contou-lhe como descobrira trinta e sete salteadores que aguardavão o momento para assassinar toda a gente da casa.

Abdallah, que era forte e robusto, opinou que devião principiar por apoderar-se do capitão.

— Não, — disse Morgana, — primeiro é mister inutilizar os bandidos; depois o outro não nos escapará

MIL E UMA NOITES.

Anda ligeiro, enche esta panella com o azeite que está no odre e faremos ferve-lo em um bom fogo. Anda, avia-te!

Em um instante arrumárão a panella no fogo; o azeite principiou a ferver e chiar até chegar ao ponto desejado por Morgana.

— Agora, — disse esta, — pega aqui deste lado, que eu pegarei do outro.

E levárão o azeite fervendo ao pateo. Enchendo então um grande vaso com azeite quente, ella foi de odre a odre derramando dentro o sufficiente para asphyxiar e matar o salteador escondido. Abdallah acompanhava a com a panella, e assim proseguirão até que o ultimo bandido exhalára a vida perversa.

Então a escrava valente voltou com Abdallah á cozinha e disse:

— Vámos agora apagar o fogo e a lampada, e aguardar o que fará o capitão. Provavelmente, quando vir tudo ás escuras, descera ao pateo a soltar os seus companheiros. Então cahirás em cima delle e o matarás, sim?

— Elle que venha! — disse Abdallah cerrando os punhos possantes.

E puzerão-se a escutar em silencio.

Meia hora depois, o capitão deixou a cama, e, julgando todos de casa adormecidos, abriu a janella e pôz-se a atirar pedrinhas ao pateo. Bem percebeu que varias pedras tocavão os odres, mas os bandidos não se mexião. Apoderou-se então séria apprehensão do

ALI-BABÁ E OS QUARENTA SALTEADORES.

capitão e desceu sem ruído ao pateo. Ao approximar-se, porém, do primeiro odre, sentio-se enleiado por dous braços de ferro e uma voz formidavel bradou-lhe ao ouvido:

— É agora que vais pagar as tuas maldades, e nunca mais incomodarás a meu bom senhor.

E, com o coração atravessado pelo punhal certoiro de Abdallah, cahio o capitão dos bandidos morto ao chão.

Assim, uma debil escrava, com o auxilio de um unico homem, deu cabo de trinta e oito salteadores robustos e affeitos ás armas.

No dia seguinte, Morgana levou seu senhor ao pateo e disse:

— Vê se descobres alguma cousa notavel neste odre. Ali-Babá olhou, e, quando avistou um cadaver meio queimado, recuou aterrado:

— O que é isto, por amor de Deus?

— Oh! este não te prejudicará mais, nem um só dos trinta e seis que se achão nos outros odres.

Mas onde está o dono do carregamento, o mercador? — exclamou Ali-Babá sempre mais agitado.

Levou Morgana seu senhor á cozinha, onde Abdallah guardava o cadaver do capitão, e Ali-Babá reconheceu então o mandante dos salteadores da gruta.

Tendo, além disto, ouvido toda a narração de Morgana, desde a descoberta das cruzes na porta até ao exterminio dos bandidos, Ali-Babá disse enternecido:

— Nunca na vida poderei pagar-te, Morgana, nem a ti Abdallah, o que por mim fizerão. Aos meus

MIL E UMA NOITES.

braços, como filhos da casa que tão fiel e valentemente souberão proteger!

E soluços lhe suffocárão a voz.

Serenando, porém, pouco a pouco, lembrou-se do perigo que corrião, se os cadaveres dos salteadores fôsem descobertos.

— Nunca poderíamos provar que erão bandidos, e cahiriamos em horrivel desgraça. Façamo-los, pois, desapparecer.

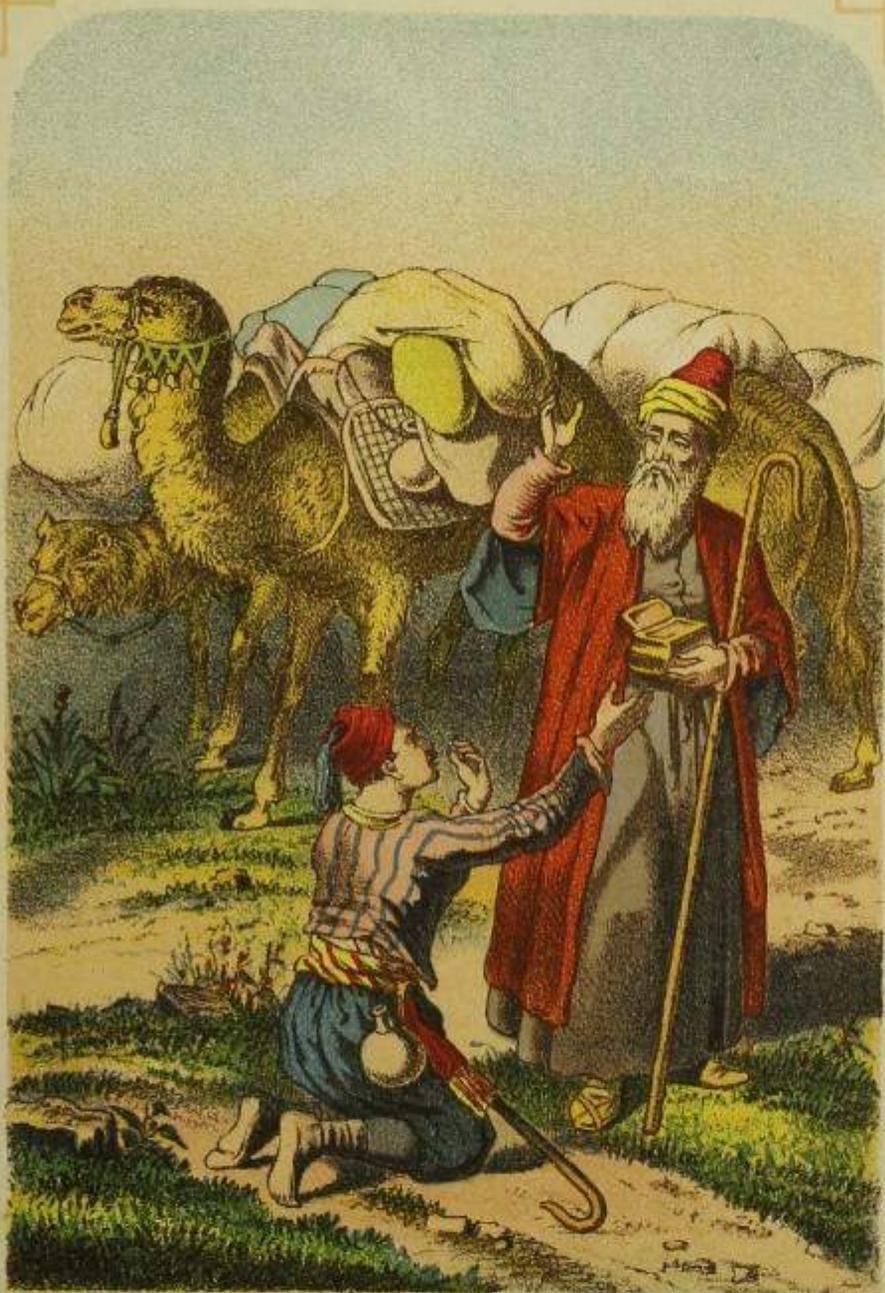
E Ali-Babá e Abdallah cavárão profundas sepulturas no quintal, e enterrárão os trinta e oito cadaveres, que não deixarão saudades a ninguem. Os machos fôrão levados um por um para fóra da cidade e vendidos a mercadores ambulantes.

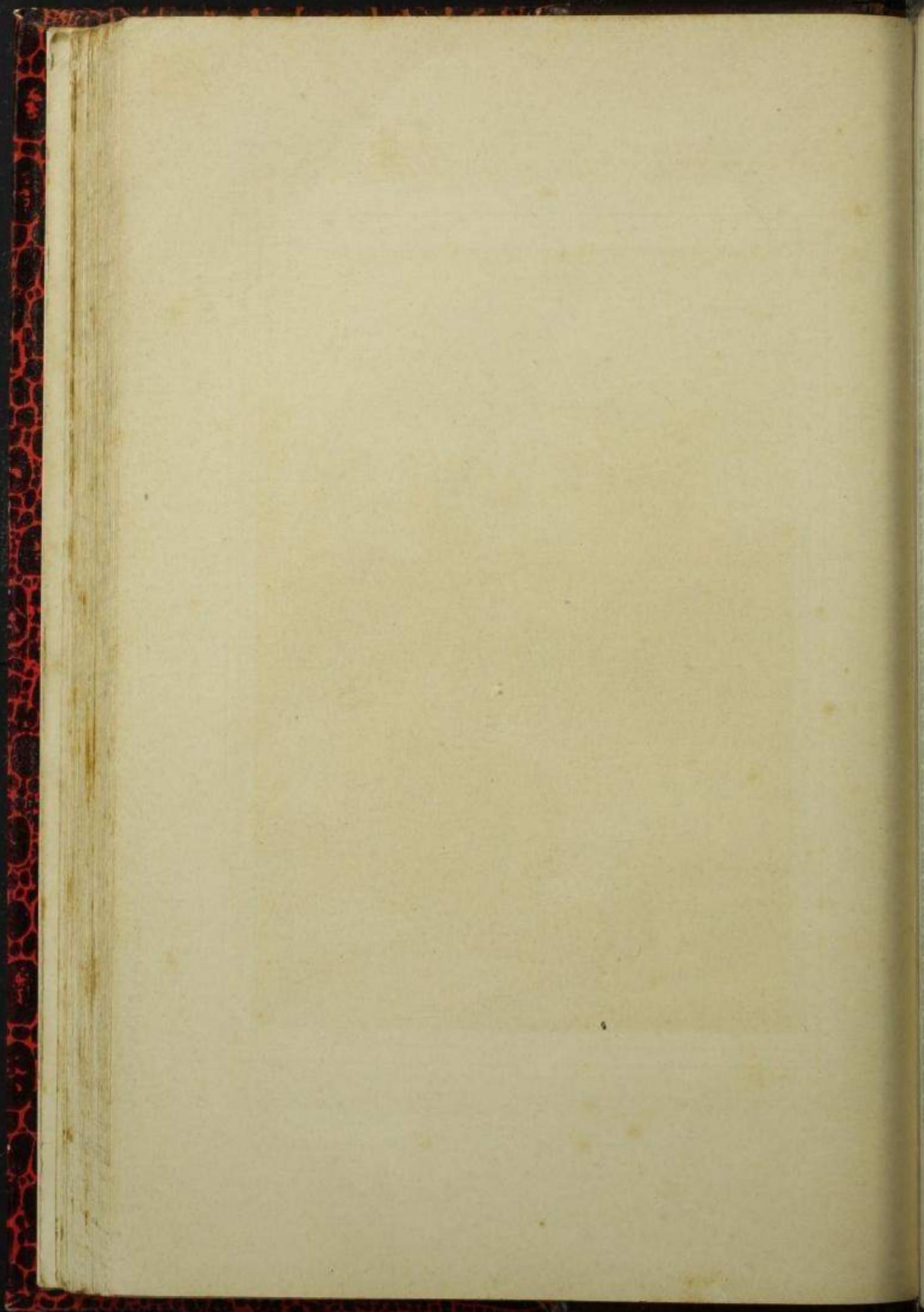
Ali-Babá viveu ainda muito tempo afagado pelos seus filhos adoptivos, e por testamento deixou-lhes todos os thesouros da gruta, cujo segredo lhes revelou no leito da morte.

Depois de chorarem abundantemente o seu bemfeitor, Morgana e Abdallah casárão-se, vivendo felizes e em abundancia, e fazendo muitos beneficios aos necessitados; e quando o dinheiro escasseava, Abdallah montava a cavallo, procurava o rochedo e dizia:

— Sesamo, Sesamo, abre-te!

E a porta obedecia e Abdallah refazia-se de fundos, servindo assim o dinheiro dos bandidos para cimentar a felicidade de dous nobres corações e alliviar a miseria de muitos pobres e infelizes.





HARUN AL RASCHID E ABDALLAH.



IZEM as chronicas que o sabio califa Harun al Raschid, isto é, o justo, punha o seu maior prazer em promover o bem-estar do seu povo, e cuidava constantemente da prosperidade do seu reino.

Não ignorava o bom monarcha que os administradores e empregados nem sempre cumprem religiosamente com o seu dever, quando se julgão isentos de fiscalização, e por este motivo o califa frequentemente se disfarçava, mettia-se entre o povo, ouvia-lhe as conversas e queixas, e quando descobria alguma irregu-

MIL E UMA NOITES.

laridade, mandava prender immediatamente o culpado e o castigava severa e justamente. E o povo o amava sinceramente. Muitas vezes tambem Harun ouvia historias extraordinarias.

Uma noite que havia sahido com o seu grão-vizir Giafar, e percorria disfarçado as ruas de Bagdad, o Sultão ouviu uma voz plangente que dizia assim:

— Quem quer que sejas, tu que passas, tem dó de um pobre cégo e dá uma esmola.

Harun puxou de um sequim, deu-o a Giafar para entrega-lo ao cégo.

O ministro obedeceu e o cégo agradeceu, dizendo:

— Completa agora o beneficio e dá-me uma bofetada!

Rio-se o vizir, pensando que o cégo estava gracejando, e quiz seguir o Sultão, que havia dado alguns passos. O cégo, porém, reiterou o seu pedido, até que o ministro de leve lhe roçou a cara com a mão. Pareceu-lhe, porém, tão extraordinaria a supplica do pobre, que a referio ao califa. Este sentio curiosidade de conhecer o motivo de tão estranho pedido, e ordenou a Giafar que conduzisse o cégo ao palacio. Obedeceu o ministro, e, levado o mendigo á presença de Harun, este lhe disse:

— Não tenhas medo, que ninguem te molestará: conta-me tua historia para que eu possa comprehender porque pedes ser esbofetado.

— Ah! — respondeu o cégo, — é uma penitencia.

HARUN AL RASCHID E ABDALLAH.

que eu mesmo me impuz para castigar-me de indomita cubiça. Ouve, e verás que ainda é diminuto o castigo.

Quando meu pai morreu, era eu um mancebo de dezoito annos, de poucos haveres, mas robusto e amante do trabalho, herança do meu progenitor. Com o mingoado patrimonio, comprei algumas fazendas, que levei a varias cidades onde tinham bom valor.

Sorrio-me a sorte, e em pouco tempo cheguei a possuir oitenta camelos, com os quaes fazia as minhas jornadas. Um dia, tocando diante de mim os meus animaes, que ião descarregados, alcancei um sitio fresco e aprazivel do deserto, onde descansei á sombra de platanos e palmeiras. Dahi a pouco appareceu um dervis que sentou-se ao meu lado. Entrou a conversar commigo, e depois de longa pratica, disse-me:

— Sympathizei contigo e quero enriquecer-te de modo que nenhum soberano da terra te exceda. Não longe daqui ha um palacio subterraneo, cujas salas estão cheias de ouro, prata e pedras preciosas. Abre-se este palacio ao meu mando, e como não preciso de riquezas, nem tenho animal para transporta-las, dar-te-hei tantas, quantas os teus oitenta camelos possam levar.

Louco de alegria, atirei-me aos pés do dervis, beijei a orla de sua vestidura e agradeci-lhe do fundo da alma. Deixei arrastar-me pelo entusiasmo e offereci-lhe um camelo, com todos os thesouros que pudesse transportar, sem lembrar-me que este offerecimento era

MIL E UMA NOITES.

summamente ridiculo, comparado com a offerta esplendida que o santo homem acabava de fazer-me. Havia nascido a cubiça como um gigante em meu coração, e mal soltei a palavra, já me arrependi, porque me parecia que os setenta e nove camelos restantes não valião tanto como o unico que acabava de prometter. O bom do dervis bem o comprehendeu, e, para infligir-me um pequeno castigo, disse:

— Enganas-te, amigo, se pensas que vou contentar-me com *um* camelo. Basta que te deixe quarenta; os outros quarenta serão para mim.

Assustado com esta decisão, puz-me a rogar: fiz vêr ao dervis que elle não carecia de riquezas, que sempre o palacio estava á sua disposição, que devia deixar-me uma ventura completa, para que eterna fôsse a minha gratidão. Mas o dervis, para castigar-me, manteve-se firme. Tive que resignar-me, porque, por fim, estava nas mãos do homem o negar-me tudo. Atrellei os meus camelos e montámos dous dos melhores, porque tremia de impaciencia por entrar no gozo dos thesouros promettidos.

Em poucas horas alcançámos um valle estreito, onde se erguia um paredão, ingreme e de altura vertiginosa. Parámos, e o dervis, puxando de uma vara que trazia escondida na vestidura, encaminhou-se ao paredão, bateu tres vezes na pedra e exclamou:

— Genio da vara, abre-me a porta do rochedo!
Passou pelos ares um susurro violento como quando

HARUN AL RASCHID E ABDALLAH.

a refrega sacode a copa das arvores, e com horrivel estrondo abrio-se o rochedo, patenteando-se aos nossos olhos larga entrada.

— Passa sem susto, — disse o dervis.

E entrou. Segui-lhe tremulo os passos, e vi obra gigantesca como não póde existir outra igual. Erguia-se diante de nós um palacio immenso com torres e paredões altissimos, tudo cortado no rochedo de um só pedaço. Era manufactura dos genios subterraneos, como me affirmou o dervis.

Penetrámos em uma sala mui vasta, e fiquei deslumbrado das riquezas que ali se achavão amontoadas. Ardendo em cubiça, atirei-me aos montões de ouro e enchi todas as algibeiras com as preciosas moedas. Ao cabo de um momento, me disse o dervis:

— Cega-te a tua cubiça. Que vale aquelle ouro comparado com estas pedras finas? É com ellas que debes carregar os teus camelos.

Compreendi a observação do dervis, e, trazendo grandes bolsas de carregar fazendas, enchi-as de diamantes, saphyras e outras pedras preciosas, lançando a um lado o ouro, como se fôsse vil cascalho. Trabalhei, trabalhei, que o suor em bagas me inundava a fronte, e bem depressa os oitenta camelos se achavão tão carregados, que gemião sob o peso, e comtudo ainda sobejavão tantas riquezas, que nem sequer se notava a falta das oitenta cargas.

MIL E UMA NOITES.

No momento de partir, o dervis encaminhou-se para um vaso azul, do qual subtrahio uma pequena boceta de páo, que escondeu na vestidura.

Apenas haviamos transposto o limiar do palacio maravilhoso, fecharão-se os rochedos hermeticamente e o dervis disse:

— Escolhe, Abdallah, os quarenta camelos, e segue para o oriente; quanto a mim, partirei na direcção do occidente.

Com tanta seriedade foi proferida esta ordem, que não me atrevi a fazer objecção alguma; apartei quarenta camelos, despedi-me do dervis e toquei para o oriente.

Apenas havia dado cem passos, voltei a cabeça e segui com a vista o dervis que se afastava com os meus camelos. Vi que a grande custo tocava os animaes, e tomei esta circumstancia por pretexto de alcança-lo e pedir-lhe que me cedesse mais alguns camelos.

— Meu santo protector, — disse-lhe eu, — muito trabalho lhe darão todos estes animaes para conduzi-los; dê-me mais dez, e a sua tarefa diminuirá.

Sorriu-se o dervis, respondeu:

— Tens razão, Abdallah, escolhe mais dez.

Com grande satisfação aproveitei-me da autorização do dervis, agradei e retirei-me, emquanto que o dervis seguiu o seu caminho.

Tendo alcançado os meus camelos, zanguei-me no-

HARUN AL RASCHID E ABDALLAH.

vamente, pois que a alegria causada pelo accrescimo de riqueza fôra turbado pela reflexão de que deveria ter pedido maior numero de animaes.

Lembrei-me da condescendencia do dervis, e resolvi voltar ainda uma vez á carga. Como o santo varão não andasse longe, ouviu os meus clamores, parou e deu-me outros dez camelos, sem saciar comtudo a minha cubiça, pois que não descancei emquanto não obtive os vinte restantes.

E agora, poderoso Sultão, talvez penses que me dei por satisfeito com os oitenta camelos carregados com as mais preciosas joias? Era tal a minha riqueza que com ella poderia ter comprado todos os reinos da terra . . .

Mas, ai de mim! cubiçava ainda a posse da bocetinha de páo que o homem tirára do vaso azul.

Ainda uma vez segui os passos do dervis, prostrei-me diante d'elle e lhe disse com lagrimas amargas:

— Oh! meu bemfeitor, não posso deixar-te partir sem conhecer o segredo da bocetinha que escondeste em tua vestidura; sem duvida alguma é o mais precioso thesouro do mundo, e é absolutamente mister que me satisfaças.

Ao ouvir estas palavras, negra nuvem de pezar inundou a testa do dervis.

— Desgraçado! — exclamou, — não peças a tua perdição! Tornei-te o mortal mais rico do mundo, e

MIL E UMA NOITES.

te mostras tão ingrato querendo arrebatarme a ultima posse? Retira-te, e que nunca mais te veja!

E deu-me as costas.

Ah! quem me dera haver-lhe obedecido!

Louco, porém, de cubiça, pedi, supliquei, solucei, até que por fim o dervis puxou da caixinha, e, abrindo-a, mostrou-me que não continha senão um simples unguento pardo.

— Estás vendo, — disse elle, — apenas é um unguento para os olhos.

Eu, porém, não dei credito ás suas palavras, e bradei que o mataria se não me revelasse as virtudes secretas do unguento.

— Seja feita a tua vontade, — disse o dervis, — mas não te queixes! Esfregando um pouco deste unguento na palpebra esquerda, apparecem todos os thesouros do mundo, quer escondidos no seio da terra, quer sepultados no fundo do mar; esfregando, porém, com o unguento a palpebra direita, cegueira eterna fere a vista, toldando para sempre o esplendor do sol, o meigo brilho das estrellas.

Apenas havia ouvido estas palavras, pedi ao dervis que me ungissem a palpebra esquerda, e tendo elle obedecido, revelarão-se por todos os lados, aos meus olhos deslumbrados, thesouros indescriptiveis, incalculaveis.

E, comtudo, duvidei ainda da sinceridade do dervis, e, persuadido de que o unguento estendido na palpebra

HARUN AL RASCHID E ABDALLAH.

direita dava a posse de todas as riquezas que havia visto, obriguei quasi o santo varão a ungir-me a vista direita. Bastante resistio elle... mas, por fim, teve de ceder aos meus impetos... e cegueira eterna me ferio os olhos. Castigo horrivel, mas justo, da minha ingratição e cubiça! Suppliquei ao dervis que tivesse pena de mim, que pelo menos me conduzisse para fóra do deserto; mas elle não me ouviu: juntou os camelos e deixou-me só. Muito tempo escutei o tropel dos animaes que ia enfraquecendo, até que se perdeu na immensidade arenosa.

E eu estava só, abandonado no deserto sem fim, sem viveres, entregue aos remorsos, porque não podia desconhecer a minha culpabilidade. Fiz então a promessa de que, no caso de ser salvo, pediria a qualquer transeunte que me dêsse uma bofetada para castigar-me.

E fui recolhido, moribundo, por uma caravana, que me conduzio a Bagdad.

Despido de todas as minhas riquezas, impossibilitado de trabalhar, tive de implorar a caridade publica; sorte cruel para quem havia possuido tantos thesouros. E mendigo me encontraste, oh! grande Sultão, nas ruas de tua capital, e dignaste-te ouvir a narração das minhas bem merecidas desgraças.»

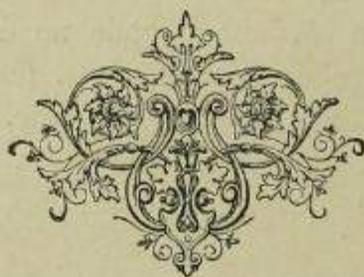
Tendo-se calado o cégo, disse o califa:

— Bem pagaste, Abdallah, os teus delictos. Des-obrigo-te da tua promessa, e não quero que continues

MIL E UMA NOITES.

a mendigar: d'ora em diante viverás no meu palacio, e terás um guia quando quizeres passeiar. Não me agradeças, porque soffreste e fizeste penitencia. A paz esteja contigo!

Assim fallou o nobre Harun al Raschid, e assim se fez; e Abdallah viveu ainda muito tempo, abençoando o seu bomfeitor.



AS TRES IRMÃS.



FMITANDO o procedimento do sabio califa Harun al Raschid, um Sultão da Persia, chamado Cosruh-Shah, costumava percorrer disfarçado as ruas da sua capital em companhia do seu primeiro ministro, para certificar-se de que as rodas de sua machina governativa funcionavão bem, o que muito contribuia para que todos os empregados, que sabião do procedimento do Sultão, cumprissem fielmente com o seu dever.

Uma tarde, ao cahir da noite, achave-se o Sultão em um bairro habitado por gente miuda.

Ouvio discutir em altas

MIL E UMA NOITES.

vozes em um casebre, e, espreitando por uma fresta dos postigos, vio tres moças que estavam ceiado fazendo grande algazarra.

Dizia a mais velha:

— Tomára eu que o padeiro do Sultão casasse comigo. Assim comeria sempre do pão delicioso fabricado para o monarcha.

Redarguiu a segunda:

— Grande cousa! Quizera eu ser a mulher do cozinheiro imperial. Os mais saborosos petiscos seriam para mim, e assim comeria melhor ainda que o Sultão.

A terceira, moça formosa e meiga, disse sorrindo:

— Se é questão de desejos, quero pedir logo cousa que valha. Padeiros e cozinheiros encontram-se a cada passo. Por isto quizera ser a mulher do Sultão, porque tudo estaria ao meu alcance.

Rio-se o Sultão ao ouvir estes desejos, o resolveu satisfazer as tres moças. Sem revelar, porém, o seu projecto, ordenou ao grão-vizir que tomasse bem nota da casa, e conduzisse no dia seguinte as tres irmãs á sua presença.

Assim se fez, e as moças ficaram muito acanhadas, quando se virão perante o seu soberano.

Cosruh, porém, animou-as com gestos e palavras benevolas, e convidou-as a que lhe repetissem os desejos que na vespera haviam formulado durante a ceia. Cresceu ainda a perplexidade das tres irmãs com este

AS TRES IRMÃS.

convite, e nenhuma dellas atreveu-se a proferir uma só palavra

O Sultão disse-lhes então:

— Não ha mister de se mostrarem tão envergonhadas, porque estou disposto a effectuar o que desejáráo. Tu, Naida, que querias ter por marido o meu padeiro, eil-o aqui, e prompto a casar contigo.

E o padeiro, a um signal do monarcha, deu um passo á frente, e estendeu a mão á Naida.

— Tu, Amina, continuou o Sultão, casarás ainda hoje com o meu cozinheiro, que aqui te apresento.

E o cozinheiro veio dar a dextra a Amina.

— E tu, querida Fatima, verás igualmente satisfeito o teu desejo, e como não queres outro marido senão o Shah, para fazer-te a vontade elevo-te á esposa e Sultana.

E, dizendo estas palavras, Cosruh-Shah desceu do throno, e abraçou a encantadora Fatima, que, estremecendo de sorpresa, escondeu o rosto no seio do Sultão.

Ao cahir da noite as tres irmãs estavam casadas, e assim se havião realizado os seus desejos como por encanto.

Fatima estava no auge da felicidade, e regosijava-se como uma creança da ventura que havia alcançado.

Suas irmãs, porém, Naida e Amina, ao lado dos seus maridos, ralavão-se de inveja da sorte brilhante de Fatime, e achavão a vida insupportavel.

Alguns dias depois encontrarão-se em um banho

MIL E UMA NOITES.

publico, e derão expansão aos seus tormentos e ao odio que votavão á pobre Fatima, que entretanto ainda as amava tão ternamente como quando vivião na sua miseravel casinha.

As duas mulheres malvadas escogitárão os meios de envenenar a ventura de sua irmã, e terião feito os maiores sacrificios, para precipita-la da sua posição elevada ao fundo de um abysmo medonho. Mas não lhes occorreu nada capaz de favorecer os seus negros desejos, e mais irritadas ainda ficárão contra Fatima.

Entretanto não deixavão de vizitar frequentemente sua irmã, fingindo-lhe muitos carinhos e grande amizade.

Passárão assim um anno, quando uma noite as duas irmãs forão chamadas á toda a pressa ao palacio do Shah para acompanhar a Sultana, sua irmã, na hora critica de dar á luz. Teve Fatima, nessa mesma noite, um principe de grande formosura, sendo este nascimento apenas presenciado por Naida e Amina. Era occasião azada, para as duas irmãs invejosas, de prejudicar a Sultana, e immediatamente concebêrão um projecto abominavel.

Emquanto Fatima dormia, tirárão a criancinha do berço, e, sem se commoverem com a sua formosura e innocencia, a embrulhárão em alguns trapos, a deitárão em um cesto, e, descendo ao jardim do palacio, onde corria um rio profundo, atirárão o principe ás ondas, não duvidando que o menino achasse ali morte segura.

AS TRES IRMÃS.

Ao Sultão disserão que Fatima havia dado á luz um cachorro morto, e mostrarão-lhe effectivamente o cadaver de um cão.

Teve o monarcha um grande accesso de ira, e, aborrecido de tudo e de todos, mostrou desejos de repudiar a pobre Sultana.

O ministerio, porém, chegou por fim a dissuadi-lo de um acto tão violento, e pouco a pouco o Sultão resignou-se. Não chegou a suspeitar da veracidade das duas irmãs, porque suppunha que amavão ternamente a Sultana.

Entretanto nadava o cesto com o principe abandonado nas ondas do canal, e já dia claro chegou a uma parte dos vastos jardins, onde habitava o inspector das propriedades imperiaes. Estando este funcionario justamente de passeio, vio o cesto; com uma vara comprida trouxe-o á beira do rio, e vendo o principe, que lhe sorria meigamente, exclamou:

— Pobre innocente! quem seria o desalmado que tão cruelmente te abandonou? Mas não has de perecer affogado, nem cahir em poder de animaes ferozes, pois que eu serei teu pai!

E levou o cesto á sua mulher, e lhe disse cheio de alegria:

— Olha o peixinho mimoso que acabo de pescar!

Cumpre notar que era o inspector um homem poderoso e rico, que vivia na opulencia com sua mulher, podendo satisfazer a todos os seus desejos, menos um, o de ter

MIL E UMA NOITES.

um filho, que Allah sempre lhe recusára. Eis ahi a razão da alegria que sentia pelo achado do menino abandonado.

— Estás vendo, querida mulher, continuou o inspector, é o céo que nos mandou esta criança. Vamos cuidar della como se fôsse nosso proprio filho. Não te parece?

A bôa da senhora, em fórma de resposta, agarrou o menino, estreitou-o ao peito, e regou-lhe com lagrimas de ternura rostinho encantador.

E o principe, acolhido com grande amor e rodeado dos mais ternos cuidados, criou-se maravilhosamente bem. Seus pais adoptivos havião-lhe dado o nome de Bahman, notavel na familia dos reis da Persia.

Um anno depois desta aventura, a Sultana Fatima deu á luz um outro principe, não menos formoso do que o primeiro. Correrão as cousas mais ou menos como no primeiro parto; as irmãs malvadas expuzerão ás ondas do rio a criança, e mostrarão ao Sultão um gatinho como filho do seu amor. Custou muito desta vez aos ministros acalmar a ira do monarcha, ferido no seu orgulho de pai e esposo. Felizmente o bom do inspector recolheu tambem esta segunda victima da inveja das duas mulheres desalmadas, e a criança, que recebeu o nome de Perviz, foi criada em companhia do pequeno Bahman.

Pela terceira vez, ao cabo de outro anno, a Sultana tornou-se mãi, tendo uma formosa princeza, que foi igualmente abandonada ao rio e recolhida pelo inspector, que lhe deu o nome de Parizada.

AS TRES IRMÃS.

Desta vez as irmãs perversas conseguirão em parte o que tão ardentemente desejavão: a desgraça de sua irmã mais nova, porque o Sultão, ao qual havião mostrado um pedaço de pão informe, dizendo-lhe que era seu terceiro filho, enfureceu-se tanto, que não quiz mais ouvir os conselhos dos seus ministros, e ordenou que se encerrasse a infeliz Sultana em uma gaiola de ferro á entrada do templo, mandando mais que todos os fieis, que acudissem ao serviço divino, cuspissem no rosto de Fatima e a cobrissem de maldições, sob pena de soffrerem cruel castigo. Duas sentinellas postadas ao lado da gaiola devião fiscalizar a fiel execução destas ordens rigorosas.

Assim effectuou-se, e a pobre victima supportou resignadamente um castigo que não havia merecido, emquanto que as suas irmãs perversas se regosijavão de sua obra, pensando que os seus crimes nunca serião descobertos.

Passarão-se annos. Os tres filhos adoptivos do inspector crescerão viçosos e formosos, enchendo de ventura a vida do nobre casal que os havia recolhido tão amorosamente.

O inspector, cansado já de serviços, havia mandado construir, a uma legua da cidade, um sumptuoso palacio, joia de architectura, rodeado de extensos e magnificos jardins, onde se vião reunidas todas as maravilhas da flora; em uma coutada adjacente, cheia de viveiros de todas as especies de animaes, os dous principes e sua

MIL E UMA NOITES.

irmã entregavão-se ao prazer e aos exercicios da caça, adquirindo força de animo e robustez de corpo. Deulhes o inspector além disto bons professores para instrui-los não sómente nos exercicios corporaes, mas em todos os ramos das sciencias indispensaveis para quem é destinado a occupar um logar proeminente na sociedade. Assim, a vida de Bahman, Perviz e Parizada dividia-se entre o estudo serio e as distracções permitidas á sua idade.

O primeiro golpe que soffrêrão, — tinha então o mais velho vinte annos, — foi originado pela morte de sua bôa mãi adoptiva. Pouco depois, seu generoso protector morreu tambem repentinamente, sem poder revelar-lhes o segredo do seu nascimento, por elle suspeitado havia muito tempo, de maneira que continuárão na crença de que erão realmente filhos do bom casal que tão carinhosamente os havia criado.

Chorárão sinceramente a perda dos seus pais, e esta dôr commum e o isolamento em que agora se achavão no mundo, estreitárão ainda os laços de terna amizade que os unia.

Um dia em que Bahman e Perviz se achavão na caça, apresentou-se uma velha enferma no palacio, pedindo esmola.

Parizada, obedecendo aos nobres impetos do seu coração, servio com suas proprias mãos pão, vinho e carne á pobre, regosijando-se ao vêr a bôa vontade com a qual a velha se restaurava. Em seguida mostrou-

AS TRES IRMÃS.

lhe todos os aposentos esplendidos do palacio, assim como as maravilhas do jardim.

— Magnifico! exclamou a velha, e comtudo faltão aqui tres cousas para completar a ventura dos habitantes.

— Que cousas são essas? perguntou Parizada com curiosidade juvenil.

— Não indagues, filha minha, disse a velha, que muito difficil seria a aquisição destas cousas. Seria ingratidão da minha parte pagar-te a tua bôa e nobre hospitalidade com uma revelação, que poderia custar-lhes a vida, a ti e a teus irmãos.

Parizada, cada vez mais curiosa, pôz-se a rogar e supplicar, até que por fim a velha disse:

— Está bom; satisfarei os teus desejos, mas nunca me accuses se resultar algum mal do que vou dizer-te. A primeira das tres cousas é o *passaro que falla*. Tem mais espirito que os homens; responde a todas as perguntas, e com seus conselhos resolvem-se as emprezas as mais difficeis. Além disto, canta tão maravilhosa-mente, que todos os outros passaros cantores acodem á sua voz e o acompanhão em côro delicioso. A segunda é a *arvore harmoniosa*. Obtendo um galho desta arvore, e plantando-o em um jardim, cresce logo um tronco gigantesco coberto de ramos, folhas a flôres resplandecentes como ouro, que ao menor sopro da brisa tocão harmonias celestes, como vozes de anjos acompanhadas

MIL E UMA NOITES.

de harpas. A terceira é a *agua de ouro*. Uma gotta desta agua maravilhosa, deitada em um tanque, enche-o immediatamente até á beira; do centro sahe um jacto enorme que, alçando-se vigoroso aos ares, recahe em mil columnas, brilhando aos raios do sol como ouro purissimo; cada gotta parece uma pedra preciosa do mais subido valor; tudo isto constitue um espectaculo deslumbrante, como não existe outro igual no mundo.

Calou-se a velha, e Parizada exclamou com enthusiasmo :

— Comprehendo que o nosso jardim só será perfeito quando possuir estas tres cousas maravilhosas. Dize-me depressa, como as posso obter.

Respondeu a velha :

— Seguindo durante vinte dias, em veloz corcel a estrada que te passa pela porta, chega-se á cabana de um velho derviche.

— Interrogando o santo varão, designar-te-ha o logar procurado.

E, dito isto, a velha despedio-se, deixando Parizada na maior agitação. Quando de noite os irmãos voltárão, a princeza contou-lhes febrilmente o que lhe havia acontecido, accrescentando :

— Morro, se não obtiver estas tres cousas!

— Não te affijas, maninha, disse Bahman; amanhã mesmo parto em busca dos thesouros que tanto almejas possuir.

AS TRES IRMÃS.

E, com effeito, no dia seguinte montou em fozoso corcel, e, ao despedir-se dos irmãos, puchou de um punhal, entregou-o a Parizada e disse:

Emquanto este ferro
Tão limpo brilhar,
Não temas, maninha,
Por meu bem estar.

Mas, se cõr de sangue
Ferrugem o cobrir,
Bem pôdes chorar-me:
Deixei de existir!

E, dando de acicates ao seu ginete, principiou a devorar o espaço, durante dezenove dias e noites, na direcção indicada pela velha, concedendo-se apenas o tempo indispensavel para comer e dormir.

No vigesimo dia vio na porta de uma cabana um homem muito, muito velho. Cabellos brancos cahião-lhe pelo rosto até aos pés, e uma barba enorme lhe circumdava os labios, enquanto que pestanas encanecidas vedavão á luz do sol penetrar-lhe nos olhos.

Bahman, lembrando-se das palavras da velha mendiga, pensou ter encontrado o derviche sabedor do caminho a seguir; parou o ginete e disse:

— Olá, amigo, aonde vai ter este caminho?

O ermitão alçou a cabeça e fallou, mas Bahman não pôde entender o que dizia, porque a voz se perdia no matto de cabellos e barbas.

— Não te ouço, exclamou o principe, saltando do

MIL E UMA NOITES.

cavallo; permite que desbaste um pouco estas brenhas! E, puchando de uma thesoura, acercou-se do ancião e poz-se a cortar-lhe barba e cabello, até que apresentou um aspecto humano.

— Muito obrigado, disse o velho; fizeste obra bôa e quero recompensar-te. Dize, o que desejas?

— Quero saber onde encontrarei as tres cousas maravilhosas, o passaro que falla, a arvore harmoniosa e a agua de ouro, respondeu Bahman.

— Principe, principe! retrucou o ancião, pensa bem no que pedes. Mui difficil é a aquisição destas tres cousas, e muitos principes, cavalheiros e escudeiros colhêrão a morte em logar dos thesouros almejados. Toma um conselho, e volta para casa. Prestaste-me um serviço e quero ser grato, por isto te repito: Volta para casa.

— Não, não! exclamou Bahman, antes morrer do que voltar com as mãos vazias. Trago valor no peito e força no braço, para conseguir o que desejo. Poupa, pois, os teus conselhos; quero obter as tres cousas mencionadas, estejam onde estiverem.

Sorrio-se o velho e disse:

— És de bôa extirpe, talvez sejas mais feliz que os teus antecessores. Toma, pois, esta bola de ebano. Se a deitares ao chão, principiará a rolar indicando-te o caminho que te conduzirá ao pé de uma montanha. No cume desta altura encontrarás o passaro que falla em uma gaiola de ouro. Estando em teu poder, elle te dirá onde se achão a agua de ouro e a arvore

AS TRES IRMÃS.

harmoniosa. Junto á montanha, deixarás o teu cavallo, que não se afastará. Ao subir a eminencia, encontrarás grande numero de pedaços de rochedo negro, e ouvirás muitas vozes a insultar-te e a provocar-te. Qualquer cousa, porém, que ouvires, não olhes para traz, se não quizeres ficar transformado em pedra negra, como aquellas que margêão o caminho. Cuidado, pois, que estás prevenido.

O principe respondeu com franca gargalhada:

— Não me parece muito difficil a tarefa. Dá-me, pois, a bola, e conta com a minha volta.

Recebeu a esphera negra, agradeceu ao velho, e, montando a cavallo, atirou o presente do derviche ao chão. Principiou a rolar a bola, uniforme e rapidamente, e bastante teve de correr o ginete de Bahman para acompanhar o movimento da esphera indicadora.

Ao cabo de uma hora esta parou junto de uma montanha.

O principe apeou-se, abandonou o cavallo e subio á eminencia que estava coberta de pedras negras.

Mal havia dado vinte passos, quando ouviu chamar atraz de si:

— Olá, principe Bahman, olá!

Estremeceu o principe ao ouvir proferir o seu nome nesse deserto, e por um triz não olha para traz. Lembrou-se, porém, dos conselhos do ermitão, e continuou o seu caminho.

E as vozes continuavão.

MIL E UMA NOITES.

Dizião umas:

— Pega, pega, ladrão!

E outras aggregavão:

— Olha o toleirão que pretende caçar o passaro que falla. Que irrisão!

E gargalhadas diabolicas perseguião o principe.

Outras vozes bradavão:

— Pára, temerario, senão te mato com esta espada!

E outras ainda acrescentavão:

— Deixem que vá! Pobre diabo, o que ha de alcançar?

Bahman continuou o seu caminho, apesar dos cuidados que o assaltavão. À medida, porém, que ia subindo, as vozes se tornárão mais ameaçadoras; parecia que o inferno havia soltado uma legião de demônios para coser-se-lhe nas pisadas. Por todos os lados os ruidos assustadores tomárão taes proporções, que o pobre do mancebo ficou atordoado. Estremeirão-lhe todos os membros e suor frio botava-lhe da raiz dos cabellos, e por fim, esquecendo todos os conselhos, voltou-se, querendo descer a montanha e fugir aos horrores que o rodeiavão.

Apenas, porém, se havia voltado, cahio ao chão, transformado em pedra negra, fria e inerte, ao lado dos seus antecessores vencidos como elle. Ao mesmo tempo cahio o seu cavallo igualmente petrificado, terminando assim a triste aventura, que o joven principe emprehendêra com mais valor do que constancia, embora

AS TRES IRMÃS.

fôsse com o fim louvavel de restituir á sua irmã a tranquillidade d'alma, perturbada pelos tormentos da curiosidade.

Vejamos, entretanto o que se passou no castello.

Depois da partida do principe Bahman, os dous irmãos haviam tratado de continuar a placida vida do costume; Pervis caçando, e Parizada cuidando dos misteres da casa.

De noite, porém, depois da ceia, sentavão-se em um divan, pegavão no punhal que Bahman lhes havia deixado, e contemplavão-o attentamente.

Durante desenove dias a lamina ostentou um brilho purissimo, o que muito os regosijavão, pela certeza que isto lhes dava do bem estar de Bahman.

Quando, porém, na noite do vigesimo dia Parizada puchou da adaga, estremeceu de susto, soltando gritos pungentes: a folha estava coberta de ferrugem!

— Meu pobre irmão morreu! exclamou a princeza.

Pervis, não menos assustado, recolheu o punhal, e, olhando-o com attenção, disse:

— Tranquilliza-te, irmã; Bahman não morreu, porque a lamina do punhal, apezar de enferrujada, não mostra a côr do sangue. Talvez seja victima de algum sortilegio, e partirei amanhã para liberta-lo. Onde achar as tres cousas maravilhosas, tambem encontrarei o nosso irmão.

Derramou Parizada lagrimas amargas, porque receiava perder tambem seu irmão Pervis. Este, porém,

MIL E UMA NOITES.

não deixou demover-se do seu intento, e no dia seguinte, montando a cavallo, e puchando do punhal, deu-o á Parizada, dizendo:

Emquanto este ferro
Tão limpo brilhar,
Não temas, maninha,
Por meu bem estar.

Mas, se côr de sangue,
Ferrugem o cobrir,
Bem pôdes chorar-me:
Deixei de existir!

E enquanto a pobre Parizada se recolhia afflicta aos seus aposentos, Pervis começou a devorar o espaço, como passaro que fendo os ares.

No vigesimo dia chegou diante da cabana do deriche, que na fôrma do costume aquentava sol no limiar do seu retiro.

— Olá, meu pai, exclamou Pervis, não viste um mancebo passar por aqui ha tres semanas mais ou menos?

— Sim, sim, respondeu o velho, o pobresinho foi transformado em pedra como bem o temia. Não quiz ouvir-me, e lá se foi.

Indagou Pervis e soube tudo quanto havia acontecido a seu irmão.

— E não poderá ser salvo? perguntou ao velho.

— Póde ser salvo, se alguém obtiver a agua de ouro. Basta deitar uma gotta desta agua na pedra, para restituir a vida ao principe.

AS TRES IRMÃS.

— Pois bem! exclamou Pervis, irei eu buscar esta agua. Dá-me cá a esphera do ebano.

E, valendo-se do indicador, seguiu a todo o galope á bola que rolava em direcção á montanha encantada; alcançado este termo, Pervis apeiou-se, e principiou a subir a vereda, firmemente resolvido a não dar ouvidos ás vozes insolentes dos genios empenhados na perda dos mortaes. Não pôde resistir, porém, aos insultos. Logo depois dos primeiros passos, puchou da espada para castigar os atrevidos que o provocavão; deu volta, e . . . cahio ao chão transformado em pedra.

Passava a princeza Parizada a ausencia do irmão entre lagrimas e orações, consultando todos os dias a lamina do punhal. Um dia encontrou-a enferrujada, como já havia acontecido no punhal de Bahman.

Abundantemente corrêrão as lagrimas da princeza ao receber este triste aviso; lembrou-se, porém, Parizada que não era com pranto que havia de salvar os irmãos, intento a que estava firmemente resolvida. Vestio roupa de homem, que a transformou em gentil pagem, montou em um corcel veloz e fogoso, e seguindo o itinerario, chegou ao pé da montanha ominosa.

Desde o casebre do derviche Parizada havia reflectido sobre a causa da desgraça dos seus irmãos, concluindo que o essencial era não deixar impressionar-se pelas palavras provocadoras dos genios.

— Melhor é não *ouvi-las*, disse consigo, e . . . tapou os ouvidos com algodão.

MIL E UMA NOITES.

Os genios, que não haviam contado com este ardil de mulher, redobrarão de furor gritando a ponto de enrouquecerem. Mas toda esta algazarra era apenas percebida por Parizada, que valentemente seguiu seu caminho, por entre as pedras negras semeadas pela vereda.

Assim chegou ao cume da altura, onde em gaiola de ouro vio, louca de alegria, o *passaro fallante*. Arrojou-se Parizada ao altar, e apezar, dos gritos do passaro, que tentava amedronta-la, agarrou a gaiola.

Formidavel trovão fez estremecer toda a montanha . . . em seguida restabeleceu-se o silencio; havia passado o perigo, e a princeza tinha alcançado a victoria.

Palpitante de emoção Parizada tirou o algodão dos ouvidos, e perguntou ao passaro:

— Bichinho mimoso, onde encontrarei a agua de ouro e a arvore harmoniosa?

O passaro, cuja plumagem resplandecia como pedras preciosas, disse com voz meliflua:

— D'ora em diante, querida princeza, sou teu escravo, e obrigado a dar-te bons e sinceros conselhos. Cem passos á direita deste altar encontrarás a agua de ouro, que brota de preciosa fonte, e a cem passos á esquerda darás com a arvore harmoniosa, magestosa e deslumbrante no meio de um bosquete.

Mal Parizada ouvira estas indicações, correu á fonte, encheu de agua de ouro um frasquinho, que guardou no seio, dirigindo-se em seguida ao bosquete, onde ouviu

AS TRES IRMÃS.

já de longe sussurrar melodiosamente as folhas da arvore encantada, da qual arrancou um galho.

Munida assim destes dous thesouros, voltou ao pé do altar, agarrou a gaiola, e principiou a descer alegremente a montanha, até encontrar a primeira pedra negra, sobre a qual deitou uma gotta da agua de ouro. Immediatamente ergueu-se um joven cavalleiro, que olhou attonito em redor de si, como quem desperta de longo lethargo. Parizada, porém, continuou a sua obra salvadora, restituindo a vida a todos quantos havião cahido victimas dos genios da montanha, e os libertos formárão formoso cortejo á princeza, montados nos seus garbosos ginetes, que com elles havião despertado igualmente. Por fim, Parizada resuscitou seus irmãos Bahman e Pervis, que jubilosos a abraçárão e muito celebrárão o seu valor e a sua carinhosa dedicação. Tambem os outros principes e cavalleiros agradecêrão ardentemente á Parizada a sua obra salvadora, e offerecêrão-se para acompanha-la até á sua residencia. A princeza, porém, lembrou-lhes que mais urgente era correr a consolar suas familias, que de certo estarião chorando a sua ausencia, e, dando a mão a todos, despedio-se delles e seguiu com Bahman e Pervis para a cabana do derviche para expressar ao varão veneravel a sua gratidão pelos bons serviços que lhes havia prestado.

Os tres irmãos encontrárão o santo homem reclinado em um banco de relva; pairava-lhe um sorriso nos la-

MIL E UMA NOITES.

bios, sorriso de contentamento, com o qual havia exhalado o ultimo suspiro: tinha adormecido para sempre. Commovidos, os principes cavárão uma sepultura e enterrárão o cadaver do Derviche, e, depois deste acto piedoso, os tres irmãos partirão para o seu palacio, com os thesouros que a tanto custo havião obtido.

Construido um magnifico tanque de marmore, Parizada deitou nelle algumas gottas da agua de ouro; immediatamente esta agua cresceu em grandes ondas, e em poucos momentos encheu todo o tanque; do centro erguia-se uma columna de agua á altura prodigiosa, recabindo em milhões e milhões de fios, brilhando á luz do sol com os diamantes e rubis, e offerecendo á vista um espectaculo tão deslumbrante, que não havia como descreve-lo.

Perto deste tanque maravilhoso a princeza plantou o galho da arvore harmoniosa; sem demora cresceu este galho, tomou as porporções, de tronco gigantesco, que por sua vez lançou bastas ramificações, cobrindo-se de espessa folhagem. Quando o sopro da brisa passava por entre as folhas, estas emittião sons maviosos, vozes encantadas como se milhares de campainhas de ouro e prata tocassem em concerto delicioso.

Via a princeza satisfeitos todos os seus desejos, e considerou-se a mulher mais feliz do mundo. Longas horas deleitava-se escutando as meigas harmonias da arvore, contemplando o espectaculo grandioso da fonte, ou conversando com o passaro, que lhe dava os me-

AS TRES IRMÃS.

lhores conselhos, e cantava tão maravilhosamente, que attrahia legiões de outros cantores alados, de maneira que o jardim de Parizada se assemelhava a um immenso viveiro.

Um dia o passaro disse aos principes que ensilhassem depressa os seus melhores cavallos e fôsem á floresta, onde encontrarião aventura importantissima.

Obedecêrão Bahman e Pervis, e quando penetrarão nas veredas sombreadas do matto, encontrarão o Sultão, que com toda a sua côrte sahira á caça. Os dous irmãos apearão-se e prostrarão-se para saudar o monarcha. Este, quando vio os dous mancebos esplendidamente vestidos e ricamente armados, perguntou-lhes quem erão, e convidou-os a acompanhá-lo. Montarão a cavallo os dous irmãos, e a comitiva continuou o caminho, Bahman ao lado direito, Pervis ao lado esquerdo do Sultão, que muito conversou com os jòvens, e, encontrando-os tão instruidos como garbosos, dizia comsigo:

— Ah! se eu tivesse filhos assim! sem suspeitar que erão seus proprios descendentes. Ao cabo de pouco andar alcançarão uma aberta, transformada por milhares de flôres variadas em tapete maravilhoso. Decidio o Sultão que neste ponto ameno se descansasse, e se tomasse o almoço. Cosru-Shah deitou-se á sombra de gigantesco platano, continuando com os dous irmãos a conversação encetada, emquanto que os funcionarios do palacio preparavão a refeição.

MIL E UMA NOITES.

De repente ouviu-se no matto formidavel ruido; como o trovão, correu uma voz terrivel sob as abobadas da floresta, despertando até os mais longiquos écos. Momentos depois sahirão das brenhas um leão e um urso, e as duas feras terriveis endireitárão para o Sultão. Os palacianos, ao avistarem os animaes ferozes, abandonárão tudo e covardemente fugirão em todas as direcções. Bahman e Pervis, porém, pucharão de suas boas espadas, e, atacando do frente as duas feras, conseguirão em breve derribar e vence-los; com esteriores horriveis a leão e o urso expirárão quasi aos pés do Sultão.

O monarcha abraçou com grande effusão os principes, que acabavão de salvar-lhe tão valorosamente a vida, e prometeu considera-los de ora em diante como se fossem seus proprios filhos.

Passado o perigo, os cortezãos voltárão, um tanto cabisbaixos; mas o Sultão, em attenção á grande satisfacção que sentia pelo bello procedimento dos principes, perdoou aos seus cobardes servidores, e, depois de banquetear, regressou com Bahman e Pervis.

Convidou-os igualmente a acompanhá-lo ao seu palacio; mas, como os irmãos lhe dissessem que tinham uma irmã, que de certo se inquietaria com a sua ausencia prolongada, Chosru-Shah combinou com elles que no dia seguinte tornassem a vêr-se no mesmo lugar onde se dera o combate com as feras, e deu-lhes tres espheras de ouro, para lembrar-lhes a entrevista projectada.

AS TRES IRMÃS.

Em seguida o Sultão partio para o seu palacio, e os principes para sua casa, onde referirão minuciosamente á Parizada tudo quanto lhes havia acontecido. A princeza, profundamente commovida, opinou que devião consultar o passaro ácerca das consequencias que podia ter este encontro com o Sultão.

O passaro, porém, consultado, disse:

— Bem sabia eu que tudo isto havia de acontecer, e posso assegurar-lhes que o resultado final será ainda mais satisfactorio. Por emquanto só lhes direi que é mister que Bahman e Pervis procurem o Sultão e o convidem a passar um dia neste castello.

No dia seguinte os dous irmãos forão á côrte para executar o conselho do passaro. Na sua ausencia o pequeno conselheiro chamou Parizada e lhe disse:

— Agora prepara tudo para receber convenientemente o monarcha. Recommenda sobre tudo ao cozinheiro que prepare um prato de pepinos recheados de perolas.

— Pepinos recheados de perolas! exclamou a princeza. Quem poderá comer deste prato?

— Não te preoccupes, respondeu o passaro; faze o que te digo, e não te has de arrepender. E antes que me esqueça, aggregou, pendura a minha gaiola na janella da sala do banquete.

Executou fielmente a princeza todas as prescripções do passaro, embora lhe parecessem singulares. De noite, quando seus irmãos voltárão, e lhe contárão a

MIL E UMA NOITES.

recepção esplendida que havião tido na côrte, e como o Sultão promettêra passar o dia seguinte no castello, regosijou-se Parizada da sua obediencia, porque já se achava prompto tudo para hospedar digna e brilhantemente o monarcha.

Na manhã seguinte Parizada, Bahman e Pervis revestirão-se dos seus melhores trajos, que valião verdadeiros thesouros: os dous principes, desde que avistárão de longe o Sultão, fôrão a encontra-lo, montados em ginetes dignos de reis, e tendo acompanhado respeitosaente Chosru-Shah ao castello, apresentarão-lhe a sua irmã Parizada.

O Sultão dignou-se beijar a princeza na fronte e dirigio-se com os tres irmãos á sala do banquete, deixando a sua comitiva nas ante-camaras.

Assim que Chosru-Shah penetrou na sala, ouviu uma voz melodiosa, que lhe disse:

— Sê bem vindo, commendador dos crentes! Grande alegria te aguarda nesta casa!

Admirado, percorreu o Sultão a sala com a vista; não vio pessoa alguma; só um passaro descobrio em uma gaiola de ouro.

— Será porventura o passaro quem fallou? perguntou.

— De certo, Senhor, respondeu Parizada, este passarinho possui o dom da palavra, e falla com muito mais juizo do que muita gente que se preza de sabia. Além disto, canta maravilhosamente.

AS TRES IRMÃS.

Approximou-se o Sultão para contemplar o passaro; este, porém, disse:

— Nada tenho para alegrar a vista; mas pede á Parizada que te mostre a *agua de ouro* e a *arvore harmoniosa*, e teus olhos ficarão deslumbrados.

Despertada assim a curiosidade do Sultão, este fez com que Parizada o conduzisse ao jardim, e quando vio os dous prodigios recommendados, confessou que de certo não podia existir cousa mais maravilhosa.

Chegou entretanto a hora do banquete, e o Sultão, acompanhado de Parizada, Bahman e Pervis, sentou-se á mesa, que vergava sob o peso da baixella de ouro e prata cinzelada, e dos mais preciosos manjares.

No meio destes apparecêrão os pepinos recheiados de perolas, e muito admirado ficou Chosru-Shah ao encontrar condimento tão insolito.

Antes, porém, que Parizada pudesse explicar cousa alguma, encarregou-se o passaro de commentar o prato singular:

— De tão pouco se admira agora, exclamou com a sua voz limpida e bem accentuada, quem ha annos engulio com toda a credulidade a noticia de que sua esposa havia dado á luz cachorros, gatos e toros de páo!

Attonito, respondeu o Sultão:

— Como não havia de crêr ás minhas cunhadas que me contarão essas cousas?

— Bem boas tratantes são as taes suas cunhadas, continuou o passaro, e bem póde mandar enforca-las,

MIL E UMA NOITES.

quando voltar á sua cõrte! E se agora quizer saber dos seus filhos, basta erguer a vista: ei-los todos tres em sua presença!

— Meus filhos! exclamou o Sultão com a voz tremula de emoção; meus filhos, estes jovens encantadores, que attrahirão todas as minhas sympathias, desde que os vi?

E, estendendo os braços, reunio em terno amplexo os tres irmãos, emquanto que lagrimas de ventura lhe sulcavão as faces.

Passados os primeiros momentos de effusão, o passaro contou minuciosamente tudo quanto havia acontecido á Bahman, Pervis e Parizada desde o seu nascimento.

— Partamos! exclamou o Sultão, partamos de pressa, meus filhos, a libertar a sua pobre mãi que tanto soffre e tão injustamente; mas tambem a castigar as malvadas que tão cruelmente condemnárão ao martyrio a propria irmã.

Por mais que se apressassem, porém, o Sultão e seus filhos, ja havião sido precedidos pelo passaro, que espalhou na cõrte a importante noticia do encontro do soberano com os principes. Grande foi o alvoroço, e milhares e milhares de pessoas, com os cortezães á frente, recebêrão com grandes aclamações o monarcha e os seus filhos na entrada da cidade, e o seguirão até á prisão onde gemia a desventurada Fatima.

Com grande impeto abriu o Sultão a porta da gaiola, e, prostrando-se perante a Sultana exclamou:

AS TRES IRMÃS.

— Perdôa-me, ó santa mulher, todo o mal que te fiz. Eis-me arrependido e prompto a qualquer penitencia: sabe, porém, que o meu coração está cheio de amor e ternura . . . e sabe mais, ó minha Fatima, que para apagar a lembrança dos teus soffrimentos, aqui te trago os nossos queridos filhos . . . os filhos das tuas entranhas . . . os penhores do nosso amor!

Quem poderia descrever o que se passou no peito de Fatima ao apertar em seus braços os seus filhos, tão formosos, tão meigos, e ao ouvir os ternos accents de seu marido?

Foi uma scena tão commovente, que os milhares de assistentes derramárão lagrimas sentidas . . . e prompêrão em gritos entusiastas quando acompanhárão o Sultão e sua familia da prisão ao palacio.

Chosru-Shah mandou immediatamente organizar grandes festas publicas e distribuir valiosas quantias entre o povo.

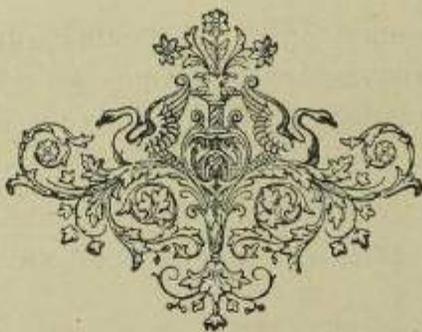
No meio da alegria, porém, não se esqueceu que tinha um acto de justiça a cumprir.

Reunio o seu conselho, mandou vir á sua presença as duas irmãs malvadas, e consultou os seus conselheiros ácerca do castigo que havião merecido aquellas duas desahmadas.

O conselho condemnou-as a serem atadas á cauda de cavallos selvagens e arrastadas até morrer, e a sentença foi executada sem demora.

MIL E UMA NOITES.

Assim perecêrão miseravelmente as perversas em castigo dos seus crimes atrozes, enquanto que o céo concedeu a Fatima toda a ventura que pôdem dar a ternura de um excellente esposo, e o amor de bons filhos, formosos e virtuosos.



ABU E NIUTYN.



ÃO muitos annos que vivia em Bagdad um homem bem pobre chamado Abu, que apenas ganhava o necessario para matar a fome. Era, porém, honesto e crente em Deus, fugia do peccado e respeitava os mandamentos.

Um dia, vendo que já não podia subsistir, resolveu mudar de logar, e procurar em outra cidade alguma melhora da sorte. Vendeu os poucos trastes que possuia, e principiou a viagem projectada com um sequim no bolso.

MIL E UMA NOITES.

A uma legua da cidade, Abu encontrou outro viajante, com o qual travou conversação, contando-lhe que ia em busca da fortuna, já que esta não o vinha procurar.

— Bem, disse o outro, que se chamava Niutyn, — se quizeres te acompanharei, e faremos bolsa commum.

E entregou a Abu dez sequins, que constituição a sua fortuna. Com os onze sequins, que então possuíam, os dous viajantes julgarão-se mais ricos que soberanos, e continuarão alegremente o seu caminho.

Um dia, depois de penosa viagem, chegarão ás portas de uma grande cidade, onde um pobre pedia esmolas. Abu, obedecendo á voz da commiserção, deu ao mendigo um sequim.

Esta generosidade enfureceu Niutyn, que exclamou:

— Já que estás tão louco de esbanjar a nossa fortuna, podes seguir sósinho o teu caminho; restitue-me o meu dinheiro, que não quero mais saber de ti!

E, arrancando os dez sequins da mão de Abu, afastou-se rapidamente.

O misero Abu, sem um ceutil, ficou bem triste e abatido, quando desapareceu aquelle que já se havia acostumado a considerar como bom amigo. Entro una cidade e foi parar em uma mesquita, onde passou todo o dia e toda a noite erguendo as suas preces ao céo.

Na manhã seguinte a fome obrigou-o a sahir á rua, que percorreu esperando que alguma alma caritativa lhe offerecesse uma dádiva; mas ninguem o

ABU E NIUTYN.

soccorreu espontaneamente, e elle não se animava a mendigar.

De repente vio um escravo abrir uma porta e atirar á via publica restos de comida destinados aos cães. Abu arrojou-se aos ossos e principiou a roe-los vorazmente, com grande espanto do escravo. Em seguida o pobre ajoelhou-se e agradeceu a Allah o socorro que lhe havia enviado. O escravo, porém, correu a referir tudo fielmente ao seu senhor, e como este era um homem caritativo, pegou em dez sequins, entregou-os ao escravo, ordenando-lhe que os levasse a Abu.

O escravo, ao descer as escadas, ponderou que nove sequins já erão muito bastante para um pobre esfaimado, e metteu o decimo na propria algibeira.

O dono da casa, entretanto, havia chegado á janella, donde vio Abu receber o presente, e ouviu seus agradecimentos fervorosos.

Retirou-se o escravo, e Abu, contando as moedas de ouro, exclamou:

— Que cousa singular! Diz o *Alcorão* que o bem feito aos pobres será retribuido dez vezes, e eu só recebo nove sequins pelo sequim que dei ao mendigo. Comtudo declaro-me bem satisfeito.

E, mettendo as moedas no bolso, quiz afastar-se. O amo da casa, porém, que lhe havia ouvido a exclamação, o mandou vir á sua presença, e, tendo-se certificado da subtracção do sequim, deu ordem que casti-

MIL E UMA NOITES.

gassem severamente o escravo infiel. Em seguida pediu a Abu que lhe contasse a sua vida, e, conhecendo pela narração que o pobre era honesto e piedoso, brindou-o com sua amizade, e mandou que convivesse com elle. Ao cabo de um anno fez o balanço de sua fortuna, e apartou a decima parte della que deu a Abu, dizendo-lhe:

— Meu amigo e irmão, durante um anno experimentei os teus sentimentos conscienciosamente, e achei-te digno de uma bôa sorte. Toma a decima parte dos meus bens, e vai negociar, que has de ser feliz.

Abu obrou segundo as ordens do seu bemfeitor, e um anno depois Allah o havia protegido de tal modo, que era citado entre os mais ricos negociantes da cidade.

Um dia que Abu estava sentado no seu armazem, vio passar um individuo esfarrapado, de aspecto miseravel e doentio, e reconheceu o antigo companheiro Niutyn, que pedia esmolas com voz lastimosa. Immediatamente o chamou, fê-lo entrar e lhe perguntou:

— Entáo, amigo, não me conheces mais?

Niutyn, porém, não podia reconhecer no negociante opulento e bem vestido, o companheiro que havia abandonado na miseria. Abu então revelou-lhe tudo, abraçou-o, mandou-lhe dar comida e roupa, e lhe disse:

— Não penses, amigo, que me esqueci do nosso trato antigo; a metade de minha fortuna é tua.

E no dia seguinte repartio todos os seus bens com o companheiro infiel, aconselhou-o que estabelecesse

ABU E NIUTYN.

tambem uma casa de negocio, e auxiliou-o em tudo quanto estava ao seu alcance.

Com este procedimento nobre e desinteressado deveria ter grangeado a gratidão de Niutyn; mas este companheiro perverso só cogitava nos meios de pagar o bem com o mal.

Algun tempo depois da partilha, veio ter com Abu, propondo-lhe que vendessem tudo, e com o producto da venda fôsem correr terras, para augmentar mais depressa a sua fortuna.

Resistio Abu por algum tempo; mas por fim cedeu aos rogos do falso amigo, e depois te terem convertido os seus bens em moedas de ouro, partirão para a cidade de Mussul, afamada pelo seu commercio extenso e importante.

No meio de um deserto, que tinham de atravessar, chegarão a um poço, onde pararão para pernoitar. Soltarão os seus camellos, e Abu disse a Niutyn:

— Vou descer a este poço em busca de agua fresca. Ata-me uma corda pela cintura, e baixa-me; depois de eu ter enchido os odres, me pucharás pela corda.

Niutyn, que de ha muito só cuidava em roubar o amigo e abandona-lo, alegrou-se com a lembrança de Abu, que tão bem lhe favorecia os planos, e desceu-o ao fundo do poço. Cortou então a corda, e gritou para baixo:

— Fica-te na tua cova, onde has de morrer! —

MIL E UMA NOITES.

e montando em seu camello, tomou o outro pelo cabresto e fugio, deixando o pobre Abu exposto á triste sorte de morrer de fome.

Abu ficou muito penalizado pela traição do companheiro, ao qual havia mostrado tanta amizade; contudo não o condemnou, tratando pelo contrario de desculpa-lo com a ponderação de que a sêde do ouro o havia cegado. Ergueu o pensamento a Deus, e preparou-se a morrer como crente fiel.

Quando já as sombras da noite o envolvião, ouviu no poço as vozes de dous genios que conversavão. Dizia um delles:

— Por fim consegui perturbar o espirito da princeza de Mussul e enlouquece-la. Assim me vingo do pai della, que outr'ora me offendeu cruelmente. Ninguem pôde cura-la, se não a aspergir com essencia do fel da terra, em uma sexta-feira, durante o officio divino na mesquita; é o unico remedio, do qual tão facilmente ninguem se ha de lembrar.

Disse o outro:

— E eu fui mais feliz ainda; descobri perto de Mussul, no monte Caleb, um thesouro inexgotavel de ouro e pedras preciosas; só pôde dar com elle quem imolar no cume do monte um gallo branco e regar o chão com o seu sangue, porque então a terra se abre revelando o que em seu seio esconde. Não tenho medo, porém, pois que ninguem se ha de lembrar disto.

Calarão-se os genios, e pouco depois desapparecêrão

ABU E NIUTYN.

pelos ares. Abu, porém, havia notado tudo quanto disserão, e pediu fervorosamente a Allah que o salvasse.

No dia seguinte, uma grande caravana que ia para Mussul parou no poço para refazer-se de agua fresca. Abu ouviu o tropel; gritou por soccorro, e foi retirado do poço pelos viajantes, aos quaes contou que por descuido havia cahido, para não ter de accusar o amigo falso. Foi soccorrido pelos negociantes com alimentos, e com elles seguiu a Mussul, onde foi procurar logo o Sultão, e lhe disse:

— Senhor, conheço o meio infallivel de curar a tua filha da cruel doença que lhe roubou a razão. Não exijo recompensa; só peço que perdôe a vida ao pobre medico que hoje, por ordem tua, e por não ter podido curar a princeza, deve ser executado, como me contárão no caminho.

Fitou o Sultão severamente Abu e lhe disse:

— E sabes que tu mesmo morrerás se não me curares a filha?

— Não o ignoro, Senhor, — retrucou Abu, — mas não tenho medo. Faz o que pedi e não te has de arrepender.

O Sultão deu ordem que suspendessem a execução, e levou Abu aos seus aposentos, onde o tratou com regia hospitalidade.

— Determina, Senhor, — disse Abu, — que na sexta-feira se fação preces na mesquita com assistencia da enferma; no mesmo dia ella ficará curada.

MIL E UMA NOITES.

Por ordem do Sultão dispôz-se tudo como Abu o havia indicado, e, na hora marcada, o soberano conduzio a princeza ao templo cheio de crentes. Durante a oração Abu tirou do bolso um frasco com essencia de fel da terra, e aspergiu de repente o rosto da doente. Ouvio-se ao lado della um grito estridente; a princeza ergueu a cabeça e reconheceu com clareza de espirito seu pai e sua comitiva: achava-se completamente curada.

O Sultão soltou gritos jubilosos, abraçou a filha e Abu, e estava tão contente, que lagrimas de satisfação lhe corrêrão pelas faces.

Acompanhado pelas acclamações do povo, o soberano dirigio-se com a princeza e Abu ao palacio, onde perguntou ao salvador de sua filha:

— Como poderei agradecer-te? Pede a metade de meu reino e eu t'o darei; pede a minha vida e será tua! Pede o que quizeres, e eu t'o concederei.

Abu, porém, nem pedio o reino, nem a vida do Sultão; outros erão os seus desejos, e elle respondeu:

— Visto que queres por força recompensar-me, dáme então a mão de tua filha, que muito amor me despertou.

— Toma a princeza, disse o Sultão, que bem a mereceste.

Abu abraçou e beijou a princeza, e disse ao Sultão:

— Trataste-me como verdadeiro soberano, concedendo-me a mão de tua filha, quando me suppunhas pobre e miseravel. Amanhã, porém, verás os meus

ABU E NIUTYN.

thesouros, e comprehenderás que sou mais rico que o mais poderoso rei do mundo. Basta que mandes dar-me um gallo branco.

Sorrio-se o Sultão, porque já havia sabido que Abu chegára pobre e necessitado com a caravana; contudo mandou fornecer-lhe o gallo que pedira

Na madrugada seguinte Abu partio com dez camellos para o monte Caleb; imolou o gallo, e, tendo-se aberto a terra, penetrou em uma caverna esplendida, onde encontrou diamantes do tamanho de um ovo de pomba, rubins e outras pedras maiores ainda, e milhares e milhares de barras de ouro. Carregou os seus camellos tanto, que se dobrarão sob o peso, e tocou-os para a cidade, entrando no pateo do palacio, onde exclamou:

— Vem, senhor meu sogro, vem vêr o que eu trago. Quando o Sultão vio as grandes riquezas que Abu havia trazido, ficou estatico, e prorompeu depois em exclamações entusiasticas.

— Não é nada, disse Abu; rogo-te que aceites esta bagatella como mimo do teu genro. A mim não me faz falta, porque possuo mil vezes mais do que isto.

Desfez-se o Sultão em agradecimentos, e deu suas ordens para o casamento, que teve logar no mesmo dia, com grandes festas populares e esplendor nunca visto.

Pouco tempo depois Abu vio da janella do seu palacio um homem maltrapilho, que pedia esmola. Re-

MIL E UMA NOITES.

conhecendo Niutyn, o companheiro traiçoeiro, mandou chama-lo á sua presença, e lhe disse:

— Aposto que não me reconhecês? Pois bem, sou Abu, o companheiro que condemnaste a morrer de fome no fundo de um poço. Mas não te quero mal. Tua perversidade me servio para alcançar grandes honras e riquezas, e casar com uma formosa princeza. Por isto te perdôo, e vou pagar-te o mal com o bem.

Em seguida mandou dar-lhe um banho perfumado, vestuario sumptuoso, e servir-lhe um verdadeiro banquete, durante o qual lhe contou como sorprendêra no poço a conversação dos genios.

Admittido como commensal no palacio, Niutyn ravelava-se de inveja. Um dia lembrou-se que talvez lhe fôsse proveitoso assistir a uma das conferencias dos genios no fundo do poço; quiçá lhe indicassem um meio para desgraçar Abu, sonho predilecto daquelle miseravel.

Deixou o palacio, dirigio-se ao deserto, e ao cahir do noite escondeu-se no poço.

Não tardarão os genios em comparecer.

Dizia um:

— Irmão, algum astuto nos surpreendeu os segredos, porque a princeza foi curada.

Accrescentou o outro:

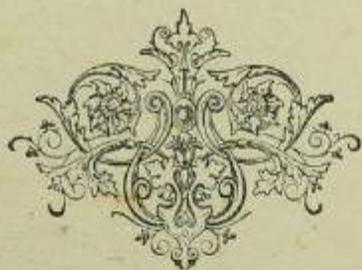
— E o meu thesouro foi surripiado. Desconfio deste maldito poço.

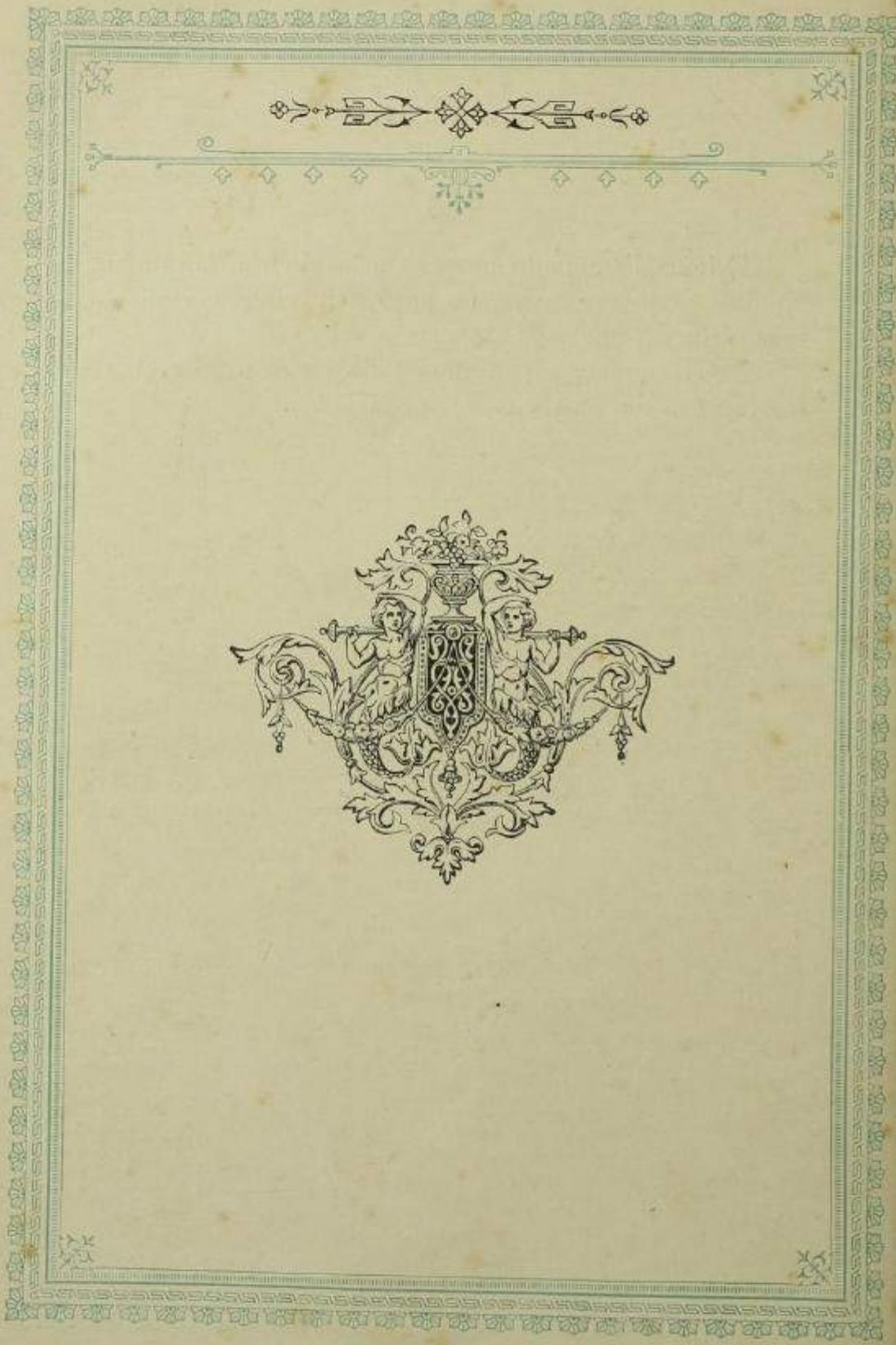
— Pois então, entulhem-lo, respondeu o primeiro.

ABU E NIUTYN.

E immediatamente puzerão mãos á obra, lançando grandes pedras e terra no poço, enterrando o miseravel Niutyn, em paga de suas maldades.

Abu, porém, levou uma vida longa e feliz, em recompensa de suas virtudes acrisoladas.





A PESCA MARAVILHOSA.



RA uma vez um pescador, que possuía uma choça mesquinha nos arredores de uma grande cidade situada á beiramar, e para povoar esta misera morada, uma mulher e muitos filhos, que quasi constantemente lhe davão grandes cuidados, visto que só podia contar com o producto do seu trabalho, e este muitas vezes era tão escasso, que todos tinhão que deitar-se sem ter ceiado.

Comtudo o pobre do pescador não desanimava, porque tinha fé em Deus, que veste as flôres das campinas, e alimenta os cantores dos ares,

MIL E UMA NOITES.

e assim mostrava-se piedoso e honesto, sem inveja dos ricos, e sem maldizer da sorte.

Uma madrugada levantou-se, como de costume, de vagar, para não despertar os filhos, agarrou as suas redes, e encaminhou-se para a praia, afim de pescar. Fez a sua oração, e deitou a rede.

Sentindo grande peso nella, alegrou-se com a idéa de uma pescaria abundante; mas, ao retirar com grandes esforços a sua rede das ondas, vio com profundo pezar que o lance apenas consistia em um esqueleto de burro. Zangou-se devéras, e arrojou a ossada ao chão, tendo ainda em cima de concertar a rede que, com o peso descommunal, se havia aberto em muitos pontos.

Habilitado novamente para o trabalho, passou ao segundo lance, e ainda desta vez sentio logo que havia pescado um corpo volumoso.

Novo desengano, porque, em lugar de peixes, só encontrou um cesto velho, cheio de lodo do mar.

Principiou a receiar o pobre do homem que ficaria sem almoço para os seus, porque ha tempos havia feito uma promessa de nunca largar a rede mais de quatro vezes em um mesmo dia.

Com estas tristes apprehensões encetou o terceiro lance, e percebeu que desta vez a rede se tornára ainda mais pesada que nas outras, e só com esforços immensos conseguiu recolhe-la.

A PESCA MARAVILHOSA.

Vio então reluzir aos ultimos clarões da lua uma vasilha de latão, grande e volumosa, com fórma de garrafa.

— Valha-me isto, disse com um suspiro de allivio. Pelo menos poderei vender este objecto, e com o seu producto alimentar-me mais abundantemente do que com alguns peixes que poderia ter apanhado.

E limpou as suas redes, e dispunha-se a partir para a cidade, quando aos primeiros raios do dia vio que a garrafa estava fechada com um grande sêllo de chumbo, e que, além disto, era tão pesada, que a sós nunca a poderia transportar.

Ajudando a curiosidade, puchou da faca, cortou o sêllo, abriu a vasilha, e saccudio-a tanto quanto estava em suas forças.

Mas nada transbordou do gargallo, e a garrafa parecia vazia.

Emquanto, porém, o pobre do pescador ficava a cogitar no caso estranho, vio de repente, com grande espanto, surgir da vasilha um denso vapor, que se estendia pelo mar e pela praia, e subia pelos ares como neblina cerrada. Pouco a pouco esta neblina se condensou, e tomou a figura de um gigante enorme, que era mais alto do que o mais elevado e o mais poderoso gigante do mundo.

E o gigante exclamou:

— Salomão! ó grande Salomão! Basta de castigo! Submetto-me ao teu poder!

MIL E UMA NOITES.

O pescador, ao contemplar attonito este espectáculo extraordinario, esteve a ponto de fugir de medo. Mas, reflectindo, que por fim de contas era elle quem havia libertado o prisioneiro, cobrou animo e disse:

— Não comprehendo, amigo, porque chamas por Salomão, que já morreu ha muitos annos, e não te póde auxiliar, nem prejudicar-te.

O gigante fitou os olhos chammejantes nos pescador, e retorquio com uma voz retumbante como o trovão:

— Mais respeito, misero humano, estás fallando com um genio poderoso entre os mais poderosos!

Dizer que não se assustou um pouco o pescador quando ouviu a voz possante, seria faltar a verdade. Porém o susto lhe passou depressa, e respondeu desembaraçadamente:

— Homem ou genio, não tenho medo de ti. Quero que me contes a tua historia, em troca de eu ter-te libertado.

O gigante, porém, contestou:

— A tua morte é inevitavel, e não te retirarás desta praia. Assim o jurei, e assim ha de cumprir-se. Serei clemente, comtudo, deixando-te a escolha da morte que te deve ferir. E, para que vejas que não posso obrar de outro modo, contar-te-hei a minha historia:

«Sou um dos genios que se rebellárão contra o

A PESCA MARAVILHOSA.

céo, não querendo reconhecer outro poder mais forte do que o seu. Deus, porém, armou o propheta Salomão de modo que veio a ser mais poderoso do que nós. O propheta enviou os seus servos contra nós e Assal, filho de Barachias, apoderou-se de mim, e conduzio-me aos degrãos do throno em que descansava Salomão em toda a sua pompa. Prometteu-me o grande propheta o perdão da minha rebellião, sob condição que reconhecesse o poder de Deus. Eu, porém, hallucinado pela pertinacia, não quiz sujeitar-me a ninguem. Então Salomão, perdendo a paciencia, mandou trazer este frasco de latão, prendeu-me nelle, fechou-o com o seu sello, que não temos o poder de romper, e ordenou que o deitassem no fundo do mar, onde perdi as esperanças de tornar a vêr jamais a luz do dia.

«Comtudo, fiz a promessa de cobrir de riquezas a quem me soltasse durante o primeiro seculo. Mas o seculo se passou, e o momento de soltura não appareceu.

«Então jurei que daria todos os thesouros do mundo ao meu salvador. O segundo seculo se passou como o primeiro. E pela terceira vez fiz juramento de que elevaria a quem me salvasse á dignidade de rei, e que lhe daria a faculdade de vêr realizados tres desejos que poderia fazer em todos os dias da sua vida. Mas tambem o terceiro seculo expirou sem trazer-me allivio.

MIL E UMA NOITES.

«Foi quando apoderou-se de mim a furia, e jurei por todos os poderes do céu, e pelo rei dos genios, que mataria o desgraçado que viesse tirar-me da minha triste situação. Bem vês, meu caro pescador, que não posso deixar de matar-te.»

Era o caso assustador, e o pobre do pescador já pensava o que seria de sua misera mulher e dos filhos numerosos, se elle viesse a faltar-lhes. Vencer o gigante pela força era cousa impossivel. Mas se appellasse á astucia?

— Poderoso genio, disse depois de um momento de reflexão, pelo que vejo não posso escapar á minha sorte, por cruel que seja. Mas, em nome de Deus, te rogo que ainda me respondas a uma ultima pergunta.

O genio, ao ouvir o nome de Deus, encolheu-se todo e pôz-se a tremer; não podendo, porém, resistir ao pedido feito deste modo, fez signal ao pescador para que fallasse.

— Não me posso capacitar de que um corpo gigantesco como o teu tivesse achado lugar nesta vasilha tão pequena. Pregaste-me uma mentira, não é assim?

— Não, respondeu o genio, fallei-te a verdade.

Mas, o pescador insistindo em suas duvidas, por fim, zangou-se o gigante, e exclamou:

— Para que não possas duvidar mais da veracidade da minha narração, e da extensão do meu poder, vou já á tua vista voltar para dentro da garrafa. Mas prepara-te para morrer logo que tornar a sahir.

A PESCA MARAVILHOSA.

Disfarçou o pescador um sorriso malicioso, que muito teria dado a pensar ao gigante se o tivesse percebido; mas já estava todo occupado em fernecer a prova evidente de que realmente podia caber na prisão que dizia ter habitado por tantos seculos.

Principiára por desfazer-se em neblina, que se estendeu por cima do mar e da terra, e chegou a escurer o sol.

Em seguida o pescador vio penetrar toda esta massa nebulosa no frasco de latão, o ouviu por fim a voz do genio que gritava do fundo da vasilha:

— Estás convencido agora, humano incredulo?

— Mais que convencido, — respondeu o pescador, agarrando a tampa com o sello de Salomão, e zás! fechou o frasco, e exclamou cheio de alegria:

— E agora, meu mata-sete, estás outra vez na gaiola, e voltas para o mar onde é mais fundo; e contarei a todos os meus collegas a tua historia e o teu juramento malvado, de modo que ninguem mais te salvará!

E soltou bem boas gargalhadas á custa do genio, que tão torpemente havia cahido na cilada.

Este, entretanto, fez esforços prodigiosos para sahir de sua prisão; mas demasiadamente forte era o sello de Salomão, e não teve remedio senão sujeitar-se. Começou, então, a supplicar e a fazer as mais generosas promessas ao pescador, caso lhe restituisse a liberdade.

O pescador, porém, mostrou-se surdo ás suas

MIL E UMA NOITES.

supplicas, e já ia rolar o frasco para o mar, para se vêr livre de pescaria tão perigosa, quando o genio exclamou:

— Juro-te por Deus, o soberano de todos os espiritos, que hei de cobrir-te de riquezas se me soltares. Bem sabes que não podemos deixar de cumprir tal juramento.

— Pois bem, disse o pescador, que conhecia a força do juramento proferido, vou abrir a tua prisão.

E effectivamente retirou o sello e a tampa da garrafa, e, momentos depois, o genio surgio ao pé d'elle, e veio agradecer-lhe, tendo o cuidado de atirar ao longe, ás ondas do mar, a malfadada vasilha, que já tanto desgosto lhe havia causado.

Ordenou ao pescador que pegasse em sua rêde e que o seguisse; e ambos principiárão a caminhar, passando por fóra da cidade, por cima de uma alta montanha, e através de uma planicie extensa, até que alcançárão um grande lago rodeado de quatro collinas, onde parárão. Muito se admirou o pescador da profundidade do lago, cujas aguas erão tão crystallinas, que podia vêr-se o fundo do seu leito, e mais cresceu a sua admiração quando vio neste fundo uma grande cidade, com casas e mesquitas, trincheiras e torreões, tudo em perfeito estado. Nas ruas nadavão muitos peixes, entrando e sahindo por portas e janellas, como se fôsem os legitimos habitantes da maravilhosa cidade aquatica. E notou o pescador que só havia peixes

A PESCA MARAVILHOSA.

de quatro côres: brancos, encarnados, verdes e amarellos.

Depois de ter deixado tempo ao pescador de admirar estas cousas, o gigante disse:

— Aqui deitarás todos os dias a tua rede, mas uma unica vez por dia, senão seria a tua desgraça. Em cada lance has de apanhar quatro peixes, um de cada côr; leva-os ao Sultão, e receberás mais dinheiro do que podes imaginar.

Ditas estas palavras, bateu com o pé no chão; abriu-se a terra, e o gigante sumio-se nella.

Deitou o pescador a sua rede, e teve a satisfação de vêr immediatamente entrar nella os quatro peixes promettidos, que tirou da agua, e levou, cheio de alegria, ao Sultão, ao qual disse:

— Trago a V. M. uns peixes como nunca os vio, e que por tão preciosos, só podem ser do meu soberano.

O Sultão admirou os peixes tão raros quão formosos, mandou chamar o seu ministro, ao qual os entregou para faze-los chegar ao primeiro cozinheiro com ordem de prepara-los dignamente. Ao pescador mandou dar quatrocentos sequins de ouro, ordenando-lhe que reservasse para a sua cozinha todos os peixes desta laia que pudesse apanhar.

O pescador voltou cheio de contentamento á sua pobre cabana, e contou á sua mulher e aos filhos a pescaria maravilhosa que havia feito, e com a qual a miseria para sempre foi banida do seio de sua familia.

MIL E UMA NOITES.

Neste comenos o ministro do Sultão levou os peixes ao cozinheiro, e ordenou-lhe que os preparasse segundo appetecia ao soberano.

O cozinheiro imperial, depois de limpa-los convenientemente, deitou-os em uma frigideira, que collocou ao fogo.

Quando, porém, fritos de um lado, os quiz voltar, abrio-se de repente a parede da cozinha, e appareceu uma dama formosissima, vestida magnificamente, e brandindo uma varinha na mão.

Sem prestar attenção ao cozinheiro imperial, que de susto tremia como uma vara verde, a dama encaminhou-se para o fogão, tocou os peixes com a sua varinha, e disse solemnemente:

— Peixinhos do lago,
Já sem demora,
As ordens que trago
Cumprão agora!

Ao que os quatro peixes, erguendo a cabeça, responderão:

Á tua voz
Obedecer
É para nós
Santo dever!

a tornárão a deitar-se no azeite em que estavam á frigir.

A formosa dama, porém, virou a frigideira com a varinha, cahindo os peixes no fogo, e desapareceu.

A PESCA MARAVILHOSA.

O cozinheiro imperial havia ficado boquiaberto, não sabendo se estava acordado ou sonhando.

Mas um cheiro de queimado o chamou á realidade, e vio com grande susto que a fritada se convertia em carvão. Que diria o Sultão?

Ao ministro que pouco depois appareceu na cozinha o infeliz contou o que lhe havia acontecido. Admirou-se S. Ex. desta aventura, mas tratou de tranquillizar o cozinheiro, dizendo que mandaria vir outro peixes.

Mas nem sempre os desejos ministeriaes achão prompta realização, e o pescador, que o ministro mandára chamar immediatamente, lembrando-se da recomendação do genio que nunca tentasse em um mesmo dia segundo lance, produzio mil desculpas, prometendo, porém, ao ministro, que não teve remedio senão sujeitar-se, que no dia seguinte offertaria ao Sultão quatro peixes tão formosos como os primeiros. E assim fez ao romper do dia, e o ministro mandou entregar-lhe quatrocentos sequins de ouro.

O ministro fechou-se na cozinha com o cozinheiro e este preparou os peixes, e deitou-os na frigideira. Quando os quiz virar, zás! abriu-se a parede, appareceu a formosa dama, e disse como da primeira vez:

— Peixinhos do lago,
Já sem demora,
As ordens que trago
Cumprão agora!

Ao que os quatro peixes, conforme havia acontecido

MIL E UMA NOITES

na vespera, erguêrão a cabeça na frigideira e gritarão em côro:

— Á tua voz
Obedecer
É para nós
Santo dever!

E, como no dia anterior, a dama virou a frigideira, e os peixes cahirão no fogo, onde ficárão reduzidos a carvão.

O ministro, que havia pesenciado tudo, emmudeceu de espanto.

Quando recuperou a voz, disse:

— Esta historia é tão extraordinaria, que a devemos revelar ao nosso soberano, que, se a soubesse por outra pessoa, seria capaz de mandar-nos estrangular.

E correu aos aposentos do Sultão, e contou-lhe tudo.

O soberano não quiz crêr a narração de seu ministro, e chegou mesmo a chama-lo de mentiroso; mas, quando este funcionario affiançou a verdade de suas palavras com a sua cabeça, o soberano abrandou-se e resolveu assistir pessoalmente á fritada do dia seguinte.

O Sultão recebeu os peixes da mão do pescador, e, depois de haver-lhe mandado dar quatrocentos sequins de ouro, arranjou no seu proprio aposento, com auxilio do ministro e do cozinheiro, um fogão, limpou e preparou os peixes, e deitou os na frigideira. Quando estavão fritos de um lado, virou-os. Abrio-se uma parede com estrondo, mas desta vez, em logar da dama

A PESCA MARAVILHOSA.

formosa, appareceu um homem negro, de feia catadura, que encarou o soberano com pouco respeito, tocou com uma vara os peixes, e disse com voz selvagem:

— A ordem que trago
Cumprão agora!

Os peixes erguêrão a cabeça, dizendo:

— Obedecer
Santo dever!

e o feio do homem atirou a frigideira ao fogo, e desapareceu.

O Sultão era valente e bastante perspicaz, apesar da sua dignidade.

Sacudindo a cabeça, disse:

— Aqui ha cousa; tragão-me já o pescador, que quero conversar com elle.

Correu o ministro em procura do pescador, e quando pouco depois o levou á presença do Sultão, este começou logo a indagar da procedencia dos peixes, e ficou muito admirado, quando soube da existencia de um lago que nunca havia sido visto por habitante algum da capital.

Semelhante mysterio, porém, não devia continuar a existir para Sua Magestade, e, não fiando-se muito nas informações que poderia dar-lhe a sua policia, o Sultão resolveu ir fazer pessoalmente uma excursão até á margem das aguas enigmaticas.

Mandou reunir a toda a pressa uma guarda de honra, que se compunha de um verdadeiro exercito armado

MIL E UMA NOITES.

brilhante e poderosamente, e, acompanhado pelo ministro e pelas tropas, seguiu ao toque das bandas marciaes o pescador, que sem estorvos o conduziu á beira do lago, onde Sua Magestade, debruçando-se, vio nas profundidades das aguas transparentes a cidade submergida e os peixes de quatro côes.

Decidido firmemente a decifrar o enigma, o Sultão mandou a sua gente que acampasse ali, e immediatamente armarão-se mil e mil tendas vistosas, ornadas de galhardetes e estandartes multicolores.

Todo o dia levou o Sultão a cavilar sobre a origem deste lago mysterioso, do que nunca tivera conhecimento antes da pesca maravilhosa do seu guia; despedio o pescador, depois de havê-lo recompensado generosamente, e á entrada da noite mandou chamar o seu ministro, e lhe disse:

— Não terei mais descanso emquanto não souber como nasceu este lago extraordinario. Com o romper do dia hei de transpôr a pé uma destas quatro collinas, e caminhar até encontrar os esclarecimentos appetecidos. Ao meu exercito dirás que incommodo passageiro me prende na barraca, e durante a minha ausencia governarás no meu logar, não permittindo que ninguem saia do acampamento sob pena de morte.

Arrojou-se o ministro aos pés do seu soberano, implorando-o que não tentasse sósinho esta aventura; mas o Sultão havia dito, e palavra de rei não volta atraz; vestio-se simplesmente, cingio a sua melhor espada, e

A PESCA MARAVILHOSA.

ao primeiro albor transpôz uma das collinas que cercavão o lago, penetrando em uma planicie que cortou durante todo o dia. Por fim descobrio um castello magnifico, ao qual dirigio apressadamente os passos, porque a fome já principiava a torturar-lhe o imperial estomago. Alcançado o edificio, o Sultão confessou que nunca vira castello mais esplendido.

As paredes erão construidas de marmore preto, brilhantemente brunido, e o tecto era todo de prata.

Vendo um portão aberto, encaminhou-se para esta entrada, e bateu, na crença de que algum criado appareceria para leva-lo á presença do dono deste castello sumptuoso.

Mas ninguem acudio ao seu primeiro chamado, nem ao segundo e terceiro que fizera com mais força.

Então o Sultão, pouco acostumado a esperar, resolveu penetrar na morada mysteriosa, de espada em punho. Resoárão os seus passos nos vastos corredores, sem attrahir pessoa alguma.

O Sultão abriu varias portas, percorreu salões immensos recheiados de objectos magnificos, de esplendidas obras de arte, mas nem uma alma viva encontrou.

Por fim chegou a uma sala mais formosa ainda que todas as outras. No meio deste recinto havia uma fonte de marmore, com quatro enormes leões de bronze, que arrojavão pela boca poderosos jactos de agua; divans de purpura e ouro circumdavão a sala, e cortinas maravilhosamente bordadas, temperavão a luz

MIL E UMA NOITES.

que penetrava pelas altas janellas; era tão fresco e aprazível este salão, que o Sultão deitou-se em um dos divans para descansar da longa jornada.

Estava a meditar sobre o abandono apparente deste magnifico castello, quando de repente ouviu uma voz lastimosa e pungente, que devia vir de um aposento contiguo á sala.

O Sultão levantou-se, e, seguindo a direcção indicada pela voz, entrou em um recinto que ainda não havia visto.

Neste aposento havia um throno, e nelle se achava um moço de extrema formosura.

Uma corôa de ouro, cravejada de pedras preciosas, lhe ornava a frente; rico manto de purpura lhe descia dos hombros, e na sua dextra via-se um sceptro artisticamente trabalhado.

O Sultão approximou-se do throno e saudou o moço.

Este inclinou a cabeça em agradecimento; mas não se levantou do throno, e disse:

— Quem quer que sejas, não estranhes que não me levante para cortejar-te; chega-te e olha!

E abriu o manto de purpura.

Grande susto apoderou-se do Sultão, quando vio que só o busto do moço era de carne e osso; todo o resto do corpo era de marmore preto, como o pedestal de uma estatua.

A PESCA MARAVILHOSA.

O moço, porém, escondeu o semblante, e chorou lagrimas amargas.

O Sultão, vencido o primeiro instante de espanto, aproximou-se mais ainda do infeliz, abraçou-o e o acompanhou em seu pranto, pedindo-lhe finalmente que lhe contasse a sua historia.

— Não é a curiosidade que me move, disse elle compadecido, mas estou resolvido a fazer tudo quanto estiver ao meu alcance para mitigar a tua sorte cruel.

Serenou-se um tanto o semblante do moço; enxugando as suas lagrimas, disse ao Sultão:

— Embora renove assim dôres pungentes, vou contar-te tudo, e ouvirás uma historia tão extraordinaria quão lastimosa.

E pôz-se a contar como segue:

Era meu pai Mahmud, o rei das quatro Ilhas Negras. Educou-me digno da minha elevada posição, e aprendi tudo quanto podião ensinar-me os homens mais sabios do nosso reino. Meu pai morreu, e eu segui-lhe no governo, amado pelo povo, porque me esforçava de reinar com brandura e de eliminar todas as arbitrariedades. Casei-me com uma sobrinha minha, que sempre me havia parecido bôa e caritativa. Cinco annos vivi feliz com ella, sem ter um unico motivo de queixa. Por desgraça minha, tive que fazer então uma viagem, que me prendeu seis mezes longe de minha esposa.

Em minha ausencia apresentou-se um ancião de

MIL E UMA NOITES.

aspecto veneravel, que disse ser tio de minha mulher, e queria visita-la na sua prosperidade.

Minha esposa acolheu bem o ancião, e o tratou com muito carinho, porque sabia fingir-se bom e virtuoso.

Mas era realmente um magico, máo e cruel, que queria deshonrar-me, e escolhêra a minha ausencia para suas machinações tenebrosas.

Um dia minha esposa externou o desejo de saber onde eu me achava, e como estava. Immediatamente o magico trouxe-lhe um espelho, que mostrava tudo quanto se queria vêr, e convidou a rainha, a que dissesse ao reflector o que desejava.

A rainha, sem desconfiança alguma, assim o fez, e o espelho, docil ao seu mando, mostrou-me, percorrendo em veloz ginete uma formosa planicie alegre e contente.

O magico, seguro do effeito produzido, disse então á minha esposa:

— Não poderia offertar-lhe este espelho, ainda que quizesse; irremissivelmente voltaria a meu poder; mas posso ensinar-lhe a preparar outro igual.

Aceitou a rainha o offerecimento do velho, e este revelou-lhe os segredos da magia, e, dando-lhe este poder extraordinario, tornou-a insensivel para todas as outras cousas.

De bôa que era, tornou-se irascivel, e a esposa meiga e submissa, transformou-se em mulher rispida e sombria.

A PESCA MARAVILHOSA.

Quando voltei, já era tarde para impedir os progressos do mal; do coração de minha mulher havia desaparecido todo o amor, dando lugar á repugnancia e ao odio.

Muito me affligio esta descoberta, e comprehendi que o autor da malfadada transformação era o velho magico.

Um dia mandei chamar minha esposa aos meus aposentos, e exhortei-a com carinho e amizade a abandonar a vereda reprovada que trilhava, e a banir o magico de sua presença.

Ella escutou-me em sombrio silencio, mas recusou-se a fazer o que della implorava, como esposo.

Zanguei-me então, e ordenei como soberano, ameaçando-a de morte, se me desobedecesse. Assustou-se, e prometeu dobrar-se ás minhas ordens, e desde então não vi mais o magico no palacio.

Passado algum tempo, estava eu deitado em um divan a descansar, enquanto que dous escravos me abanavão para enxotar as moscas. Mantendo-me immovel e absorto em profundas meditações, os escravos me julgárão adormecido, e um delles disse:

— Se soubesse o nosso bom rei como a rainha o engana! Todas as noites dá-lhe um narcotico que o immobilisa até pela manhã, e em seguida desce ao pavilhão do jardim, onde escondeu o magico, e pratica com elle suas machinações infernaes.

— Tens razão, disse o outro, mas quem se atreverá

MIL E UMA NOITES.

a prevenir o Sultão? A mulher diabolica tiraria a vida a qualquer delator.

Fiquei attonito com esta noticia inesperada; fingi, porém, que estava dormindo, mas resolvi matar o magico, e arrojá-la em uma masmorra, onde nunca mais veria a luz do sol.

De noite recolhi-me ao meu quarto como de costume. Veio tambem minha mulher e apresentou-me a libação nocturna. Tomei a taça e levei-a aos labios, mas, aproveitando um momento de distracção da rainha, despejei o conteudo ao chão, restitui a vasilha vazia, e deixei cahir-me entre as almofadas, como adormecendo profundamente.

A rainha contemplou-me um momento, e disse:
— Que bom que nunca mais despertasses.

E com este piedoso desejo sahio do aposento, deixando-me só. Saltei da cama, cobri-me depressa com alguma roupa, agarrei a minha bôa espada, e segui as pisadas da mulher traidora, que se havia dirigido ao jardim. Chegando á porta do pavilhão, bateu tres palmas, a porta se abriu, e o magico appareceu. Conservei-me quieto, para conhecer a fundo a falsidade de minha mulher.

Passeavão ambos ao longo de uma sebe de cyprestes; puz-me do outro lado da sebe e acompanhei-os tão de perto, que pude ouvir toda a sua conversação.

Principiou o velho revelando á minha mulher varios arcanos magicos; em seguida instou com ella para

A PESCA MARAVILHOSA.

que me matasse, e o collocasse no throno. A rainha não fez grande resistencia, e prometteu tirar-me a vida.

Não pude mais dominar a minha ira; saltei a sebe, e de um só golpe abri a cabeça ao magico, que cahio por morto, banhado em seu negro sangue. Quando, porém, quiz agarrar minha mulher, esta murmurou algumas fórmulas magicas, e descreveu circulos com a sua varinha; em um instante desapparecêrão a minha capital e o meu povo, debaixo das ondas de lago transparente, onde os meus subditos ficárão transformados em peixes: os musulmanos de côr branca, os persanos vermelhos; os schristãos azues, e os judeus amarellos. Eu mesmo fiquei preso neste throno, e não podia fugir, porque da cintura até os pés fôra transformado em marmore. Comtudo regosijava-me ainda por ter morto o velho ominoso, causador de todos os meus soffrimentos. Mas, ai! de mim. Minha mulher, com o seu poder mysterioso, o salvára da morte, não conseguindo, porém, tira-lo de um estado lethargico em que constantemente permanece, sem poder mover um dedo, nem proferir uma palavra.

Dia por dia vem a rainha com uma disciplina, descobre-me as costas e fustiga-me tão cruelmente, que o sangue me escorre pelo corpo, e as carnes se me convertem em chaga aberta. Surda ás minhas supplicas e aos meus gritos, castiga-me até que, de cansaço, não póde mais; então, para zombar de mim, me cobre com a purpura real, collocando-me na cabeça a corôa, e vai

ter com o seu mestre para fazer-lhe companhia, no sumptuoso palacio que construiu no jardim por meio dos seus artificios, e onde o magico permanece entre a vida e a morte.

Quanto a mim, só poderei ser salvo depois da morte do velho e de minha mulher.

O Sultão, que havia ouvido attentamente a narração do preso, disse carinhosamente:

— Meu pobre amigo, juro-te que dedicarei a minha vida á tarefa de salvar-te. Combinei já um meio, que me parece efficaz, mas que não quero ainda revelar-te para não agitar-te de ante-mão. Deixa vir a rainha, e principiarei a executar o meu plano.

Pouco depois soárão no corredor os passos da cruel mulher; o Sultão agarrou a sua bôa espada, e correu para o jardim; ainda ouviu os gritos lastimosos do pobre preso, que ia sendo fustigado com o costume pelo seu algoz.

O Sultão penetrou no palacio sumptuoso, onde jazia no magico, e cravou no malvado a sua bôa espada bem no meio do coração, de modo que morreu instantaneamente.

Em seguida arrastou o cadaver ao jardim, onde o enterrou em uma cova profunda, e voltando para o palacio, deitou-se na cama do justiciado, virando a cara para a parede, á espera da rainha perversa.

Não tardou esta, e, vendo o seu mestre com a cara

A PESCA MARAVILHOSA.

virada, perguntou-lhe carinhosamente como se achava, naturalmente sem contar com uma resposta.

O Sultão, porém, disfarçando a voz, respondeu com grande espanto da rainha, que se sentia muito mal, e que não havia meio de melhorar, enquanto ella não desfizesse o feitiço que prendia o seu esposo.

A rainha, louca de alegria, por ouvir fallar assim o seu mestre, disse:

— Os gritos desse miseravel não hão de encommo-
dar-te mais; corro a liberta-lo.

E foi ao aposento onde se achava seu esposo, tocou-o com a vara, borrhifou-o com agua, e proferio estas palavras:

— Se nasceste com as fórmulas que ora tens, permanece assim; se não, transforma-te naquillo que eras!

Esta fórmula libertou o rei; o marmore transformou-se em carne e osso, e o monarcha sentio-se tão bem como nos melhores tempos de sua existencia.

A rainha, porém, ordenou-lhe que immediatamente deixasse o palacio, e que nunca mais voltasse.

Obedeceu aparentemente o rei, mas foi esconder-se entre os arbustos do jardim, á espera do desfecho ideiado pelo Sultão.

Este, entretanto, disse á rainha, logo que esta lhe contou o que acabava de fazer, que muito lhe agradecia esta prova de amizade, e que já se sentia melhor, mas que, comtudo, para o seu restabelecimento com-

MIL E UMA NOITES.

pleto, era mister restituir ao reino das quatro Ilhas-Negras o seu antigo estado.

A rainha bateu no soalho com o pé e proferio uma phrase cabalística.

Apenas havia terminado, desapareceu o lago com os peixes de quatro côres, e ostentou-se a cidade em sua fôrma primitiva, estendendo-se até ás portas do palacio; e os peixes que se haviam transformado em turcos, persas, christãos e judeus, cuidavão de seus negocios, como se nada tivesse havido.

O Sultão havia observado tudo, e quando vio destruido o feitiço, agarrou a sua bôa espada, saltou da cama, e, antes que a rainha tivesse tempo de appellar ás suas magias, jazia já no chão com a cabeça partida e bem morta.

Tendo assim levado a fim o seu plano bem urdido, o Sultão correu em busca do rei, que o recebeu de braços abertos, chorando lagrimas de alegria e de gratidão.

Entrárão no palacio, que formigava de criados e escravos, de esbirros e soldados, de ministros e cortezãos, e tudo estava na melhor ordem possível.

O Sultão disse ao rei:

— É tempo que me vá agora; o meu povo ha de estar afflicto, porque pensa que estou doente. Amanhã poderei voltar a fazer-te uma visita, e vêr se tudo continúa bem no teu estado.

O rei deu uma risada, e perguntou:

A PESCA MARAVILHOSA.

— Meu caro Sultão, a que distancia pensas estar de teu exercito?

— Quatro ou cinco leguas, quando muito, porque a pé só gastei um dia para vir do lago até o teu palacio.

— Isto era quando estavamos ainda enfeitiçados. Hoje, para voltares ao teu paiz, empregarás pelo menos um anno.

— Mas então, disse o Sultão um pouco entristecido, onde estará o meu ministro com o exercito, que deixei á beira do lago?

— Se os deixaste á margem do lago, devem estar acampados ás portas desta cidade.

Enviou o rei um mensageiro, e este voltou conduzindo o ministro e as tropas do Sultão, que muito se alegrarão quando virão que seu soberano estava no gozo de bôa saude.

O rei das Ilhas-Negras ordenou grandes festas em honra do Sultão e do seu exercito, e todos banquetearão-se durante uma semana inteira.

Ao cabo de oito dias, porém, o Sultão insistio em partir. Então o rei mandou preparar cem camellõs, carregados de ouro, prata, perolas e pedras preciosas. Armou um exercito de oitenta mil homens, e quando tudo estava prompto, disse ao Sultão:

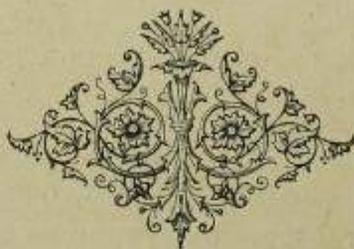
— Tu me salvaste de todas as maguas, cumpreme mostrar-me grato. Rogo-te que aceites estes cem

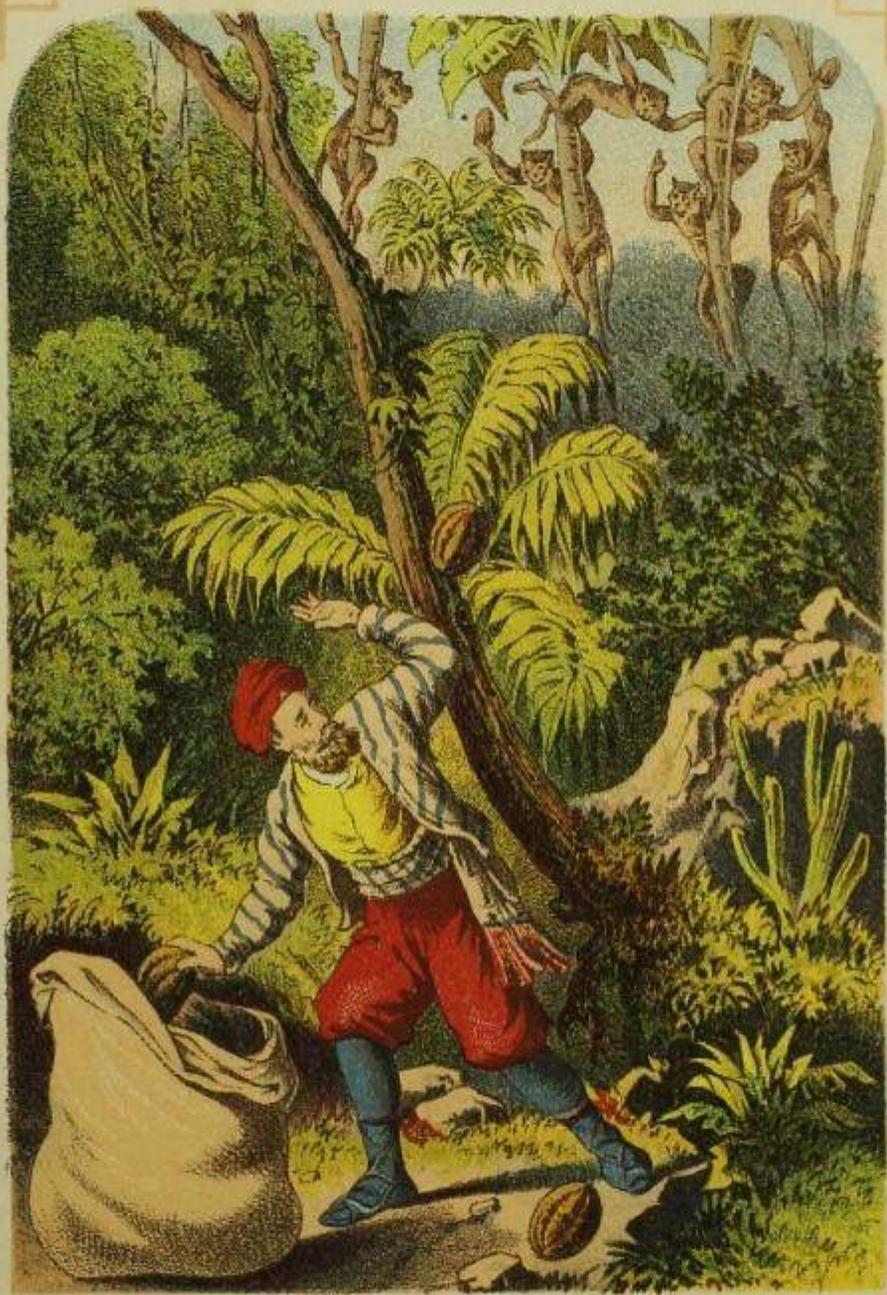
MIL E UMA NOITES.

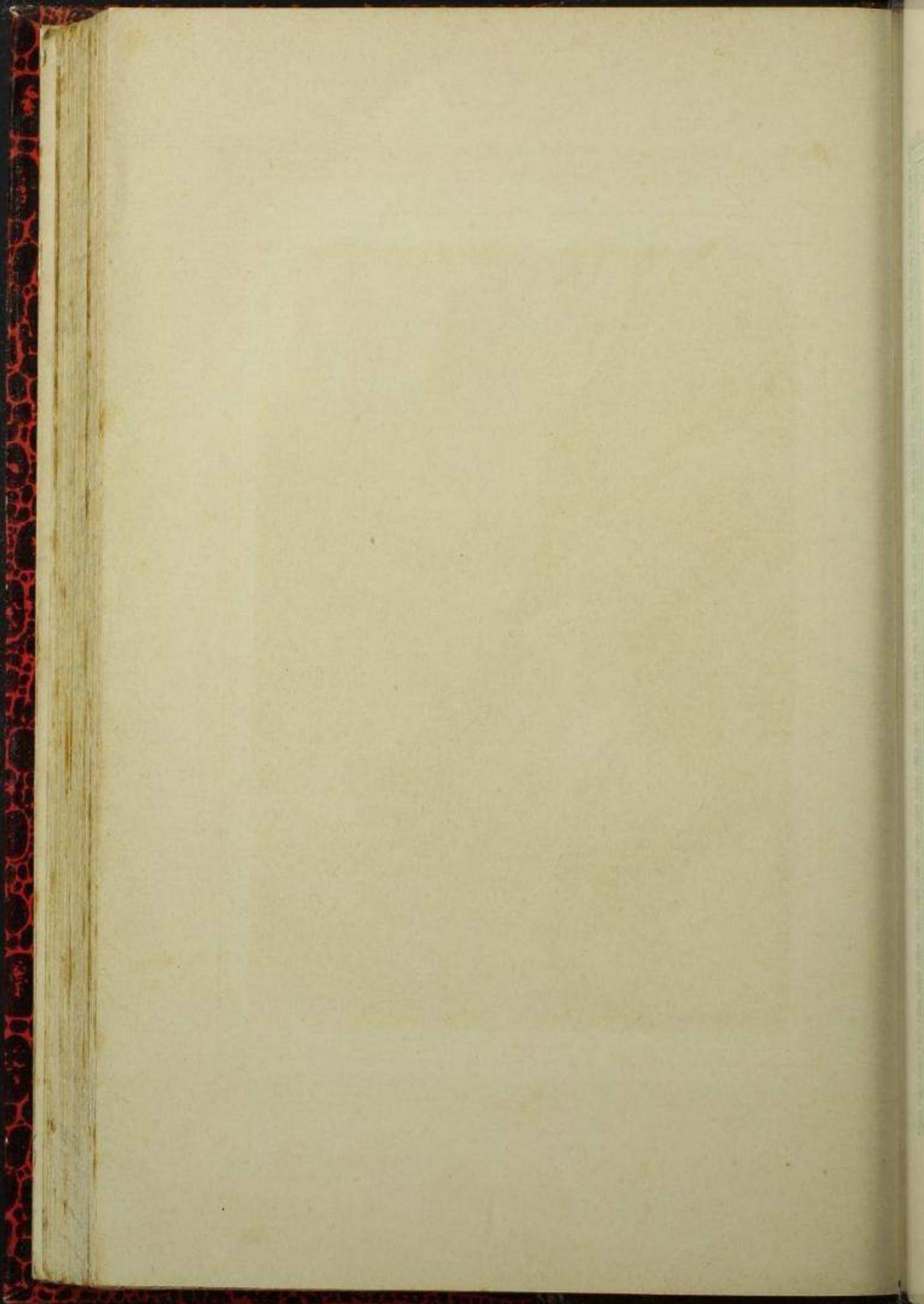
camellos, e me permittas acompanhar-te com o meu exercito até ás fronteiras dos teus estados.

O Sultão mostrou-se sensivel aos amistosos carinhos do rei, aceitou o mimo, e todos partirão, chegando dêpois de longa jornada aos limites do reino do Sultão, onde os dous amigos se separarão, promettendo visitar-se todos os cinco annos, promessa que religiosamente cumprirão enquanto viverão.

Ao entrar em sua capital, o Sultão foi vivamente acclamado pelo seu povo. Mandou distribuir muitas esmolas, e chamar ao pescador, ao qual deu tantas riquezas, que com muito acerto podia dizer que havia feito *uma pesca maravilhosa*.







SINDBAD-O-MARUJO



XISTIA em Bagdad um mariola, que passava a vida miseravelmente, oprimido pelo trabalho e pelas privações.

Um dia de calor suffocante levava nos hombros pesada carga de um extremo da cidade a outro; já havia vencido uma bõa distancia, quando chegou defronte de uma casa de opulenta apparencia, na qual se dava festa ruidosa, a julgar pelo som da musica e pelos alegres cantares que passavão pelas janellas abertas. E não era só o ouvido do mariola lussuf que se achava excitado pelas manifestações festivas: gozava o olfacto tambem

MIL E UMA NOITES.

os aromas agradáveis de manjares exquisitos e deliciosos.

Parou, pois, Iussuf, descansou sua carga debaixo de uma das janellas abertas, e, dirigindo-se a um criado encostado á porta da entrada, perguntou-lhe quem habitava aquella formosa casa.

Deitou-lhe o criado um olhar desdenhoso e disse-lhe:

— Pouco conheces a cidade, se não sabes que aqui mora Sindbad, o opulento marujo, que cruzou todos os mares do mundo, juntando em suas viagens thesouros incalculáveis.

Era certo que Iussuf já ouvira fallar de Sindbad, porque nos corrilhos das ruas muitas cousas se dizem do ricasso, contando-se as aventuras as mais inverosímeis. Agradeceu ao criado, e voltou junto de sua carga, para alça-la e continuar o seu caminho.

Olhando, porém, os objectos pesados que tinha de transportar, veio a comparar insensivelmente a sua triste sorte com o quinhão brilhante de Sindbad, e grande amargor apoderou-se delle, a ponto de exclamar em voz alta:

— Que differença entre os destinos dos mortaes! Muito me custa a adquirir o miseravel pão de cevada para mim e meus filhos, ao passo que Sindbad, o ricasso, póde gastar sommas enormes para viver em opulencia e alegria, sem preoccupar-se do futuro! Por que estou eu condemnado á miseria, e como mereceu

SINDBAD-O-MARUJO.

elle sorte tão feliz? Tenho que estafar-me desde o romper do dia até alta noite, emquanto que elle se deleita sem cessar!

Entregue a estes tristes pensamentos, Iussuf vio approximar-se um criado, que lhe fez uma grande reverencia, e lhe disse:

— Meu amigo, manda-o chamar meu amo; se aceita o seu convite, queira acompanhar-me.

Iussuf, cuja curiosidade se achava singularmente excitada por este chamado, seguiu o criado, que o guiou, passando por varios formosos aposentos, até á sala de jantar, onde em redor de uma mesa coberta de variadissimos manjares se achava reunida esplendida roda de cavalleiros, presidida pelo dono da casa.

Era sympathico o aspecto de Sindbad; opulenta barba branca cahia-lhe ao peito; despedião os olhos raios benevolentos, e na testa brilhavão-lhe sabedoria e nobreza. Chamou Iussuf ao seu lado, ordenou a um criado que chegasse um assento e trouxesse um talher, e obrigou o mariola a banquetear-se á sua direita. Muito perplexo sentio-se no primeiro momento o misero trabalhador em roda tão selecta; vendo, porém, que reinava o maior abandono nesta festa, e que ninguem o olhava com desdem, cobrou animo e comeu com grande prazer.

Havendo satisfeito a vontade de comer, ouviu a voz de Sindbad, que lhe perguntava carinhosamente:

— Como te chamas, e quem és, irmão meu?

MIL E UMA NOITES.

— Senhor, respondeu o pobre sem hesitar, sou Iussuf, o mariola.

— Muito bem; desejava agora que me repetisses as palavras que ha pouco proferiste na rua.

O facto era que Sindbad havia ouvido pela janella aberta a triste exposiçãõ do mariola, em consequencia do que o havia mandado chamar. Iussuf, porém, sentio-se muito constrangido ao ouvir o convite de Sindbad, e não se animava a fallar.

— Não tenhas pejo de tuas palavras, amigo, disse o ricasso; não conhecias os perigos e privações ligados ás minhas viagens, e pensaste que eu era um dos felizes mortaes que adquirirão fortuna dormindo; assim era facil magoar-te, comparando a tua sorte com a minha. Escuta, porém, quero contar-te o que tive de soffrer antes de chegar a bom porto, e de certo não continuarás a invejar-me. E tambem vós, meus irmãos, continuou elle, dirigindo-se aos seus convidados, não desgostareis de ouvir a minha historia, que encerra bem boas lições.

E, ordenando aos criados que levassem a carga de Iussuf ao seu destino, começou assim:

— Quando meu pai morreu, era eu um joven de dezoito annos, muito inclinado aos prazeres. Com a herança que me coubera, vivi durante um anno entregue aos deleites, sem lembrar-me do futuro, banqueando-me francamente com amigos e conhecidos, e não poupando a bolsa que sem cessar se abria. Mas

SINDBAD-O-MARUJO.

por fim veio a saciedade abrir-me os olhos, e comprehendí que podia empregar mais utilmente os restos de minha fortuna, infelizmente já bem reduzida.

Mandei vender os meus trastes, e com o producto comprei um variado sortimento de mercadorias. Consultei alguns negociantes, que havião sido amigos de meu pai, e todos aconselhárão-me que embarcasse e tentasse fortuna em paizes longinquos. Aceitei o conselho e fui a Balsora, onde encontrei um navio prestes a suspender o ferro; embarquei-me com muitos outros mercadores e partimos. De uma ilha passavamos á outra, e em todas soube aproveitar tão bem o ensejo, que a minha fortuna crescia a olhos vistos, e já podia pensar em voltar a Bagdad e viver tranquillamente dos meus lucros. Um dia chegámos a uma ilha muito grande, que parecia inhabitada. Só se vião na praia algumas arvores carregadas de fructos. Como ha muito não pisavamos terra firme, despertou-se-nos a vontade de desembarcar e de comer daquelles fructos, que tão deliciosamente se nos mostravão. Deitou-se o ferro, armou-se um escaler, e fui á terra com alguns dos meus companheiros. Cansado do passeio na praia, sentei-me á margem de um regato crystallino, puxei das provisões e puz-me a comer. Enquanto os meus companheiros corrião de um lado a outro, colhendo flôres e apanhando frutas, senti-me preso de grande cansaço, e de repente adormeci. Durante meu somno, sem duvida havião dado do navio os signaes de par-

MIL E UMA NOITES.

tida; os meus companheiros se haviam embarcado sem dar por falta de mim; quando acordei não vi mais ninguém. Puz-me a gritar; mas, aterrorizado, vi o nosso navio afastar-se á força de velas e desaparecer no horizonte. E com elle se foi a minha ultima esperança de salvação. Consternado, atirei-me ao chão, arranquei os cabellos e rasguei a roupa! Por fim desmaiei de desespero. Quando tornei a mim, recuperei um pouco de animo, e resolvi dar algum passo para melhorar de situação. Trepiei em uma arvore para vêr ao longe, mas não descobri vestigio algum de habitantes humanos. Bem ao longe, entretanto, vi uma cousa branca, que eu não podia explicar; desci do páo para examinar aquelle objecto de mais perto. Quando approximei-me, vi que era uma especie de bola branca, que podia ter de circumferencia, pelo menos, uns sessenta pés, e parecia feita de uma massa calcarea. Ainda estava cogitando no que vinha a ser, quando de repente o céu toldou-se; uma nuvem immensa vinha voando em direcção a mim, que achava-me perto da bola. Por fim descobri que aquella nuvem era o passaro monstro que os maritimos chamão *Roca*, e a bola devia ser um ovo do mesmo. E com effeito assim era. Depressa agachei-me a um lado do ovo; desceu o passaro e cobrio com seu corpo gigantesco o meu escondrijo. Ao alcance da minha mão achava-se a sua perna direita, que era mais grossa que o tronco de um carvalho secular. Perma-

SINDBAD-O-MARUJO.

neci bem quieto, ousando apenas respirar, porque o caso não era de brinquedo; se o *Roca* me descobrisse, ter-me-hia engolido como um gallo engole um grão de milho. Não se preocupou, porém, de minha pessoa; e serenando um pouco o meu animo, veio-me uma idéa singular. Se me atasse ao pé do *Roca*, talvez este me levasse pelos ares até ao continente? Desde logo assustei-me deste pensamento atrevido; mas a tentação crescia de momento a momento; a execução foi-se-me afigurando muito facil, e por fim de contas só podia perder a vida, perigo que corria tambem na ilha. Resolvi então pôr mão á obra. Desenleei o longo chale que trazia na cintura, atei-o com grande precaução na perna do passaro e depois ao redor do meu corpo. Era este chale de um tecido muito forte; não havia perigo de romper-se; contudo esperei anciosamente a manhã. Rompeu o dia e acordou-se o *Roca*; limpou as pennas, e de repente subio, subio, voando até á região das nuvens, e eu pendurado a uma de suas pernas, sem elle dar pela cousa, porque é tão forte este passaro, que de uma vez pôde suspender dous elephants. Navegava eu, pois, no mar ethereo, e sentia calafrios quando olhava para o abysmo; pouco a pouco, porém, familiarizei-me com a situação e comecei a achar gosto na viagem, que ia por cima de montes e valles, de terras e mares, com rapidez vertiginosa.

Afinal principiámos a descer tão repentinamente que quasi suffoquei; sentindo, porém, terra, desatei

MIL E UMA NOITES.

de pressa o meu chale, e acertadamente andei, pois que o passaro Roca, depois de agarrar uma cobra gigantesca, com ella tornou a elevar-se aos ares. Dei então graças a Allah, puz-me de pé e deitei os olhos ao redor de mim. Pouco consoladora foi a descoberta que fiz de achar-me em um valle profundo, cercado por todos os lados de rochedos empinados, sem vestigio de senda alguma pela qual pudesse salvar-me. Comtudo não desanimei: acabava de escapar tão milagrosamente de perigo tamanho, que não duvidei um só momento da minha bôa estrella.

Dei em caminhar pelo valle, e vi por todos os lados pedras e pedrinhas ponteagudas e mui brilhantes. Levantei uma destas pedras, e, olhando-a com attenção, reconheci um brilhante da agua mais pura. Soltei gritos jubilosos, porque comprehendí que me achava no celebre valle das pedras preciosas, e que não podia deixar de ser salvo pelos mercadores que costumavão vir explorar esta mina a céu aberto, por um meio bem engenhoso. Levão tropas de bois á beira do abysmo; ahi matão as rezes e atirão os pedaços ao fundo do valle, onde muitas das pedras preciosas penetrão na carne fresca. Grande numero de aguias, que habitão os pincaros dos rochedos, se atirão á carne, que suspendem nas garras para leva-la aos seus ninhos. Quando os mercadores vêm reapparecer as aguias com a sua presa, soltão grande gritaria, e agitão matracas, assustando os passaros, que deixão cahir a carne e

SINDBAD-O-MARUJO.

com ella os diamantes que são recolhidos pelos mercadores. Neste ardil baseava a esperança de salvar-me. Entretanto, era mister descobrir um abrigo para a noite, porque o valle era habitado por grande numero de serpentes enormes, que só depois de escurecer sahem das suas tocas, porque de dia têm medo do passaro Roca. Procurei e achei uma pequena gruta, na qual cabia justamente o meu corpo; agasalhei-me, restaurei-me com os viveres que ainda tinha no bernal, e ao cahir da noite tranquei a entrada do meu abrigo com uma pedra grande, prevenção bem indicada, porque não tardou que uma serpente gigantesca mettesse o focinho entre as frestas das rochas que me protegião. Quando senti o halito empestado do reptil, puxei da faca e dei tão valente talho na cabeça do aggressor, que apressadamente bateu em retirada. Por fim surgiu o sol e seus raios afugentárão as serpentes. Sahi da minha gruta e juntei no meu lenço uma collecção selecta dos mais formosos brilhantes, e aguardei os acontecimentos.

Passado algum tempo, vi apparecer no cume das montanhas varios homens, que, por causa da grande altura em que se achavão, parecião pygmeos, e immediatamente ouvi cahir grandes pedaços de carne no valle.

Corri a um dos pedaços maiores, alcei-o e atei-o com o meu chale nas costas, deitando-me depois de bruços no chão, onde permaneci silencioso, guardando no seio as minhas pedras preciosas. Dahi a pouco

MIL E UMA NOITES.

ouvi o susurro das azas e os gritos rouquenhos das aguias que se atiravão á carne. Uma das maiores suspendeu-me nas garras e rapidamente levou-me ao cume da montanha, e directamente ao seu ninho, apezar dos gritos proferidos pelos mercadores. Um destes, porém, não querendo perder as pedras, que a aguia havia trazido junto com a carne, pôz-se a trepar pelos rochedos e penetrou no ninho da ave de rapina, onde com grande espanto descobriu uma cara humana.

— Vieste para roubar as pedras, que de direito me pertencem? Exclamou o homem quando me vio.

— Engana-se muito, amigo meu, respondi-lhe; ajude-me a sahir desta situação, e dar-lhe-hei pedras como nunca as vio!

O mercador auxiliou-me, e em poucos momentos nos achámos na roda dos outros, onde contei as minhas aventuras, que causarão espanto geral.

Offereci, depois, ao meu salvador o lenço com os meus diamantes para que escolhesse os que fôsem do seu agrado. O bom do homem, porém, contentou-se com um só, e mostrou que, apezar de modesto, sabia escolher bem, porque esta pedra dava-lhe para viver até ao fim da existencia farta e opulentamente.

Logo que os mercadores fizerão a sua colheita e esgotarão a sua provisão de carne, principiámos a retirada, percorrendo grandes florestas e elevadas serranias, combatendo animaes ferozes, e correndo muitos outros perigos antes de alcançar o torrão natal dos mer-

SINDBAD-O-MARUJO.

cadores, sendo, porém, tão felizes, que nenhum de nós perdeu a vida. Permaneci por algum tempo na terra dos meus amigos; depois embarquei-me com os meus bens em um navio que seguia para Balsora; tive rapida e bôa viagem, e voltei a Bagdad, onde vivi mais de um anno tranquillo e feliz, distribuindo parte das minhas riquezas aos pobres, e do que me sobrava poderia ter levado durante duzentos annos uma existencia magnifica e deslumbrante. Terminou assim a minha primeira viagem, e has de confessar, Iussuf, que bastante trabalho me custou a fortuna que durante essa excursão adquirira.

Calou-se Sindbad e levantou-se da mesa. Mandou dar cem sequins ao mariola, e convidou-o para ouvir no dia seguinte a narração da segunda viagem.

No outro dia, no banquete de Sindbad, coube ainda o logar de honra a Iussuf, já bem vestido, graças ao mimo do amphitrião. Depois da comida Sindbad continou a narração das suas aventuras do modo seguinte:

— Cedo cansei-me da vida inactiva, e de novo senti-me devorado pela sêde de viajar. Colloquei parte da minha fortuna em bens de raiz, e converti o resto em mercadorias, com as quaes embarquei-me junto com muitos outros negociantes. Durante o primeiro tempo a viagem foi feliz em todos os sentidos; em qualquer parte onde aportavamos, fiz optimos negocios, e já podiamos cuidar da volta, quando em alto mar nos assaltou tempestade tão horrivel, que julgavamos haver

MIL E UMA NOITES.

chegado o ultimo momento de nossa existencia. Graças á pericia do commandante, porém, lutámos victoriosamente contra os elementos, e, quando cessou o máo tempo, ancorámos entre duas ilhas, para reparar as avarias que havíamos soffrido. Mal estava seguro o ferro no fundo do mar, quando vimos em uma das ilhas grande movimento, parecido com o remechimento de um immenso formigueiro. Chamada a attenção do commandante, mostrou este o rosto transtornado.

— Ai de nós! disse, viemos dar entre as ilhas dos anões e dos gigantes. Aquelle grande movimento é produzido pelos anões que já nos descobrirão, e não tardarão em visitar-nos. Cuidado em não offender algum delles; ficaríamos perdidos sem duvida alguma. Quanto ás nossas mercadorias, desde já podemos dizer-lhes adeus!

Emquanto o capitão assim fallava, a horda felpuda dos anões atirou-se a nado, escalou o nosso navio como um vendaval, e, sem ligar-nos a menor importancia, desceu aos porões onde se achavão as nossas cargas.

Ao voltar, trazião cara alegre, porque a riqueza dos nossos bens os havia posto de bom humor; não obstante, os anões atirarão-se primeiro á tripolação, e depois á nós, e com uma agilidade incrível nos arrojão todos ao mar.

Que havíamos de fazer? Nadámos em direcção á ilha dos gigantes, e, alcançando felizmente a praia, que não demorava longe, nos saccudimos como rafeiros

SINDBAD-O-MARUJO.

molhados, não podendo deixar de rir do modo expedito com o qual os anões ladrões nos havião despachado do navio. E comtudo a nossa situação não era para risadas.

Os anões cortarão as amarras, conduzirão o navio á sua ilha, e vimos ainda com que avidez desembarcavão as nossas mercadorias. Em seguida nos dirigimos ao interior da ilha, em busca de soccorro, visto que nos achavamos completamente desprovidos de viveres. Ao galgar uma eminencia, vimos á pouca distancia uma casa de proporções tão enormes, que logo colligimos que devia ser a habitação de um dos gigantes povoadores da ilha. Assaltou-nos o susto; mas que havíamos de fazer? Perdidos por perdidos, sempre valia a pena tentar a fortuna. Dirigimos os passos áquella casa e entrámos por uma porta tão alta que por ella o mastro principal do nosso navio podia ter passado. Tudo no interior da casa guardava as mesmas proporções, e horripilados pensámos no monstro que devia habitar alli. Por emquanto, porém, achava-se ausente, e com grande appetite cahimos em uns pratos de assados e guizados que encontrámos na cozinha.

Mal havíamos saciado a fome, quando ouvimos no exterior um ruido parecido com o ribombar do trovão. Um de nós sahio para indagar do tempo, mas voltou logo tremendo de susto:

— É o gigante que chega, e aquillo que pensavamos ser o trovão apenas era um espirro do monstro!

MIL E UMA NOITES.

Apoderou-se de nós verdadeiro terror, e nos escondemos todos debaixo do fogão, esperando que o gigante não dêsse com o nosso escondrijo. Chegados uns aos outros, e mal nos atrevendo a respirar, ouvimos os passos tremendos do gigante, que se dirigia á cozinha. Era realmente um gigante, e dos mais altos, porque uma torre de igreja comparada com elle pareceria um pygmeu. O cabello côr de fogo eriçava-se-lhe na cabeça como barras de ferro candente; no meio da testa um olho do tamanho de um prato reluzia como uma braza; as orelhas, como as do elephante, lhe cahião nos hombros, e os dentes sahião-lhe da bocca como as defesas do javaly. Era um monstro horripilante. Quando penetrou na cozinha, atirou-se ao assado; mas, vendo-o desfalcado, berrou com voz aterradora:

— Quem comeu minha carne?!

Ardia como um cometa o olho do gigante, e voltando-se em sua orbita, parecia despedir fogo.

Quasi morremos de susto no nosso escondrijo. Durante alguns momentos o gigante percorreu a casa em procura do ladrão da carne; mas, como não o encontrasse, voltou para a cozinha e pôz-se a resmungar. De repente, alçou o nariz, que se assemelhava á tromba do elephante, e disse:

Está-me cheirando á carne humana!

Fulminou-nos esta palavra, porque comprehendemos que já não podíamos escapar; e, com effeito, o gigante

SINDBAD-O-MARUJO.

dirigio-se ao fogão, abaixou-se, e descobriu-nos transidos de terror e desespero.

— Olá! disse o gigante, estão ahi meus ladrões da cozinha? agora verão como lhes arranjo as contas.

E puxou-nos um após outro, do nosso escondrijo, metteu-nos em uma grande gaiola pendurada na parede, fechou a porta, e disse:

— Hoje comêrão o meu assado; amanhã hei de come-los assados.

E foi-se embora.

Passámos toda a noite tremendo de medo. Chegou a manhã e com ella o gigante. Abrio a porta da gaiola, e tirou-nos para fóra; eramos uns quarenta, entre todos, e passou-nos revista. Não lhe agradou o nosso aspecto.

— Cousas ruins! disse zangado; é preciso cevalos, porque assim ninguem os póde comer.

Por fim cahio-lhe nas mãos o nosso commandante, que era gordo e obeso. Alçou-o com dous dedos, e rasgando a boca em horriuel risada, disse:

— Vá lá este bocado aceitavel!

E agarrando um espeto do tamanho de uma lança de carruagem, enfiou o pobre do capitão, apezar de seus gritos lamentaveis.

Em seguida o gigante atçou um grande fogo, assou o capitão, segundo todas as regras da arte, regando-o frequentemente com manteiga, até que estava bem tostado; depois tirou-o do fogo, deixou esfria-lo um pouco,

MIL E UMA NOITES.

e devorou-o com couro e cabello. Não sobrou nem um ossinho, e na cara do gigante lia-se o prazer que lhe havia causado este assado.

Virando-se para nós, tristes testemunhas de scena tão horrivel, o gigante disse:

— Agora vou passear, e só de noite voltarei. Se não os achar aqui, hei de procura-los e quebrar-lhes os ossos. Fugir não podem, porque o mar nos cerca de todos os lados.

E, aneaçando-nos com o punho, sahio, e em breve o perdemos de vista.

Quando nos vimos sós, os primeiros momentos fôrão dedicados ás lamentações que nos arrancavão a triste sorte do capitão e a perspectiva de nosso proprio destino. Eu, porém, recuperei prompto o animo, e disse:

— Meus companheiros, devemos armar-nos de coragem, tratar de aniquilar o nosso inimigo, e escapar de suas garras. Eis aqui um projecto, que póde salvar-nos. Desde já vamos aproveitar o tempo para construir umas jangadas com as ferramentas que aqui se achão.

De noite, quando o gigante estiver dormindo, aqueceremos este espeto, e furaremos o unico olho do monstro. Assim elle não poderá perseguir-nos, e embarcaremos na jangada. Mais vale affrontar o mar, do que ficarmos expostos á sanha do gigante.

Todos applaudirão o meu projecto; corremos á praia

SINDBAD-O-MARUJO.

e trabalhámos tanto que o suor nos corria em grossas bagas; mas tivemos a satisfação de vêr prompta a nossa jangada antes do cahir da noite. Escondemo-la entre a vegetação, e fômos metter-nos debaixo do fogão, fingindo-nos adormecidos.

Chegou o gigante, e, vendo-nos tão quietos, disse:

— Deixa-los descansar, se não hão de emmagrecer ainda mais.

E, atirando-se com grande ruido na cama, em breve roncou com tal estrondo, que parecia um temporal.

Neste momento propicio sahimos do nosso escondrijo; pondo o espeto em um bom fogo, aquecemo-lo á grande temperatura; depois, ajudado por um companheiro, levei o espeto para junto da cama, e zás! finquei-o no olho do gigante. Agua e sangue respingou em nós, e a dôr foi tão horrivel, que o gigante uivou de um modo aterrador; mas estava cego, e não podia mais prejudicar-nos. Corremos á praia, embarcámos alguns viveres e ferramentas, e soltámos a jangada, que bem depressa obedeceu ás velas e ao leme, singrando o mar. Ainda de longe ouviamos os berros do gigante; vimo-lo tambem chegar á praia e arremessar ao acaso grandes pedras, mas nada mais deviamos temer do seu furor. Navegámos algum tempo á mercê de Deus, e o céo ouviu as nossas preces, porque no terceiro dia descobrimos terra. Era uma praia coberta de arvores fructiferas, onde aportámos, e, quasi loucos

MIL E UMA NOITES.

de alegria, nos abraçámos e nos felicitámos pela nossa salvação.

Explorando depois o logar, vimos que era uma ilha, muito abundante de frutas, e, embora comprehendessemos a difficuldade de voltarmos á nossa patria, pelo menos tinhamos a certeza de não morrer de fome. Fizemos algumas excursões para procurar um bom abrigo para a noite, e demos com uma gruta, cuja entrada era diminuta, mas que no interior formava uma bella sala bem enxuta. Quando veio a noite, entrámos na gruta e fechámos a entrada com uma lage pesada, entregando-nos ás doçuras do somno.

Fui despertado por um ruido singular, que parecia produzido por laminas de metal entrechocadas. Levantei-me, e, indo espiar por uma fresta da entrada, vi uma serpente gigantesca, medindo bem duzentos covados, e da grossura de uma arvore secular. O reptil, ao mover-se, agitava as escamas do seu corpo, que originavão o ruido de que fallei; veio farejar a entrada da gruta, deitando um halito pestifero, que quasi me suffocava. Vendo que não podia entrar, a serpente empinou-se e pendurou-se com a cauda á uma palmeira, onde se embalou por algum tempo. De repente veio a passar um grande elephante; a serpente lançou-se ao quadrupede, enleiou-o e apertou-o de tal modo, que quebrou-lhe todos os ossos; depois cobrio-o com a sua baba, e assim, convenientemente preparado, principiou a engolir o elephante, a começar pelas mãos, e tragou-o

SINDBAD-O-MARUJO.

todo. Depois desta refeição, cahio em um torpôr semelhante á morte. Então despertei os meus companheiros, contei-lhes o que acabava de presenciar, e corremos todos com os nossos machados para dar cabo da serpente. Custou muito o ferro penetrar nas escamas, mas por fim conseguimos separar a cabeça do tronco, matando assim o unico bicho pernicioso que encerrava a ilha, como depois verificámos.

Passámos bem seis mezes nesta ilha, e já nos iamoz familiarizando com a idéa de concluir ali a nossa vida, quando um dia avistei ao longe uma nuvemzinha branca, que, ao approximar-se, distingui ser a véla de uma embarcação.

— Um navio!

Este grito magico reunio depressa os companheiros na praia; fizemos um grande fogo de lenha verde, para produzir muita fumaça, e o nosso signal foi visto de bordo, porque o navio tomou a direcção da ilha, e pouco depois o capitão chegou com um escaler á praia. Passados os primeiros momentos de enthusiasmo, contámos as nossas aventuras ao commandante, que se declarou prompto a receber-nos a seu bordo, e maior ainda foi a nossa alegria, quando soubemos que seguia para Balsora.

Ao cabo de algumas semanas, chegámos ao porto, sempre bem tratados pelo capitão hospitaleiro, que nem sequer quiz aceitar os nossos agradecimentos. Separei-me então dos meus companheiros, que nunca mais

MIL E UMA NOITES.

tornei a vêr, e, demorando-me alguns dias em Balsora, descendo uma vez ao porto, vi descarregar um grande navio, cujo commandante estava na praia recebendo os volumes, e dictando os nomes dos proprietarios a um caixeiro. De repente ouvi pronunciar o meu nome, e, encarando bem o commandante, reconheci nelle o capitão do navio que, em minha primeira viagem, me havia deixado na ilha deserta, da qual me salvara o passaro Roca. Quiz experimentar a honestidade do homem; approximei-me e perguntei quem era o tal Sindbad a quem pertencião tantos volumes e caixões.

— Ah! meu senhor, respondeu o maritimo, estas fazendas pertencem a um negociante, que ha tempos deixou-se ficar em uma ilha inhabitada, onde provavelmente morreu. Quando conheci que não havia voltado com os companheiros, já era tarde; não podia voltar, porque ventos e correntes de mar se oppunhão a isto. Só tempos depois pude aportar naquella ilha, e conheci então que o meu passageiro havia desaparecido sem deixar vestigio. Arrecadei as suas mercadorias, e vou indagar dos parentes de Sindbad para entregar-lh'as.

Vi que o capitão era homem de bem, e lhe perguntei:

— Mas, devéras, não me reconhece?

Fitou-me o maritimo attentamente, como quem quer recordar-se; bastante havia mudado desde a minha

SINDBAD-O-MARUJO.

primeira viagem, de modo que só depois de algum tempo o homem exclamou:

— Sindbad, Sindbad, o perdido!

E abraçou-me cordialmente, derramando lagrimas de alegria, «porque, dizia elle, sempre arguia-me como culpado de sua morte, e muito me alegre ficar agora exonerado dessas accusações.»

E levou-me á sua casa, onde me offereceu a mais sincera hospitalidade, restituindo-me todas as minhas mercadorias. Separámo-nos como bons amigos, e voltei a Bagdad ainda mais rico que da primeira vez.

Termina aqui a minha segunda viagem; amanhã contar-lhes-hei a terceira, se fôr isto do seu gosto.

Mandou dar outra vez a Iussuf cem sequins, e o mariola retirou-se satisfeitissimo, e ancioso para conhecer o resto das aventuras do marujo.

No dia seguinte Sindbad continuou nestes termos:

— Apezar dos perigos que havia encontrado em minhas viagens, não pude acostumar-me á vida sedentaria: todos os prazeres causavão-me tédio, e por fim tornei a comprar grande sortimento de mercadorias, com as quaes me embarquei em um porto da Persia, porque já desconfiava de Balsora como ponto de partida malfadado. Sahio-me peor a emenda que o soneto, pois que esta terceira viagem foi ainda mais trabalhosa do que as primeiras. Não foi má, ao começar; bom tempo e ventos favoraveis amenisárão-nos os primeiros dias; mas, de repente, desencadeou-se uma tormenta

MIL E UMA NOITES.

horripilante, que em poucos momentos nos levou todas as velas, destroçou o leme, e atirou com o nosso navio, ora para o ar, ora para abysmos profundos. Lutárão heroicamente o commandante e a tripolação; mas que podião fazer contra os elementos enfurecidos? Uma onda mais encapelada que as outras alçõu o navio, e, ao retirar-se, fê-lo cahir em um rochedo, onde completamente se despedaçou. Eu, e alguns dos meus companheiros, pudemos agarrar-nos nos destroços da embarcação, e com elles fomos arrojados a uma praia, onde por bastante tempo cahimos desmaiados.

Já era noite, quando recuperámos os sentidos, e com elles despertarão-se as exigencias do estomago. Aos parcos clarões do crepusculo, debaixo das arvores da praia, colhemos algumas frutas de amargo sabor, com as quaes ceíamos, mal e mingudadamente, e depois nos estendemos no chão, onde dormimos até ao romper do dia, sem maiores incommodos ou molestias.

Despertados pelos raios do sol, deliberámos sobre o que devíamos fazer, e, como varios de nós opinassem que seria acertado explorar o interior da ilha em busca de habitacões humanas, dirigimos os passos a uma eminencia, donde descobrimos bom numero de choupanas, cujos tectos redondos como cupolas se erguião á pouca altura do chão. Encaminhando-nos para este grupo de casinholas, veio-nos ao encontro um bando de negros, que nos acolheu com gestos amistosos; mal, porém, estavam perto de nós, nos rodeiárão, e, cahindo-nos em

SINDBAD-O-MARUJO.

cima com grande algazarra, atárão-nos as mãos nas costas, e tocárão-nos para as suas habitações, onde fomos repartidos entre os nossos aggressores.

Coubemos, eu e alguns dos meus companheiros, a um negro alto e mal encarado, que nos levou á sua cabana, ameaçando-nos de morte, se intentassemos fugir.

Perguntou-nos se tínhamos fome, o, ao ouvir a nossa affirmativa, foi buscar uma braçada de hervas, que nos atirou aos pés. Repugnou-me tanto esta comida, que não imitei o exemplo dos meus camaradas, que se havião arrojado a comer como desesperados, e bem acertado andei, porque aquelles infelizes enlouquecêrão, e puzerão-se a dansar com gestos desordenados e gritos espantosos. O nosso algoz, satisfeito de haver logrado o seu intento, forneceu-lhes então comidas succulentas, para engorda-los depressa, e quando os desgraçados, que não fazião senão beber e comer, quasi se afogavão na gordura, o negro desalmado puxou da faca, matou-os um após outro, e, manipulando-os como cevados, assou parte de suas carnes, fazendo do resto linguças, presuntos e mantas de toucinho, que pendurou na fumaça da sua chaminé. Quanto a mim, que havia conservado a razão, e com ella o meu corpo habitual, escapei á sanha do antropophago, porque pouco o tentava a minha magreza. Gozei de uma liberdade relativa, podendo ausentar-me ás vezes dias inteiros, sem despertar desconfianças. Aproveitei-me desta circumstancia para estabelecer, ás escondidas, depositos de viveres,

MIL E UMA NOITES.

sufficientes para uma excursão de quinze dias. Receiando, porém, a perseguição dos canibaes, differi a minha partida para occasião segura.

Não tardou esta em apparecer. Provocados por um vizinho inimigo, partirão todos os guerreiros da nossa aldêa, ficando só as mulheres, as crianças e os velhos decrepitos.

Deixei passar algumas horas depois da partida dos homens, apoderei-me do melhor cavallo do meu algoz, e, recolhendo os meus mantimentos, sahi galopando do logar, apezar dos gritos de raiva e espanto das mulheres, que não me podião vedar a fuga.

Corri até de noite.

Vendo então o meu cavallo cahir de cansaço, penetrei em um bosque onde pernoitei bastante inquieto, pois que a cada momento julgava ouvir ruidos provenientes de perseguidores.

No dia seguinte continuei a viagem, e assim por diante, dez dias seguidos, até que alcancei a beira do mar, onde encontrei grande numero de homens brancos, occupados em recolher pimenta e outras especiarias abundantes neste logar. Acolherão-me muito bem, tratando-me com generosa hospitalidade, e grande foi a sua admiração quando ouvirão a fiel narração das minhas aventuras.

Um mez depois da minha chegada, achou-se concluida a colheita; todos os navios estavam carregados, e partimos para a patria dos meus amigos, onde che-

SINDBAD-O-MARUJO.

gámos sem estorvos ao cabo de alguns dias. Apresentado ao rei, fui recebido graciosamente, e entrei prompto em sua privança, graças ás historias que sabia contar, e que o rei remunerava generosamente, de modo que pude refazer-me de roupa e apparecer decentemente.

Notei em breve que o rei e os seus cortezãos, e mesmo todo o povo, montavão a cavallo sem selins e estribos.

Indaguei do motivo; mas o monarcha nem sequer percebeu-me o sentido da pergunta, porque não tinha idéa do que poderia ser um selim.

Puz-me então a fabricar uns arreios, do melhor modo possivel, e offereci o meu artefacto ao rei, que ficou encantado depois de haver cavalgado o seu ginete ajaezado desta nova fórma. Concedeu-me o titulo de conselheiro, e encarregou-me de montar uma officina em grande escala, para fornecer selins a todo o seu exercito, e finalmente ao povo inteiro. Naturalmente ganhei muito dinheiro nesta commissão, e o favor do rei foi crescendo até dar-me em casamento uma das suas sobrinhas, moça formosa e de grandes virtudes. Assim dispunha de honras, fortuna e ventura do lar, e poderia ter vivido bem satisfeito, se não fôssem as saudades de Bagdad que me atormentavão. Não podia esquecer-me da patria, e formei o projecto de aproveitar o primeiro ensejo feliz para a ella voltar.

Neste comenos morreu a mulher de um vizinho

MIL E UMA NOITES.

meu, com o qual entretinha relações de amizade. Fui visitar o viuvo, e para consola-lo lhe disse:

— A paz esteja contigo, e Allah te proteja concedendo-te longa vida.

— Ai de mim! replicou o homem, estão contados os meus dias, e só me é dado respirar até amanhã.

Como attribuisse estas palavras estranhas a algum transtorno mental causado pela morte da mulher, e tratasse de apaziguar o meu amigo, este tornou a affirmar-me que morreria no dia seguinte, porque, dizia elle, neste paiz quando morre o marido, enterra-se com elle a mulher viva, e vice-versa. Amanhã hão de conduzir o cadaver da minha mulher á montanha da Morte e desce-lo, junto commigo, á grande sepultura que tudo devora em suas profundidades.

E o misero soltou os seus lamentos e despedaçou a sua roupa. Eu, porém, assustei-me grandemente com esta revelação inesperada; fui ter com o rei, e indaguei se os estrangeiros erão tambem sujeitos a esta lei.

— De certo, respondeu S. M. com uma risada; quem casa em meus estados com uma subdita minha não póde escapar á applicação da lei. Consola-te, porém, com o pensamento de que não és o unico ameaçado de ser enterrado vivo com a mulher; eu mesmo estou neste caso.

Profundamente atormentado, voltei para minha casa, e, se dantes já era um marido muito attento, daquelle dia em diante tornei-me o esposo o mais cuidadoso.

SINDBAD-O-MARUJO.

Se minha mulher mostrava padecer do menor incommodo, já mandava chamar os primeiros professores da faculdade, fazendo conferencias para cura-la. Mas ninguem escapa á sua sorte, e um triste dia cahio-me gravemente enferma a mulher e morreu.

Apoderou-se de mim um desespero indescriptivel quando me vi ao pé deste corpo inanimado, bradando-me a voz do coração:

— Amanhã enterrão-te vivo! E com espantosa rapidez veio chegando o momento fatal.

Alquebrado de forças, baldo de energia, imagem fiel da consternação, achava-me prostrado junto ao leito mortuario de minha mulher, quando penetrou o cortejo funerario, que devia acompanhar-nos até ao monte da Morte.

El-rei e toda a sua côrte engrossarão o acompanhamento, e abalou-se o prestito encabeçado pela guarda do monarcha. Com passos vacillantes, com os olhos desvairados, seguia eu o carro funebre, por entre as aclamações do povo, que queria mostrar assim interessar-se pelo valido d'el-rei.

Depois de uma hora de lento caminhar, chégamos á beira do abysmo que devia tragar-me. Cahí então desmaiado ao chão. Quando recuperei os sentidos, já havião descido o cadaver de minha mulher, e ião agarrar-me para baixar-me á caverna profunda. Arranquei-me das mãos dos coveiros, e arrojé-me aos pés do rei, supplicando-o que me perdoasse a vida.

MIL E UMA NOITES.

O bom do príncipe chorava de pezar, mas a razão do estado lhe vedava conceder-me a vida. Estava perdido. Fui arrastado pelos coveiros, e baixado ao abysmo, onde cheguei soltando pugentes lamentações; quando ouvi cahir a lage sepulchral, fiquei privado dos meus sentidos. Não sei quanto tempo permaneci desmaiado; mas acordei com uma sede devoradora, e desesperado atirei-me a uma jarra de agua que junto commigo havião descido. Em seguida puz-me a reflectir, e comprehendí bem depressa que por meios naturaes a minha salvação era impossivel: estava condemnado a morrer de fome e de nojo. Em torno de mim só havia caveiras, esqueletos, cadaveres meio dissolvidos, nos quaes se cevavão ratos e viboras, que nem sequer davão fé dos meus ais e lamentos.

Um cheiro nauseabundo empestava o ambiente, e um raio de luz, que se infiltrava por uma fresta da montanha, só servia para tornar-me mais horrivel a situação, mostrando-me as caveiras que me fitavão com as orbitas sem olhos, e arreganhavão-me os dentes!

Recrudescu meu desespero; gemia de dôr, e intentei despedaçar o craneo na rocha. Se tivesse possuido um punhal, com prazer o teria cravado no peito. A minha vista, acostumando-se á luz incerta do subterraneo, a cada momento descubria novos horrores. Animaes immundos me rodeiavão e começavão a cobrir-me o corpo, como se quizessem devorar-me em vida.

SINDBAD-O-MARUJO.

Viboras e ratos me atacavão por todos os lados, e só a grande custo pude livrar-me destes inimigos nojentos. E ainda em cima vi por todos os lados reluzir joias preciosas, diademas de brilhantes e perolas, collares de rubins e esmeraldas, pulseiras de saphyras, adornos horriveis ostentando-se em craneos nus, em pescoços e braços descarnados! Com que alegria teria dado todos esses thesouros por um pedaço de pão, porque, apesar do horror da minha situação, a fome me dilacerava as entranhas. Começou a diminuir a luz baça que me alumiaava a vasta sepultura, e as trevas gradualmente me envolvêrão. Encostei-me á parede, e escutei com ancia o silvar das cobras, o roer dos ratos.

Talvez passasse horas inteiras em medonho entorpecimento. De repente ouvi perto de mim uma especie de estertor. Venci o susto que de novo me assaltára e movi-me para o lado donde vinha o ruido. Immediatamente este cessou. Pouco depois ouvi-o de novo, mas parecia afastar-se. Segui-o, e repetio-se a interrupção.

Compreendi que era algum animal que diante de mim fugia. Animou-me este pensamento, accelerei os passos. Em breve percebi um grande clarão, como se a luz do dia penetrasse na caverna. Bruxoleou-me então uma esperança no peito. Quem sabe se ali não existe uma sahida?

Crescia a luz á medida que me adiantava; por

MIL E UMA NOITES.

fim alcancei a abertura; precipitei-me ao exterior, e tive medo de enlouquecer de alegria; diante de mim estendia-se o mar, em todo o seu esplendor; em redor de mim circulava o ar livre embalsamado, que sorvi á longos tragos. Prostrei-me de joelhos, agradecendo fervorosamente a Allah a minha salvação, originada realmente por um animal, que havia penetrado na caverna para cevar-se nos cadaveres, e que, fugindo de mim, se precipitára no mar, no momento em que sahi da caverna.

Quando me acalmou um pouco a agitação, vi muitos navios singrarem perto de mim; fiz signaes a um delles, cujo commandante me fez recolher a bordo, e pouco tempo depois desembarcava em um porto da Persia, donde me dirigi a Bagdad. Durante muito tempo, não pude varrer da memoria as reminiscencias da horrivel caverna, que mesmo em sonhos me perseguião.

Tendo terminado assim a narração de sua terceira viagem, Sindbad convidou os seus hospedes para o dia seguinte, tendo mandado entregar a Iussuf outros cem sequins.

Reunidos novamente á hora marcada, depois do banquete ouvirão os convidados de Sindbad referir a quarta viagem do modo seguinte:

— Vivendo na minha casa de campo, senti-me, com o tempo, assaltado de novo pelo desejo de viajar. Não podendo resistir, mas não querendo depender de vontades alheias, comprei um navio, contratei um

SINDBAD-O-MARUJO.

habil piloto, e, enchendo os porões com as minhas mercadorias, fiz-me de vela, com alguns passageiros que havia admittido a bordo de minha embarcação. Correu tudo muito bem durante algum tempo, e creio que o desfecho teria correspondido ao principio, se alguns dos passageiros não tivessem commettido grande imprudencia em uma ilha onde havíamos desembarcado para refazer-nos d'agua. Era essa ilha a do passaro Roca, e chegámos na época em que havia na praia um ovo desta ave gigantesca. Muito admirarão os meus companheiros essa maravilha, e mais cresceu a sua admiração quando o filhote principiou a romper a casca do ovo e a mostrar a cabeça implume. Lançando mão dos seus machados, os passageiros deceparão a cabeça do passaro recém-sahido, apesar das advertencias do piloto. E sem demora as apprehensões deste devião realizar-se. De longe vimos duas nuvens, que com rapidez vertiginosa se approximavão da ilha: cheio de terror, comprehendi que era o casal de Rocas e que só em rapida fuga poderíamos subtrahir-nos ao perigo que nos ameaçava. Embarcámos á toda a pressa, mas já era tarde. Ouvimos os gritos desesperados que soltavão os dous passaros quando encontrárão o filho mutilado, e vimo-los elevar-se velozes aos ares. Um momento pensei que não nos havião avistado: vã illusão! Bem depressa voltárão os passaros segurando nas garras immensos pedaços de rochedos, e pairarão por cima de nosso navio. Um delles soltou a pedra com a intenção

MIL E UMA NOITES.

evidente de esmagar-nos a embarcação. Uma manobra habil e rapida do piloto salvou-nos deste primeiro assalto: a pedra cahio no mar cavando abysmo profundo. A segunda pedra, porém, deu em cheio no convez do navio e fê-lo em mil pedaços. Passageiros e tripolação succumbirão; eu só escapei, porque justamente me achava no momento do desastre á prôa da embarcação. Arremessado ás ondas, agarrei-me em umas taboas que fluctuavão no mar, e, auxiliado por ellas, dirigi-me, nadando, a uma ilha que demorava á curta distancia.

Havia perdido tudo em consequencia da crueldade dos companheiros, mas dei-me ainda por feliz em salvar a misera vida. Não sabia eu então que tormento humilhante me esperava naquella ilha.

Depois de um curto descanso nas arêas da praia, subi a uma pequena eminencia, e fiquei agradavelmente sorprendido pelo aspecto da paizagem que se offereceu á minha vista.

Era um verdadeiro jardim, ostentando mil e mil flôres dos mais formosos matizes em um tapete esmeraldino; aqui e acolá destacavão-se bosques formados por arvores fructíferas, palmeiras graciosas lorangeiras e limoeiros, cobertos de frutas appetitosas, que brilhavão entre a densa verdura; robustas videiras dobravão-se sob o peso das uvas, e um regato bisbilhoiteiro e crystallino, corria á sombra, sob uma chuva de petalas odoríferas.

Mil borboletas ostentavão os matizes preciosos das

SINDBAD-O-MARUJO.

suas azas adejando nos arés, e passaros innumeros enchião os bosques de harmonias maravilhosas.

Julgava, enfim, vêr diante de mim o verdadeiro paraíso.

Encantado, deslumbrado, corri de um ponto a outro, colhendo flôres e fructos, libando o sumo das uvas, e, ao anoitecer, cahi cansado na relva, onde dormi até que os primeiros raios do sol me acordarão. Banhei-me então nas ondas transparentes do regato, e internei-me na ilha para conhecer mais amplamente o meu novo dominio.

Ao cabo de pouco andar, vi sentado na relva um ancião de aspecto rachitico e doente. Quando delle me approximei, deu-me a entender que era mudo; e estendendo-me as mãos emmagrecidas, fez-me signal que o levasse nos meus hombros para o outro lado do arroio. Tive pena do pobre decrepito, e, sem desconfiança alguma, alcei-o aos hombros e passei com elle as ondas. Chegados ao outro lado, pedi-lhe que descesse, e, para facilitar o movimento, abaixei-me. O velho, porém, pôz-se a rir ás gargalhadas, horri-veis como o grasnar de cem corvos, e enleiou-me fortemente o pescoço, e o peito com as pernas, desenvolvendo uma força que nunca houvera supposto em um ente tão rachitico.

— Pobre humunculo, gritou com a voz estridente e horripilante, muito te enganas, se pensas que vou soltar-te! Passaste a ser minha montaria, e has de levar-me para onde eu quizer.

MIL E UMA NOITES.

Zanguei-me com a pretensão e o ardil do velho e respondi-lhe:

— Es tu quem te enganas, vil trapaceiro, porque vou provar-te que não sou de bom commodo!

E tratei de desfazer-me das suas pernas, empregando todas as minhas forças. Porém em vão. O velho ria-se a não poder mais, e batia-me com as mãos ossudas no craneo, que fiquei atordoado, e, louco de furor, moradia-lhe os pés e as pernas: trabalho inutil, porque o monstro tinha a pelle tão dura como a do rhinoceronte, de modo que os meus dentes não penetravão. Com risadas redobradas o velho deu-me tanto de calcanhares, que, gemendo de dôres, cahi ao chão. Estava vencido; momentos depois, não tive remedio senão levantar-me e levar o velho para onde queria. Assim estafou-me todo o dia, deixando-me apenas alguns momentos de parada para comer alguma fruta. Ao cahir da tarde, o meu algoz ordenou-me que o levasse á sua habitação, cujo caminho indicou-me. Chegámos a um carramanchão muito fechado; cahindo de cansaço, tive de dormir sem que o velho me soltasse.

No dia seguinte continuou o meu martyrio, e assim durante tres semanas fiquei reduzido ao estado de cavallo, sujeito ás ordens do meu verdugo, sem que os meus rogos o demovessem de sua maldade. Um dia, ao pé de uma videira carregada de uvas, achei uma cabaça madura, e este achado despertou-me uma idéa que logo puz em pratica. Limpei bem a cabaça de

SINDBAD-O-MARUJO.

todas as fibras e sementes, espremi nella o sumo de muitos cachos de uvas, e expuz a vasilha aos raios do sol, para que o liquido fermentasse. No dia seguinte, o sumo das uvas se havia transformado em vinho de excellente paladar. Sorvi o liquido a largos tragos, e fiquei tão alegre, que puz-me a cantar, a rir, a dansar, tanto que o velho não sabia que pensar. Compreendeu, comtudo, que a fonte da minha alegria estava na cabaca. Arrancou-m'a das mãos, provou o vinho, e achou-lhe tão bom gosto, que bebeu tudo quanto havia na vasilha. Valia a pena, amigos meus, vêr o effeito que o vinho produzio no velho: o meu verdugo pôz-se a saltar-me nos hombros e a cantar, como se um bando de corvos e de corujas estivessem a grasnar; pouco a pouco, porém, enfraqueceu-lhe a voz, e os movimentos tornárão-se-lhe mais frouxos. Aproveitei o momento; afastando os pés do monstro das minhas costellas, atirei com a carga ao chão, e tão embriagado estava o velho que nem deu fé da minha violencia. Agarrei em uma pedra e despedacei-lhe o craneo; e não senti arrependimento algum quando vi o meu algoz estendido morto aos meus pés; demasiado havia-me martyrizado.

Abandonando o cadaver horrendo, corri á praia, e ergui uma vara com uma bandeira feita de parte da minha roupa.

Ao pé deste signal de pedir soccorro, construi uma cabana, d'onde podia percorrer com a vista a superficie do mar, porque, por mais encantadora que fôsse a

MIL E UMA NOITES.

ilha, sentia muitas saudades da patria. Passarão muitos navios, mas á tão grande distancia, que os seus tripulantes não podião distinguir a minha bandeira. Por fim cansou a sorte de mostrar-se-me adversa; um grande navio deitou o ferro perto da minha cabana, e mandou á terra uma embarcação para fazer provisão de agua e frutas. Muito admirados ficárão os marinheiros quando me virão, e um delles me disse que por causa das crueldades do velho a ilha gozava de tão má fama, que os marujos só em grande numero se atrevião a desembarcar nella. Contei-lhes então o meu ardil. Contentíssimos por saberem que havião cessado os perigos que afugentavão os navios daquella ilha tão fertil e amena, conduzirão-me a bordo, onde me prodigalizarão os mais amistosos cuidados.

Seguimos viagem até alcançarmos um porto da costa africana, onde ancorámos para tomar um carregamento de côcos muito abundantes nessa paragem.

Havia travado relações de amizade com um dos negociantes que vinham como passageiros no navio. Levou-me meu amigo á sua casa, deu-me um sacco e me disse:

— Á meia legua da cidade encontrarás um bosque de coqueiros habitado por muitos macacos. Estando á vista dos animaes, agarra em pedras e finge atirar-lhes. Não has de queixar-te do resultado.

Seguindo as instrucções do meu amigo, alcancei o bosque, e vi todos os coqueiros cobertos de frutas e de macacos. Estes ultimos saltavão alegremente entre a

SINDBAD-O-MARUJO.

folhagem que coroava os altos troncos, lisos como a pelle de uma aúguia. Principiei a atirar pedras, que entretanto apenas alcançavão a metade da altura dos coqueiros; os macacos, porém, começaram a fazer-me caretas, gritando como se quizessem ralhar commigo; depois arrancárão grande numero de côcos que me atirárão. Evitei os projectis almejados; pouco a pouco arrefeceu a raiva dos macacos, e eu pude encher o sacco com os côcos, que levei á cidade, onde meu amigo m'os comprou por bom dinheiro. Durante trez mezes continuei nesta lida, e ganhei tanto, que pude pensar em voltar a Bagdad.

Fretei um navio, que carreguei de côcos, e, durante a viagem, em todos os portos, fiz tão bons negocios, que cheguei a Balsora com um carregamento de especiarias preciosas e de perolas finas, cuja venda me produziu uma verdadeira fortuna, terminando assim felizmente a minha quarta viagem.

Sindbad mandou entregar a Iussuf outros cem sequins, e o mariola aguardou com impaciencia a continuação da narração, que teve logar no dia seguinte, depois do banquete, nestes termos:

— Para que occulta-lo? todo o bem-estar de que podia gozar em minhas terras não foi sufficiente para combater o desejo que me impellia a novas viagens. De nada servião, nem as ponderações judiciosas dos meus amigos, nem as reminiscencias dos soffrimentos passados: puz-me de novo a caminho. Desta vez jun-

MIL E UMA NOITES.

78
tei-me a uma caravana, com a qual percorri muitas provincias da Persia e da India, fazendo bons negocios em todos os pontos importantes, e via consideravelmente augmentada a minha fortuna ao chegar a um porto do oceano indico, onde embarquei-me para confiar novamente a minha vida e as minhas riquezas ás ondas enganadoras do mar. Infelizmente era muito inepto o nosso commandante: durante semanas navegámos ao acaso, até que um bello dia nos declarou que havia perdido o rumo. Encarregou-se o mar de indicar-nos onde estavamos, porque uma corrente impetuosa principiou a arrastar o nosso navio com rapidez vertiginosa. O nosso commandante, de susto e terror, arrancou o turbante, e entre gemidos e gritos declarou-nos que estavamos perdidos, pois que aquella corrente levaria directamente a nossa embarcação á costa da ilha rochosa, onde todos cahiriamos ao abysmo. Como bons crentes, vendo que nada podiamos fazer para evitar o perigo, cruzámos os braços exclamando *Allah Kerim*, Deus é misericordioso! Sempre arrastados pela corrente, vimos em breve apparecer uma alta montanha, e ao cabo de uma hora o nosso navio, com estrondo terrivel, bateu em uma pedra, e abriu agua. No meio da desgraça ainda fomos felizes, pois que a mesma pedra que despedaçou a quilha, impedio que o navio fôsse logo ao fundo, de maneira que pudemos salvar as nossas mercadorias e parte dos mantimentos. Comtudo, era desesperada a nossa situação.

SINDBAD-O-MARUJO.

A praia que alcançámos estendia-se em pouca largura ao longo de um alto paredão, tão ingreme que teria sido loucura sonhar com uma ascensão; ao norte e ao sul os rochedos insuperáveis mergulhavam o pé nas ondas profundas do mar; não havia caminho para deixar o deserto arenoso no qual pisavamos.

À pouca distancia da praia nascia um arroio; mas em lugar de precipitar-se no mar, sumia-se em uma fresta do paredão, para continuar o seu curso debaixo da terra.

Ao longo da praia alvejavam innumerados esqueletos humanos, annunciando-nos qual seria a nossa sorte, e tão pungente era este aspecto, que deitámos toda a ossada ao mar. Vião-se ainda nas arêas enormes pedaços de ambar arrojados pelas ondas, e encastoadas nos rochedos grande numero de pedras preciosas, que com a maior facilidade se podia desprender.

Mas para que nos servirão estes thesouros, a nós, pobres naufragos, privados de qualquer esperança de salvar-nos desta ilha inhospita? Nunca navio algum poderia approximar-se desta costa, sem despedaçar-se nas rocas! Comprehendemos, pois, que estavamos condemnados, e lamentámos a nossa triste sorte.

Entretanto, por miseravel que fôsse a vida, tinha as suas exigencias; repartimos, pois, fielmente os mantimentos, e preparámos-nos a morrer, entregando-nos ás mãos do Senhor.

Pouco a pouco os viveres se esgotarão, e um

MIL E UMA NOITES.

a um os meus companheiros passarão da sua existencia desesperada ao descanso eterno. Chegou o dia em que me vi só no meio das sepulturas de todos aquelles que me havião acompanhado na malfadada viagem. Eu mesmo só havia prolongado a vida á custa de grandes abstinencias; e para que me servia ella agora?

Amaldiçoando a minha mania das viagens, sentei-me á beira do arroio, e, engolphado em tristissimas meditações, contemplava as ondas, que se sumião na negra caverna.

— E se taes ondas me servissem de guia para salvar-me? perguntei-me de repente. A menos de perder-se nas entranhas da terra, podia á arroio resurgir em algum outro ponto da ilha menos agreste, onde escaparia á sorte horrivel de morrer de fome. E se me precipitasse mesmo em um abysmo, pelo menos acabaria mais depressa de penar.

Feitas estas reflexões, puz mãos á obra para tentar a salvação. Com os destroços do navio construi uma jangada tão segura que podia confiar-lhe a minha pessoa. Vislumbrando a possibilidade de escapar, juntei muitas pedras preciosas e grande porção de ambar, que constituíão uma fortuna immensa, e segurando as minhas riquezas e o restinho de viveres na jangada, empurrei a embarcação ás aguas do arroio, e principiei a viagem arriscada, sumindo-me em breve na abertura do paredão.

SINDBAD-O-MARUJO.

Desde que entrei na caverna, trevas compactas me rodearão; silencio profundo, apenas interrompido pelo marulhar das aguas e o embate da jangada em alguma saliencia dos rochedos, esmagou-me com a sua eloquencia sepulchral.

Descia ás vezes a abobada quasi á flôr d'agua, obrigando-me a deitar-me a fio para não ser despedaçado na passagem.

Este martyrio prolongou-se durante dias. Em vão gastava os viveres com a maior parcimonia; chegou o momento em que nada mais possuía para matar a fome; as forças abandonarão-me e cahi sem sentidos na jangada, que rapidamente seguia o seu caminho arrastada pelas aguas velozes.

Não sei quanto tempo o desmaio teve-me preso naquella horrivel sepultura: mas, quando despertei, sorria-me um céu azul; uma brisa embalsamada me affagava o rosto, e alegres raios de sol teciam seus fios dourados entre a folhagem de um grupo de formosas arvores, á cuja sombra me achava deitado em relva macia, rodeado de muitos individuos de côr preta, que me prodigalizavão cuidados carinhosos.

Cheio de alegria, encorporei-me e agradei em termos eloquentes os carinhos que fazia-me aquella bôa gente.

Compreendi, porém, que não entendião a minha lingua, mas protestarão por signaes que continuarião a proteger-me.

Recitei então uns versetos do alcorão em louvor

MIL E UMA NOITES.

de Allah, que tão milagrosamente me havia salvado. Deu o acaso que um dos negros entendesse o arabe. Chegando-se perto de mim, disse-me:

— Saberás, meu irmão, que esta manhã, quando seguíamos para as nossas roças, vimos boiar nas ondas deste rio uma jangada; alguns de nós entráramos n'agua e puxáramos para a terra a embarcação, na qual estavas deitado sem sentidos. Tratámos de chamar-te á vida, o que felizmente conseguimos, assim como recolhemos os objectos que encontrámos na jangada e que aqui estão intactos. Conta-nos agora como conseguiste penetrar no nosso paiz.

Disse-lhe então que de bom grado narraria as minhas aventuras, mas que a fome estava-me devorando os intestinos.

Pressurosos corrêram alguns a buscar alimentos, e posso assegurar-lhes, meus caros amigos, que nunca almocei com melhor disposição do que naquella manhã memoravel. Uma vez reconfortado, contei tudo quanto havia-me acontecido desde o horrivel momento em que o nosso navio se havia despedaçado nos recifes.

— Que historia extraordinaria! exclamarão os meus ouvintes; é digna de ser contada ao nosso rei!

Immediatamente trouxerão dous cavallos, um para mim e outro para as minhas riquezas, e partimos para a capital.

Chegados á frente do palacio, os meus companheiros mandáramos prevenir ao seu soberano de que um estran-

SINDBAD-O-MARUJO.

geiro notavel desejava fallar-lhe. El-rei mandou-nos vir á sua presença, e eu, prostrando-me perante o seu throno, exclamei, beijando o chão:

— Gloria ao rei deste paiz, que tão hospitaleiramente acolheu-me; felizes sejam os teus dias, oh! principe, e que o céo te prodigalize todas as venturas e prosperidades!

El-rei estendeu-me a mão, ergueu-me e fez-me sentar em um divan, convidando-me a dizer-lhe quem era e a contar-lhe as minhas aventuras.

— Senhor, respondi, chamo-me Sindbad, o marujo, e sou de Bagdad.

E, em seguida, contei-lhe toda a minha vida.

Tão profunda impressão causou-lhe a minha historia, que ordenou aos seus secretarios fôsse ella gravada em letras de ouro e conservada nos archivos do reino.

Muito admirou tambem a belleza das minhas pedras preciosas; vendo esta admiração, prostrei-me novamente e pedi-lhe licença para offerecer-lhe todas as minhas riquezas.

— Deus me livre, respondeu el-rei, de privar dos seus thesouros um homem tão visivelmente protegido de Allah! Longe disto, quero augmentar a tua fortuna.

E, mandando dar-me um presente valioso, convidou-me a que viesse todos os dias á sua presença para conversar e discutir.

Permaneci algum tempo na côrte daquelle monarcha bondoso, rodeiado de estima e carinhos. Despertou-se

MIL E UMA NOITES.

me, porém, a saudade da minha patria, e suppiquei a el-rei que me deixasse partir. Não só consentio no que lhe pedia, mas encarregou-me ainda de uma carta e de varios presentes preciosos para meu califa Harun-al-Raschid, commendador dos crentes.

Profunda foi a minha commoção quando despedi-me do monarcha, que tão amistosamente me havia tratado, e, apezar de voltar para a minha patria, senti os olhos arrazados de lagrimas, quando de bordo do meu bom veleiro vi ao longe desaparecer as costas de Serendyb. Rapida e feliz foi a minha viagem, e quando apresentei-me perante Harun-al-Raschid com a carta e os mimos de que era portador, fui recebido graciosamente, e tive de fazer ao meu califa a descripção minuciosa do poder e da magnificencia do rei de Serendyb. Ao terminar esta quinta viagem, jurei que nunca mais embarcaria. Amanhã, meus amigos, pela narração da sexta viagem, verão como não me foi possivel respeitar este juramento.

No dia seguinte, depois do banquete, Sindbad continuou assim:

— O peso dos annos, e as experiencias amargas colhidas nas viagens anteriores, firmárão-me cada dia mais na resolução de passar o resto da minha vida nas minhas terras, no meio dos meus amigos. Mas o homem propõe e Deus dispõe. Um dia mandou-me chamar o califa e me disse:

— Comprehendes, Sindbad, que, tendo aceito os

SINDBAD-O-MARUJO.

presentes e a carta do rei de Serendyb, não posso deixar de retribuir as finezas daquelle monarcha. Prepara-te, pois, para ires em missão especial cumprimentar em meu nome o teu amigo poderoso e levar-lhe os meus mimos.

Não foi diminuto o susto que tive ao ouvir estas palavras.

— Soberano dos crentes, exclamei, não ha sacrificio que não fizesse para prestar-te serviço; mas, infelizmente, fiz um juramento que me priva de continuar viagens, que fôrão tão laboriosas para mim.

Harun-al-Raschid mostrou-se contrariado por aquellas minhas palavras. Comtudo, condescendeu, exigindo que lhe explicasse bem o seu sentido. Contei-lhe então toda a minha vida.

— Já comprehendo, disse o califa depois da minha narração, que não deves ter muita vontade de tornar a embarcar-te. Mas não tenho outra pessoa que vantajosamente possa substituir-te, e assim, em virtude dos meus poderes, como commendador dos crentes, e respeitando a razão de estado, desligo-te do teu juramento e ordeno-te que partas para a côrte do rei de Serendyb.

Que remedio tinha eu senão obedecer a esta ordem formal? No dia seguinte recebi as minhas instrucções, a carta autographa do califa, dinheiro para ajuda de custo, e parti, com grande numero de camellos carregados de presentes, para Balsora.

MIL E UMA NOITES.

Ao deixar Bagdad tive como um presentimento de que nunca mais tornaria a vêr a minha cidade natal; resignei-me, porém, visto que tinha de obedecer á lei do destino.

Embarquei-me em Balsora, e contra a expectativa, a viagem por mar foi das mais felizes.

Fui recebido com cordial alegria pelo rei de Serendyb, em minha dupla qualidade de amigo e enviado.

— Muito me alegro, Sindbad, me disse el-rei, de tornar a vêr-te, e posso assegurar-te que desde a tua partida não se passou um dia sem que me lembrasse de ti.

Achou muito de seu real agrado os presentes do califa, e prometeu-me que em breve me daria a resposta da carta. Com grande impaciencia aguardei o momento da partida: se de um lado me pezava apartar-me para sempre de quem tão benevolamente me havia acolhido, de outro ardia por vêr-me de volta em Bagdad.

Chegou o dia da audiencia de despedida. O monarcha entregou-me a carta para Harun-al-Raschid, e, abraçando-me, mandou dar-me um rico vestuario de gala, e presentes valiosos.

Ao cahir da noite já singrava o meu navio as ondas do mar. Se, na vinda, havia estado preocupado por negros pensamentos, agora, na volta, entreguei-me a uma louca alegria, sem ter o presentimento da desgraça que nos ameaçava.

SINDBAD-O-MARUJO.

No dia seguinte, o marinheiro, que estava de vigia, deu parte que havia um navio á vista.

O commandante, examinando o navio assignalado com o oculo de alcance, exclamou:

— Temos que preparar-nos para o combate. Aquelle navio é um corsario.

Emquanto se fazião os preparativos para defender-nos, o corsario, mais veleiro que nós, approximou-se, içou uma bandeira côr de sangue, e intimou-nos que arreassemos a nossa.

O nosso commandante era um bravo; apezar de conhecer a impossibilidade de resistir a um inimigo tão bem armado, respondeu com voz firme:

— Se te atreves, vem arrear a nossa bandeira!

Avançou então o corsario e teve logar a abordagem. Os piratas saltarão ao nosso convez e principiarão a acutilar a nossa debil tripolação.

O nosso commandante, porém, defendeu-se heroicamente, e eu combatia a seu lado. Por muito tempo o combate ficou indeciso; ora repelliamos os bandidos, ora tinhamos de ceder-lhes terreno; o nosso capitão fazia prodigios de valor, decepando cabeças e braços.... mas, á vista da superioridade numerica dos piratas, não podia durar muito esta luta desigual. Reunindo os seus poucos valentes, o nosso commandante carregou com muita energia o inimigo; os bandidos recuárão.... mas, quando já iam gritar «Victoria», o nosso capitão escorregou em uma poça de sangue, cahio, e foi

preso pelos piratas, que se havião reanimado, á vista da quéda do valente. Estava decidida a nossa sorte; arrojámos as armas e fomos algemados. Mais de duas terças partes dos nossos havião perecido na refrega, mas a perda dos piratas era ainda muito maior. Havíamos pensado que os vencedores nos matarião; limitárão-se, porém, a vender-nos como escravos no primeiro porto africano que alcançámos. Comprado por um negociante, segui-o para sua casa, onde fui tratado com bastante humanidade. Como lhe dissesse que nenhum officio sabia, perguntou-me se entendia do manejo de armas, e, dizendo-lhe eu que manejava regularmente o arco, mostrou-se satisfeito. Mandou vir um elephante manso, deu-me um arco e um carcaz cheio de flechas, e partimos para uma grande floresta, distante algumas leguas da cidade.

O meu senhor ordenou-me então que trepasse em uma arvore elevada, e que aguardasse ali a passagem dos elephantes, que costumavão descer a planicie. Do meu escondrijo devia servir-me do arco para matar os elephantes que passassem ao alcance das minhas flechas. Depois d'estas instrucções, retirou-se para a cidade.

Julguei empreza facil o que me fôra ordenado, e sem susto aguardei a chegada dos animaes. Pela madrugada avistei um grupo, que veio a passar pertinho do meu ponto de observação. Dei varios tiros, ferindo apenas levemente alguns dos animaes. Por fim uma

SINDBAD-O-MARUJO.

flecha acertou no olho esquerdo de um elephante magestoso, que cahio com grande estrondo, enquanto que os outros fugião para a floresta. Contento da minha façanha, corri á cidade e participei ao meu senhor o meu bom exito. Voltou commigo para o matto, e enterrámos o cadaver, para que, dissolvendo-se, nos facilitasse a colheita das prezas, que constituem uma mercadoria preciosa. Dahi em diante consegui matar diariamente um dos quadrupedes valiosos, durante dous mezes. Um dia, porém, esta caça terminou de um modo bem singular. Apareceu grande numero de elephantes que directamente se dirigirão á arvore na qual eu estava trepado. Com grande furor calcavão o chão, erguião as trombas, e açoutavão os flancos com a cauda, soltando vozes aterroradoras. De susto deixei cahir o meu arco, e foi uma felicidade, porque, se tivesse atirado aos animaes furiosos, ter-me-hião esmagado. Um delles enleiou com a tromba a arvore e arrancou-a com todas as raizes. Ao cahir ao chão, julguei-me perdido; mas o meu aggressor, agarrando-me pela cintura, ergueu-me ao seu dorso, sem pisar-me, e toda a tropa internou-se na floresta. Não sabia eu que pensar de tudo isto, quando, ao cabo de um quarto de hora de caminhada, chegámos a uma aberta, rodeada de arvores seculares, onde existia um immenso montão de prezas e esqueletos alvejados pelo tempo. O meu elephante estendeu a tromba, collocou-me no chão, indicou-me o montão de prezas, fitando-me tão seria-

MIL E UMA NOITES.

mente, como se quizesse ameaçar-me. Em seguida toda a tropa afastou-se e nunca mais foi visto algum elephante naquellas regiões.

Admirado da perspicacia dos animaes, que, para escapar á perseguição, entregavão assim as riquezas pelas quaes erão perseguidos, e deslumbrado pelo valor que representava aquelle immenso deposito de marfim, corri á cidade, e participei tudo a meu senhor, que tão contente ficou, que immediatamente me concedeu a liberdade, e metade das prezas, cujo numero excedia a muitos milhares. Realizei a venda de minha mercadoria, que produzio-me varios milhões de sequins, e, mais rico do que nunca, voltei por fim á patria para não deixa-la mais.

Dei conta ao califa de minha missão, contando-lhe as minhas ultimas aventuras; o meu soberano mandou recompensar-me, e sempre me conservou a sua protecção. E agora espero viver em paz o resto da minha existencia.

Assim terminou Sindbad, e, dirigindo-se a Iussuf, que attentamente o havia escutado, perguntou:

— E ainda invejas a minha riqueza, Iussuf?

Inclinou-se o mariola, beijou a mão de Sindbad, e respondeu commovido:

— Não, senhor; bastante lutaste para adquirir a tua fortuna. Que o céo te proteja e te conceda longa vida!

Sindbad, levantando-se, abraçou Iussuf, e lhe disse:

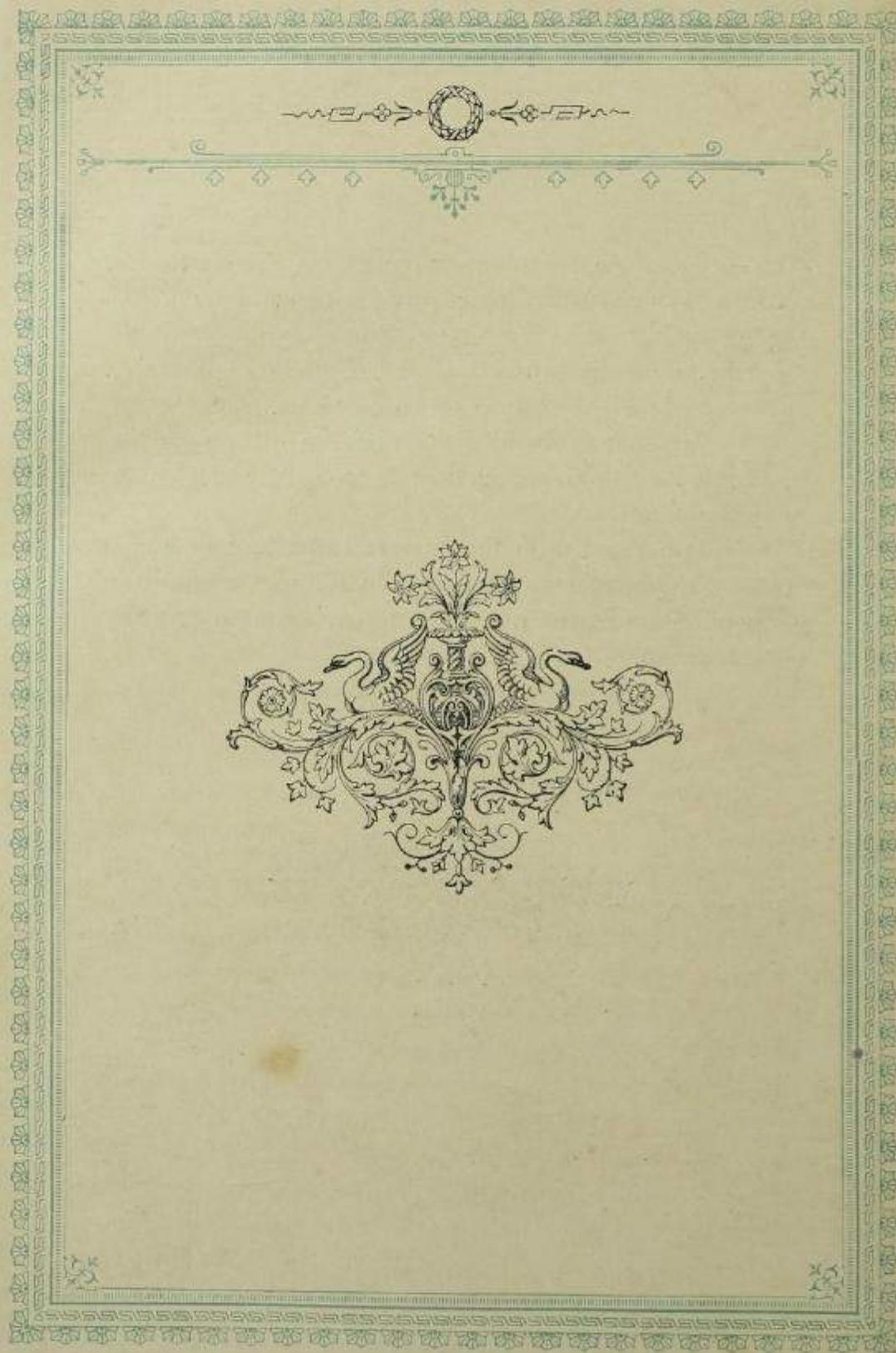
SINDBAD-O-MARUJO.

— De hoje em diante viverás em minha companhia. És uma boa alma; ouviste commovido a narração da minha vida alegrando-te com as minhas alegrias, penalizando-te com as minhas penas. Vai buscar os teus filhos, que serão os meus.

Iussuf chorou de alegria, abraçou e beijou o seu bemfeitor, e tudo realizou-se como Sindbad o havia determinado.

E o marujo, que tantas tormentas havia passado em sua existencia agitada, viveu feliz e contente em companhia de Iussuf e dos filhos deste amigo dedicado e agradecido.





ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.



ENTRE os alfaiates da antiga cidade de Bagdad, Mustaphá era um dos mais attribulados, não só porque nem sempre ganhava o sufficiente para satisfazer as necessidades de sua familia, como ainda pela pessima indole do seu unico filho Aladdin, que vivia nas ruas vadiando em companhia de outros garotos de sua laia, armando desordens de toda a especie.

Se bem que grande culpa tivesse o velho Mustaphá nesta pessima educação de seu filho Aladdin, não lhe escasseava, agora que já era tarde, os bons conse-

MIL E UMA NOITES.

lhos, e mesmo os argumentos sensíveis; mas aos conselhos o rapaz fazia ouvidos de mercador, e quanto ás pancadas sacudia-as como o rafeiro sacode a agua ao sahir do banho.

Houve um momento em que o alfaiate se armou de uma bôa dôse de energia, e, declarando ao rapaz endiabrado que o havia destinado a aprender o seu officio, obrigou-o a permanecer algumas horas na officina, occupado com a linha e a agulha, sob a pressão do covado, que representava o sceptro pesado da autoridade paterna; mas no primeiro descuido Aladdin saltava pela janella, em busca dos seus companheiros de correria, embora lhe fôsem na volta medidas as costas com o instrumento indicado.

Cansado por fim, Mustaphá largou do covado e da vida, e, morrendo de desgosto, deixou em extrema miseria a mulher.

Reconhecendo a pobre viuva que nunca faria do filho um alfaiate morigerado e capaz, vendeu a officina, dando-lhe o producto desta venda e o seu cansado trabalho mal para não morrer de fome.

Para Aladdin principiou então uma época de independencia completa; já não tinha quem lhe fôsse á mão, e forte e robusto, com seus quinze annos, em breve adquirio grande prestigio entre os garotos das ruas e praças publicas, cujas correrias capitaneava, sem jamais preoccupar-se do futuro, nem lembrar-se das maguas que ia causando á sua pobre mãe.

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

Estando um dia em forte algazarra com os seus companheiros, veio a passar um ancião, que se deteve a olhar as evoluções ruidosas dos rapazes. Como soía acontecer a todos, chamou-lhe a attenção a figura proeminente de Aladdin, e entrou a tomar dos vizinhos informações minuciosas ácerca do joven libertino.

Como veremos mais adiante, andava este ancião em umas aventuras que muito o interessavão, mas para as quaes necessitava de um auxiliar geitoso, e, reconhecendo em Aladdin as qualidades indicadas para os seus fins, chegou-se ao rapaz, chamou-o de lado, e lhe disse com voz commovida:

— Amiguinho, o alfaite Mustaphá não é teu pai?

— Era, sim senhor, mas já ha dous mezes que morreu, respondeu Aladdin mui desembaraçadamente.

— Ai de mim, que cheguei tarde! — exclamou o ancião; — não mais verei o meu querido irmão! Sim, meu filho, sou teu tio, que volta de longa viagem, e esperava repartir com teu pai riquezas adquiridas por muito trabalho. Logo te conheci ao avistar-te, porque tens todas as feições do meu pobre irmão quando era moço como tu! E agora o encontro morto!

E, prorompendo em lamentações e gemidos, abraçou ternamente o moço, que muito estranhava este encontro, porque nunca ouvira fallar da existencia de tal tio.

Mas como por fim o ancião, depois de curto colloquio, lhe entregára um cartucho de sequins de

MIL E UMA NOITES.

ouro, para leva-los á sua mãe, Aladdin cessou de scismar. O ancião, porém, accrescentou:

— Dize á tua mãe, minha cara cunhada, que tenho muita, muita vontade de conhece-la; que prepare uma boa ceia para nós, e tu virás á noitinha buscar-me neste mesmo lugar, para me levaes á tua casa.

Emquanto Aladdin se afastava correndo, o ancião o seguia com uns olhares astutos e maliciosos. Nenhum parentesco o prendia ao joven, mas delle precisava para a realização do projecto de apossar-se de um grande thesouro sepultado perto da cidade. Era este velho um magico africano, muito afamado, que por meio dos seus livros e calculos cabalisticos descobrira a jazida do thesouro, e agora viera a Bagdad para colher o fructo dos seus estudos.

Como uma frecha appareceu Aladdin em casa, e, atirando com as moedas de ouro ao regaço de sua mãe, exclamou com grande agitação:

— Eis aqui o que me deu o meu tio, um grande ricasso, para que lhe prepares uma ceia, que hoje quer comer connosco.

A pobre da velha olhou attonita para o filho; não conhecia parente, e muito menos parente rico e generoso, e a vista do dinheiro despertou-lhe apprehensões crueis:

— Meu filho, meu filho! Não terás roubado este dinheiro?

— Qual roubado! — já lhe disse que foi o tio

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

quem m'o deu, o irmão de meu pai, que tem mais dinheiro do que o Sultão, e vem ceiar connosco e dar cabo do nossa miseria.

Revelava-se tal sinceridade nas palavras do menino, que a viuva se tranquillizou, e pôz mãos á obra para preparar uma refeição digna de visitante tão distincto.

Quando de noite o magico appareceu em casa da viuva, mostrou-se profundamente commovido, e tão copiosamente chorou ao percorrer os aposentos out'ora habitados pelo finado irmão, que a dona da casa e até o proprio Aladdin não puderão deixar de proromper tambem em lamentações e prantos.

Por fim os tres enxugarão as lagrimas, e se puzerão a comer, contando o magico, durante a refeição, uma historia bastante verosimil, segundo a qual havia quarenta annos que deixára Bagdad para correr mundo, tendo estado nas Indias, na Syria, na Persia, no Egypto e na Arabia, na China e na Turquia, recolhendo riquezas em toda a parte, terminando com a declaração de que agora pretendia acabar os seus dias em companhia dá cunhada e do sobrinho, e repartir com elles o fructo dos seus trabalhos. Indagou da vida e dos estudos de Aladdin, e, ouvindo as queixas sentidas da viuva ácerca da pessima conducta do filho, o magico disse com ares conciliadores:

— Deixe estar, minha irmã, as culpas do menino não hão de ser irremediaveis. Eu sei por experiencia o que são as turbulencias da mocidade; mas passão

MIL E UMA NOITES.

com reflexão e trabalhos adequados ao gosto juvenil. Que te parece, Aladdin, a condição de negociante? Serás dono de um grande armazem, deslumbrante de ricas fazendas e objectos de arte afamada.

— Bem o quizera, respondeu Aladdin, mas o dinheiro?

— Não te importes com o dinheiro, que tenho de sobejo para comprar cem armazens, por esplendidos que sejam. Amanhã tornaremos a fallar neste assumpto. Por hoje vamos descansar.

E despedio-se cordialmente da viuva, que ficou a dar bons conselhos ao filho e a celebrar a generosidade do cunhado, que tão inesperadamente lhe havia apparecido.

No dia seguinte o magico veio buscar Aladdin, para dar um passeio nos arredores da cidade, prevenindo a viuva de que talvez nesse dia o menino não se recolheria, visto que pretendia apresenta-lo a alguns amigos convidados a ceiaem com elle.

Caminhando por entre jardins e palacios, os dous pouco a pouco se afastarão da cidade, até que alcançarão um sitio bastante ermo, no meio de um valle formado por duas collinas.

— Vamos descansar aqui, disse o magico, e, se tiveres animo, mostrar-te-hei cousas maravilhosas, como nunca as sonhaste. Mas é mister que confies completamente em mim, e cumpras á risca as minhas indicações.

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

Aladdin era rapaz destemido, e nenhum motivo tinha de desconfiar da sinceridade daquelle que se dizia ser o seu tio. Assim disse:

— Tanta amizade já me mostraste, que sem hesitar farei o que me mandares.

— Pois bem, respondeu o magico, junta já uma porção de galhos seccos, para fazermos uma fogueira.

Aladdin em um instante recolheu braçadões de ramas, que collocou no lugar designado pelo magico, e em breve grande labareda subio aos ares. O magico tirou de uma boceta de ouro uns póz brancos, que deitou nas chammas, murmurando phrases cabalisticas. Nuvens espessas de fumo espalharão-se pelo valle; de repente ouviu-se um grande estrondo, e a terra, estremecendo e abrindo-se, deixou patente ás vistas uma lage de marmore branco, com um anel de bronze no meio.

Aladdin, apezar do seu genio corajoso, assustou-se perante estas manifestações magicas, e intentou fugir.

O ancião, porém, o deteve violentamente, e lhe disse em voz irada:

— Agora já não podes recuar. É preciso levar ao fim a empreza encetada, senão mato-te á pancada.

E com tal ferocidade lhe brilhavão os olhos, ao proferir estas palavras, que Aladdin ficou aterrado, e prometeu obedecer em tudo aos mandamentos do tio, que já não trazia vestigios do carinho que até então lhe havia mostrado.

O magico, abrandando um pouco a voz, lhe disse:

MIL E UMA NOITES.

a
— Debaixo deste lage de marmore achão-se escondidos os thesouros os mais esplendidos do mundo inteiro. Desde a origem dos tempos estas riquezas te são destinadas a ti, e só tu podes alçar esta lage. Nem eu mesmo, que comtudo a descobri, posso tocar-lhe, nem descer a escada, escondida por esta pedra. Alça, pois, a lage!

— Ah! meu tio, como poderei eu com as minhas deveis forças alçar esta pedra enorme?

— Experimenta, disse o velho, e verás o que podes. Aladdin obedeceu, e a lage lhe pareceu leve como uma penna, e com a maior facilidade descobrio a entrada do subterrano, apparecendo os primeiros degrãos de uma escada.

— Estás vendo, Aladdin? disse o velho; com a mesma facilidade conseguirás o resto, e serás mais rico do que o mais poderoso Sultão. Para tranquillizar-te colloco-te este annel no dedo, que te protegerá contra qualquer perigo. Desce a escada; na caverna encontrarás uma porta, que te conduzirá a tres aposentos, nos quaes verás grande numero de vasos de ouro, cheios de metaes preciosos. Mas não toques nem sequer com a roupa em cousa alguma, sob pena de morte, pois que todos estes vasos estão guardados por genios que não entendem de brincadeira. Depois do terceiro aposento encontrarás um vasto jardim, cheio de arvores cobertas de fructos formosos. Uma vereda te conduzirá a um templo, onde em cima de um altar verás arder uma

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

lampada de latão ordinaria. Apaga a luz, deita fóra o liquido, e guarda a lampada no seio. Guarda-a bem, e não a percas, é o que mais te recommendo. Ao voltares pódes colher frutas e agarrar ouro e prata quanto pudes carregar, tudo será teu, menos a lampada, que quero e exijo para mim.

Aladdin havia ouvido attentamente as recommendações do ancião, e, promettendo executar fielmente as suas ordens, penetrou no subterraneo.

Com passos firmes percorreu os tres primeiros aposentos, desviando a vista dos vasos preciosos, para não cahir em tentação. Sem difficuldade alguma encontrou no jardim, brilhantemente illuminado, o templo de ouro, apoderou-se da lampada, e, guardando-a no seio, depois de haver despejado o liquido que continha, disse comsigo:

— Que interesse póde despertar ao tio este miseravel objecto, que por centenas poderia encontrar em Bagdad? Será alguma birra de velho!

Durante a sua retirada, Aladdin demorou-se mais um pouco no jardim, contemplando os milhares de arvores, que por entre a sua verde folhagem ostentavão inumeros fructos amarellos, brancos, purpureos, verdes e azues, todos transparentes o rutilantes como estrellas.

Despertou-lhe a vontade de provar estas frutas formosas; mas, tendo colhido uma maçã, e querendo fincar-lhe os dentes, achou-a dura como crystal, e comprehendeu que ali havia artificio. Resolveu então levar

MIL E UMA NOITES.

uma collecção dellas á sua mãe, como brinquedos feitos de vidro colorido. Nisto, porém, enganava-se redondamente, porque todas estas frutas são de pedras preciosas do mais subido valor, e bastaria uma unica das maçãs para comprar um reino. As frutas brancas são perolas e diamantes, as encarnadas rubis, as verdes esmeraldas, as azues saphiras e amethystas.

Aladdin encheu, com as que ao acaso agarrou, as algibeiras e uma grande bolsa que havia trazido na cintura, e, sentindo-se bastante carregado, lembrou-se da retirada. Quando alcançou a escada, que era bastante estreita, o moço vio-se embaraçado para subir, por causa do volume que fazião as pedras preciosas; ergueu então á voz e chamou pelo tio, para que este lhe estendesse a mão e lhe ajudasse a sahir do subterraneo.

— Tens a lampada? perguntou o ancião com sofreguidão.

— Tenho-a, mas antes de da-la quero sahir daqui, respondeu Aladdin.

O magico, porém, receiando que, uma vez fóra do subterraneo, o moço se negasse a entregar-lhe a lampada, declarou-lhe que não o ajudaria a sahir emquanto não tivesse entregue o objecto tão almejado.

Depois de grande teima de parte á parte, Aladdin disse:

— Pois bem, eu ficarei sentado na escada, e não darei a lampada, sem sahir, embora tenha que morrer de fome.

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

Grande furor apoderou-se do magico ao ouvir estas palavras, que revelavão a pertinacia de Aladdin; concluiu que o moço estava resolvido a subtrahir-lhe a lampada, e exclamou com voz terrivel:

— Morre, pois, malvado, morre enterrado vivo!

E proferio precipitadamente algumas fórmulas cabalísticas; a lage de marmore cobrio immediatamente a entrada do subterraneo, sepultando o infeliz moço, condemnado a perecer miseravelmente na sua prisão.

O magico, vendo frustrados os seus planos, e não podendo intervir pessoalmente para arrebatat a lampada, teve de contentar-se com a sua ruim vingança, e voltar para a Africa em busca de novos meios e combinações para obter o thesouro tão ambicionado.

Aladdin, entretanto, julgando-se perdido irremissivelmente, pôz-se a chorar com amargura. Ao cabo de algum tempo, quiz vêr se pelos aposentos não acharia alguma sahida; mas encontrou a porta fechada. Desappareceu o ultimo vislumbre de esperança, e o moço sentou-se nos degrãos da escada á espera da morte. Felizmente um somno profundo veio pôr temporariamente termo ás suas maguas. Mas, ao despertar, Aladdin prorompeu novamente em lamentações, erguendo os braços e torcendo as mãos convulsivamente. Nestas contorsões, esfregou o anel que o magico lhe havia dado, e de repente encheu-se a caverna de um grande clarão, e aos pés de Aladdin surgiu um genio, gigantesco e de horrivel aspecto, que exclamou com poderosa voz:

MIL E UMA NOITES.

— Que mandas? Os genios do anel estão ás tuas ordens, e eu sou o teu escravo.

Aladdin, assustado no primeiro momento pelo estranho da apparição, socegou ao perceber a humildade das palavras do genio, e disse:

— Pódes tirar-me desta caverna?

— Não tens mais que ordenar!

— Pois então leva-me a Bagdad, para perto da casa de minha mãe.

O genio suspendeu Aladdin delicadamente com as suas longas garras, abriu a terra com um sopro ruidoso, e, fendendo os ares com rapidez vertiginosa, alcançou a cidade, onde depoz o moço na vizinhança de sua habitação, perguntando submissamente:

— Que mais ordenas?

— Nada, por ora, respondeu Aladdin. Chamarte-hei quando de ti precisar.

Desappareceu o genio, e Aladdin apresentou-se em casa de sua mãe, extenuado de cansaço e morto de fome.

A pobre da velha, que o havia julgado perdido, recebeu-o com exclamações jubilosas e ternos carinhos, e, ouvindo dizer que em tres dias nada havia comido, correu a preparar-lhe uma bôa refeição para restaurar-lhe as forças.

Em seguida Aladdin narrou-lhe as suas aventuras, e, como prova de sua narração, mostrou-lhe a lampada e os fructos colhidos no jardim maravilhoso.

A velha, porém, disse:

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

— Não ha duvida que são bonitas estas frutas de vidro; mas não têm lá muito valor, nem tão pouco a lampada velha. Deverias ter trazido antes uns punhados de ouro.

— Tens razão, disse Aladdin; mas não me lembrei. Por ora, o mais acertado é irmos dormir, porque caio de cansado.

No dia seguinte, para o almoço, a velha vio-se em grandes apuros, porque não possuia mais nem dinheiro nem provisões. Quiz ir vender um pouco de algodão de fiar, que lhe restava; Aladdin, porém, lembrou-se que mais depressa poderia vender a lampada, e, para torna-la mais apresentavel, disse á velha que a limpasse.

Pegou a viuva em um trapo, e pôz-se a esfregar o objecto em questão.

Immediatamente abriu-se o chão, e surgiu um genio de aspecto ainda mais atterrador do que o escravo do anel, e exclamou com voz retumbante:

— Que mandas? Os genios da lampada estão ás tuas ordens, e eu sou o teu escravo!

De susto desmaiou a viuva; Aladdin, porém, já familiarizado com os genios, apoderou-se da lampada, e disse:

— Recommendo-te que para outra vez te presentes com modos mais delicados; por emquanto vais trazer-me um bom almoço.

— Sem demora o teu desejo será satisfeito, disse o genio; devo prevenir-te, comtudo que, sendo esfregada

MIL E UMA NOITES.

a lampada com força, nós, os teus escravos, somos obrigados a gritar muito; chamando-nos, porém, com brandura, fallamos brandamente como tu.

Dada esta explicação, o genio desapareceu, voltando segundos depois com doze travessas de prata cheias de manjares deliciosos. Pôz a mesa e completou o serviço com pão, vinho e copos de crystal, e sumio-se ao mandado de Aladdin.

O moço prodigalizou então os seus cuidados á viuva, que ainda permanecia desmaiada, e muito admirada ficou esta quando, ao despertar, deu com a mesa tão extraordinariamente posta.

— Não te preocupe isto, disse Aladdin; come e depois saberás tudo.

Banquetearão-se os dous como poderosos da terra, e quando chegarão á sobremesa, Aladdin referio:

— Devemos este banquete esplendido aos genios, escravos da lampada. Compreendo agora porque o magico tanto se empenhava para obter este objecto. Deve ter qualidades occultas, que o tempo nos ha de revelar. Por emquanto servir-nos-ha para alcançar os meios de uma existencia commoda; convem, porém, guardar o maior segredo para não despertar a inveja dos proximos.

— Faze o que quizeres, replicou a velha, comtanto que me tires da vista esta lampada, que quasi causou-me a morte.

Aladdin tomou a lampada e foi esconde-la em um

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

recanto do sotão, promettendo-se recorrer a ella no caso de precisar.

Alguns dias depois acharão-se esgotados os manjares fornecidos pelo genio, e a viuva aconselhou o filho que fôsse vender um dos pratos; mas nem ella, nem Aladdin sabião que estes objectos erão de prata finissima, e assim o moço, cahindo nas garras de um judêo ladrão, obteve apenas um sequim de ouro pela prata que valia pelo menos sessenta moedas.

Julgou, com tudo, ter feito bom negocio, e pouco a pouco foi vendendo os outros onze pratos pelo mesmo preço.

Não sobrando mais nada para vender, Aladdin foi ao sotão, esfregou a lampada e immediatamente appareceu o genio, ao qual ordenou que o servisse como da primeira vez, ordem que sem demora foi executada.

Corrêrão as cousas mais ou menos do mesmo modo.

Quando, porém, Aladdin sahio para vender um dos pratos ao judêo, encontrou um ourives, que frequentemente o havia visto passar com os pratos, e que desta vez o chamou e perguntou-lhe se vendia os objectos ao judêo da vizinhança.

— Sim, respondeu Aladdin, e elle me paga á razão de um sequim.

— Um sequim! exclamou indignado o ourives; um sequim por um objecto que ao pezo vale mais do que sessenta! Traze-me tudo quanto tens, e eu te pagarei fielmente o seu justo valor.

MIL E UMA NOITES.

Aladdin foi buscar a sua baixella e recebeu dous mil sequins de ouro, somma que lhe pareceu fabulosa, e que lhe proporcionou os meios de viver commodamente com a sua mãe, de vestir decentemente e de frequentar bôa sociedade, onde depressa adquirio conhecimentos uteis e modos finos e elegantes, de maneira que da sua vida anterior, vagabunda e desregrada, já não restava vestigio.

Um dia, quando Aladdin já havia alcançado os dezoito annos, ouvio apregoar uma ordem do Califa, mandando fechar todas as casas, e prohibindo o transito nas ruas, durante um passeio que a princeza Adonida ia dar.

Esta ordem despertou em Aladdin a curiosidade de vêr a princeza, e, chamando por meio da lampada o genio, ordenou-lhe que o levasse aos aposentos de Adonida, o que immediatamente foi effectuado.

Invisivel, Aladdin pôde contemplar detidamente a formosa princeza no meio de suas damas, e, reconduzido pelo genio á sua modesta habitação, o moço achou-se tão impressionado pela formozura de Adonida que se torturou o espirito para achar um meio de possui-la.

Não descobrindo, porém, cousa acertada, dirigio-se á sua mãe e lhe disse:

— Minha mãe, agrada-me tanto a princeza Adonida, que me quero casar com ella. Vai, pois, ao Divan, e pede a sua mão.

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

A velha olhou attonita o filho, e prorompeu em uma grande gargalhada:

— Estás doudo, meu filho, respondeu por fim. Ir ter com o Sultão, com as mãos vazias? Deitar-me-hião immediatamente á rua!

— Não irás com as mãos vazias, e o mimo que levarás poderá deslumbrar os olhos do mais poderoso Sultão da terra. Aquellas frutas, que julgavamos de vidro, hoje sei que são pedras preciosissimas, por que muitas vi, posto que de muito menor valor, nas lojas que frequentei.

Aladdin tomou uma travessa de prata, e arrumou nella uma porção de frutas, com tal geito e arte, que apresentavão um aspecto verdadeiramente deslumbrante, a ponto que a mesma viuva não pôde negar que tal presente era realmente digno de um soberano.

Ella cedeu, pois, aos rogos do filho; cobrio o prato com um panno de fino linho, e foi ter ao palacio, onde, mettida no meio de outras pessoas, collocou-se perto do throno do Sultão, encarando attentamente o soberano, não achando, comtudo, o animo necessario para dirigir-lhe a palavra.

O Sultão, porém, tinha o costume de fallar somente com aquellas pessoas que houvessem apresentado requerimento, e assim passou-se a audiencia, e se retirárão os solicitantes, ficando só a viuva perto do throno acanhada e vexada. O soberano, notando então a sua presença, chamou-a, e perguntou-lhe o que queria.

MIL E UMA NOITES.

— Poderoso senhor, — disse tremula a viuva, — falta-me o animo de fallar perante todo o teu conselho; além disto, peço-te que não me castigues, se o meu pedido não fôr do teu agrado.

— Desde já te prometto pleno perdão, respondeu o Sultão, dando um signal aos seus conselheiros, que todos se retirárão, ficando apenas o grão-vizir ao lado do soberano.

— Falla agora sem receio, — accrescentou este. A velha animou-se, e minuciosamente referio a vida do seu Aladdin e o amor que este consagrava á princeza.

— Irremediavelmente morrerá o infeliz, — aggregou a viuva, — se, como é de suppôr, repellires o seu pedido. Em todo o caso, perdoarás a uma mãe, que teve pena dos soffrimentos do seu filho.

O Sultão tinha bom coração; commoverão-o os accentos da viuva, e graciosamente disse:

— Veremos o que se pôde fazer. Mas mostra-nos agora o que trazes naquelle panno.

— É um mimo modesto, que Aladdin te envia — replicou a viuva, descobrindo as frutas.

O Sultão, porém, levantou-se de um salto, exclamando:

— Ah! que esplendor! Pedras preciosas como estas nenhum soberano da terra possui! Olha, Vizir, e admira esta magnificencia! Não te parece este mimo digno da princeza?

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

O ministro ficou igualmente bastante impressionado; mas, como ha muito nutria o desejo de casar o proprio filho com a princeza Adonida, disse em voz baixa ao seu soberano:

— Daria V. M. sua filha a um homem de baixa estirpe por uma collecção de diamantes?

O Sultão, porém, respondeu-lhe do mesmo modo:

— Nem todos os reis do mundo serião capazes de offerecer um mimo tão maravilhosamente formoso como este; assim não posso deixar partir a mulher sem dar-lhe alguma esperança, embora me repugne casar Adonida com o filho de um alfaiate. Não sei como haver-me.

— Pois, diga V. M. que concederá a mão da princeza, se Aladdin lhe enviar outro presente, que designará com tanta exigencia, que seja impossivel encontra-lo.

— Muito bem, respondeu o Sultão, e dirigindo-se á viuva, lhe disse:

— Dize a teu filho que lhe darei a mão da princeza, se hoje mesmo por quarenta escravos brancos e quarenta negros de grande formosura me mandar quarenta bacias de ouro cheias de frutas iguaes a estas. E, se não puder effectuar isto, que perca as esperanças de possuir Adonida.

A pobre da velha teve grande susto ao ouvir esta decisão, porque julgou que Aladdin nunca poderia encontrar tanta riqueza; comtudo, depois de ter-se

despedido humildemente do Sultão, voltou correndo para a sua casa, e contou tudo fielmente ao filho, que prorompeu em gargalhadas alegres, com grande espanto da viuva.

Retirou-se o moço para o sotão, e chamou o genio da lampada, ao qual referio a exigencia do Sultão, ordenando-lhe que fornecesse os meios de satisfazê-la.

Sorriu se o genio, como achando brincadeira a execução de tal ordem; desappareceu, e dahi a nada voltou com tudo quanto Aladdin havia pedido, cabendo mal o grande numero de escravos na casa exigua da viuva.

O moço chamou sua mãe, e lhe disse:

— Eis aqui o que o Sultão pedio. Corre ao palacio, apresenta-lhe os mimos e lembra-lhe a sua promessa.

O genio da lampada sabia ser artisticamente liberal. Não só achavão-se os escravos ricamente trajados com os tecidos mais finos e vistosos, cobertos de diamantes e rubis, mas ainda erão de porte tão magestoso, de ademanes tão distinctos, que cada um delles mais parecia um principe do que um vil servidor.

Seguião a viuva aos pares, um branco, um negro, levando este ultimo á cabeça uma bacia de ouro magnificamente cinzelada, e cheia de frutas de pedras preciosas.

Seria difficil descrever o alvoroço que esta comitiva suscitou nas ruas de Bagdad; com acclamações enthu-

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

siasticas o povo acompanhou a viuva de Mustaphá e seu brilhante sequito até o pateo do Sultão, onde a guarda imperial, enganada pela presença nobre e airosa dos escravos, bradou ás armas, como se visse entrar poderosos soberanos.

A viuva penetrou com a sua comitiva no solão de audiencia, prostrou-se perante o Sultão, e disse:

— Eis aqui como Aladdin tentou cumprir as tuas ordens.

O Sultão, porém, ficou attonito e exclamou:

— Allah il Allah! Que vejo! Donde vêm estas maravilhas? Que te parece, Vizir?

O ministro, por mais que lhe pezasse, não pôde deixar de confessar que as condições havião sido fielmente observadas, e que não haveria remedio senão dar a Aladdin a princeza Adonida.

— Pudera não! exclamou o Sultão; todos os soberanos do mundo ficão offuscados ao lado de Aladdin, filho de Mustaphá. Que appareça sem demora no meu imperial palacio.

Emquanto o Sultão, depois de ter mandado as bacias de ouro aos aposentos da princeza e com esta se deleitava na contemplação das joias preciosas, correu a viuva, no auge do contentamento, á sua casa, a communicar a seu filho a bôa nova do consentimento do soberano.

Aladdin estremeceu de prazer, e foi preparar-se para comparecer dignamente perante o seu futuro sogro, isto é, chamou o genio e lhe disse:

MIL E UMA NOITES.

— Os teus mimos produzirão o effeito desejado. O Sultão concede-me a mão da princeza. Trata-se agora de obter os meios de apresentar-me decentemente. Tu, porém, mostraste tão bom gosto, que nenhuma prescrição te faço, confiando completamente em tuas combinações artisticas.

— Descansa, senhor, disse o genio; sem mais tardar o teu escravo tratará de contentar-te.

E começou por metter Aladdin em uma banheira de ouro e marmore, onde uma legião de genios o lavarão e perfumarão com as essencias mais preciosas do Oriente.

Em seguida revestirão-o de trajos tão deslumbrantes, que Aladdin achou excedidas as suas mais atrevidas esperanças. Então o genio da lampada o reconduzio ao seu quarto, e lhe disse:

— Meu poderoso senhor, diante da tua casa te esperão muitos escravos montados em cavallos mais brancos que a neve virginal, e oitenta camellos ricamente ajaezados e carregados de presentes para o Sultão e a tua noiva. Tua mãe montará uma hacanéa arabe do mais puro sangue, rodeada de seis damas que aguardão as suas ordens. Para ti ha um formoso ginete como nunca o mundo vira outro igual. Finalmente, acompanhar-te-hão muitos creados com bolsas cheias de sequins de ouro, que mandarás distribuir pelo povo. Estás contente com o teu escravo?

— És um bom e fiel servidor, disse Aladdin; agra-

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

deço-te a pericia com que tudo arranjaste. Agora podes ir-te, ficando, porém, de promptidão para novas ordens.

A noticia da opulencia de Aladdin se havia espalhado pela cidade toda, e com admiração profunda foi recebida a nova do casamento com a princeza. A rua onde morava o noivo, e todas as outras do trajecto até ao palácio, apinharão-se de povo, que se regosijava com a sorte feliz de Aladdin, porque este, durante os ultimos annos, se havia mostrado bom e polido para com todos, attrahindo assim muitos amigos. Quando sahio de sua casa, e cavalgou o formoso ginete, saudando para todos os lados, o entusiasmo do povo traduzio-se em acclamações phreneticas:

— Viva o principe Aladdin! Que a felicidade e o bem-estar o acompanhem!

A comitiva pôz-se em movimento: na frente, os vinte escravos em seus cavalloos brancos; em seguida, Aladdin ao lado de sua mãe, precedendo os camelloos carregados de presentes; por ultimo, os criados atirando punhados de ouro para o povo, que não cessava de gritar:

— Viva Aladdin, viva!

Na porta do palacio o Sultão recebeu o moço, e, abraçando-o, lhe disse:

— Que Allah abençõe a tua entrada, querido filho meu! Sê bemvindo, e recebe a tua noiva, a princeza Adonida.

E, segurando Aladdin pela mão, conduzio-o por entre as fileiras de cortezãos, ao som de harpas e cymbalos, aos aposentos da princeza.

Aladdin ajoelhou-se perante Adonida, beijou-lhe a mão, e perguntou profundamente commovido:

— É de tua livre vontade que vais seguir-me?

O rosto formoso da princeza cobrio-se de ondas purpurinas, e ella disse com grande recato:

— Obedeço de bom grado ás ordens de meu pai, e confio completamente em ti.

Comparecêrão então os molahs, e o casamento teve logar immediatamente.

Depois da cerimonia, o Sultão disse:

— Julgo acertado, Aladdin, que fiques morando com tua mulher e tua mãe no meu palacio, enquanto mandares construir um castello digno da tua opulencia.

— Querido sogro, respondeu Aladdin, quem casa quer casa. Só te peço paciencia até amanhã, e verás o que sei fazer. Gozemos, por enquanto, as delicias de dia tão assignalado.

O Sultão conduzio seus filhos ao salão do banquete, onde se achavão reunidos os vizires, conselheiros e cortezãos, que á porfia felicitárão os noivos. Havia duas mesas para o banquete nupcial, uma grande para a gente da côrte, outra menor para o Sultão, a viuva e os seus filhos. Harmonias deliciosas corrião pelo salão, e exclamações jubilosas celebravão os noivos

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

formosos, que, inebriados de ventura, nadavam em um mar de alegria.

Ao cair da noite, Aladdin ergueu-se, despedio-se de sua esposa e do Sultão, e dirigio-se sózinho ao sótão de sua casinha, que, depois deste dia de sumptuosa agitação, lhe pareceu bem solitaria.

Sem demora chamou o genio da lampada, e lhe disse:

— Querido amigo, tão liberal te mostraste para commigo, que apenas me atrevo a pedir-te novos favores. Comtudo, preciso ainda de ti. Eis-me casado com a formosa Adonida, mas bem vês que não a posso trazer para este pobre casebre. Quero, pois, que me construas esta noite um castello defronte do palacio do Sultão. Deixo ao teu cuidado a edificação; só te recomendo que no ultimo andar haja um unico e vasto salão, construido de lages alternadas de ouro e prata. Em cada uma das quatro paredes quero seis janellas, cujos caixilhos, com excepção de um, que ficará por acabar, sejam feitos com pedras preciosas, de modo que nunca se haja visto cousa igual. Em lugar de vidros, empregarás laminas de diamante. Pódes executar estas ordens até amanhã?

— Deixa estar, Aladdin, respondeu o genio, amanhã tudo estará prompto de conformidade com o teu mandado.

Desappareceu o genio, e Aladdin deitou-se a passar a ultima noite em sua casinha modesta. Ao romper

MIL E UMA NOITES.

do dia, levantou-se, mettu a sua lampada no seio, e correu a vêr como o genio havia cumprido com a sua promessa. E encontrou o palacio novo, rutilante como o sol. Ao passar o umbral, foi recebido por uma legião de servidores magnificamente trajados, que perante elle se prostrarão respeitosaente. No primeiro aposento deu com o genio, que lhe perguntou:

— Estás satisfeito Aladdin?

O moço respondeu:

— Muito, e declaro-te que és a flôr de todos os servidores.

Sorrio-se o genio e levou Aladdin successivamente a todos os aposentos do palacio, que rivalisavão em magnificencia e formosura.

Por fim chegarão diante do salão encommendado especialmente por Aladdin.

Já a porta da entrada era uma maravilha deslumbrante de ourivesaria, de ouro massiço, cravejada artisticamente de diamantes e saphiras. Ao penetrar, porém, no recinto, o noivo de Adonida teve de fechar por um momento os olhos, porque parecia-lhe que estava a mergulhar-se em um mar de luz esplendorosa. Com effeito, o que tinha diante de si era obra tão maravilhosa, que a imaginação mais atrevida não consegueria concebe-la.

As paredes erão construidas de lages de ouro e prata, alternadas com a mais exacta regularidade, e polidas como crystaes de espelho. Os caixilhos das

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

janellas talhados em ouro, ostentavão os mais formosos arabescos desenhados com pedras preciosas. Bellissimas pinturas adornavão o tecto, e um tapete tecido por mãos de fadas cobria o soalho.

Aladdin ficou encantado e agradeceu nos termos os mais cordiaes o magnifico desempenho do genio da lampada.

Este mostrou-se sensivel aos louvores de seu senhor, e convidou-o a visitar igualmente as dependencias do esplendido palacio.

Descêrão a um pateo rodeado por tres lados por immensos edificios construidos em estylo condigno do corpo principal.

Achavão-se á direita o thesouro, á esquerda as cavalhariças e no fundo as habitações para numerosos servidores e escravos.

No thesouro encontrou Aladdin montões de moedas de ouro, de adereços preciosos, de diamantes e perolas, e baixellas artisticamente lavradas de todos os gostos e estylos.

Nas estribarias vio mais de cem ginetes de sangue purissimo, oriundos da Arabia e do Yemen, dos quaes cada um valia uma fortuna.

Erão de prata as mangedouras e de marmore os bebedouros.

Arnezes riquissimos, guarnecidos de ouro e cravejados de diamantes e rubis, estavam pendurados em columnas de jaspe, e tão abundante era a collecção,

MIL E UMA NOITES.

que podia ser ajaezado cada um dos numerosos cavallos de modo differente.

Aladdin tornou a agradecer ao genio, recommendando-lhe que ficasse de promptidão para novo chamado; em seguida foi ter com sua esposa, sua mãe e seu sogro, convidando-os a visitar o seu palacio.

Opinou o sogro que em uma unica noite não se poderia fazer grande cousa; mas bem depressa arrependeu-se desta asserção, quando lhe foi dado contemplar todas as maravilhas que encerrava o palacio, que por si só era a mais esplendida de todas as maravilhas.

Quando vio o grande salão, não achou mais termos para expressar a sua admiração: ficou estatico.

Aladdin perguntou, entretanto, muito modestamente á sua esposa se a habitação era do seu gosto.

Respondeu-lhe a formosa Adonida:

— Até hoje sempre considerei o palacio de meu pai como a obra mais preciosa do mundo. Agora conheci que apenas é uma choupana, comparada com esta, e bem feliz me tenho em poder viver aqui, a teu lado, querido Aladdin.

Desenhou-se um sorriso de grande satisfação nos labios do moço, ao ouvir esta declaração de sua esposa, e beijou-lhe agradecido a formosa mão.

O Sultão, entretanto, havia recuperado o uso da palavra, e, vendo a janella que ficára por acabar, perguntou:

— Não houve tempo para terminar a obra?

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

— Para mais, se quizesse, senhor meu sogro, disse graciosamente Aladdin, deixei ficar esta janella assim para que o senhor tenha a satisfacção de acabar esta obra primorosa.

Estremeceu de orgulho o Sultão, e exclamou:

— Muito te agradeço a fineza, e verás que regiamente saberei desempenhar-me.

E immediatamente mandou chamar todos os ourives da sua capital, e ordenou-lhes que concluíssem a obra, adornando a ultima janella pelo padrão das outras.

Os artistas, porém, coçarão a cabeça, e declararão que todos elles juntos não possuem as pedras preciosas necessarias para este trabalho.

— Bem, disse o Sultão; que o meu thesoureiro lhes dê tudo quanto contém o meu thesouro. Mas andem de pressa e acertadamente para apresentar-me um trabalho digno do palacio; senão, contem com castigo exemplar.

Partirão apressadamente os ourives para pôr mãos ao trabalho. Em breve veremos como se sahirão da empreza.

Aladdin, porém, levou sua esposa, sua mãe e o Sultão á sala de jantar, onde já se achava reunida toda a côrte que o esposo de Adonida havia mandado convidar, e foi offerecido a todos um almoço, como nunca havião visto outro. Erão as mesas de prata lavrada, e todo o serviço do ouro mais fino. Criados sem numero

Maria João Mattos

MIL E UMA NOITES.

servião manjares deliciosos, vinhos generosos, frutas de todas as regiões do globo, enquanto que uma orchestra occulta enchia o ambiente de harmonias celestes. Diante do palacio achavão-se servidas mil mesas, para os habitantes da capital, com a mesma abundancia que as do interior. Dez repuchos expendião os mais deliciosos vinhos, enviando aos ares suas columnas cõr de rubi e de topazio. Achava-se reunida ali metade do povo de Bagdad, em banquete opiparo, victoriando o generoso principe Aladdin. Pelo fim do banquete apparecêrão criados com bolsas cheias de moedas de ouro, que distribuirão pelo povo. Este ultimo rasgo enthusiasinou os agraciados de tal fôrma, que Aladdin não teve remedio senão obedecer ao seu chamado, e mostrar-se na sacada do palacio, donde saudou benevolmente a reunião. Voãrão então os turbantes ao ar, e mil e mil vozes bradãrão: Viva Aladdin, viva o nosso bemfeitor!

Durante os oito dias mais chegados continuãrão os festejos da mesma fôrma, de modo que o nome de Aladdin vivia na boca de todos. E era isto mesmo o que o joven almejãra, porque, dizia elle, se Allah me fez rico e poderoso, foi para que os meus semelhantes aproveitassem da minha opulencia. Mostrou-se bondoso para com todos, auxiliando e consolando sempre que era mister, e adquirio tal popularidade, que para affirmar qualquer dito, jurava-se pelas barbas de Aladdin. Quem, depois desta affirmação, ainda duvidasse, correria risco de ser esfollado vivo pelo povo.

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

Depois dos dias ruidosos de festança, Aladdin dedicou-se todo a amenizar a vida de sua esposa, que amava ternamente, e de sua mãe, que com grande facilidade se havia acostumado á sua nova existencia.

Ao cabo de seis semanas, Aladdin mandou dizer aos ourives que comparecessem no seu palacio, e que trouxessem o seu trabalho.

Vierão os artistas; mas nem a decima parte do caixilho havião podido fazer, porque tanto as suas proprias pedras preciosas como as do Sultão se achavão esgotadas.

Aladdin ouviu esta declaração com um sorriso e disse:

— É escusado continuarem a cansar-se com uma obra, que está acima de suas forças. Desmontem as pedrarias, levem-as ao Sultão, e digão-lhe que mandei suspender o trabalho.

Assim fizerão os ourives, e não tardou o monarcha a vir expressar ao seu genro a admiração que lhe causára aquella participação.

— Não queres, pois, completar esta obra maravilhosa? perguntou por fim.

Já está completa, respondeu Aladdin com um fino sorriso, e mostrou ao Sultão a janella que o genio da lampada acabava de construir.

O Sultão, ao vêr que seu genro em poucos segundos havia feito mais que todos os artistas de Bagdad em muitas semanas, sentio-se possuido de grande admi-

MIL E UMA NOITES.

ração e respeito, e beijando Aladdin na fronte, disse:

— Grande favor me fez Allah, dando-me por filho um homem tão extraordinario como tu. Homem mais poderoso do que o meu genro não ha na terra. Placidos e serenos sejam os teus dias.

E amena e feliz correu a vida de Aladdin, amado e estimado por todos; de dia em dia crescia a sua popularidade, graças aos beneficios que por toda a parte espalhava; mas esta mesma fama, estendendo-se ao longe, devia preparar-lhe momentos de grande amargura.

Foi o caso que o magico africano ouviu fallar da magnificencia e do poder de Aladdin, e, desconfiando logo que em tudo isto andava a lampada maravilhosa, transportou-se a Bagdad a tomar informações mais minuciosas, vindo assim a saber que o genro do Sultão era o mesmo Aladdin, filho de Mustaphá, o alfaiate, que havia deixado sepultado na caverna encantada.

Despertou-se no magico grande ira, porém tambem, mais do que nunca, o desejo vehemente de possuir a lampada; resolveu, pois, vingar-se de Aladdin, destruindo-lhe a felicidade, e apoderar-se da lampada maravilhosa.

Deu-se o acaso que no momento da chegada do magico, Aladdin havia partido para uma caçada, na qual devia demorar-se alguns dias.

Teria levado a lampada? Esta pergunta preoccupou desagradavelmente o magico; mas, lançando mão das

ALADDIN É A LAMPADA MARAVILHOSA.

suas combinações cabalísticas, vio que o objecto almejado se achava no palacio, no quarto de dormir da princeza.

Em um instante delineou e effectuou um plano engenhoso, cujo bom exito descansava na curiosidade das mulheres.

Vestio-se pobre e miseravelmente, e, levando no braço enfiada uma porção de lampadas, apresentou-se diante do palacio, exclamando:

— Lampadas, lampadas! Quem quer trocar lampadas velhas por novas?

Recebeu o povo esta offerta com grandes gargalhadas, julgando que o mercador queria diverti-lo com pilherias.

Infelizmente, porém, a camareira da princeza ouvira tambem o prégão do magico, e foi contar o caso a sua ama.

— Dar lampadas novas por velhas, disse Adonida; isto não passa de um gracejo.

— Vamos experimentar, perguntou a criada, offerecendo-lhe a lampada velha que está abi a enfeiar o ornato da chaminé?

— Pois bem, respondeu a princeza, que não conhecia o valor do objecto. Prega-lhe a peça, e pilha-lhe uma lampada nova, para ensinar-lhe a não zombar da gente.

Desceu a criada com a lampada de Aladdin, offereceu-a ao magico, que immediatamente a reconheceu, estremecendo de jubilo. Depressa entregou-lhe uma lampada nova, e fugio com a velha, perseguido pelas risadas do povo.

Motto Moine Suis

MIL E UMA NOITES.

Á bôa distancia da cidade, o magico aguardou a meia-noite, para chamar violentamente o genio.

Este appareceu com cara transtornada e pezarosa, e disse:

— Que queres? Sou escravo da lampada, e obrigado a obedecer-te.

— Quero que me transportes immediatamente o palacio de Aladdin, e tudo quanto contém, á minha residencia, no centro da Africa.

Com a conhecida promptidão o genio da lampada effectuou esta ordem.

O palacio de Aladdin, com todos os seus thesouros, dos quaes a adorada Adonida era o mais precioso, em um instante achou-se a mais de mil leguas da cidade de Bagdad.

Quando, no dia seguinte, o Sultão, segundo seu costume, chegou á janella para olhar para o palacio de Aladdin, julgou-se preso de uma hallucinação. Esfregou os olhos, tornou a olhar, mas . . . o palacio havia desaparecido!

Prorompeu o monarcha em grandes exclamações lamentosas, porque, antes de tudo, era pai extremoso. Mandou chamar a toda a pressa o Vizir, para vêr se este poderia explicar-lhe o caso tão estranho quão afflictivo.

Não menos impressionado ficou o ministro; em logar, porém, de perder tempo em excogitações, julgou o momento propicio, para prejudicar no animo do Sultão o

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

joven Aladdin, a quem ainda não havia perdoado de haver-lhe transtornado os planos ácerca do casamento de Adonida.

— A perda do palacio póde supportar-se, disse elle ao Sultão, porque, por fim de contas, era uma humilhação constante para Vossa Magestade. Mas o rapto da princeza, unica alegria de Vossa Magestade, é um acto imperdoavel, e com elle bem prova Aladdin quão indigno foi de todas as bondades do meu generoso senhor. Será justo que Vossa Magestade o obrigue a restituir a princeza, sob pena dos mais severos castigos.

Estas palavras proferidas maliciosamente inflammárão ainda mais o animo do Sultão, e este deu ordem que prendessem Aladdin em qualquer parte em que o encontrassem, e que o levassem á sua presença.

Sabia o Vizir que Aladdin vinha de volta da caçada; enviou um destacamento de policia ao seu encontro, e fê-lo carregar de ferros pesados e conduzir assim á sala do tribunal no palacio do Sultão.

— Onde está minha filha? exclamou com grande agitação o monarcha exaltado.

— Tua filha? disse Aladdin; mas ha de estar em meu palacio.

— Teu palacio! retrucou o Sultão; procura onde está o tal teu palacio!

Aladdin chegou-se á janella, e empallideceu horriavelmente quando vio que a sua habitação havia desaparecido.

MIL E UMA NOITES.

— Allah-Kerim! — exclamou o pobre moço. Só o céu saberá onde está agora a minha adorada mulher.

— O céu, malvado? O demonio das trevas o saberá, com quem tiveste alliança. Mas has de confessar a verdade, senão morrerás nas mãos do carrasco!

Embora profundamente impressionado pela perda da mulher, e pela animosidade cruel do Sultão, Aladdin respondeu com muita calma e dignidade:

— A minha vita está em tuas mãos; podes mandar matar-me, mas juro-te que morrerei innocente.

Estas palavras deverião ter modificado os sentimentos do Sultão; mas o soberano estava muito prevenido contra Aladdin, e assim ordenou que immediatamente o genro fôsse decapitado.

Approximou-se o carrasco; Aladdin ajoelhou-se e offereceu resignadamente o seu pescoço.

No momento em que o verdugo alçava o alphange afiado, ergueu-se horrivel algazarra nas portas do palacio. Era o povo de Bagdad, armado e enfurecido, que havia tido conhecimento da iniquidade que ia commetter-se no divan, e vinha reclamar em altos brados a liberdade do seu bemfeitor, pagando-lhe assim um eloquente tributo de gratidão pelos beneficios que o filho do povo havia prestado a todos.

— Morrão os inimigos de Aladdin! — clamarão mil e mil vozes com a impetuosidade de furacão.

E machados, e cem outras armas principiárão a bater em brecha as portas do palacio.

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

Empallideceu o Sultão, e deu ordem de suspender a execução e de soltar immediatamente Aladdin.

Este, nobre e generoso, não pensou em vingança. Chegando a uma janella, agradeceu ao povo a sua sincera adhesão, e o tranquillizou, declarando que já não corria perigo algum; em seguida o exhortou a que se retirasse em paz, no que foi immediatamente obedecido, com grandes e ruidosas acclamações.

Depois de ter livrado deste modo de um máo passo o soberano, que tão cruelmente o havia tratado, Aladdin disse ao Sultão :

— Peço quarenta dias para procurar tua filha. Se, ao expirar este prazo, não tiver encontrado a princeza, voltarei a pôr a minha vida entre as tuas mãos.

Concedido o prazo pedido, Aladdin sahio da cidade, para principiar as suas pesquisas; conhecendo, porém, que com as suas proprias forças nada conseguiria, e lembrando-se do anel, que já uma vez lhe havia servido na caverna encantada, pôz-se a esfrega-lo, e immediatamente appareceu o genio, dizendo :

— Que queres, senhor? Aqui estou ás tuas ordens.

— Se sabes onde está o meu palacio que havia edificado em Bagdad, ordeno-te que o reponhas sem demora em seu logar.

— Nada posso neste assumpto, — respondeu o genio. Deves chamar para este serviço o genio da lampada.

— Máo, — retrucou Aladdin; — a lampada já

MIL E UMA NOITES.

não está em meu poder. Mas não me poderás levar ao ponto onde demora agora a minha habitação?

— Ordena, que obedecerei.

E, tendo formulado a ordem, Aladdin vio-se transportado ao pé do seu palacio, debaixo das janellas de sua mulher Adonida.

Apezar de ser noite cerrada, Aladdin reconheceu muito bem o edificio, e estremeceu de alegria com o pensamento de que em breve tornaria a vêr a princeza, e quiçá a recuperar o poder perdido.

Pelo momento, porém, não sabendo se o raptor estava no castello, comprehendeu que toda a prudencia seria pouca, e assim, escondeu-se em um bosque de murtas, observando attentamente o aposento de Adonida.

Não tardou que a princeza viesse encostar-se a uma de suas janellas a respirar a brisa embalsamada e a confiar á noite discreta as maguas que lhe atormentavão o coração juvenil.

Achava-se tão perto Aladdin, que ouvia até os menores suspiros de sua mulher adorada; quando por seus queixumes sentidos conheceu o extremo do seu soffrimento e a profundidade do seu amor, não pôde resistir mais e proferio maviosamente as palavras:

— Adonida, querida Adonida, eis-me aqui para salvar-te.

A princeza soltou um pequeno grito de surpresa, mas já Aladdin havia saltado a janella, e estreitava aos braços a esposa adorada.

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

Passados os primeiros momentos de terna effusão, a princeza narrou fielmente tudo quanto havia occorrido com a lampada, e pela sua descripção Aladdin veio a conhecer que o raptor havia sido o magico, que outr'ora tão cruelmente o abandonára na caverna encantada.

Teve agora dobrados motivos para castigar o malvado, e, tendo sabido por Adonida, que o magico conservava a lampada guardada cuidadosamente no seio, comprehendeu que não seria possivel rehave-la em quanto o monstro estivesse com vida.

— Ah! meu querido esposo, disse por fim Adonida, devo confessar-te que tenho um medo horrivel desta noite. Desde o primeiro momento do rapto, o magico me persegue para que case com elle. Marcou-me um prazo e este prazo expira hoje. Como salvar-me!

Sorriu-se meigamente Aladdin ao responder:

— Pois não estou eu aqui? e permittirei porventura que alguém me arrebate o thesouro mais precioso que possuo? Tranquilliza-te, Adonida; e observa fielmente o que vou dizer-te. Em primeiro logar ausentate um momento para dar as tuas ordens para que preparem immediatamente um esplendido banquete de nupcias.

— De nupcias, meu esposo? perguntou a princeza admirada.

— Sim; mas não te inquietas, que promptamente saberás o meu projecto de salvação.

Ausentou-se Adonida, e Aladdin chamou immedia-

MIL E UMA NOITES.

tamente o genio do anel, e ordenou-lhe que lhe dêsse um veneno, capaz de matar com a promptidão do raio.

O genio entregou-lhe um papelzinho contendo uns pós formidaveis, e desapareceu no momento em que Adonida voltava á sala.

— Estão dadas as ordens, disse elle; o magico horrivel acaba de voltar de uma excursão e está se vestindo para fazer-me a visita do costume.

— Tudo vai bem, disse Aladdin. Hoje has de recebe-lo mais carinhosamente que de costume. Desperta-lhe algumas esperanças; convida-o para banquetear-se contigo, e, quando o vinho começar a produzir os seus effeitos, deita-lhe na taça estes pós, que para sempre nos livrarão do inimigo monstruoso. Eu estarei perto de ti, para proteger-te se fôr preciso.

Correu tudo como Aladdin havia previsto.

O magico apresentou-se ricamente adornado, e lembrou á princeza que nesta noite ella devia decidir-se ácerca do casamento.

A princeza, que apezar de toda a sua ingenuidade não deixava de ser mulher, achou um sorriso gracioso para acolher o magico e lhe disse:

— Estou persuadida de que já não posso voltar a Bagdad, e que tenho de terminar a minha existencia, em sua companhia. De outro lado, me commove o amor profundo que me patenteia e me faz prever a possibilidade de uma solução satisfactoria desta situação.

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

Por enquanto o convidou a ceiar hoje commigo, e dou-lhe licença de tratar de distrahir-me.

Estremeceu o magico de prazer ao ouvir estas palavras promettedoras, e, sem presentimento algum do perigo que o ameaçava, entregou-se ás delicias de uma ceia opipara, regada dos mais generosos vinhos.

Por fim a princeza deitou subtilmente os pés na taça do magico, e lhe disse:

— Ainda esta taça de vinho á minha saude, e nada mais terá a desejar.

Febrilmente o magico agarrou a taça e esvasiou-a de um só trago.

O effeito foi immediato. Fulminado o monstro cahio no chão e exhalou a alma nefanda.

Acudio, Aladdin, e, rasgando a roupa do defunto, apoderou-se da lampada, que cobrio de beijos, porque assegurava-lhe para sempre a posse pacifica de sua esposa adorada.

Quando todos no palacio estavam entregues ás doçuras do somno, Aladdin chamou o genio da lampada, que alegre e risonho appareceu, perguntando:

— Queres que leve o palacio para Bagdad, não é assim, meu bom senhor?

— Sim, disse Aladdin, e o mais depressa possivel.

Desappareceu o genio, e por um leve saccudimento Aladdin percebeu que o palacio estava se removendo, e feliz e contente deitou-se a dormir por sua vez.

Emquanto que no centro da Africa Aladdin se

MIL E UMA NOITES.

occupava em reconquistar a sua esposa, o velho Sultão chorava amargamente em Bagdad a perda de sua filha, e arrependia-se profundamente da crueldade com a qual havia tratado seu genro.

Depois de uma noite cheia de insomnia e regada de copioso pranto, o Sultão levantou-se e com passos vacilantes dirigio-se á janella para contemplar, pelo menos, o logar onde existira a habitação esplendida da chorada princeza.

Ao olhar para fóra, sentio como um choque electrico.

— Allah il Allah! exclamou; que vejo! será verdade ou hallucinação! o castello de Aladdin! Deus me perdôe os meus peccados!

E, vestido apenas, com os passos mal seguros, os olhos cheios de lagrimas e tremulas as mãos, o Sultão sahio dos seus aposentos, atravessou a praça, transpôz o limiar do palacio reapparecido, e cahio nos braços de seus filhos, que na entrada o esperavão terna e amorosamente.

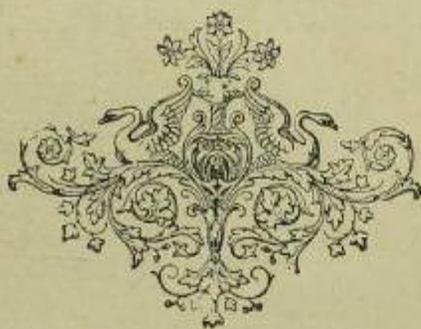
Passados os primeiros momentos de alegria ruidosa, Aladdin narrou ao Sultão todas as peripecias do drama que se terminára com a morte do magico, cujo cadaver horrendo mostrou ao sogro, ainda estendido no tapete da sala do banquete.

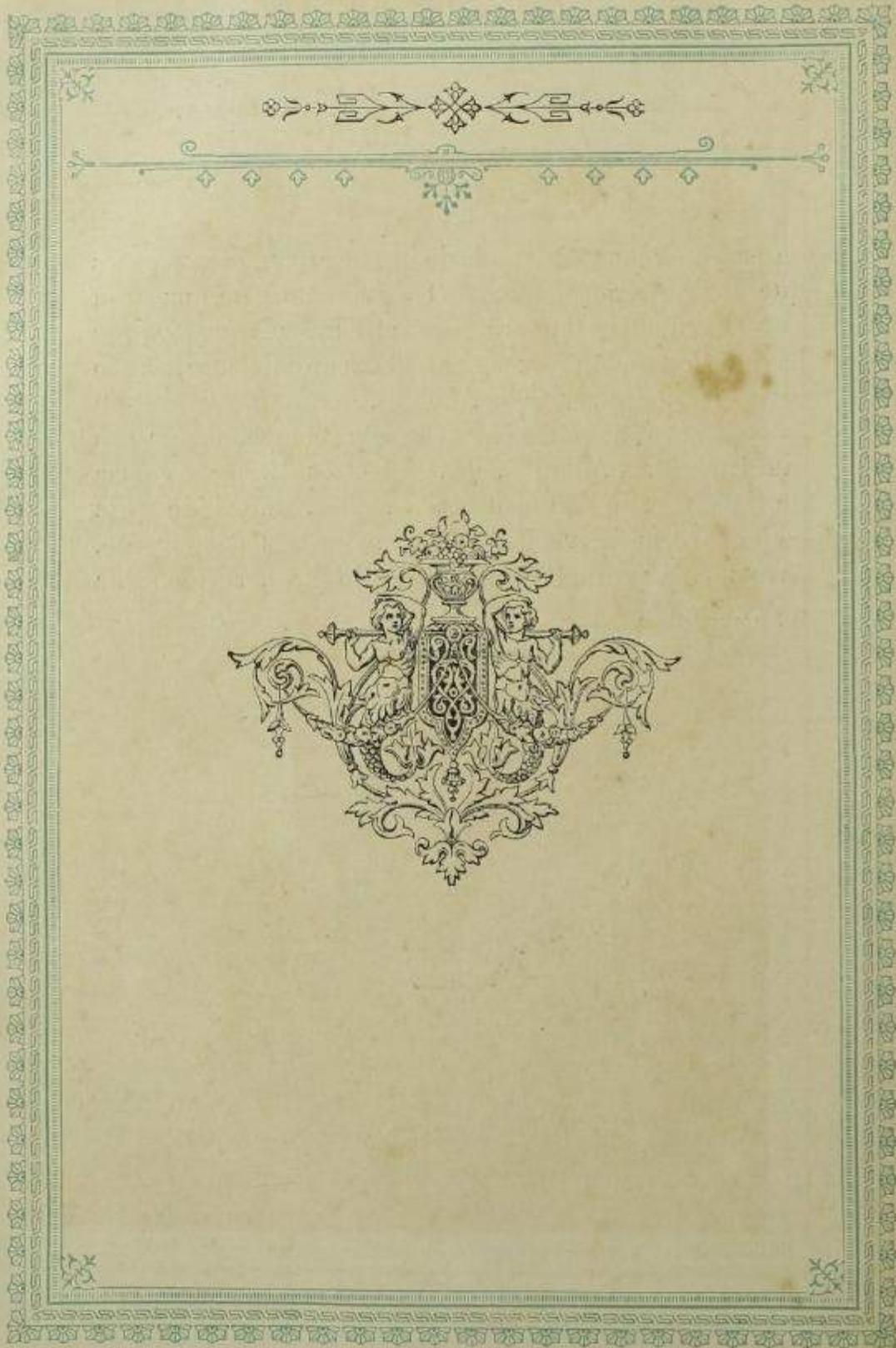
Quiz o Sultão mandar arrojear o cadaver á cova immunda dos animaes esfollados; Aladdin, porém, ordenou ao genio da lampada que o transformasse em pedra negra e o transportasse ao centro do grande

ALADDIN E A LAMPADA MARAVILHOSA.

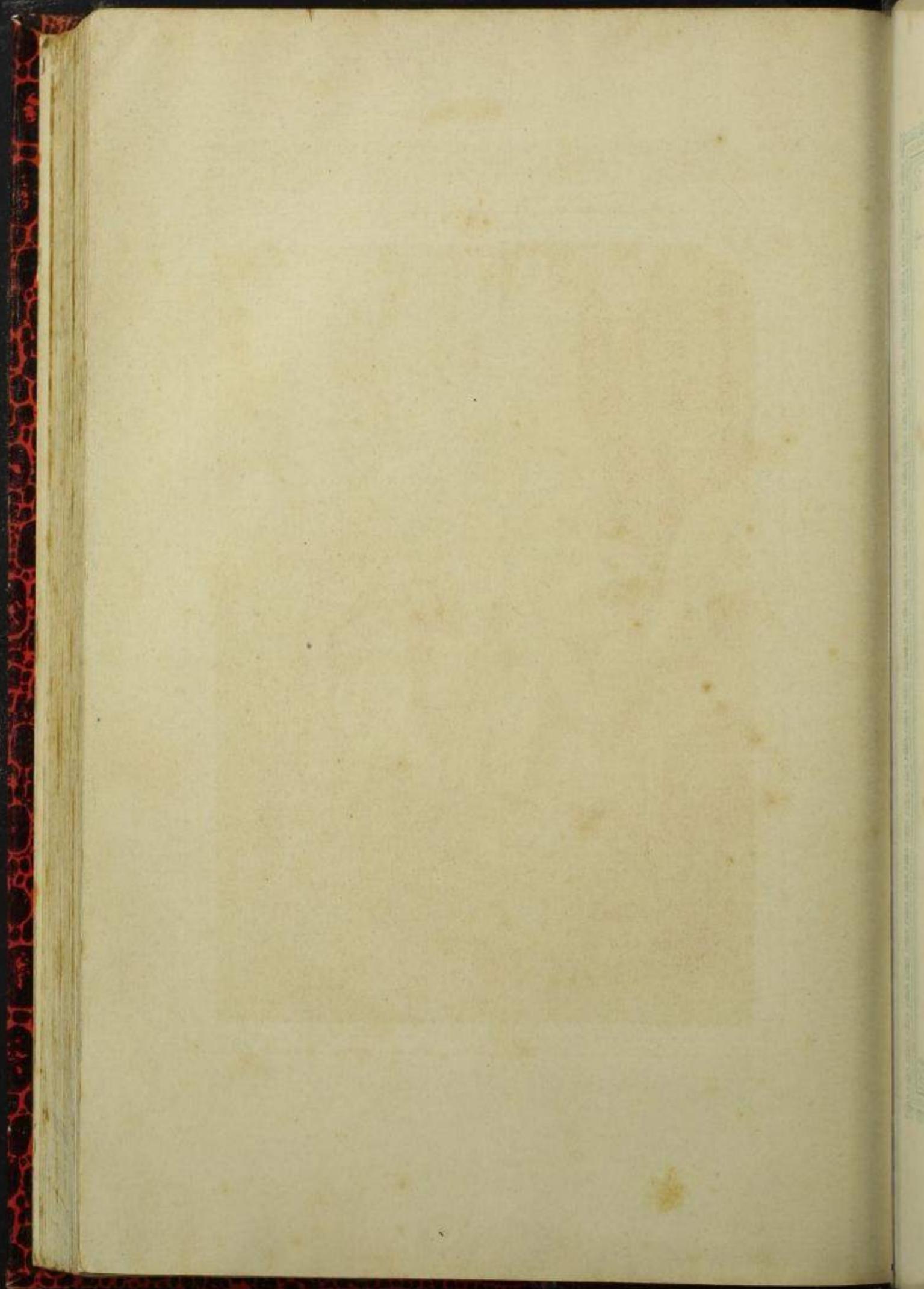
deserto africano para servir de eterno espanto aos mortaes que por ahi transitassem. O sorriso do genio mostrou quão agradavel lhe era esta ordem, porque sempre havia detestado o magico tão cordialmente, quão carinhosamente servia a Aladdin.

Este continuou vida feliz em companhia de sua querida esposa Adonida, de sua velha mãi, que o cobria de benções, e de seu sogro, que, impellido pela amizade, em breve lhe passou as redeas do governo, para maior ventura e satisfacção do povo, regido sabia e justamente.

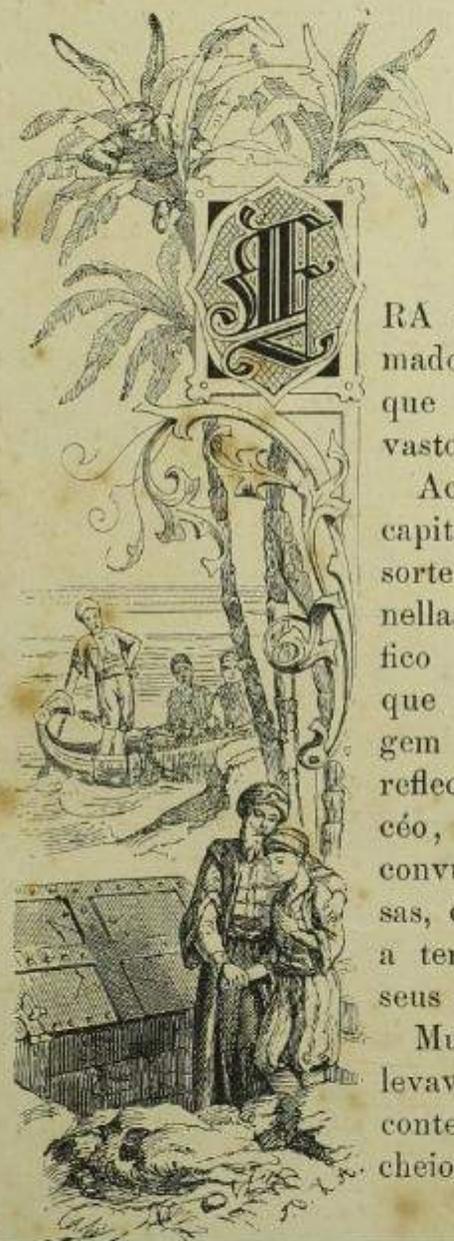








AGIB O CURIOSO.



RA uma vez um Sultão chamado Kassib *O Bem fazejo*, que governava um imperio vasto e bem organizado.

Achava-se situada a sua capital á beira do mar, de sorte que o Soberano das janelas do seu palacio magnifico via as ondas agitadas, que ora apresentavão a imagem de um espelho grandioso reflectindo os esplendores do céo, ora se encapellavão em convulsões horrendas e ruidosas, como se quizessem tragar a terra, que se oppunha aos seus furores.

Muitas vezes o sabio Sultão levava o seu filho *Agib* a contemplar estes espectaculos cheios de lições valiosas, que

MIL E UMA NOITES.

commentava habilmente, afim de preparar o espirito do joven principe para o seu futuro governo. Infelizmente, porém, Kassib morreu antes que o seu successor tivesse completado os seus dezoito annos.

Apezar da pouca idade, Agib, ao subir ao poder, lembrou-se dos conselhos paternaes e governou sabiamente o seu povo.

O mar, porém, exercia uma fascinação constante sobre o joven soberano, despertando-lhe vehementes desejos de emprehender longas viagens a outros paizes, e estudar-lhes os costumes e as leis; e um bello dia, não podendo mais resistir á tentação, ordenou ao seu ministro da marinha que mandasse apromptar uma esquadra de dez navios para principiar as suas correrias.

O ministro não teve remedio senão obedecer, mas cumprio as ordens com grande repugnancia e pezar, porque uma fada lhe havia annuciado que o soberano correria grandes perigos nestas viagens. Chegou mesmo a revelar ao Sultão as prophcias da fada; o soberano, porém, respondeu-lhe placidamente:

— Em toda a parte estou nas mãos de Deus, e ninguém póde fugir á sua sorte.

Ao cabo de algum tempo, achou-se prompta a esquadra, aviada esplendidamente para a expedição imperial.

Agib reuniu o conselho de seus ministros, e, depois de longas instrucções, concluiu assim:

AGIB O CURIOSO.

— Recommendo-lhes o bem-estar dos meus caros subditos, que quero governados com sabedoria e clemencia. Saberei recompensar a fiel observancia das minhas ordens, assim como castigar inexoravelmente qualquer abuso que fôr commettido durante a minha ausencia.

Em seguida o joven monarcha montou em um corcel fogoso, e, debaixo das acclamações do seu povo, desceu ao porto, onde magnifica galeota o conduzio a bordo da não imperial. A esquadra levantou o ferro, e fez-se ao largo.

Durante muitas semanas a viagem foi feliz. Ventos favoraveis enfunarão as velas, e o sol dourava esplendidamente a vasta superficie do mar.

Uma tarde, porém, encastellarão-se no horizonte immensas nuvens negras, franjadas de purpura pelos ultimos raios do astro luminoso. Inebriado pelas galas do céo, o Sultão contemplava o grandioso espectaculo do natureza, quando ouviu a voz do piloto, que lhe dizia:

— Vossa Magestade regosija as vistas naquellas nuvens tão vivamente illuminadas. São traiçoeiras, porém, e com o sopro da noite tar-nos-hão tempestade violenta, da qual só a mão de Deus nos poderá salvar.

E assim aconteceu.

O sol engolphou-se no mar; as orlas das nuvens encastelladas, perdêrão o seu brilho, e, empallidecendo sempre mais, por fim deixárão no horizonte só um cla-

MIL E UMA NOITES.

rão sinistro e de máo agouro. Encrespou-se o mar, ha pouco tão liso como um espelho, cobrindo-se de milhares de pequenas vagas, coroadas de crista espumosa. Crescêrão as ondas, rebentando com tal força, que toda a superficie do mar se transformou em immensa convulsão, acompanhada de bramidos horrorosos, com os quaes o temporal annunciava a sua chegada. Cahio de repente o furacão sobre a esquadra e despedaçou em um momento todas as velas, de modo que os navios ficarão entregues sem governo á mercê dos elementos enfurecidos.

Durante sete dias prolongou-se esta tormenta medonha; mas o animo do Sultão não fraqueou, e sua excellente náó resistio valentemente nesta luta com o mar e o vento.

Por fim os raios do sol conseguirão romper o manto sinistro das nuvens; o vento amainou, e o mar pouco a pouco veio a tranquillizar-se.

Todos saudárão com grande jubilo o reaparecimento da bonança, agradecendo fervorosamente á Providencia por have-los livrado de perigo tamanho.

De repente Agib vio ao longe apontar uma massa escura, que, pela immobildade em que permanecia, não podia ser uma nuvem.

O soberano chamou a attenção do piloto para este phenomeno, e este, ao cabo de curto exame, empallidecendo horriavelmente, exclamou com voz plangente:

AGIB O CURIOSO.

— Senhor! desta vez estamos perdidos, se, como receio, aquella massa negra fôr o monte Iman.

Mandou o nauta buscar os seus mappas e instrumentos, e em breve conheceu que infelizmente não se enganára em suas supposições.

O rei, que não conhecia a imminencia do perigo, e que via o piloto estorcer-se de desespero, exigio imperiosamente que lhe explicasse a desgraça que receiava.

— Senhor, disse então o piloto, o monte Iman é o terror de todos os navegantes. Esta eminencia, que só em seu cume contem um pouco de terra, tem a propriedade de attrahir o ferro de grandes distancias. Como todos os navios levão em sua construcção varas e pregos de ferro, têm de ceder á força do monte Iman, e não ha remo nem leme que valha. Póde Vossa Magestade observar a marcha accelerada do nosso navio, apesar da ausencia do vento e da lisura do mar. Algumas horas mais, e daremos com tanta força contra o monte, que a nossa bôa não se desfará em mil pedaços, e todos morreremos afogados, visto que as fraldas da montanha são lisas como aço polido, e a centenaes de leguas não ha ilha alguma em que pudessemos achar salvação.

E, havendo dito isto, o piloto recommçou a chorar e a lamentar-se.

Agib, porém, ergueu os olhos ao céo, fez uma oração fervorosa, e aguardou resignadamente o seu

MIL E UMA NOITES.

destino, enquanto que a tripulação consternada se prostrava de joelhos, exclamando:

— Allah é grande; só elle pôde salvar-nos deste perigo!

O navio, entretanto, voava em direcção ao monte Iman com rapidez vertiginosa, e a cada instante diminuía a distancia.

De repente, a attracção tornou-se tão grande, que com horrendo estrondo todas as varas e pregos de ferro do navio fôrão arrancados e pregados nas paredes do monte Iman. Um grito angustioso encheu os ares; o navio cahio em pedaços, e todos os seus tripolantes desapparecêrão nas ondas.

O rei Agib, no meio deste acontecimento horrivel, não havia perdido a presença de espirito. Agarrou uma das taboas que sobrenadavão, e foi impellido pela correnteza contra o monte, onde descobriu uma pequena anfractuosidade. Não perdeu as esperanças; juntou todas as suas forças, e, largando a sua taboa, saltou sobre a saliencia do rochedo, onde conseguiu firmar-se. No momento em que pizou o monte Iman, descobriu uma escada estreita, que parecia conduzir ao cume da montanha.

Agib começou a ascensão, que não era sem perigo, porque qualquer passo em falso o podia precipitar ao mar. Por fim chegou ao cume, onde vio um templo formoso, aberto por todos os lados, e sustentado em innumeras columnas talhadas em aço polido, uma cupola de ouro massiço, que reflectia magnificamente os raios do sol.

No centro do templo achava-se uma estatua gigan-

AGIB O CURIOSO.

tesca feita de aço, representando um cavalleiro montado em brioso ginete. No peito do cavalleiro havia um escudo de prata, no qual o rei notou inscrições maravilhosas e mysteriosas, que não soube decifrar.

Cansado de todos os trabalhos e perigos por que acabava de passar, o rei Agib deitou-se no chão, e, fiado na protecção do céo, não tardou em adormecer profundamente.

Teve o rei um sonho singular. Apareceu-lhe um ancião veneravel, cuja barba prateada lhe descia até á cintura. Do semblante desprendião-se ondas de purissima luz, e os olhos brilhavão-lhe meiga e paternalmente.

— Escuta-me, Agib, disse o ancião com voz animadora, atravessarás todos os perigos victoriosamente, se tomares em consideração as minhas palavras, e executares fielmente as minhas ordens. Guiou-te o céo a esta ilha para destruires o poder nefando do inimigo dos navios e dos navegantes. Ao romper do dia, despertarás do teu somno; depois de teres acabado a tua oração, cavarás com a tua bôa espada a terra em que agora estás deitado. Encontrarás um arco e tres flechas de ouro, com as quaes atirarás ao escudo de prata do cavalleiro de bronze. O cavalleiro por ti ferido cahirá do cavallo e rolará ao mar. O ginete cahirá igualmente, e tu o sepultarás immediatamente. Feito isto, verás subir o mar, subir, subir, até alcançar o cume do monte Iman, e um mancebo, em batel de bronze

MIL E UMA NOITES.

virá buscar-te. Entra no esquife, mas livra-te, enquanto estiveres embarcado, de proferir o nome de Deus. O mancebo te conduzirá a salvamento, de modo que podes segui-lo sem temor.

Dito isto, o ancião desappareceu, e pouco depois Agib despertou, lembrando-se vivamente de todos os pormenores do seu sonho.

Quando os primeiros raios do sol tingirão de purpura as ondas do mar, o joven sultão tomou a sua espada, cavou a terra, e achou o arco e as flechas.

Enviou os projectis ao peito do cavalleiro, que com grande estrondo cahio ao mar, e em seguida enterrou o cavallo que tambem cahira. Terminado este trabalho, o mar cresceu, e de longe Agib vio chegar um mancebo em batel de bronze. O rei embarcou, tendo bem cuidado em permanecer calado. O mancebo deu volta ao esquife, e este principiou a cortar as ondas com rapidez vertiginosa. Durou a viagem todo o dia e toda a noite, e quando de novo surgio o sol, Agib vio á pequena distancia a terra. Tão profunda foi a alegria que então se apoderou d'elle, que alçou as mãos ao céo, exclamando:

— Graças, meu Deus, graças!

Mal havia pronunciado o nome de Deus, retumbou nos ares horrendo trovão; o mancebo de bronze olhou pezarosamente o rei assustado, e o esquife afundou-se no mar.

Agib susteve-se nas ondas.

A terra achava-se perto, e o rei, nadando com

AGIB O CURIOSO.

todas as suas forças, pôde alcançar a praia onde cahio cansado dos esforços que empregára para salvar-se.

Depois de haver recuperado algum vigor, Agib maldisse a sua irreflexão, porque vio-se em uma ilhota arenosa, em cujo meio, por toda a vegetação, só se erguião tres palmeiras com suas graciosas corôas de folhas. Só e abandonado, o que seria delle se o céo não o protegesse, enviando algum navio para salva-lo e conduzi-lo á patria? Comtudo não perdeu o animo, e pensou:

— Deus, que te livrou de tantos perigos, não ha de desamparar-te agora!

Impellido pela fome, Agib recolheu na praia alguns crustaceos; mas, como a messe fôsse diminuta, dirigio-se ás palmeiras, ao redor das quaes via algumas frutas espalhadas no chão. Abrio os côcos e satisfez ás exigencias do estomago. Ao cerrar a noite deitou-se no chão, derramando lagrimas amargas, e dormio agitadamente até ao romper do dia. Foi até á praia, mas nada encontrou para almoçar, e, como não houvesse sobrado no chão côco algum, não teve remedio senão trepar em uma das palmeiras para colher-lhe os fructos. Com esforços heroicos conseguiu alcançar a folhagem, e ia começar a sua colheita, quando, deitando as vistas sobre o mar, descobrio um navio que vinha em procura da ilhota. Foi o seu primeiro impulso soltar gritos jubilosos, e fazer signaes pedindo soccorro; lembrou-se, porém, que muito bem podião vir inimigos naquelle

MIL E UMA NOITES.

navio, e resolveu permanecer por enquanto no seu escondrijo, para espreitar se podia ter confiança nos que vinhão se approximando.

Chegado perto da ilha, o navio largou os ferros e um bote, no qual vierão á terra varias pessoas bem vestidas.

Armados de pás e de enchadas, os recém-chegados se acercárão tanto da palmeira em cuja copa Agib estava escondido, que este pôde vêr distinctamente tudo quanto fizerão.

Cavárão por algum tempo, até que appareceu um alçapão, que um delles levantou com grandes esforços, descobrindo-se a entrada de um subterraneo, no qual todos desapparecêrão e se demorárão algum tempo, com grande espanto de Agib, que nem sequer havia suspeitado a existencia desta caverna.

Ao cabo de um quarto de hora, mais ou menos, os desconhecidos sahirão, fôrão ao bote, donde trouxerão muitas provisões, que levárão ao subterraneo, retirando-se depois para o seu navio, e deixando o alçapão aberto, circumstancia da qual Agib concluiu que alguns delles ainda voltarião.

Em breve vio que não se havia enganado, porque veio um outro bote com um ancião, que carinhosamente abraçava um mancebo de dezeseis annos derramando lagrimas copiosas.

Chegados á praia, deixárão a embarcação; e o ancião com o mancebo se dirigirão ao alçapão, pelo qual desapparecêrão. Passado algum tempo, o ancião voltou

AGIB O CURIOSO.

sósinho, fechou a porta do subterraneo, e chamou a tripolação do bote, que cobrio a entrada com terra, sem della deixar vestigio.

Em seguida recolherão-se todos ao navio, que levantou os ferros, e em breve desapareceu com o vento favoravel que soprava.

Agib, depois de ter perdido de vista o navio mysterioso, desceu de sua palmeira, removeu a terra, abrio o alçapão, e desceu uma escada de muitos degrãos, illuminada por numerosos lampeões. Alcançou um aposento com duas portas, e, abrindo uma dellas, penetrou em outro recinto, onde encontrou o mancebo que havia visto com o ancião.

Ergueu-se assustado o recluso, mas Agib exclamou apressadamente:

— Nada receies, não venho para fazer-te mal! e, chegando-se ao mancebo, carinhosamente o abraçou.

Agib contou depois como havia descoberto a prisão, e o prisioneiro regosijou-se muito por haver encontrado tão inesperadamente um companheiro. Mostrou-lhe toda a sua habitação mysteriosa, e Agib ficou maravilhado pela pompa e magnificencia que ali reinavão.

Em todos os quartos havia numerosas lampadas que transformavão em ondas de luz as trevas subterraneas.

Por toda a parte havia divans que convidavão ao descanso. Em um dos quartos via-se uma rica collecção de manuscritos de poetas arabes, e em outros abundavão provisões esquisitas e appetitosas. Tudo

MIL E UMA NOITES.

se assemelhava a um palacio maravilhoso, no qual só faltava a luz do dia, para ser uma das mais encantadoras habitações.

De volta ao aposento em que Agib havia encontrado o mancebo, este satisfez a curiosidade de seu companheiro improvisado, narrando-lhe os acontecimentos que havião originado a sua reclusão:

Chamo-me *Duban*, e sou filho de um rei poderoso, cujo dominio fica ha poucas leguas desta ilha. Estava já casado muito tempo meu pai, sem ter filhos, o que muito o affligia, porque desejava deixar o seu imperio a um legitimo successor, que amasse e governasse com justiça os seus subditos. Organizarão-se preces em todas as mesquitas, e grandes offrendas fez o povo ao Todo Poderoso, para que satisfizesse a aspiração do monarcha. Mas foi em vão, e meu pai resignou-se por fim. Passarão-se muitos annos, até que uma noite sonhou que sua esposa lhe daria um principe. Quando despertou, sentio-se cheio de alegria, porque tinha fé no seu sonho. Ao cabo de alguns mezes trouxerão-lhe effectivamente um rapazinho bem disposto, que gritava com voz vigorosa, e esperneava com tanta força, que bem mostrava suas boas condições vitaes. Meu pai derramou lagrimas de alegria, exclamando: que o grande propheta te proteja filho tão anhelado! Mandou organizar festejos publicos e distribuir grande quantidade de dinheiro, para que o seu povo partilhasse das suas alegrias, e quando foi de noite, todos os habi-

AGIB O CURIOSO.

tantes da capital illuminarão as suas casas, e os regosijos publicos durarão até a madrugada. O menino, cujo nascimento causára tanto reboiço, era eu. Meu pai reuniu pouco depois no seu palacio todos os astrologos do seu reino, e ordenou-lhes que tirassem o meu horoscopo. Consultarão esses sabios as estrellas, mas não ficarão muito satisfeitos com as informações que nos astros colhêrão.

— Teu filho, disserão a meu pai, prosperará extraordinariamente até á idade de quinze annos. Mas nesta época o rei Agib precipitará ao mar a estatua de bronze do monte Iman, e cincoenta dias depois teu filho morrerá por sua mão; assim está escripto nos astros.

Esta prophecia entristeceu muito a meu pai; mas desde então cogitou como poderia desviar a desgraça apontada. Acompanhado de bons trabalhadores, veio a esta ilha construir o palacio subterraneo, no qual actualmente nos achamos, voltando depois ao seu reino para aguardar o momento em que devia principiar a sua obra de salvação, se fôsse preciso.

Entretanto fui crescendo, forte e robusto, até que attingi a idade perigosa. Dias depois do meu decimo quinto anniversario, meu pai recebeu noticia que o rei Agib derrubára a estatua do monte Iman, e grande magua lhe encheu o peito, porque á não podia duvidar de que se realizaria o resto da prophecia. Sem mais tardar, embarcou-se commigo, e veio esconder-me neste palacio, convenientemente preparado para offe-

MIL E UMA NOITES.

recer por algum tempo os commodos da vida. Ao cabo de quinze dias, voltará para levar-me, morto ou vivo, para a sua capital.

Terminada assim a narração do mancebo, Agib sentio-se profundamente impressionado por vêr-se ligado tão intimamente ao destino de Duban. Comtudo tranquillizou-se com o pensamento de que nunca teria motivo de matar alguém que nenhum mal lhe fizera, e resolveu permanecer em sua companhia para consola-lo e distrahi-lo em sua reclusão temporaria, callando, porém, o seu proprio nome, para não assustar inutilmente o joven principe.

— Estou certo, disse elle ao companheiro, que voltarás são o salvo para a capital do teu reino. Emquanto estiveres aqui, porém, acompanhar-te-hei, se fôr do teu agrado. Destino cruel arrojou-me a esta ilhota, e de certo teria perecido de fome, se não te houvesse encontrado. Confiemos, pois, em Deus e em nossa amizade.

Na feliz idade em que os dous se achavão, a amizade medra depressa; em poucas horas tornarão-se intimos, e passarão o tempo em conversas alegres, tão amenas, que quarenta dias decorrerão, sem que soubessem como. É escusado aggregar que já nem se lembravão do horoscopo ominoso. Faltavão aliás só poucas horas para chegar ao termo perigoso, quando Duban pediu a Agib que lhe passasse um melão para comerem algumas talhadas com assucar.

AGIB O CURIOSO.

Agib passou a fruta pedida ao companheiro, que se achava estendido em um divan. No momento em que tambem queria entregar-lhe uma faca, enredou os pés no tapete, cahio para a frente, e a faca penetrou até o cabo no peito de Duban, que exhalou a vida no mesmo instante, cumprindo-se assim a prophecia, bem contra a vontade de Agib.

Desespero horrendo apoderou-se d'elle; puxou os cabellos, mortificou o peito, e cahio finalmente sem sentidos no chão, tão carinhosa se havia tornado a sua amizade para com Duban. Quando voltou a si, fez mil esforços para vêr se reanimava o corpo de seu amigo . . . mas foi em vão: a morte havia triumphado.

Serio cuidado por sua propria segurança apossou-se então de Agib; o velho soberano não tardaria, e, achando o filho morto, sem duvida alguma mataria o seu assassino, embora não estivesse criminoso. Agib deixou, pois, o subterraneo; cobrio o alçapão com terra, e trepou-se chorando em sua palmeira.

Pouco depois vio chegar o navio, e distinguio no convez o ancião, cujos cabellos encanecidos fluctuavão ao vento. Como da primeira vez, largou de bordo um bote com o rei e alguns cortezãos, e, mal havião pisado na praia, corrêrão apressadamente para o pé da palmeira. A esperanza que se lia no semblante do rei foi repentinamente afugentada, quando o velho soberano vio a terra recém remechida; negra suspeita dilacerou-lhe o coração, e, tapando o rosto com as mãos, chorou

MIL E UMA NOITES.

tão sentidamente que as lagrimas se escapavão em fios por entre os dedos, e cahião no chão como gottas de orvalho. Os criados, entretanto, havião removido a terra, e todos descêrão para o subterraneo, do qual immediatamente surgirão grandes lamentações. Pouco depois reapareceu o ancião com o cadaver de seu filho amado, e todos se recolhêrão a bordo do navio, que sem demora partio, e em breve desapareceu no horizonte.

Agib, triste e solitario, desceu ao subterraneo, onde chorou durante oito dias a perda de seu amigo. Passados estes dias de luto, o rei deixou o seu retiro, para vêr se descobria algum navio. Mas qual não foi a sua surpresa, quando vio que o mar se havia retirado, e que só ao longe, bem longe, apparecia uma fita de agua, como um rio de pouca largura! Percebeu então que se achava em uma ilha encantada, e deu-se pressa em fugir de um logar onde tamanha desgraça havia causado. Correu todo o dia, alcançou o rio, que passou a váo, e vio, finalmente, aos ultimos raios do sol uma labareda immensa, para a qual se encaminhou. Ao approximar-se percebeu que, em logar de uma enorme fogueira, tinha diante de si um castello de cobre massiço e tão bem polido, que reflectia fielmente os clarões do crepusculo. Era de estructura artistica e grandiosa este castello, e Agib contemplou-o com muita admiração.

De repente abrio-se uma porta ornada de rubins e saphiras, e sahirão dez mancebos formosos, acompanhados por um ancião veneravel; o que, porém,

AGIB O CURIOSO.

impressionou muito Agib, era a circumstancia de faltar a cada um dos mancebos a vista direita. Vierão ao encontro de Agib, saudando-o e convidando-o a entrar com elles no castello para descansar das suas muitas fadigas. De bom grado o rei aceitou o convite, e, depois de ter percorrido muitos aposentos magnificos, chegarão a um immenso salão, onde havia onze divans para os mancebos e o ancião; diante de cada divan um tapete esplendido e uma mesinha artisticamente cinzelada em ouro massiço. Para Agib jazia no meio da sala uma grande almofada de seda, na qual se deitou, enquanto que os mancebos se accommodarão nos seus divans. O ancião foi buscar comestiveis e bebidas deliciosas, que offereceu ao rei e aos mancebos. Depois da refeição, o ancião pediu a Agib que contasse a sua historia, ao que este immediatamente accedeu. Havendo terminado a sua narração, quiz perguntar por que todos os habitantes do castello tinham só uma vista, mas o ancião o previnio e disse:

— Agradecemos a tua narração maravilhosa e singular; mas não exijas, ó rei, ouvir a nossa historia ou a explicação das cousas que aqui te possão parecer estranhas, porque seria em prejuizo teu.

Em seguida dirigio-se aos mancebos e perguntou:

— São horas de dormir?

E todos dez responderão a um tempo:

— Sim, são horas de dormir!

Ausentou-se um momento o ancião, voltando depois

MIL E UMA NOITES.

com dez taças de amethista, que continhão todas um pó negro, e que elle collocou em cima das mesinhas de ouro, acompanhada cada taça de uma disciplina.

Os mancebos despirão-se até á cintura, tingirão-se o rosto e todo o busto com o pó negro, agarrarão as disciplinas e castigarão-se inexoravelmente, esclamando:

— Eis o castigo da nossa vadiação e curiosidade!

Á meia noite cessarão de fustigar-se; lavarão o seu corpo, vestirão-se e deitarão-se em seus divans.

E escusado acrescentar que Agib muito se admirou desta scena singular, mas adormeceu em sua almofada, sem atrever-se a fallar.

No dia seguinte foi despertado pelos mancebos e o ancião, e todos descêrão a um lindo jardim, cheio de flôres esplendidas e de frutas esquisitas.

Estas maravilhas, porém, não tentarão Agib, profundamente preocupado com as aventuras da noite passada; por fim não pôde refreiar a sua curiosidade e exclamou:

— É-me impossivel deixar de fazer algumas perguntas, embora a minha curiosidade mereça o seu desagrado. Todos parecem atilados e sensatos, e comtudo á noite passada houverão-se como verdadeiros alienados de espirito. Desejo que me deslindem estas cousas, e bem assim me expliquem por que a cada um falta a vista direita.

Os mancebos abaixarão tristemente o rosto, mas o ancião respondeu com visivel enfado:

AGIB O CURIOSO.

— Insensato és tu, que assim desprezas as recomendações que te fiz ao acolher-te neste palacio! Nós, porém, nada te responderemos, e ainda uma vez te exhorto a que te cales e combatas essa tua curiosidade, se não quizeres cahir em grande desgraça.

Agib, porém, não deu-se por vencido; tanto pediu, tanto rogou, até que o ancião, impacientado, respondeu-lhe:

— Pois bem, já que queres cavar a tua ruína, terás a mesma sorte desgraçada que nos tocou por culpa nossa.

E foi buscar um carneiro, que matou e esfolou em presença de Agib, e, dando a faca ao sultão, lhe disse:

— Conserva bem esta faca, porque vou cozer-te na pelle deste carneiro, e deixar-te neste jardim. Não tardará em vir a ave *Roca*, que te suspenderá em suas garras, e, levando-te pelos ares, te depositará em uma alta montanha, bem longe daqui. A faca te servirá para sahires de tua prisão. Quanto ao mais, já verás o que te ha de acontecer.

Dito e feito.

Agib, cozido na pelle de carneiro, ouviu grande susurro nos ares, sentiu umas garras enormes suspende-lo, e, comprehendendo que com rapidez vertiginosa cortava os ares, perdeu os sentidos.

Quando voltou a si, conheceu que descansava em terra firme; cortou o envolucro que lhe prendia o corpo, e alcançou ainda vér á grande distancia desaparecer

MIL E UMA NOITES.

o *Roca* gigantesco. Em seguida descobrio perto de si um palacio, construido com grande pompa e magnificencia.

Pelo portal aberto Agib entrou em um immenso pateo, rodeado por todos os lados de edificios que tinham noventa e nove portas de prata e mais uma de ouro. Além destas cem portas fechadas, havia outra aberta, pela qual o sultão penetrou em uma sala deslumbrante de ricos adornos.

Quarenta damas formosissimas, e elegantemente trajadas, levantarão-se e lhe vierão respeitosaente ao encontro.

A mais formosa destas damas o conduzio aos degrãos de um throno, e lhe disse:

— Sultão Agib, somos quarenta fadas que construímos este palacio, e as minhas irmãs me escolhêrão para rainha. Ha muito estamos á tua espera, e tudo faremos para tornar-te a existencia a mais amena possivel em nosso dominio. Viverás como no paraiso, comtanto que observes uma unica recommendação: a de não abrires, dentro de dous annos, a porta de ouro que viste no pateo. Depende desta condição o salvamento de vinte de nossas irmãs, detidas por um magico poderoso, até que um mortal vença a sua curiosidade. Queres, ó rei, aceitar esta condição?

Agib, a quem nada parecia mais facil do que a execução deste pedido, annuo immediatamente.

As fadas trouxerão-lhe então um trajo precioso,

AGIB O CURIOSO.

digno de sua alta categoria, lavarão-lhe os pés, e perfumarão-o com os mais deliciosos cosmeticos. Em seguida entrarão muitos pagens, que tangêrão instrumentos harmoniosos, e cantarão e dansarão para entreter o sultão.

Ao cahir da noite as fadas conduzirão Agib ao seu aposento, magnificamente adornado, onde elle descansou em macia cama de purpura, embalado nos sonhos os mais deliciosos e fagueiros.

No dia seguinte, o sultão vestio-se, cingio uma boa espada, e foi ter com as fadas, que o recebêrão com cantos melodiosos.

Assim viveu perto de um anno, sem poder explicar-se a rapidez com que o tempo voava.

Uma manhã todas as fadas o recebêrão com os olhos cheios de lagrimas, e a rainha lhe disse:

— Passaste um anno em nossa companhia, ó rei, e teu semblante permaneceu sempre alegre como os raios do sol. Nunca manifestaste o desejo de abrir a porta de ouro, e nós todas te agradecemos a tua constancia e generosidade. Infelizmente temos de deixarte agora, para obedecer á voz do soberano dos genios que nos chamou perante o seu throno, e só daqui a cem dias nos será dado voltar. Cumprirás fielmente a tua promessa? Não abrirás a porta de ouro? Todas as outras fição ao teu dispôr, e muitas cousas curiosas te revelarão. Jura-nos que não serás ingrato, e partiremos mais consoladas, e na nossa volta te prepararemos uma existencia como jámais mortal algum sonhou.

MIL E UMA NOITES.

Agib prestou o juramento, e a rainha entregou-lhe as cem chaves, noventa e nove de prata e uma de ouro.

O sultão acompanhou as fadas até ao pateo; a despedida foi terna e sentida, e todas as fadas, montando em vehiculos puxados por pombas e cysnes, elevarão-se aos ares, e em breve desaparecerão.

Agib voltou para os seus aposentos, tristemente impressionado pela solidão que o rodeava.

Muito aborrecimento lhe causava a ausencia de suas caras fadas, e não sabia como matar e passar o tempo.

Lembrou-se então das chaves que a rainha lhe havia dado, e resolveu visitar, dia por dia, um dos aposentos cuja entrada não lhe era vedada.

Ao abrir a primeira porta de prata, vio um vasto e maravilhoso pomar. Milhares de arvores estendião os seus galhos vergados sob o peso de fructos deliciosos, enquanto que outras ostentavão-se adornadas de flôres, que enchião o ambiente de aromas balsamicos. Agib percorreu todo a dia este formoso jardim, deliciando-se com os fructos saborosos, até que, cansado, deitou-se a dormir.

No dia seguinte o sultão abriu a segunda porta. Vio-se em um vasto recinto cheio de gaiolas, que encerravão exemplares de todos os animaes silvestres do mundo inteiro.

Em uma gaiola descansava magestosamente o leão, o rei do deserto, que o fitava com os seus olhos de fogo.

Em uma segunda, tigres furiosos saltavão de um

AGIB O CURIOSO.

lado para o outro, ferrando os dentes nos varões de aço que constituíam a sua prisão. Seguiam-se gaiolas com ursos, lobos, hyenas, monos, e milhares de outros animaes, e todos uivavam, berravam, ganiam, fazendo os movimentos proprios á sua casta. Agib entreteve-se até ao anoitecer, brincando com as feras, e fazendo-lhes negaças.

No terceiro dia o rei abriu a porta seguinte, e achou-se em um salão tão extenso e tão alto, que mal os seus olhos podiam alcançar as paredes e o tecto, cobertos de excellentes desenhos e pinturas. Havia immensos montões de pedras preciosas, artisticamente arrumadas: diamantes do tamanho de ovos de avestruz, rubis pouco menores, saphiras, ametistas, esmeraldas, opalas, todas tão rutilantes, que deslumbravam ao sultão. Quando este terminou a sua inspecção, já havia chegado a terceira noite.

No dia seguinte abriu a quarta porta, que conduzia a um esplendido jardim, isolado por immenso tecido de arame, no qual milhões de passaros de todas as especies e côres esvoaçavam, e soltavão o seu canto.

E assim cada dia offerecia novas maravilhas ao rei Agib, que successivamente visitou os noventa e nove aposentos de portas de prata, sem sentir o flagello do aborrecimento.

Ao raiar do centesimo dia, Agib despertou com o coração alegre, dizendo-se que com mais esta pequena espera tornaria a vêr as suas fadas queridas.

MIL E UMA NOITES.

A principio esta perspectiva risonha fez com que supportasse o peso das horas, que nesta manhã parecião eternizar-se.

Pouco a pouco, porém, veio-lhe a idéa de que a porta de ouro devia conduzir a espectaculos muito mais curiosos que todos os outros que havia presenciado.

Já estendia a mão para agarrar a chave de ouro, quando lembrou-se de sua promessa; recuou, percorreu os seus salões com agitação sempre crescente, e acabou por atirar-se em um divan, onde escondeu o rosto entre as almofadas de seda.

Mas a curiosidade continuava a persegui-lo atrozmente e sem tregua nem descanso.

— Se abrisse a porta de ouro, quem o diria ás fadas? perguntou-se Agib horivelmente torturado. De certo não serei eu o indiscreto.

E, levantando-se de um salto, agarrou a chave de ouro.

Neste momento pareceu-lhe ouvir uma vozinha mysteriosa, que lhe dizia:

«Não sejas curioso, não vás, ó sultão,
«Castigo te espera e cruel perdição!»

Mas já havia tomado a resolução fatal de visitar o aposento vedado; tapou os ouvidos e desceu correndo ao pateo, e . . . á perdição; porque, mal havia encostado a chave á fechadura de ouro, a porta abriu-se com horrivel estrondo, e sahio do aposento um cheiro tão activo, que Agib cahio desmaiado ao chão.

AGIB O CURIOSO.

Quando tornou a si, penetrou no recinto, onde encontrou um cavallo negro, ensilhado, e lhe pareceu que nunca vira animal tão formoso. Teve vontade de montar este corcel esplendido, e puxou-o para o pateo, onde, á luz do sol, pôde apreciar bem todas as suas perfeições. Saltou ao selim, animando o cavallo com a voz e batendo os acicates; mas o animal não se moveu. Valeu-se então Agib de um chicote que havia encontrado no aposento; mal fustigára, porém, o cavallo, este desdobrou umas azas, e elevou-se repentinamente aos ares, voando com rapidez vertiginosa pelo espaço, por cima de montes e valles, de rios e de mares. Chegado no terraço de um palacio, o ginete maravilhoso sacudiu-se velozmente, atirou com o sultão ao chão, e, dando-lhe um couce no rosto, que lhe vasou a vista direita, desapareceu nas nuvens.

Quando Agib recuperou os sentidos, achou-se no castello de cobre rodeado dos dez mancebos e do ancião, e já não precisava perguntar-lhes onde e como haviam perdido a vista direita.

O ancião disse-lhe, lamentando-o:

— Assim a sorte destes mancebos tambem a ti te alcançou; foste castigado pela curiosidade, e as boas fadas, ao voltarem, já não te encontrarão. Estou certo, porém, que a punição foi sufficiente para banir do teu coração a maldade, e já é tempo que sejas restituído ao teu povo.

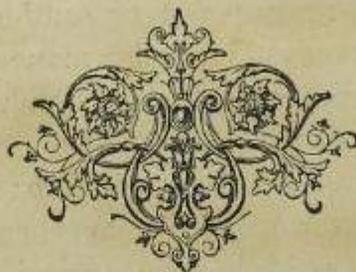
Agib, passado o primeiro momento de surpresa,

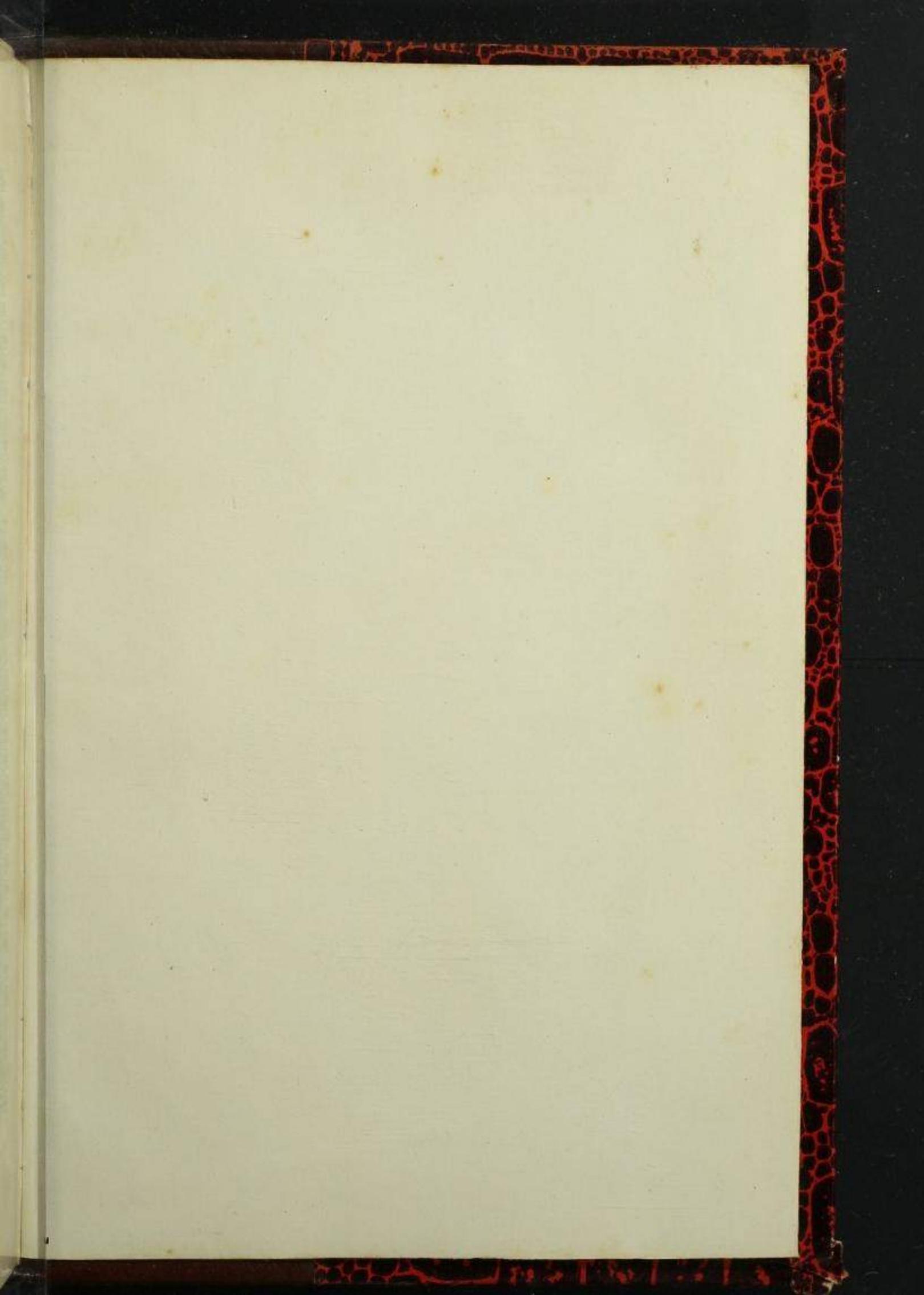
MIL E UMA NOITES.

narrou as suas aventuras, e arrependeu-se sinceramente dos seus erros, confessando que o ancião tivera razão quando lhe profligára a curiosidade, unico movel de suas viagens arriscadas.

Agib passou alguns dias no castello de cobre até ter curado a vista ferida; mas, quando despedio-se para partir a pé em busca do seu reino, o ancião teve pena delle, e tocou-o de leve com uma varinha magica, e no mesmo instante o sultão vio-se no seu proprio palacio.

Reinou Agib desde então com sabedoria e equidade, e tornou o seu povo feliz, porque nunca mais se esqueceu das lições salutaes da adversidade.





008028

